

APPENDIX TO

A history of Afro-Hispanic language:

five centuries/five continents

John M. Lipski

The Pennsylvania State University

The examples in this appendix are meant to accompany and exemplify the analysis in the accompanying book. The extracts from literary works contain only those fragments in which characters speak in Afro-Hispanic pidgin. Interested readers are referred to the original texts for the full surrounding context and authorial style, and to the relevant critical bibliography for a contextual interpretation of these works.

APPENDIX TO CHAPTER TWO: Afro-Portuguese texts

TEXT #1: Fernam de Silveira (Guimaraes 1909-1917, t. I, 204-5):

A min rrey de negro estar Serra Lyoa,
lonje muyto terra onde viver nos,
andar carabela, tubao de Lixboa,
falar muyto novas casar pera vos.
Querer a mym logo ver-vos como vay;
leyxar molher meu, partir, muyto synha,
porque sempre nos servyr vosso pay,
folgar muyto negro estar vos rraynha.
Aqueste gente meu taybo terra nossa
nunca folguar, andar sempre guerra,
nam saber quy que balhar terra vossa,
balhar que saber como nossa terra.
Se logo vos quer, mandar a mym venha
fazer que saber tomar que achar,
mandar fazer taybo, lugar des mantenha
e loguo meu negro, senhora, balhar.

TEXT #2: Henrique da Mota: (Leite de Vasconcellos 1933; Guimaraes 1909-1917, t. V, 195-99):

a mym nunca, nunca mym
entornar
mym andar augoá jardim,
a mym nunca ssar rroym,
porque bradar?
Bradar com almexerico,
Alvaro Lopo também.
Vos loguo todos chamar,
vos beber,
vos pipa nunca tapar,
vos a mym quero pinguar,
mym morrer.
aquy'star juyx no fora
a mym loguo vay te laa.
Mym tambem falar mourinho
ssacrivam,
mym nam medo no toussinho,
guardar, nam sser mais que vinho
creliguam!

TEXT #3: 'De dom Rrodriguio de Monssanto a Loureço de Faria de maneira que mandaua a hã
seu escravoç curasse hãa sua mula' (Guimaraes 1909-1917, t. IV, 191)

Lourenço comprar
pastel de pam aluo
dizendoo escravo
querer jaa chofrar.
Escravo com medo;
senhor chofrarey.
Lourenço azedo:
assinha, dom perro,
azpera mole...
Senhor, my alçar
cuberta de rrabo,
vos estar diabo
com tanto mandar.
Cao arreneguado,
eu te matarey,
sem rrabo lavado,
e cono chofrado
mey dyr para el rrey.

TEXT #4: Symão de Sousa (Guimaraes 1909-1917, t. V, 122):

Se v' vyr tam enguanada
e nos leyxardes tam ssos,
quando preguntar por vos,
sera pola enforcada.
Polo entender melhor
vyra negro a dizer,
mandar fazer de comer,
senhora, pera meu senhor

TEXT #5: Gil Vicente, *O clérigo de Beyra* (Vicente 1907:353f.)

Qu'esso? ...
Ja a mi forro, nama sa cativo.
Boso conhece Maracote?
Corregidor Tibao he.
Elle comprai mi primeiro;
quando ja paga a rinheiro,
deita a mi fero na pé.
He masa tredora aquelle,
aramá que te ero Maracote ...
Qu'he quesso que te furtai?...
Jeju, Jeju, Deoso consabrado!

Aramá tanta ladrao!

Jeju! Jeju! hum caralasao;

Furunando sá sapantaro.

Jeju! cralasam ...

Pato nosso santo paceto ranho tu e figuo valente tu e cinco sego salva tera pao nosso quanto dao dá noves caro he debrite noses já libro nosso gallo. Amen Jeju, Jeju, Jeju ...

Sapantara Furunando.

Dize, rogo-te, fallai;

conhece tu que furtai?

Porque tu nam bruguntando? ...

Cal te; Deoso cima sai,

que furtai ere oiai.

Deoso nunca vai dormi,

sempre abre oio assi,

tamanha tu sapantai ...

Guarda mar eso mal,

e senhora Prito santo.

Nunca rirá home branco

furunando furata real.

Nam same mi essa carera;

para que? para comé?

Muto comé muto bebé,

turo turo sa canseira ...

Dira mundo turo canseira;

senhor grande, canseira;

home prove, canseira;

muiere fermoso, canseira;

muiere feio canseira;

negro cativo, canseira;

senhoro de negro, canseira.

Vai misa, canseira;

pregação longo canseira;

Crerigo nam tem muiere, canseira;

crerigo tem muiere, canseira,

grande canseira;

firalgo solto, canseira;

chovere muto, canseira;

nao póde chovere, canseira;

muito filho, canseira;

nunca pariro, canseira;

Papa na Roma, canseira;

essa ratinho, canseira;

nao vamo paraíso: grande grande;

grande canseira;

vira resa mundo turo turo he canseira ...

Mi nam falla zombaria.
Pos para que furta?
Que riabo sempresa!
Abre oio turo ria.
Mi busca mulato bai,
ficar abora, ratinho ...
A mi abre oio e ve
ratinho tira besiro;
era dexta aqui condiró,
nao sei onde elle metté.
Senhora Santo Francico,
Santa Antonia, San Furunando!
Pois mi ha d'andar buscando,
a levar elle na bico
o seuvo Santa María ...
Sabe ha regina Mathoa misericoroda nutra d'hum cego savel até que vamos. A oxulo filho d'egoa
alto soso peamos ja mentes ha frentes vinagre qu'elle quebráráo em balde ja ergo a quarte nossa
ha ilhos tue busca cordas oculos nosso convento e geju com muito fruta ventre tu ja tremes ja
pias. Seuro santa Maria dinhero me la darao que he ve esa carta dame muchos que furte cantára
Furunando ...
Ei-lo aqui sa! Deoso graça.
Graça Deoso esse he capote;
nunca dexta aqui palote;
ratinho, quem te forcasse! ...
Aramá que te ero villao!
Que palote saba sam,
barete tam bem bo era.
Mi cansai e a deradera
a mior fica sua mao ...
Vejamos bolsa que tem;
hum pente para que bo?
Tres ceitil sa qui so;
ratinho nunca bitem.
O riabo ladarao!
Corpo re reos consabrado!
Essa villao murgurado
sa masa prove que cao ...
Quando bolsa mi achase
Fernao d'Alvaro, esse si;
nunca pente sa alli.
Ah reos! quem te furtasse
bolsa, Nuna Ribeiro!
Home bai busca rinheiro;
a toro ere rise;
ja rinheiro feito he.

Aramá que tero gaiteiro!
Ferna d'Alvaro m'acontenta;
elle nunca risse nam.
Logo chama ca crivam,
crivaninhae e sormenta;
toma rinheiro, vas embora.
Vosso, home debe que busacae?
Mi da cureiro agarba sae.
Boso que buscae corte agora?
Buscae a Rei jam Joao,
paga minha casamento ...
Da ca, moso, trae esormento;
crivaninhae boso, crivao;
home, tomae hum dos quatro sete;
vas ambora turo turo.
Sua rinheiro sa seguro,
mioro que elle promete.
Marco Estavez moladeiro
elle rise: Santa Maria!
Rinheiro boso queria?
Bai bai dormir paieiro.
Boso que pedir, muieiro?
Tanta filho mi tem qui.
quem manda boso pari,
boso grande parideiro? ...
Boso seria muito bó;
vaca ne Francico paia;
tenha seis filho e mi so
nam temo comere ni migaia ...
Elle rise:
que culpo tem a Rei jam Joao?
Boso pari como porco,
bai buscai sua pae torto,
que dai a sua fio pao.
Velha, que boso queré? ...
Molla, que a mi pobre sai ...
Elle rise:
porque boso nam guardai
rinheiro que boso bebé?
Jezu! Jezu! moladeiro
sa riabo aquella home;
quando a mi more da fome
nunca busucai sua rinheiro ...
Porém grassa Reos, a mi
nunca minga que furtá;

pouco ca, pouco relá,
pouco requi, pouco reli,
grao e grao galo fartá.
Quem furta, home sesuro;
e louvar a Reos com turo
e senhora Prito Santo.
A mi bai furta em tanto
camisa que sa na muro ...

TEXT #6: Gil Vicente, *Fragoa d'amor* (Vicente 1943)

Porro que preguntá bos esso?
Mi bem la de Tordesilha;
que tem bos de ber co'esso,
qu'eu bai Bastilla, qu'eu bem Castilla? ...
Nova que uba ja maduro,
ja vindimai turo, turo.
Tordesilha tanto vinha,
a mi faratai puro vida minha;
la he tera mui segura ...
A mi sa negro de crivao,
agora sa vosso cao,
vosso cravo margurado,
cativo como gallinha
quando boso agoa queré,
logo a mi bai trazé,
e mas o feixe de lenha ...
A mi leva boso roupa Alfama;
quando a mi manta frutai,
mi bai seora, tomai
esse para bosso cama.
Quando uba maruro ja,
que a mi furutai cad'hora,
a mi bai tomai, seora,
uba que boso frata ...
Se camisa furutá eu,
labrado d'ouro faramosa,
mi bai, seora, essa he bossa,
pois que Sioro Deos m'a deu.
Se pode furutá rinheiro,
corpo de reos! esse si
nunca guardai para mi,
bossa he toro inteiro ...
Furunando chama a mi,
e a bos chama faramosa ...

De muto boa vontade,
pato nosso he muto bom ...
Faze-me branco, rogo-te, homem,
asinha, logo, logo, logo,
mandae logo acender fogo,
e minha nariz feito bem,
e faze-me beiça delgada, te rogo ...
Quem te manda a vos falá?
A mi fala con Deos d'amor,
que farmoso me fará ...
Branco como ovo de galinha ...
Fazer nariz mui delgada,
e fermosa minha dedo ...
Ja mao minha branco estai,
e aqui perna branco he,
mas a mi fala guiné;
se a mi negro falai,
a mi branco para que?
Se fala meu he negregado,
e nao fala Portugás,
para que mi martelado? ...
Da caminha negro tornaе,
se mi fala namorado
a muier que branca sae,
ella dirá a mi, bae, bae,
tu sa home o sa riabo?
A negra se a mi falaе
dirá a mi sa chacorreiro.
Oiae, sioro ferreiro,
boso meu negro tornaе,
como mi saba primeiro.

TEXT #7: Gil Vicente, *Nao d'amores* (Vicente 1834:311f.)

Quero boso que mi bae
buscar o poco de venturo,
que a mi namoraro sae
de moça casa sua pai,
que tem saia verde-escuro,
firalga masa que gaviao:
tem boquinho tan sentira;
eu chamar elle minho vira,
e elle chama-mo cam ...
A mi da elle roma.
doze, que a mi compraе,

e masa cinco maçao.
Se a mi vai elle falae
faze carneo de verao.
Negro que faze folia
por o que muto roga eu
bai fruria por ota seu,
a mi disse a elle; Maria,
que quebranta foi a meu? ...
E na mao minha barete
mi risse a ella: minha rosa,
minho oio de saramonete,
mas a turo mundo faramosa,
falae-me por o bida bosso ...
Ella disse: queisso cabram!
A riabo que te ro, cam,
para malo benturaro.
A mi disse elle cuitaro;
que boso nao tem razao ...
Se boso firalga he aqui,
a mi firalgo tambem.
Fio sae de Rei Beni;
de quarenta qu'elle tem
a masa firalgo he mi ...
Poro meu votare a mi vem
abre oio Purutugá
botera que elle tem
aqui muto a mi furugá ...
E si muiere me matae,
gran pecaro que bai ella
benturo quero buscae
nesse santo caravella
se boso, seoro, mandae ...
Poro que vejo, morgurado
vai d'amoro sua navio!
Boso mundo ja passaro,
boso barba ja cajaró,
boso sangue ja sa frio,
boso amor sa comungaro ...
Nunca Nao poder andaro
que leva comungaro a fe,
manacorea logo mar
masso gavea feito he.

TEXT #8: Antônio Chiado, 'Auto das regateiras' (Chiado 1968)

Seora? ...
Criaeisam, Cristeleisam,
sato biceto nomen tuu...
A mi catiba ro judeu,
nam querê ca mim razá.
E ela responde-me já! ...
A mim frugá, boso matá;
boso sempre bradá, bradá;
cadela, cadela, cadela!
Bendê-me pera Castela! ...
A boso sempre sa graia ...
A mi nao cabá bessí...
Bosso tia nao dizê...
Mim nao quebrar bosso porta,
bessa passá nao falou...
Prutugá santar diabo! ...
Boso nunca tendê bem...
Mim trazê pote cabeça;
a rua do Frono pretada,
bessa que vem carregada,
dizê negra, andá! co'a pressa
mim caí todo calabrada...
Ulo crupa qu'a mim tem? ...
Seora, nunca poder;
sa massando, sa cupada...
Seora, sa farinhada...
Esse cousa santá marga...
Boso tem grande borosso...
Terra meu nunca saber...
Dosso, tres, quatro juntá...
Nunca achar se una nao;
arca toro reboibido,
saia santar secondido
ou lebá êle ladrao;
toro casa a mim catá;
Jesu, Jesu,
êsse diabo levar...
Fradia, o gonete, a mantia,
turo, turo sa furtado.
Jesu, Jesu, ulo sa guardado?
Jesu, Jesu, Briga Maria!
Ulo chave dêsse porta?
Jesu, êsse casa nao tem gente?
Aquesse veia sa mente,
êsse candeia sa morta;

êle chamá toro dia;
cadela nunca Luzia!
cadela, como-te oio,
cadela, deitá-te moio...
Dizê verdade, êsse tem;
bradá, bradá boso bem,
nunca boso mim tendê.
Por que boso nam morê,
mim dará boso bintém.

TEXT #9: Antônio Chiado, 'Pratica de oito figuras' (Chiado 1961; Pimentel 1889:8-13)

Doso gallia, um capao;
a mim traze turo junto;
o coeio, co' treze pombio...
Nunca elle mim acha
muito caro, nunca bem,
mim da-le treze vintem
pr'o dôzo; nao querê dá.
A regatêra muito máo!
Mim dize quere vendê?
Elle logo saconde,
medo Gasapar da nao,
proqu'elle logo prende.
Mim promette cincoenta;
elle dize: vai, fruga,
vos o nao querê comprá.
Esse cousa tem pimenta,
mim torna, elle profia.
Logo chama Pero Cao.
Vae vos o comprá o pêse,
vosso seôro nunca come esse;
levae-le bom caçao...
Esse conta demo é.
Mim nao da vos o ôtoro dia
papel qu'o socrenco Faria...
Voso nunca querê cutá.
A fressura cuta corenta,
a raia dêse vintem;
ôtoro tanto elle tem
n'esse conta qu'elle senta.
A frenando nunca frutou.
Nunca voso crupa elle,
compra cabrito c'o pelle,
que voso fora mandou.

Quando mim vae confessé,
dize padre confessôro,
que officio é voso que tem?
Mim dize: compradôro.
Elle logro pergunta:
vosso fruta voso seôro?
Mim dize: padre, nao,
nigrio dize verdade,
mi da vosso sorobição.
Tem nigria bonitia,
chama elle Caterina.
Pedi perdao de vontade.

TEXT #10: Sebastião Pires, 'Auto da bella menina' (Pires 1922):

ou la gentes ou falay corpo na sam quebray
home sua dentes o reca do sua parentes ou hora beyio mao ...
hora beyio sua pee co sua caracanbar merado
mi trazey ca hu recado pera bay a bosso merce.
Eu sa negro de bosso yrmao que onte de Brasil chegou ...
Portugal sa elle agora tam bragante hora tam fermosante ...
y mais elle manda beyjar suas dedos co caracanbar dessa
caroza galante ...
si posso eu nam ya aquí pesara de sam formente, tambem
negro nam sa gete e boso zombay de mi. Eu suas comendas
day que delle manda traze ca e com sua yrmao falay ...
com esse noba tem prazer. Por sancto ladra hora olbay bos
o queu jurou que folgar eu mais agora que me dizer nesta
bora minha hora furou sua comer que elle agora ha de ter com
aquelle recadinho furnando poe pee caminho e bay a todo
correr
oula gete na falay ningue ...
praza a deos cosabrado diabo leuay amor meu hor anda
namorado nossa casa emburiado eu sa sua bayrador turo
dia sa dizendo vida mia belleta minha hora pera nossa sa
maora que vos vi quado bozmia.
eu por bosso tem fadige pesara de sam furunado tem furado
minha boriga ja mi nao sabe que diga turo dia sa chorando
... ora calay suso eu quero chamay a sua arcouiterinha ella
gram dessa cadinha turo ella arrecaday oula siora golesinha
mandayme ca meu hor q tornay eu muyto azinha si bofe por
bida minha que elle lebay muyto hor ...
manday siora dizey a bos que elle be ca agora porque a
menhaa bay fora pasi feminina fenbora quiser bel olha moça
nao mengan porque arí enganaras

siora nam pelejar por a mí merce fazer ...
que sarey gente, ou a que de rey nao matar minho sior ...
mal falado de mi malabenturado home guardaite la se nao eu
te matara por aquelle ceo sagrado ...
ay ladrao boto dez darte fungao que te quebray turo
detes a que de rey cude gentes el matayme esse cabrao ...
labrador a bos tolo sem sabor falay delcortesia vos cayra
algum dia na mao de minha sior ...

TEXT #11: Anon. 'Auto de Vicente Anes Joeira' (Anonymous 1963):

mui gram trabaio que tem
homem que mi sere sentar,
sempre homem andar, andar ...
gaiar a mi quebra dentes
o tera muito roim
e o gimbo pera mim
pera pagai nam tem gentes
e responde bai-te daí ...
como curar boso gentes
se boso nam sabe screber?
mossara ca, sacutai,
sabe boso, homem horrado,
esse muer sa prenhado ...
no ha mister mais parola
sabe boso que ha de fazer?
bai dar boso a beber
água no erba biola
entao torna a mi ber ...
bai voso fazer que digo ...
Gonçalo, bem bos ca
quere aprender comigo?
Como? Nao sabe boso ja
cosa argua de curar? ...
pardês. Boso sentar
muto grande bêssa, tolo.
s'eu mandar que boso dar
água no erba biolo
e boso nao sei que falar ...
boso sa mor salvage
do que nunca posso ber.
bai logo dar beber
um poco no água borage
e entam tornar mim ber ...
quero acabar ensinar ...

que sentar tu dizendo?
ora, sus. começar a beber ...
sentar calado!
tomar um pouco tormentina ...
e co erba doradinha
fará muito bo mezinha
para que te dê dor de casado ...
Jeju! nome de Jeju.
esse home sa mofina.
olhar boso se êle fina!
home, abre oio tu.
da-lhe pruga muita fina ...
boso muto bruco sentai.
olha pera co bo tento
minho saio sa la dentro
bai boso logo catar ...
nao me entender a mi
caixa que tem alí fero ...
que dizer boso a mi?
dizer boso que nam quero!
boso nigrigente.
eu dizer pruga botica
e boso pruga de gente.
ora boso embora fica
porque a mi quere bai
la fora um pessoa curar,
que outro gente me chamaí ...

TEXT #12: Anon. 'Sã aqui turo' (1647); University of Coimbra archives, manuscript #50, folios 18v-23v; recording on Roger Wager Chorale, 'Festival of early Latin American music' (Los Angeles: Eldorado, 1975), produced by the UCLA Latin American Center; also on the record 'Native Angels' (San Antonio: Talking Taco Records, 1996):

Sã aqui turo zente pleta
turo zente de Guine
tambor flauta y cassaeta
y carcave na sua pé.
Vamos o fazer huns fessa
o menino Manué
canta Baciao, canta tu Thomé,
canta tu Flansiquia, canta tu Catarija,
canta tu Flunando, canta tu Resnando,
oya, oya, turo neglo hare cantá.
ha cantamo y bayamo
que fosso ficamo

ha tanhemo y cantamo
ha frugamo y tanhemo
ha tocamo panciero
ha tocamo pandero
ha flauta y carcavé
ha dizemo que biba
biba mia siola y biba Zuzé.
anda tu, Flancico
bori mo esse pé*
biba esse menino que mia Deuza
biba Manué.
Nacemo de hums may donzera
huns rey, que mia deuza he
que ha de forra zente pleta
que cativo he
dar sua vida por ella
que su amigo até moré.

TEXT #13: poem #6 (Hatherly 1990):

cudado minha danosso
arma nu~ga te ja meu
turo pa vosso deu
mya carana mya osso
degoray mya posso cosso
q'arder como pemeta
bosso nu~ga te contenta
minho mao turo quibarada
bragaté minha ãboso pu
bosso nomasse te minho fu
minho uida sepurtada
cardia nao se finada
poroq arder como pemeta
bosso ...
primero singo sentido
como otro dente to ... minha
como vi bosso fromozinha
turo singo sa peredido
e ficar fogo metido
q'arder como pemeta
bosso ...

TEXT #14: poem #1 (Hatherly 1990):

mia lico sioro rey dos Portugal

apareia vozo para nos ouviro
pois toro estamo amorte a pediro
ao mardito dos Pombar.
esse mezo, que diabo hade levar
per o mar, que a toro zente fes sentiro
sua ligaro era estar sempre consumiro
os memo que nao podia zá matar.
mia sioro no masmorra fes morero
e rogo sua dinheiro foi panhando
sem deixar a noso nara para comero
nem migaya de pam para iro passando
a muyer, e os fia sempre está a fazero
cruzo nos boca, senao está sorando.

TEXT #15: Poem #2 (Hatherly 1990):

sioro
que quere vocesenhoria?
Os sege, ya sá punhalo
a la nos cavalarrassa
aora isso din vestiro
Sancta Agostinha duvida
Pógi pra qui sá os bordao,
que nus trazera simpina?
Que tim vozo cu esse genta
que vai la prus Cademia?
Homi du diablo! Oya
vozo nu qui sá metida!
Vozo quero fazi verso?
Zangana a mi; Deus to livra!
Vozo cus coza di Apolo?
Mais vare hun dor dus barriga
verso quin qui tem juizo?
Isso sa ja prohibida.
Antis, pra passalo bem
trata di sero muxira
ou prende cus Bento Antonio
us arte di sivandija.
Magi si vozo he temozo
cus tintaçao Apulinia
dexa us negro, us sege dexa
vai vozo a pe cus baetinha
porque quin bebe us cristalo
dus fonte di Cabalina
ja si sabe, que us mizélia

garra dielle como tinha.
Oya, turo qui he furoro
sá locura conhecida
y turo qui sá locura
si cula cus displina ...
He pru qui hoje nesses Terra
si troca di Apola us lyra
prus gaita di Baco, y anda
semple isquinada us Poezia ...
sá bim feto, mági aora
saber di vozo eu quella
onde us Cademia assiste
qui us teu louvoro si aprica?
Jezuzu! Diozo mi acuda
junta co Sancta Maria!
Vozo, entre us particularo
du corte, leva us poezia?
receya ti plege us sorte
us mono pru vida mia.
Vozo nao ve, que us Plotetoro
sá us us Genta di Mouraria
qui mora, e qui morará
cus Diozo a la nesso Olimpa?
Nao ve voz qui us prigidenta
sá doutoro de Coimbra
y ha de acharo muito dura
hum louvor dus Paraiba ...
nao ve voz, qui du oratoria
sá mestra esse Dominica
que semple tem sota, y basto
nus jogo dus Tiorogia?
Companhero diesso bispo
que us profeta Malaquia
leva pra Malaca y nozo
qualo Geremia Fica?
Nao ve, que us mestra latina
fazi tan di repentina
us Pigrama como huns rayo
di sorte qui turo abisma?
Nao ve vozo, que us Xistoria
contaro pru aquel lingoa
diesse Rangel, palece
xistoria, y sá maravia?
Nao ve, que us mestre dus verso
sá us dono dus cabarina

e tem fastio dus obla
que he d'ingenho dus Bahia?
Nao ve, que us poetica turta
sá dessos mestres decipla?
Nao te alembra esso ditado
que diz, tal may, talos fia?
Nao teme us apologetica
trémula mas qui ligitima
diesse padre São Gironimo
muza semple fanhuzíssima?
Quera Apolo, qui nao entra
vozo nesso Acaemia
pos sendo ala du Brazilo,
plegará aos otro us pleguissa.
Grande palavrinha he esso
con qui vozo us copla finda
ja vozo porí botaro
nus blaza mais hum sradinha.
Dus Carémia foy milagro.
Sá cuesta sancta us poezia!
viva pógi diesse corte
us particularo, viva.

TEXT #16: Poem #3 (Hatherly 1990):

Tem vozo muito arazao
nus cueza qui ha repalaro
pru qui tem us inoranta
licensa di prigustalo.
Nao mi admila, qui vozo
ja sabi cuma mi chamo
que nin siempre teve us nome
en turus parti qui mi acho.
Mais si vozo mi conhece
melecia bin soitalo
pru qui nao ve, que essos fessa
sá so para minha plato.
bassa ja tanto ve
bassa, qui sá regalaro
os oyo, e nao sá plecizo
pedir vista diesses auto.
Vozo Eulopa he qui anda cego
coitadinho, vay aus caldo.
Si quer velo, ha di pedilo
alguns óculo emplestaro.

Turo esses glande prueza
qui vozo tem nomealo
nao sá quem qui fazi us honra
ao Sioro Don Brenalo.
Nin de Coimbra us cadera
cus gi banco dus Funchalo
podí sero a su juizo
huma premio decuado.
Nin dus Terra dus maxino
us pludencia de vigalio
lí poem nus cabessa us mitra
lí poem nus mao us cajado.
Nin dus terra dus plizunto
os governo tan ceretado
sá quin magi condecora
us rebanho episcupalo.
Oya vozo, esses emprego
home, sá cueza vulgalo
sempre sá mayolo empleza
aquele qui foy mas raro.
Y us prova diesse dizero
so hum apostlo he qui ha di daro
San Palo sá, cujo mitra
pra Blenado sá cliado,
pra mostralo qui foi novo
us modo de premialo.
Nisso consiste us requinta.
Foyo ideya, y nao acazo,
por isso, mayoros grolia
pra vos turos empinhalo.
Que dize vozo.
Fio? Vamos di vagalo.
D'um apostlo he que sá fio
y pay de otro, he cueza cralo
pru qui he fio di San Pedlo
y magi pa di San Palo.
assim he, que voz nus corno
dus Lua, pode punhalo
qui hoje Eulopa aus homi glande
quando chega de primialo
pru mas qui sube de ponto
sempre us plemio sá aluado.
Para honra, y para grolia
sin sioro, va Blenado
e di la nao ha de viro

sin sus barrete inclanaro
e con isso, sá sabido
qui sá mia sus aplauzo
fazi us fessa mae maluco
viva viva mia prilaro.

TEXT #17: poem #4 (Hatherly 1990):

oh vozo sioro Aopola
qui mora ala nesso Olimpa
fazi qui fica bin craro
esses meu neglo poezia.
Mandi vozo qui me acudi
huma diesses rapaliga
qui entra nus vosso novena
cuja nome sá Thalia.
Manda pro vozo esclevido
huma voso Plotaria
para os pletinho fazero
tanbin sua romancinha.
Quantus blanco, sin licensa
dus vosso sacletaria
gasta na sua servício
os vosso papelo, e tinta.
Quantus nus planazo assube
para sero poeta fina
mas trona acá para baxo
cumo foy la para sima?
quantus bebe us clistalino
licoro dus cabalina
magi nus currenti dielle
acha us plizao du seu lingoa?
Us blanco, nus colaçao
diesse tierra tin valia
e dus pletinho us valoro
sá nus entlanha dus mina.
Eu bin ve qui us meus cabessa
sorve tanta calapinha
magi us cabessa dus blanco
bebe so malo vazia.
Eu bin diverte, que us pleto
sá murcedo dus tlucida
magi ha blanco nessus era
como us ave di rapina.
Eu bin sabe si us gi blanco

sá gentilhoma bonita
que toro us pleto he gentile
pru qui turo sá gentia.
eu bin conhece, que us muza
turos nove sa blanquinha
magi us pleto tambin tem
seu muza may Cathilina.
Esses cueza suponhalo
nesto eleiçao Rozalina
queri fagi us meus gayofa
cus meus gi pe di cantiga.
Chega vozo pay Bacio
pay Gonçaro, pay Mathia
huma, toca us chamera
otro, toca nus malimba.
Toca escanzalo us pandero
us mirimbao, us gaitinha
bayra cus vozo louvoro
canta cus vozo furia.
Dize, que us jardin dus roza
sá grovernada, e regida
pru Sioro Anna Thereza
que he seu frora, e seu rainha.
Dize, que ha de florecelo
seus prueza Dominica
que ha de escrevelo nus livro
esse Madre Esclivaninha.
Si nu Clavario achou Diozo
clavos que li martiliza
Anna vem para disporo
us roza aqui sin xipinha.
Chega neglo, chega blanco
chega turo us cueza viva
aplaudilo esso ereiçao
pru vontade, e pru justissa.
Viva us Madre Ploireza
e morre quem qui nao glita
que elle, cus sus frera turo,
viva muntus annos, viva.

TEXT #18: poem #5 (Hatherly 1990):

sá bim feto, e bim pregaro
indí bien, quin qui ti manda?
Querero sero flansa? Anda

cus calapinha queimaro.
A diozo levanta us mao
qui in cinza nao ti tronou
us fogo, puis nao achou
nus cabessa aracatrao.
Essos cueza nisso topa
qui us lume nus calapinha
sá cumo pru vida minha
us fogo junto du estopa.
Vozo nao teve arazao
qui era mioro, eu confessa
acindero esses cabessa
nu noide di San Joao.
Hoze di entendero acabo
cum amante diza fogo
qui poem nus cabessa us fogo
quin qui traz fogo nos rabo.
Sabi vozo, us maganage
turo, dize numa monte
que us lume nos burrofronte
sempre sá fogo sravage.
Tivera us fogo arazao
quando in vozo si sendeo
si vozo fora judeo
assim como sá negrao.
turo genta tuvo os fe
bim que vozo a perros da
qui esse fogo en vozo, está
como está nus xuminé.
Pize vozo huma prida
aos fogo que ti queimou
pois coitadinha, cuidou
que ardera numa tição.
Os fogiol, vio neglejar
cuidando qui porco era
quizo, acindendo us foguera
daro ordi di chamuscaro.
Si raivozo isso ti fezo
sin ter us fogo acindido
sey qui vozo andava ardido
pru qui vozo andava acezo.
Vozo tin glandi pensao
di aturaro us quemadura
qui us fogo, semple plocura
us materia di cravao.

Us genta, sá admirala
cum razao, pru minha vida
pru qui, si nao sá vendida
vozo, como sá queimala?
Paciencia, May Malia,
si us canastra aora morde
a us cabessa, da vozo orde
di punhalo otro rodia.
Chora chora agoas aus moyos
qui us pena nao sá cobarde
pois quando us cabessa ti arde
justo es qui ti chore us zoyos.

TEXT #19: Anon. letter 'Rei Angola' to the 'Rei Minas' in 1730 (Tinhorão 1988:191):

seoro cumpadra Re Mina Zambiapum taté, sabe vozo, que nossos festa sa Domingo, e que vozo hade vir fazer os forgamenta, ya vussé nao falta vussé cumpadra, que os may Zoana os fia dos may Maulicia, e dos may Zozefa sa biscondessa dos taraya, nos proçessao hade vozo cantar o Zaramangoé, e traize vussé nos forfa que o pay Zozé nos fezo o cutambala, zuambala cuyé numas minueta, agora se vozo vem zangana se nao zangana vussé homemo Zambiapum taté muitos ano.

TEXT #20: Anon., 'Plonostico culioso, e lunario pala os anno de 1819' (Tinhorão 1988:215):

telceila depoize dos bissexto Aviso os pubrico: Amado Flegueza, mim vai a continuar com os Repertoriados plesente Anno, e zurgo dever repetir os Advertencia, que os Repertoriaque tiver nos Flontespicia, ou Subscrita: Porto, na oficina de Viuva Alavarez Ribeiro, e Filhos ser mia, e outlo quaisquer de Pleto, que appalelão debaixo dos mia nome, não sendo ali implesso, ser falso; tomo vozo tento, pala não serenganaro.

TEXT #21: Folksongs transcribed in Portugual, early 20th century (Martins 1939:245, 253, 258-60):

Levar nada ó esprétio
que sas um negro mui pobre
em casa de mi siôr
matar su escravo com fome...
Mi levar um esmigaço
de goma d'escorimá,
se mi siôr dar licença
que muleque também vá...
Doce nino de mi ogos
amante de mi osinia
anti nia de mi alma
ante alma de mi vida...

que inda em ser negro
mi coraçon ser blanco
quando falar em Jazú
logo mi alegre tanto...
Cativo no siôr,
non dar nara que non ter,
io trago um esmigaço
para o nino comer...
'Entrada dos reis'
Vos por aqui Rei de Cameada
vosso pensamento onde levava,
o mé Jazú platino
me descublão seglêro
que faze o Messias
guiar o estrêlo ...
Sim siôr Rei Belchior
nos também ser régio
bem poderosos e soberanos...
ficar certo meu amigo
que em notre pobrece
consenti em minha oferta
não ha mais pequena falta
Vejo bem meu cameada
vamos convocar no chão
adorar com ternura
oflecer o uoração...
Vós aqui nas palhinhas
amora da minha vida
tam esporvetinha
entre brutos metida.
Consinte que mui reverente
um vago de mirra ofereça
consenti em minha oferta
por vossa suma beleza.
Para xempre, xempre
seja louvado o xanto menino
o xanto José e a senhora mia.

TEXT #22: 'Carta de D. Affonso rei do Congo, a elrei D. Manuel [Portugal] 5 de outubro de 1514' (Manso 1877:13):

Muito alto e muy poderoso pryncype Rey e Senhor. Nos dom affonso por graça de deus Rey de congou e senhor dos ambdos etc. "Nos encomendamos a sua alteza como a Rey e Senhor que muyto amamos e lhe fazemos saber como em vida de noso padre sendo nos crysta e cremdo firmemente na ffee de noso Senhor Jhesu Christo e asy dom pedro meu prymo huum fidallguo de

nossa terra dise a ElRey noso senhor como eu e dom pedro noso primo eramos crista s e que cryamos em deus e nam nos seus ydolos pollo quall EllRey noso padre dise que querya mandar trazer o dito dom pedro ao seu tereyro pera o mandar matar pera ver se deus o lyvraria daly e que a nos tyraria a renda ...

TEXT #23: Fragment of `O preto, e o bugio ambos no mato discorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brazil. Na Officina patriarchal de Francisco Luiz Armeno, 1789, 21 pp. Cited by Coelho (1967:73-4:

Já non pore deixá de incricá os cabeça, e confessá,
que vozo doutrina sá huns doutrina tao craro, e verdadeiro,
que pla mim sá huns admiraçom non sé platicada per toro
o mundo. O trabaio a que vozo obriga os pleto, e os blanco,
sá huns trabaio a que ninguem se pore negá sem melecé
huns cóssa bom; porque os genia, e os incrinaçom do
natureza a toro gente move pala ere, e fôla de trabaio
ninguem pore vivé em satisfaçom. Mim agola sem trabaia
nom pore conté ainda que mim ter abominaçom a captiveiro
cruere de blanco, de que sá forro; com turo non aglada a
mim estar aqui sem nada fazé: evita vozo tanta plegiça,
os excessa de plodigo, e dos varento, que nozo poderemo
toro assi havé os oira, e triunfá dos indigencia, e du turo
quanto pore infelicitá. Se aqui apalecera agola uns blanco,
que pole escrevé os mavioso doutrina, que vozo platicá, e
toro o gente ouvire cos oreia aberto, faria ere ao familia
toro do mundo hum favoro, que meoro non pore imaginá.

TEXT #24: Presumably an early Afro-Brazilian text (Silva Neto 1963:40):

O boio, dare de banda
zipaia êsse gente
dare pra trage
e dare pra frente.
Vem mai pra baxo
roxando no chão
e dá no pai Fidere
xipanta Bastião
vem pra meu banda.
Bem difacarinha
vai metendo a testa
no cavalo-marinha
o meu boio
desce dêsse casa.
Dança bem bonito
no meio da praça

toca êsse viola
pondo bem miúdo
minha boio sabe.
Dança bem graúdo.

TEXT #25: Portuguese-based indigenous interlanguage of the early 17th century (Silva Neto 1963: 35-6; Silva Neto 1940:93-6):

huBe pala cá Tapua Eguê,
 façamo feça a nozo Rey
 façamo façamo feça a nozo Rey.
 Oye Tapua que rigo
 Tapuya vem nos nopreças
 que nozo ha de fazê un feças
 se vos vem quando te rigo.
 Nós no quere ba contigo
 minya Rei que me quere?
 I Zazu quanto matanza
 sen que nozo, branco sè
 oy a menina manito
 que sar esperando pro nozo
 oya minina premozo
 como sa parna Pherippo.
 Par deze e pro Zazuclito
 que eu minino querá be Eguê.
 Oyá que mim sa doyente
 Tapua, e sar mu Gaçados
 se bos nom bem meu mandados
 sar negros mu negro zente.
 Nos não coiesse esso zente
 proque ha de feça fazê?
 Zente que sa tão premozas
 a remudar condições
 a remetè fecanos
 ha reser muto morrozas.
 Bozo sa Rei podrorozas
 pode mandar nos co a pé
 se bos mostra cofianza
 y Rei frugá de nos be
 i fará nozo un mercê.
 Proroá bozo merce
 proque nozo ha de bayá
 tambem sabemo cantâ
 muto bem maguà, magué,
 cadum faze o que sabe

começa moro cantá
Tapua reba bantaze
porque baijá e cantá.
Zá que temo Rey
nombá desse tera
se bai a Cacera
nozo ha de predeei
en que ere querei
nos quere tambien
robamo Tapua.
Nom predei tarbem
nom cudar ninguem
que nos sar na rua
que en que sar Tapua.
Sar zente tambien
saber que nos peza
non ser ricos zente
por da un presente.
A seyor princeza
parece un bereza
tam premozo bem
frugamo de vir
co esses minina
viva os pequenina
que sar no Madril.
Contar o prezêça
bem se zocifrica
Portuga se rica
mazo que Veneça
otro rey ca sa
pro roba não fica
dezanos Feripa
rey na Portugà.
Rey Don Manuere
sar muto premozo
mas Ferippe he nozo
bonita como ere
Ferippe co a pee
todo grobená
Deos fiquá cobozo
por sa tão criça.
Nossa bozo irma
por Adram pai nozo
poze quasi sà
nos non sar patife.

TEXT #26: Folk poem from Brazil (Bastide 1943:72):

quando eu era na meu terra
era rei de Zinangora,
gora tô interra di blanco
zoga cabungo fora.
quando iô tava na minha tera
iô chamava capitão,
chega na terra di branco
iô me chama Pai João.

TEXT #27: Ramos (1935:247) gives a longer variant of this poem:

Quando iô tava na minha tera
iô chamava capitão
chega na tera dim baranco
iô me chama Pai João.
Quando iô tava na minha tera
comia minha garinha,
chega na tera dim baranco,
cane sêca co farinha.
quando iô tava na minha tera
iô chamava generá,
chega na tera dim baranco
pega o cêto vai ganhá.
dizofôro dim baranco
no si póri aturá,
ta comendo, ta drumindo,
manda negro trabaiá.
baranco, dize quando môre,
jezuchrisso que levou,
e o pretinho quando môre
foi cachaça que matou.
quando baranco vai na venda
logo dizi ta squentáro
nosso preto vai na venda,
acha copa ta viráro.
Baranco dize, preto fruta,
preto fruta co rezão,
sinhô baranco tambem fruta
quando panha casião.
Nosso preto fruta garinha
fruta sacco de fuijão,
sinhô baranco quando fruta

fruta prata e patacão.
Nosso preto quando fruta
vai pará na coreção,
sinhô baranco quando fruta
logo sai sinhô barão.
La no nosso terra
nóis é fôrro, liberto
agora chega ni terra di branco
ta no cativeiro.
Nóis in terra di branco
ta passando má
la in terra nosso
tamo liberto.

TEXT #28: Afro-Portuguese song from Portuguese colony in Damão, India (Moniz 1925):

Minha senhora Maria
já trazê para vos brincá
com meu Deus que ja nascê
tá sabê tuca sua bobra
tá sabê buli seu pê.
Este negro carrapito
com seu olho de combé
seus dentes de marfim
meu filho assim não é.
Este preto azavich
posto junto do seu pê
tá servi para olhar
para piquenino que já nascê.
Balha minha carrapito
dança para vos combe
vos tem mais preto
mais preto que cachundê.
Vos ja seri adorado
ja veio bijar seu pê
nós todos temos Macuane
já veio olhar para você.
Meu Deus, meu coração
minha flôr de Nazareth
tá embrulhad na sua palhinha
dormindo no seu presepe.
Catelo torcido cafarinho despido
toda gente fala tem cafre de Selfala
balha com igual ...
festa de Natal ...

cafarinho tem pret torcido e bemfêta
balhando na cama, cafre de Macua ...
seus beijos cumprido, seus olhos torcido
rosto de rabana, tem cafre de Inhabano ...
beicinho furado, seus dentes limada,
cafarinho pangaio, pinchado na praia, ...
todos assim dizem: chapado nariz,
cabeça piquena, tem cafarinho de Somaliz ...

TEXT #29: Song attributed to blacks in Portuguese colony of Diu, India (Schuchardt 1883a:13):

(1)

Capitão formá companhia.

Marche Go-go-lá,

Go-go-lá, Go-go-lá,

Marche Go-go-lá,

Go-go-lá, Go-go-lá.

(2)

São Paulo, já baté cino,

Meia noite, já nacê minino,

Meia noite, já nacê minino.

(3)

Aventoila já pedi vento

Para nosso casamento,

Casamento dû senhara,

Dû senhara D. Ritta.

TEXT #30: Afro-Portuguese song from Portuguese colony at Mangalore, India (Schuchardt 1883b:11-12):

(1)

Pai Jose ja mata cavallo,

Secco secco manda bata sal,

Cafrinha, ja repica sino

Meia noite, ja masce menino.

(2)

Negurinha baixo de mangueira,

qui tu fazé?

Tu buli cadeira,

qui tu fazé?

Tu buli cadeira,

qui tu fazé?

Tu buli cadeira.

APPENDIX TO CHAPTER THREE: Afro-Hispanic texts from Spain

SPAIN--16TH-18TH CENTURIES

- Aguado, Simón. Entremés de los negros (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1) {S-1}
- Anon. 'A Belén han venido' (Tejerizo Robles 1989:310-11) {S-2}
- Anon. 'Ah mi siolo Juanico' (Lucena, ca. 1694; Bravo-Villa-Sante 1978:63f.) {S-3}
- Anon. 'Aquí za' (Huesca, ca. 1661; Bravo-Villa-Sante 1978:36-7) {S-4}
- Anon. 'Con el zon zonezito del zarabuyi' (Madrid ca. 1696; Bravo-Villa-Sante 1978:185f.) {S-5}
- Anon. 'Desde Angola benimo' (Madrid, ca. 1676; Bravo-Villa-Sante 1978:88f.) {S-6}
- Anon. Entremés segundo del negro (Anonymous n.d.) {S-7}
- Anon. 'Flasico? Ziol.' ((Madrid, ca. 1676; Bravo-Villa-Sante 1978:111f.) {S-8}
- Anon. 'Gurumbé' (ca. 1650; Becco 1951:23) {S-9}
- Anon. 'Hagámole plaça' (Huesca, ca. 1661; Bravo-Villa-Sante 1978:41-3) {S-10}
- Anon. La negra lectora (Anonymous 1723) {S-11}
- Anon. 'Romancerillo' (published in Valencia, ca. 1590; Foulché-Delbosc 1919) {S-12}
- Anon. 'Tumbalá' (ca. 1670) (Ballagas 1946) {S-13}
- Anon. 'Zarambeque' (Galán 1979:331) {S-14}
- Avellaneda, Francisco. Entremés de los negros (Avellaneda 1622) {S-15}
- Blas y Sandoval, Alonso de
- 'Aquellos negros que dieron' (ca. 1694; Tejerizo Robles 1989:188-9) {S-16}
- 'Azí Flaziquiya' (ca. 1701; Tejerizo Robles 1989:223-4) {S-17}
- 'Qué gente, plima?' (ca. 1699; Tejerizo Robles 1989:212) {S-18}
- Calderón de la Barca, Pedro
- La casa de los linajes (Lobato 1989) {S-19}
- La pandera (Lobato 1989) {S-20}
- La rabia--primera parte (Lobato 1989) {S-21}
- Las carnestolendas (Lobato 1989) {S-22}
- La sibila de oriente (Calderón de la Barca 1682) {S-23}
- Caro de Mallén, Ana. 'Loa sacramental, que se representó ... en las fiestas del Corpus de Sevilla, este año de 1639' (Serrano y Sanz 1903:212-3) {S-24}
- Claramonte, Andrés de El valiente negro en Flandes (Claramonte 1951) {S-25}
- García Montero Solano, Francisco, '¡Ah Flansiquiya! (ca. 1673; Tejerizo Robles 1989:178-9) {S-26}
- Gómez de Toledo, Gaspar. Tercera parte de la tragicomedia de Celestina (Barrick 1973) {S-27}
- Góngora, Luis de (Ciplijauskaitė 1969)
- 'A la "Jerusalem conquistada" de Lope de Vega' {S-28}
- 'A lo mismo [al nacimiento de Cristo nuestro señor]' {S-29}
- 'En la fiesta de la adoración de los reyes' {S-30}
- 'En la fiesta del Santísimo Sacramento' {S-31}
- Guete, Jaime de. Comedia intitulada tesorina (Guete 1913) {S-32}
- Mira de Amescua, Antonio. El negro del mejor amo (Mira de Amescua 1653) {S-33}
- Moreto y Cabaña, Agustín. Las fiestas de palacio (Moreto y Cabaña 1663) {S-34}
- Navarro, Antonio. 'Los narcisos de Guinea' (ca. 1701; Tejerizo Robles 1989:229-30) {S-35}

Pastor, Juan. Farsa de Lucrecia (Ochoa 1914) {S-36}
 Quiñones de Benavente, Luis (Cotarelo y Morí 1911:vol 2.; Rosell 1874)
 El borracho (Cotarelo y Morí 1911:vol. 2) {S-37}
 El negrito hablador, y sin color anda la niña (Rosell 1874) {S-38}
 Entremés famoso: los sacristanes burlados (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1) {S-39}
 Redondo, Esteban
 `Apalte la gente branca' (ca. 1783; Tejerizo Robles 1989:278-9) {S-40}
 `Los negrillos esta noche' (Tejerizo Robles 1989:307) {S-41}
 Reinoso, Rodrigo. `Coplas a los negros y negras' (Cossío 1950:111-117) {S-42}
 Rueda, Lope de
 Comedia de Eufemia (Rueda 1908:t. I) {S-43}
 Comedia de los engañados (Rueda 1908:t. I) {S-44}
 Comedia de Tymbria (Rueda 1908:t. II) {S-45}
 Sánchez de Badajoz, Diego
 Farsa de la hechicera (Barrantes 1886) {S-46}
 Farsa de la ventera (Barrantes 1886) {S-47}
 Farsa del moysen (Barrantes 1886) {S-48}
 Farsa teologal (Barrantes 1882) {S-49}
 Silva, Feliciano de. Segunda comedia de Celestina (Chamorro Fernández 1968) {S-50}
 Solis, Antonio de. Entremés del niño cavallero (Solis 1681: 58) {S-51}
 Torices, Alonso. `Negro de Navidad' (Claro 1974: lxxviii f.) {S-52}
 Vega Carpio, Lope de
 El amante agradecido (Vega Carpio 1917:t. III) {S-53}
 El capellán de la virgen (Vega Carpio 1893:t. IV) {S-54}
 El mayor rey de los reyes (Vega Carpio 1930:t. VII) {S-55}
 El negro del mejor amo (Vega Carpio 1930:t. XI) {S-56}
 El santo negro Rosambuco (Vega Carpio 1893:t. IV) {S-57}
 Entremés de los negros de Santo Tomás (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1, 136-8) {S-58}
 La limpieza no manchada (Vega Carpio 1893:t. V) {S-59}
 La siega (Vega Carpio 1955:t. III) {S-60}
 Madre de la mejor (Vega Carpio 1893:t. III) {S-61}
 Vitoria de la honra (Vega Carpio 1930:t. X) {S-62}
 Vélez de Guevara, El negro del seraphín (Sánchez 1979) {S-63}
 Vicente, Gil
 Cortes de Júpiter (Vicente 1834) {S-64}
 Floresta de engaños (Vicente 1912:t. II) {S-65}

TEXT #1: Rodrigo de Reinoso (Cossío 1950:111-117):

Gelofe Mandinga te da gran tormento,
 don puto negro, carabayento ...
 Tu terra Guinea, a vos dar lo afrenta,
 doña puta negra, carabayenta...
 A mí llamar Comba de terra Guinea,

y en la mi tierra comer buen cangrejo,
y allá en Gelofe, do tu terra sea,
comer con gran hambre carabaju vejo,
cabeza de can, lagarto bermejo,
por do tu andar muy muyto fambriento,
don puto negro, carabayento...

A mí llamar Jorge, Mandinga es mi terra
comer muyto farto taybo, alcuzcuz,
porque falar y, su puta negra perra,
y haber en tu terra pescado marfuz;
yo te juro a vos y a eta que cruz,
que mí te facer faltar la pimenta,
doña puta negra, carabayenta...

Haber en tu terra muy muyta caranga,
tener en tu terra muy muyto gaul,
comer en tu terra muy muyto carpanga,
deitar muyta pulga por ollo do cul;
saber mí cantar el dulce undul,
maagana también, cuando me contento;
don puto negro, carabayento...

A mí saber bien bailar el guineo,
si querer, conmigo facer choque, choque,
y con un bezul dos veces arreo
en vostro becer allá se me troque;
si vos querer que a terra vos derroque,
yo juro a vos que no se arrepenta,
doña puta negra, carabayenta...

Jesu, Jesu, garaos de odemo,
no tener tu grassa, vos muyto falar,
id muyto embora, que ya me apostemo,
no verte Grisolmo con vos aquí estar;
dar en ti fongón, querer tí matar,
andar vos de ahí, caranga, pioyento,
don puto negro, carabayento...

Yo ser de mandinga y estar negro taibo,
y estar garrapata vostro parente,
y vostro lenguaje yo muyto ben sabo
ser terra Guinea de marfuza gente,
no estar taiba mas muyto pioyenta,
doña puta negra, carabayenta...

A mí tener yo un otro guardián
que dar a tí vos bon fongón barel,
que dar a mí muyto pedaso de pan
y bona melcocha y turrón de mel;
estar vos marfuz y estar taybo él,

y vos estar negro muy gusarapento,
don puto negro, carabayento...
Estar yo buen negro de obispo criado,
y ser de Gelofe, a mí andar en Corte;
estar piojo branco vostro cuñado,
tener yo alhoría con que me dé porte;
yo no estar marfuz, estar hombre forte,
facer choque, choque, en vos me consenta,
doña puta negra, carabayenta...
Guala nunca herrar le, le,
andar vos y vete, marfuz, achur, achur,
andar en bon hora vos busca mandé,
tomá para vos garango, gur, gur;
vos estar bellaco, muy muyto tatur,
Grisolmo me dar fê de casamento,
don puto negro, carabayento...
Carabajo preto lo corpo te coma,
carabajo preto te quera comer;
si vos tabaniquete querer facer
y dejar a Grisolmo, por vuestro me toma;
aunque tener vos la nariz roma,
mi amo tener muy muyta renta,
doña puta negra, carabayenta...
Comer en tu terra muyta moxca asada,
muyto cangreju asar asador,
cigarra en cazuela con leche cuajada,
asar en parrilla moxquito mayor;
y, estar criada del carrajador,
con mi ama en misa me asento,
don puto negro, carabayento...
Mangana, mangana,
no tener vino ni chucaracana...
Yo me ir a porta de ferro
con mi esporta y asadón,
a buscar estercio de perro
con que comprar camisón;
mi amo no dar jubón
si mí trabajas no gana,
mangana, mangana,
no tener vino ni chucaracana...
Yo me ir a porta de villa,
antes que salir el sol,
con mi pala y esportilla
a coger la caracol,
para mi amo comprar col

que vender en el aduana;
mangana, mangana,
no tener vino ni chucaracana...
Yo me iba allá a la horta
para el nabo mercar,
e abrir pasico la porta
y hortelano no fallar;
y los nabos le hurtar,
y una cebolla albarrana;
mangana, mangana,
no tener vino ni chucaracana.

TEXT #2: Diego Sánchez de Badajoz, 'Farsa teologal' (Barrantes 1886):

Esa nose raregria
que re naserá Seso crito
e ra visen e Maria
una pobre portaleso
esa ra visen ya vieso
naser er hisito Jesu
ras ansere re serbia,
esa nose raregria...
Ay magre, lesila vos,
lesa, bare que quer yr...
Lesas braso tan bonino,
lesa si quere lesar,
que quere señor senar...
Bale por vino.
Lesas so ¡paries! que grita...
Mirara tam bonita...
Varara ras enemigos,
aunque das, bona fe ygos
no canta ni migasita...
Sesus y ríbrame rél...
Ya no ra aya, señor...
Pariés pator...
Ra mara tés
rama rugo ra piché...
Bén que tú la pagarés...
Nunca me raba con vino,
mas con agua, sí rabar...
Rabame cara somana,
cando rababa ros paños...
Cre ela meyor que no vos...
Patronostro...

Si que no quiere casar...
Fransico estar mi mariro,
ya etar casá, no etar mueto...
¡Mantear! puto, borrachos...
¡Malalena mantear!
Ora ves como respinga...
No ra tene re sotar.
Veamo cómo mantea...
Así veeve trequilado
ra bobo que bien po lana.

TEXT #3: Sánchez de Badajoz, 'Farsa del moysen' (Barrantes 1886):

Hala ya, corpo re san,
que bene morto re hambre,
ten aquí cane fiambre.
¿Quen dis aquí tene pan? ...
Ra puta re bosa magre,
¿en bos boyo sacristan? ...
Pone pan, baso de salmo
cando ba esar asno ydo...
Les a ra caye barados
ba por dus ano quirados,
para bender econdido...
Sura san de agua no hato,
si no reba asno de cuato...
¡Parios! ses maravedis,
y a ra beses guno a guno,
da dus camino per uno
y a mi amo nunca dis.
O, besero, caba, caba
si tener pan cosa guno
siquera das un per uno
si no, cágate ena craba...
Ya no poré tener yo
ra perna toro tembraba.
Ara mara, acá venite
casa no pore bober
aquí sar negro morrer...
Vino das, dio te dequite.
Deresa yeno cotal
que basío siempre cueta.
¿Queres bos corer apueta?
Suro a mí, que de bayar...
Corpo re yos verdadero

suro a san, sino me sombre,
como pore pobar hombre
sor hombre, vino re cuero...
Cayabos, ra y re puta...Ay, puto belero.
Apera, pator gayno,
ara ber quen pore más
y re puta goro etás...
Sura san que bas camino,
aquí vos daré repingo...
En fin, ses pator mamacos...
Tampoco negro ser sacos...
Ara ha pator ser aca...
Parios ra mesor cabito
pan corero en sesocrito
si ¡suro ala maralena!...
Tamben negro canta puntos.

TEXT #4: Sánchez de Badajoz, 'Farsa de la hechicera' (Barrantes 1886):

Sesu, sesu, marabiyo,
por que goyas tan bonino,
saque ro prito marino
sorta resa ra cosío.
Parios no quiere resar,
no matas, bona fe, tío...
Magre, magre, magre, sesus,
mi corason y mi bira
nunca bono sar morira...
Parios vos nunca me matas,
aunque me das binte quesos...
Quéyate, canta quiseres
ma que riabro ra toma...
Pus pantaso, tú que quieres,
no te pera mas aquí.
Si tú te goyas a tí
mesor goya ras museres...

TEXT #5: Sánchez de Badajoz, 'Farsa de la ventera' (Barrantes 1886):

Y aun bayraré ras gabetas....
Si sior....
¿Tene bos rendado renta?...
¿Gayofos quiere comer?...
Siora, ¿qué diz?...
Re car vino re raré... ¿No querer agua?

Resa, yo borracharé...
Socucha, mosa una sopa...
Paréseme bos cayente,
ora, ver si topa, topa...
¿Tas borracho?...
Parios mente, yo no buyes...
O que madroña el osito,
pariós, tas hecho moquito...
¿Quer sugar pico ra oya?
Pico ra oya tan bonito,
pico ra oya romerito...
¿Ques que mosa misior?...
Sesó, sesó, cómo tembra...
Ya ronca...
No revitas...
Resa...
Que te reba ra riabros,
si robas, pobre richados...
Ra mara, bebites vino,
roba ra pobre mezquino...
¡Ay Sesus, Vírsen María!
¡Sesu, sesu magre mia!
Sante prito que me bal...
Marograra, mia siora,
ya no come sopa en vino,
o desichara, mezquino,
ben dise yo no robar,
diabro te an de yebar.
¡Ay, magre, ya van camino!...

TEXT #6: Lope de Rueda, *Comedia de los engañados* (Rueda 1908, t. I):

Ya vo, señor. ¡Jesú! ¡Libramela Dios de la diabro!...
¿Eso me le si, señor, delante de la honras de mi caras? ¡Farta de la facendas tenemo que faser!...
¡Ay, señor Jesum Cristo! ¿□Qué facendas me lo pides? Primero por la mañanas, ¿no barremo la casa? En apué, ¿no ponemo la oya? En apué, ¿no paramo la mesa? En apué, ¿no fregamo la cudeya y la pratoz?...
En apué, ¿no me manda señora Clavela que colamo la flor de la cucucena?...
Sin señor, y de jamín y de monqueta para adobar aquele guante que le tiene comendaros...
Anagoras, señor, y dícame señora Clavela: callan, fija Guiomá, aprender ben a colar la flores, que yo te prometes cuando san francas que te casamo con un mequero de aquese que adoba laguante...
No, señor, que ya tenemo un prima mía contrita no religiona monja priora nabadesa ayá en mi terra de Manicongo muy honradas. Yo, señor, queremos muntipricar mundos...
Que me place, señor, sin que me la mandas...
¡Siñora, que lesir señor!...

Que vosa mercé que pare ventana, que queremos fablar con eya...
Anda, señora; dalen diablo aquesan movadiya; turo día trabaiar, ¡nome la padre, la fiyo, la santo, amén!...

Que me placer, señor, ¿no dice en casa malaños terar Dios entero?...
Como tú la quieres, señora, mi álima la corazón...
Facémolo como lo mandas por ciertos...
Toma, cáatala ahí tu almovadilla, señora...

¡Chuchuleta, machacha! Señora, no responder; piensa que sa muerta...
Anda, ofrezco tan diablo; trae aquí un par de movadillas en que sentar señora...
¡Mirame la salmandera! ¿Ha viso qué pantasía tiene, cara de sin gorguenza?...
¡Jesú, Jesú! ¿No mira vosa mercé que proguntar quin sa yo? Mira, mira, fija, ya saber Dios y tora lo mundo que sar yo sabrina na Reina Berbasina, cuñados de la Marqués Cucurucú, por an mar y por a tierras...

¡Ay, señora! ¿Pensar vosa mercé que san yo fija de alguno negra de par ay? Ansí haya bono siglo álima de doña Bialaga, señora...
Sí, señora, doña Bialaga yamar señora mi madre, y señor mi padre Eliomor, cuenta que quiere lesir don Diegoz...

Por eso primer fijo que me nacer en Potugal le yamar Diguito, como señor su saragüelo...
Sí, señora, su sabuelo...

¡Ay, señora! No me lo mientas, que me face lágrima yorar; téngolo, señora, la India de San Joan de Punto Rico, y agora por un mes la Goso mescribió un carta a que la ringlonsito tan fresco como un flor de aquele campo. ¡Ay, entraña la mía, fijo mío!...

¿Quin sa borracha, Chuchuleta? ¡Ay, mandaria, mandaria! ¡Plegata Dios que mala putería te corra y no veas carralasolendas!...

Anda putiñas medrosas, no es mi honras tomame contigo....
Cagajón paral merda, toma pala vos y a mandamento....
Aquella mochacho, aquella mi fijo, metemelo a prinsipio de carta disiendo: lutrísima madre mía Guiomar, la carta que yo te cribo no e para besamano, sino que sa bono bendito sea rios, loado sea rios, amén. ¡Ay! ¡Dios te la preste, fijo de la corazón y de lantrañas!...

No podemos facer otro, porque tenemo la trogamo toro toro yeno de fatriqueras....

TEXT #7: Lope de Rueda, *Comedia de Tymbria* (Rueda 1908:t. II)

Sí, por cierto, señor; fablamo y servimo a buena fe; ya ve, como la persona samo tan negro carradaz y recogidaz, anque samo na campos, no te maraviya vosa mercé, y como tampoco sa forana esa cayando, que no lo asamo decir óxete ni móxete....

Sa la verdad, por cierto, que tenemo un poquito la color morenicas; mas costarse la voz un ojo y tuerto la otro y tenga la voz la faisón de mi caras....

¡Ay, mandaria, testimoñera! Digame, señor Sacaro, ¿yo la tiene la cara como ximia?...
Turo me lo conozco, turo me lo entiendes; ma samo corrido que delante que bien quiéresme ofrentar aquesa rapaza....

Mira, fiya, la pan morenicas llevas la terraz. Por ciertoz, señor Sacaro, la utro día me miraba con la pejo de señora Tymbria, y no lo digo porque labas, ni porque san yo, mas un cara, un cara, ¡mira vosa mercé!...

Pues ofrézcote a lo diabros, la diferencia la tienes....

¿Pues qué mientes, machacha?...
¡Ay, maldita que te veas, picudas, maliciosas!...
¡Ay, señor mío Jesús! Agora mayor que nunca, por ciertos...
Guárdeme Dios na diabro, no me la manda. ¿No mira que samo refriados y pechigona?...
¡Ay señor! Y tanto me la jura, que no sa razón quebrantomos juramentos, aunque a mi ánima que me na cupa mucho na vergüenza...
Ora vaya; tañe la Comendadoras...
¡Jesú, Jesú, tal decir a una dueñas tan honradas como yo la so!...
¡Ay, putiñas, cabuetas, descaradas! ¡Quítate allá, arredro vaya, mal beso, mal diabros!...
Sí, por ciertoz; muy contento va goras por brazarme...
¿No callarás, putilla? ¡Ay, qué mala machacha! ¡Qué mal brasada te veas aquesa yengua! Aunque Dios la quiera hacer merced a la personas, no podemos contigo...
Yo me la sanare a la lumbre de mi caras y de mi ojos...
¡Ay, señor! □Pléguate a vos que ante que la terra la echa sobre la ojo, me vea yo casados con mi queridos....

TEXT #8: Lope de Rueda, *Comedia de Eufemia* (Rueda 1908:t. I):

Gila Gonzalé
de la villa yama;
no sé yo, madres,
si me labiré
Gila Gonzalé
yama la torre
abrime la voz
fija Yeonore,
porque lo cabayo
mojaba falcone.
No sé yo, madres,
si me labriré...
¡Jesú!, ofréscome la Dios turo poreroso, criaror na cielos é na tierras...
¿Paréscete vos que so sa bon xemplos a la ventana de un dueña honradas recogidas coma yo, facer aqueya cortesía a taloras?...
¡Malaños para vos! ¿Y paréscete bien a la fija de la hombre honrados facer cudolete a la puta ajenas?...
¿Quién esa ahí? ¡Jesú!, o la voz me la miente o sa aqueya que yama mi señor Pollos...
¡Ay, señor míos, a taloras!...
Pues a bona fe, que sa la persona de mala ganas...
Señor, presentame la señora doñaldoza, un prima mía una hojetas de lexías para rubiarme na cabeyos, y como yo sa tan delicara, despojame na cabeza como nas ponjas; pienso que tenemos la mala ganas...
Sí, sí, guáreme Dios; ya menvía a visitar la señora nabadesa la monja santa Pabla, y me dice que menviará una malacina para que me le quita como la manos...
Sí, porque ¿no tengo yo cabeyo como la otro?...
Pues a buena fe que ha sinco noche que face oración a señor Nicolás de Tramentinos...

Quiere casar mi amos, y para que depares mi Dios marido a mí contentos...
 ¿Y cómo, señor, no miras más quesos? ¿Paréscete a voz que daba yo bon jemplo y cuenta de mi linajes? ¿Qué te dirá cuantas señoras tengo yo por mi migas en esta tierras?...
 Señor, o na forza ne va nerrechos se pierde; honra y barbechos no caben la sacos...
 Ya yo lo veo, señor; mas quiere voz sacarme na pues perdida na tierra que te conozco...
 ¡Ah traidoraz! Dolor de torsija que rebata to los rumbres. A otro güeso con aquese perro, que yo ya la tengo rosegadoz...
 Yo quiere con un cagañeroz, dice mi amo que no, que más quere con unoz potecarios; yo dice que no; dice mi amo: caya, fija, que quien tenga loficio tenga la maleficio...
 ¿Quin ficios, señor Pollos?...
 Agora sí me contenta; mas ¿sabe qué querer yo, señor Pollos?...
 Que me compras una monas, un papagayos...
 La papagayos para quen seña a fablar en jaula, y lo mona para que la tengas yo a mi puertas como dueña de sablo...
 Sí, sí, ya la digo yo na sablo; mas sabe que me falta rogar a señora doña Betriz que me presa un ventayos para caminos...
 Para poneme laltre la cara; porque si mira algún conosciada no me la conoscas...
 ¡Ay, mal logradoz! Por ciertos que me pesas como si no fueras mi fijo; mas si Marinas busca, tome lo que baila...
 Amarga se vea la madre que le parios...
 Lespiritu santos te guarda mi anima y te la libra entrutanto...
 Traígame para mañana un poquito de mozaza, un poquito de trementinos de la que yaman de puta...
 Para facer una muda para la manos...
 Así la verdad, que aunque tengo la cara no morenicas, la cuerpo tienes como un terciopelo dobles...
 Guíate la Celetinas que guiaba la toro enamorados.

TEXT #9: Juan Pastor 'Farsa de Lucrecia, tragedia de la castidad' (Ochoa 1914):

ya ser venido...
 que yeñor me mata vos
 oya a a no tene dente...
 yiñor
 yo quedar guardar qui
 hasta que señor salir
 y negro nunca fogir
 aunque mas salir ami
 caya bos yo la senti
 bono va
 ya querendo sapata
 a diablo que la toque
 quere con mi yo que yo que
 si querendo yo yeva
 por aqui, o por aya
 sa meyor
 o pue vene mi yiñor

bona fe bona salida
a yiñor sa be venida
aqui ser tu servidor...
vamos yiñor...

TEXT #10: Feliciano de Silva , *Segunda Celestina*(Chamorro Fernández 1968):

Cantar, bailar, Mohoma; no xaber guala, xeñora...
Gentel hombre; ¿qué querer vox, voxa merxa? a calla vax máx, ¿a collá venex con la mochacha mi xeñora?...
Jura a Dux a mi entender, y no extar bona cortexía, los hombres deben andar a lox oídox con las mochachax a la fonte en amore conex, xoxacando la creada de mi xeñora...
Andar allá, por Xanta Mareya, por Xanta Mareya, a mí no extar tan buovo como tú penxar; tú penxar que no entender, a mí ruindadex...
¿Qué corpo Crexte, corpo Crexte? Andar con el diablo, tú andar bielaca, no extar máx ahí, xino a mí dexter a mi xeñora...
Andar a entender en hacer hacienda y dexar de engrellamentox y poteronex...
Tú no querer andar...
Andar, xeñor, voxa merxé, que yo no tener conta contigo. Xi tú quier extar hombre de ben, a mí querer xer leal a mi xeñora; que no parecer ben foxte acá, ne foxte acullá con la moza, quextar bova y no mirar a xu honra...
Y a mí tuyo, por Xanta Mareya. Mas, mirar xeñor voxa merxé. No parexer ben extax coxillas, extos xecretos camino de la fonte. No jurará Dux; ¿para qué es xino decir verda?...
Andar con Dux, xeñor, voxa mercé...
Acá andar voxa merxé a la fonte por agua. ¿Tú venir voxa merxé de allá?...
Extar mucho me namorado Zambrán...
Dar al diablo, xeñora, que extar muy biliaco. Que arremeter a mí extroto día, a querer baxar como un perro...
Para Xantar Marea voxa merxé, a fogir y meter en casa de mi xeñor...
Dux andar contigo, hermana, encomendarme a Zambrán. Que guala estar bon hejo, aunque travexo y beliaco...
Hermana Quincia, extar en bon hora...
¿dicir a Zambrán mix encomendax?...
¿E qué responder?...
¿A mí beliaca? Más beliaco extar él...
Decir, que decir a mi quextar bellaco, y que andar en puterionex, que a mí xaber salir ayer de la puterixa de caxa de Palanax, que no decir despox jurax a Dux mucho te quero, mucho te quero. Más venir acá, ¿qué te dexter aquel gentel hombre?...
A bona fe mentir tú, que no decir sino alguna belaquería de amorí conex. Catar Zambrán, catar Zambrán, querer a mi fuxir...
¿Por quextar tan bellaca, que querer fugir de mí?...
Andar, andar para Palanax...
Envidia extar exa e bien parescer a mí; andar acá amorex y nuer enojo. Jurax a dux max querer a ti que a todax; dexar ox celos...
Andar con el diablo; dexar a xeñora Quincia. Tomar, don beliaco, porque llegar a me...

¡Oh, corpo de Dux, con tales burlax! juráx a Dux que te tengo de abrazar aunque no querer...
 Dexarme bellaco, dexarme...
 Ora, pox perdonarme y a mí dexar...
 Ora xi perdonar; andar con el diablo...
 Ora, pues, ¿a mí andar a caxa exta noche?...
 Ora andar, que vox pagar a me...
 Andar con dux, hermana. Decir a Zambrán que no andar a la noche a mi casa, que extar burlando.
 Venir acá, Quincia, chamar aquel gentil homber, y moxarte un carte de Zambrán...
 ¡Ah xeñor! Vexa acá la mano de voxa merxé; chegar acá, por tu vida...
 xeñor, voxa merxé leer exta carta...
 a mí xi saber, par Dux; ora decer...
 a mí gualardonir hasta lax mañanax...
 Guala menter que no extarme yo, xino tú, xeñora Paltranax. Y xi tú querer a mí caxar contigo, e
 bexa ca la mano ve voxa merxé. Guala extar ven escrita, max a me no se me dar nada; max de para
 burlar y paxar tempo, que extar un bobo Zambrán. Dexter hermana Quincia, que dexar dextax
 boberíax, y dexar amore conex, que no aproveitar nada...
 Vexacá la mano de voxa merxé, xeñor Pandulfox...
 callar, xeñor, que extar burlando; extar todo boberías...
 Por tu virtù, que guala todo extax necesadex. Max a mí quedar a tu xervicio y andar con Dus que ir
 depresa...

TEXT #11: Gaspar Gómez de Toledo, *Tercera parte de la tragicomedia de Celestina* (Barrick 1973):

Quix extar, extar, extar. Quix extar...
 Lo que hazendo a mi saber...
 Harto le quiere dexpués que aver oydo toro, que a mí no extar ben...
 ¿No quiere cayar? Caya beyaca, ben bex acaxa que tux yecretox gota no estar faltado a Boruga que
 no entender...
 ¿Amo dexe andar bonita exotra xeñora de Porandra?...
 Anxí por tu vira, puex no yamar muger a mí xi aquí máx paro xin dexir xeñora coxa paxar no
 xufridera que caxtigo no tardar voxotras...
 Para yo dexemulaxones no extar a mí taibo, que si oxo mira el derecho a punta, a mí entendendo
 que veryel yegastes, y honrras dexas, que muger e gaína por andar perden aína...
 Quix dar mi a ti no dexir lo que no oír, que xi yo habrar, voxotras confexar, y no xer bono xi no
 miro fama Porandra que extar hixa xiñora...
 Si habra no vudiesse, obra no extaría, que do falta parabras no xobra hecho...
 ¿Qué dezir, por tu vira, que de todo a mí aver prazer?...
 A vox y a la xiñora Porandra, muchas gracias, que a mí cayar y xervir extax merxedes...

TEXT #12: Jaime de Guete, *Comedia intitulada Tesorina* (Guete 1913):

Qui xtar y?
 huy picarodra di mi,
 tan malox vintura tene!...

Xiñor, ya vene;
di yorar
no, no pore habrar;
tantox ragrimax me coxto!
yo mi la quieria forcar
in un horca muy angoxto;
y re eñojo,
me cuyrar xartar er ojo...
Quibraron puertax burojo...
Y correndo,
extar mi xempre dormendo,
y no hayar quando xpertaro...
Xi yo xaber
quin poriro exta ajer,
yo ra hajer quibrar er braça...
Box mentir!
no xaber tu qui digir;
bono extar xino extar pena...
Caya, di,
no la agax murir mi...
Confixion?
no digir mi tal rajon;
ya carexma confixar...
No porer dixer xangruto...
Yo extar puto,
dun viyaco maxgaruto?
tu vixto mi xapatar,
mintiroja, cargaruto?
cura vox, dexalo xtar!...
Xiñor, pux que no hajer mal,
pur qui daro bufiton?...
Yo me la quere extar qui;
andad, vox,
malax año ti dar Diox!
Ti xolo, don puto vejo,
pux que veniro lax dox
di camino mal conxejo;
xube, andar,
qui bin trobar qui yorar.
A bona fe, don ox loco,
vox te la puedex buxcar
boxtro hija poco, poco;
boraxuelo,
pexcalo con un anjuelo;
dueña maxa quantax xon...

Qui, exta xemana...
Ixi porte,
brixa ten ro xaxtrumorte;
huy, xempre burxinga;
Ziteria, gur, xinxorte,
xu xartero di mandinga...
No xaber
qui xan poriro ajer;
toro caja lax buxcaro;
en toro oy mi no comer;
llabex, di pan xirebaro;
y apalejo
xi foron di caja empejo,
y dixaron porta uberta...
Exte dia
xi fu yorando xu tia;
dix que caja boxtro xuegra;
digir mi quando xalia;
extar tu caja xempre, negra...
Ver bonora,
y qui vinir rugo agora
la xeñora xin eñojox...
Tu xaber, y digir no...
Tu quin xer,
y vos qui porer ajer,
patanax viyaca borde,
bufiton quierex haber
qui para xempre ti acorde...
Quitaox prexto il jubon...
Ay, viyaco,
que max tener voxtro xaco!
xotalo, xiñor Zirxelo...
Dale, xux!
te yuro por exte crux,
qui yo te quibraxe el dente...
Don boraxo,
box la ablax xin empaxo...
Dixalo, xeñor, extar,
qui lo coman lox pijojos...
Riñigaxe di mi guelo,
dun tiñojo xaritraco,
xi me la debex un pello!...
Paxar tu.

TEXT #13: Anon. *romancerillo* (Foulché-Delbosc 1919):

Anda, vete con Dios, moreno,
aquí quiere negro mori santero...
Entra un negro en Malalena
y vase ar artar mayor,
suplacano a nuesa Señor
qui le fasa la pansa yena,
en aquesto el cura vinera
que hazemo aquí, cabayero?
Aquí quiere negro mori santero...
Paqua de Piritu santo
yuase ñegríto al río,
topose con un amigo,
dixo vamonos a nadar,
empeçara ñegríto a entrar
en el río como un corchuelo.
Aquí quiere negro mori santero...
Como ñegro yua fogando,
hazia el agua gorgoricas,
a Dios se va comendando
si por este cruz bendita,
la gente le dava grita,
ola ha, que se hoga negro.
Aquí quiere ñegro mori santero...

TEXT #14: Simón de Aguado, *Entremés de los negros* (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1):

Siolo mío, siolo mío, no hay para qué vuesa [merced] se venga tan colecicos, que, aunque negro, samo honraro y no sufrimo cosiquillas, aunque sean del mismo demoños, y si me plinga, voto an dioso que da ocasión a que haga un disiparates, y eso tocino mejor será para barrigas por de dentro que por de fueras...

Si sa crabo o no sa crabo, a dioso daremon conta; y si sa crabo, por y eso servinos, y no es tan grande pesicaros querer bien a Domingas, que lo merece a pesar de beyacos...

Pues señolo de mi entana, ¿en qué libro habemus leiro que una pobre negra, aunque sea crava de Poncio Pilato, no se pora namorar? ¿Hay alguna premática que diga que negro con negra no poramo hace negriyo cuando acabamo de acosar a nuesamo?...

Mancebara como rican dioso, que nunca habemo comiro ni rormiro con tales pensamientos. Toro somo pecandole...

Yo no sa de rimoquetos ni de rimoquetas. Dominga me yamo, Manicongo nacimo, Seviya batizamolo; jura ro mi señolo fue lo padronos, y tenemo en la memoria la mandamenta y la garticulos, y si samo túnica de la Soledad, no samo a lo meno de lo judío que yeba lo paso... ¡Juro a Jesucrizo que va siolo por la plingamenta!...

Yo, de le que su asienda piere, yo no te pienso olvidar por tuos los peligros re lo mondo...

¿Quiéreme mucho?...

Como a la tela del culazón...
 Y como al ojo de la cara...
 Plimo siñolo va enojaro. Toquemo y cantemo, que desa manera le habemon de aplicar la colicas, y si no juro a rioso que ha de haber cuchiyadas como tieras...
 Bien ríes, plimo. Toca guitariya, vaya, mi Domingas...
 Toca mi Gasipar...
 Juraro tiene Dominga de querer a Gasipar...
 Y no me pienso mudar aunque ma se me pringa...
 ¿Que tanto firme estarás aunque le pesa a mi amo?...
 Hasta que a la iglesia vamo con lo crérigo detrás...
 Mira lo mexo, Dominga, que te vienen a pringar, y no me pienso mudar, aunque ma se me pringa...
 Que non se me ra un ochavos. Toca y baila y danza, primos, toca y baila y danza, primos...
 No tiene que vocear, que no me pienso mudar, aunque ma se me pringa...
 Servicio de Dios, sí, señola...
 ¡Pluvieran dioso!...
 ¿Un días en la semana, que será sábaro? Y siñola, ¿cuántos sábaros tiene cara semana?...
 Pues cada noche es sábaro para bien hace y bien obra, si así quiere, y si no no hay nara hecho....
 No, no siolo, nosotros tenemos padronos y madronas...
 Siñolo, siñolo, dame cara noche sábaro, que yo daré negro para toro...
 ¿Cómo no viene cura?...
 Luego, ¿no nun casamo?...
 ¡Voto an dioso, que mate al cura y al diablo! ¿Qué vamo tañendo?...
 Vamo mucho nozanbuena, plimo....
 Toca guitarriya, vaya...
 A la boda de Gasipar y Dominga de Tumbucuto, turo habemo de bailar: toca, negro...
 Toca tú...
 Dominga más beya que una crara estreya, casamo en eya, y como es donceya, hijo haremo en ella, que Seviya venga, y con mucha hacienda, se vista de sera, y traiga a las fiestas, pajes de librea, lacayos mantenga, las damas le quieran, y que tantas gracias tenga que no haya más que mirar a la boda de Gasipar y Dominga de Tumbucutu, turo habemo de bailar, toca, negro...
 Toca tú. En lu desposorio, le daremo a toros, canelonen gordos, torta y bicicochos, rábano y cohombro, perejil y repoyo, pasas y mondongo, y tintiyo de Toro, calabaza y hongo, culantriyo de pozo, y porque los novios duerman con reposo, un caldiyo de poyo. Tanta vida les dé Dios cuanta pueden desear. A la boda de Gasipar y Dominga de Tumbucutu toro habemon de bailar. Toca, negro. Toca tú...

TEXT #15: Góngora, 'En la fiesta del Santísimo Sacramento' (1609) (Ciplijauskaité 1969):

Mañana sa Corpus Christa,
 mana Crara;
 alcoholemo la cara
 e lavemonó la vista...
 ¡Ay, Jesús, cómo sa mu trista!...
 ¿Qué tiene, pringa señora?...
 Samo negra pecandora,

e branca la Sacramenta...
La alma sa como la denta,
crara mana.
Pongamo fustana,
e bailemo alegre;
que aunque samo negra,
sa hermosa tú.
Zambambú, morenica de Congo,
zambambú.
Vamo a la sagraria, prima,
veremo la procesiona,
que aunque negra, sa presona
que la perrera me estima.
A ese mórmolo te arrima...
Más tinta sudamo, Juana,
que dos pruma de escribana.
¿Quién sa aquél?...
La perdiguera...
¿Y esotra chupamadera?...
La señora chirimista...
¡Ay, Jesú, cómo sa mu trista!...
Mira la cabilda, cuánta
va en rengre nobre señora,
cuya virtud me namora,
cuya majestá me panta...
¿Si viene la Obispa santa?
Chillémola...
¡Ay, qué crabela!
Pégate, Crara, cüela.
La mano le besará,
que mano que tanto da
en Congo aun será bien quista...
¡Ay, Jesú, cómo sa mu trista!

TEXT #16: Góngora, 'A lo mismo' [al nacimiento de Cristo nuestro señor] (1615) (Ciplijauskaité 1969):

¡Oh, qué vimo, Mangalena!
¡Oh, qué vimo!...
¿Dónde, primo?...
No portalo de Belena...
¿E qué fú?...
Entre la hena
mucho sol con mucha raya.
¡Caya, caya!...

Por en Diosa que no miento...
 Vamo ayá.
 Toca instrumento...
 Elamú, calambú, cambú, elamú...
 Tu prima será al momento
 escravita do nacimiento...
 ¿E qué será, primo, tú?...
 Sarà bu,
 se chora o menin Jesú...
 Cosa vimo que creeya
 pantará; mucha jerquía,
 cantando con melonía
 a un niño, que e Diosa e Reya:
 ma tan desnuda que un bueya
 le está contino bahando...
 Vemo, primo, volando
 tanta groria e tanta pena...
 ¡Oh, qué vimo, Mangalena!
 ¡Oh, qué vimo □...
 ¿Dónde, primo?
 No Portalo de Belena...
 Soméme e véndome a rosa
 de Gericongo María.
 Entra, dijo, prima mía,
 que negra só, ma hermosa...
 ¿Entraste?
 Sí, e maliciosa,
 a mula un cox me tiró...
 Caya, que non fu un cox, no...
 ¿Pos, qué fu?...
 Invidia, morena...
 ¡Oh, qué vimo, Mangalena!
 ¡Oh, qué vimo!
 ¿Dónde, primo?
 No portalo de Belena.

TEXT #17: Góngora, 'En la fiesta de la adoración de los reyes' (1615) (Ciplijauskaité 1969):

¡Praza!
 Mechora, rey de Sabá,
 guan guan guá,
 morenica de Zofalá...
 ¿Ríe la pastora?...
 Paparico, poco a poco,
 que samo enfadado ya...

Entra, primo...
Hormiga sá, juro a tal
hormiga, ma non vacío...
La Reya mío
incienso ofrece sagrado...
Sá de Dios al fin presente...

TEXT #18: Góngora, Soneto `A la "Jerusalem conquistada" de Lope de Vega' {1609}
(Ciplijauskaité 1969)

Vimo, señora Lopa, su Epopeya,
e por Diosa, aunque sa mucho legante,
que no hay negra poeta que se pante,
e si se panta, no sa negra eya.
Corpo de san Tomé con tanta Reya.
¿No hubo (cagayera fusse o fante)
morenica gelofa, que en Levante
as Musas obrigasse aun a peeya?
¿Turo fu Garcerán? ¿Turo fu Osorio?
Mentira branca certa prima mía
do Rey de Congo canta don Gorgorio,
la hecha si, vos turo argentería,
la negrita será turo abalorio,
corvo na pruma, cisne na harmonia.

TEXT #19: Lope de Vega, *La limpieza no manchada* (Vega Carpio 1893:t. V):

De culebra que pensamo
morde a María lo pe,
turo riamo, turo riamo.
Y a bailar venimo
de Tambucutú
y Santo Tomé.
Jesucristo no consiente
en su templo andar Juría
que vende mercadería
que le azota bravamente.
¿Cómo sufrirá serpente
morder a María el pe?
Turo riamo.
Que a bailar venimo
De Tambucutú
y Santo Tomé.

TEXT #20: Lope de Vega, *El capellán de la virgen* (Vega Carpio 1893:t. IV):

El hocico de vosa mesé.
Me tiene periroy, de amore venciro;
que me moriré, que me moriré.
El hocico neglo,
y lo diente dentro,
blanco sobre prieto,
neglo tiene muerto,
si non da remedio, ¡triste yo! ¿qué haré?
El hocico de vosa mesé,
me tiene periroy, de amore venciro;
ay, ay, que me moriré.
Hocico mi dama,
anima mi saca,
sino samo ingrata,
con eya me casa.
No queremo branca, aunque quere a me.
El hocico de vosa mesé,
me tiene periroy, de amore venciro,
ay, ay, que me moriré.

TEXT #21: Lope de Vega, *El amante agradecido* (Vega Carpio 1917:t. III):

Yo juro a Dios, Pedlo, que no hay tierras
que podamos igualaya con Siviya....
Mira, Esaurio, que de platan cierras,
po lo cieto que causan maraviyas,
o cuale van por acuyá lan perras...
Plegonamo moyete y mantequiyas,
no sabe el Rey de lo que es Rey, y hermano,
si non viene a Siviya ese verano.
Mira qué de galera, y qué de barca,
qué de gente a Triana que atrambiesa,
qué de riqueza esta ribera abarca,
a Seviya del mundo sa, Princesa...
Entraremo en la barca...
Pedlo, embarca...
Si aquel biaco de mi amo pesa,
guarda el esparto...
No tenemo pena.
Casamo con Marías...
Enhorambuena...

TEXT #22: Lope de Vega, *El mayor rey de los reyes* (Vega Carpio 1930:t. VII):

¡Viva, viva el rey Melchor!
¡Samana, Samana!
¡Viva, viva y mueran turo!
¡Usiha, usiha, usiha!
Turo lo reye que hallamo
día que sono confesamo
su Rey no le conquisamo
y captivo le traemo,
porque de vivir queremos
turo los reyes desimo
que sa Melchor no soplamo
lo mayor Rey y seor.
¡Viva, viva el rey Melchor!
¡Samana, Samana!
¡Viva, viva y mueran turo!
¡Usiha, usiha, usiha!...
Mucho corremo, nosamo,
que alcanzallo no podemos;
si le oimo llamaremos
sinoro, que acá quedamo...
Non sa cagayera yo...
Lacayera
de rey Mechoro, ques amo
quien e cameyo guardamo
cuando samo en parandero...
Venimo
de andondare an Dios oplimo...
Más y bonico y más branco
sa que el Sol...
Sí, plimo...
Cristo,
Rey liberale y franco.
Tora esa gente venimo
de adorallo y conocello...
Si sabello
deseamo, atento oímo.
Entre turo aquese branco
y entre aquese negro, toros
tres reyes grandes venimo
gaulla ido y pudirosos;
rey Baltasar somo el uno,
rey Gaspar llamamo el otro,
que Rey de Tarsi llamamo
de Sabá reino famoso,
donde cogemos pimienta,

canela y mucho locoro
que produce, y destilamo
de peñasco y bello tronco.
Otro Rey se de Arabia,
que llamamo Melchioro,
aunque negro cabayera
samos toros esotros.
Esos tres reyes siguiendo
una estrella luminosa,
andamo seiscientas leguas,
y le parecemo poco.
Llevamo camellos rico
con cargas cubiertas toro
de damasculo y de seda,
de mil colore vistoso.
Llevamo sien dromedario
para andar más presuroso;
sien caballo que saltamo
y echamo mucho corcobo.
Llavamo mucha comida,
mucho conserva famoso,
grangea, culabanzate,
marmeladas y turrone.
Llevamo mucho vestido,
mucha prata, piedra y oro,
e dinero, que sin ello
no valemo nara toros.
A Belén a fin llegamo,
do hallamos al Niño Dios
en una casa caído,
sin grandesa y sin adornos;
no en branda cama costaro,
de holandulos y algodonos,
no en transportino de pruma
ni en uloroso colchono,
que en un pesebre le hallamo
entre pajas, al ringoco
del frío, aunque sin trigos,
que lo segamo en agosto.
De la cama deste Rey
servían de pavillono
lo cielo, con mucha estrellas
y con grande resprandoro,
que el Sol y la Luna, plimo,
saba escuro y teneblosos

ante el Niño, porque deya
luz salimos más hermosos.
Lo aire cuajado vemo
de gente de hermoso rostro,
que gloria cantamo al Niño
y pas cantamo a nosotros.
Turos eran gente branca,
que un prieto no vi entre toros,
que este branco a gente aprieta
queremo como a demonios.
Tenemo hallado a su Madre
que parió este Niño Dioso,
que se quedamo doncella
tras el parto milagroso.
Al momento que lan vimo
conosimo su valoro,
y los tres Reyes le dimo
una higa al dioso Apolo,
que higa ha sido para ella
ese Niño milagroso;
mas es higa de erisal,
que no de zabache tosko.
Pusimo en tierra rodilla
y ofrecímole sus donos;
rey Gaspar le damo incienso
como a verdadero Dioso;
rey Melchoro, rey prieto,
como a Rey le damo el oro;
rey Baltasar damo mirra
como asombre, y luego turos
con contento le ofrecimo
el alma y lo corasono.
Yo le dije al despedimo;
acordaos del prieto si oro,
que vueso sielo queremo;
que aunque neglo, gente somo.
Salimo el Reye contentos,
a avisamos al rey Erodo;
mas aparesiomo un ángel
y decimos ques traidoro.
que sigamos otro caminos
que estrella me dimo el polos.
Y así al Oriente llegamos;
por eso alegre y gozoso
deso venimo esa gente.

Adioso, plimo, ques forsoso,
puese que la cuncera samo,
que sigamo al rey Melchoro.

TEXT #23: Lope de Vega, *La siega* (Vega Carpio 1955:t. III):

Es verdad;
en Manicongo tenemo
al sol que vemo, por Dioso,
ignorando el verdadero...
Yo, Siñolo, simple samo;
allá en Congo me dijeron
que era Dioso el sole craros,
mas ya veo que sois Vos
verrarera Dios sangrado,
y el niño del Portalicos,
que adoraron Reye magros,
y Gacipa Golo mío...
Si no hay carbón, aquí estamo,
que dejaremo quemar,
porque quema ese enviacos;
que fue crucificandera;
que Negro a Belén llevamo
de oro, decensos y mirros
cargados cuatro cagayos...

TEXT #24: Lope de Vega, *Vitoria de la honra* (Vega Carpio 1930:t. X):

Aquisá que no se ha periroy,
aquisá...
Aquisá señol Cupilo,
aquisá, aquisá... ¡Voto Andioso verrarero
que sa Sinvilla la reina
de cuantas civilidades
turolo mundo rodea!...
¡Mal años para Madrillos,
para Curdoba e Tuledas,
Valadulid en Castillas
y en Capalonas, Valencias...
¿No mira tú cuánta nave,
cuánto del barco y galera
cubrimo Guadalquivir
de mil luminarias yena?
¿No mira como Triana
satura yena de hoguera

que parece que a Sinviya
queremo mear pajueta?
¿No mira Antón lo castio
donde lo siñolo quema
a beyacos luteranos?...
¡Vivan Dioso, que manlegra!
¡Agora, putan judío
que está en la Castiya, tiembra
de vel el fogo que hacemo
que para sun culo piensa!
¡Beyaco nunca han quemado!
¡Ah, cabeza de bayeta!,
que creemo a pie juntiya
cuanto mandamo la Iglesia.
Toca, toca guitarrita,
Francisquiyo de Tejera,
que ha venido el rey Filipino.
¡Alegramo, nenglo y nengla!...
¡Hola, nengla!
¿A qué aguarda, que non baila?...
A que toca la pandera...
Aquisá que no saperiro,
aquisá
aquisá señol Cupilo,
aquisá, aquisá;
aquisá como entre flor...
aquisá dormido amore...
aquisá dentro en Siviya...
aquisá quien mata y mira...
En la porta de Triana...
aquisá quien mata y sana...
La nengla como una flore...
Que non si pone colore...
La cara tiene di plata...
Aunque calza paragata...
Dama pone solimane...
No la quiere lo galane...
Negla tiene fresicura...
No así male que aunque cura...
Aquiso que no saperiro...
aquisá señol Cuplillo
aquisá, aquisá...
Canta, negla...
Toca, neglo...
aquisá lo rey Filipino...

Démosle cazon flito...
Y su camarón con lima...
Guisemos casolan prima...
Y su cervina con haba...
Lo duque de Almadra...
Lo fresco atune envialla...
Y para por la mañana...
Hacemo unan poleada...
Y piñone cada día...
De la culunfuturía...
aquisá señol Cupilo...
aquisá que no saperiro.
aquisá, aquisá
¿Qué diamante, o qué diamanta?...
¿Arracala, sinora horala?...
Si a lo neglo o a la negla
algún biyaco o biyaca
dice que samos ladrones,
ni habemos visto arrancalas.
¡Voto al hijo de mi abuelo,
que mente como tacaña!...
¡Para esamputa branca,
que no hablara desansorte
si trujéramo sipalas!...

TEXT #25: Lope de Vega, *Madre de la mejor* (Vega Carpio 1893:t. III):

Samo tan regocijara
de ver lo sielo tan beyo,
que non podemos hablar deyo
siendo neglo y ellan crara....
Turo en placer nos bañamo
desta divina alegría,
po sieto la tierra mía
grande contento le damo...
Por tun vilas que me contas
lo que ha habido por allá...
Tomé si la contará;
tengamo un poco de conta...
Hoy que del meso Setiembre
pensa que tenemos ocho,
sando el cielo llovenero,
triste nubraro y mecónico,
de repente se serena
hacia la banda del Congo,

y sale el siñolón Febo
yena de cabeyo rojo;
al mismo punto vimo
por montes, vayes y sotos,
floriro turo la planta,
canela, clavo oloroso,
jengibre, nuece moscada,
pimientas y sinamomos,
luego esmaltará los prados
de tanta liria vistoso,
tanto azule campanilla,
tanto trébole y enojo,
perejila, yerba buena
muchacha, culantrilla poco,
y otras flores que podían
un mayo volveyan locos;
luego las parleras aves
abren los picos sonoros,
yevando a sus dulces tiples
con trabajos los arroyos;
cantaba la sirgueriya,
la calandria, el ruiseñolo,
la perdiz, la cogujalas,
la cernícala y cinsontos,
y aunque no sabemos quién,
nacemo con tanto gozo;
María, María, dice
la pampangaya y lo tordo;
luego de los montes altos
bajaba el gamo y el corzo
a las aguas de las fontes,
sin tomar del arco asombro;
a los pinos encumbralas
trepaba el ligero monos,
y los piñones sacando,
a quien mira hacemos cocos;
mirando tanta alegría
lo neglo de Manicongo,
ropa de algodón se viste
labrara con seda y oro,
ponemo lo paragata
más blanca que niñan de ojo,
con su cinta culurara,
que parecemo un madroños,
mucho de casicabele

atamo turo brioso,
que aunque zambo, bien sabemo
bailar como un andimoños;
sacamo tamborilico,
guitarrillas, clavicordios,
e con pandero e sonajo
cantamo e bailamo en corro;
si no lan quiere creer,
mira cómo viene toro;
véngase tras ella prima,
que aunque neglo, gente somo...
Usié, usié, usiá,
que no sabemo lo que será;
purutú, purutú,
si nadie la sabe, cáyala tú.
Cuando el cielo muestra
tanto resplandore,
y en la tierra nuestra
nace tanta flore,
algún gran favore.

TEXT #26: Lope de Vega, *El negro del mejor amo* (Vega Carpio 1930:t. XI):

Yan viene...
Non sente, que si sentera
amarán voso manzebo.
¡Por on Dios! que he pensado
que está desombacho tora...
Quin no sabe que es amore,
¿qué conta pode tené?
¡Perrone vosa mercé!...
Biban Dios que es como un prata
peró quizá palma ingrata
amor que siembra...
Descansamo junto a un fonte
e preguntando por eya,
habramo un rato cu eya,
mientra andamo jente al monte,
desnudóse hasta el cendale
que el cuerpo hermosan cublimo,
a cuya hermosuran plimo
no hay comparación enguale.
Ansí la noche plocura
bestirse de luces beyas,
que eran sus ojos enstreyas,

a sun cuerpo noche obscura.
Pareciome que el Amor
entre el fonte de cristal
andaba a coger coral
de sus labios como un flor.
Le dente resplandecía
entre el regalada ozico,
porque el corale tan rico
de caja al dente serbía.
Amor no acertaba a verlas,
decían yo desde acá:
llega, coge el coral ya,
¡mase adentro están las perlas!
Metió en el puro cristal
el pie de ébano lustroso
que afrentaran, ¡por un Dioso!
turo el marfil oriental.
Uñan blanca e neglon dedo
sobre las aguas mostraba:
atrevida el agua andaba
porque nunca tuvo miedo;
mase cuando el lanbatorio
de lo pé neglo acabó,
¡bibandioso! ¡que crezó
tura la arena en balorio!...
Que non sabemo de amore,
me dijo en palablan blebe.
que como nan sumo nieve
nan derretimo al calore...
Turmento en verte me das,
los ojos de tinta llenos...
Caya, e tenemo paciencia...
Biban diosa, amigan plimo,
que por eyan derritimo...
¿Qué queremos que lan diga?
¡Hombre, fuego: eya, carbón!
¡quemamo lo colazón
y encendemo lan bariga!...
¡Caya por tu vira, hermano!...
¡Jente branca, vivandioso,
que sa baya can vesino!...
¡Y cómo si debemo lan bitoria!
Samo jente dilostre, que no ay cosa
que tenga mase lustre que los neglos...
¡Cayan boso, y dejamo noranmalas

que alabe Sofonisba lo moros,
que vivan Dioso que es como un soldano,
y que no pode ser mase valente
Alejando lo Mangos ni Cipoños!...
Amore, bosancé sa gran beyaca;
a mala cuchiyara en san bariga,
pues quando mase parecemo amiga
ariamo el corbo que los ojos saca.
A uno damo fuegos, a otro aplaca,
aquel dezimo que huya, aquel que siga.
Bayaea, ¿para eya toma higa
por dioso que asi daya masitraca?
Samo turo culerico eso rías
no comingos machacho bapuyeras
que somo neglo que tenemos iias.
Ya sabemo que es hijo de un herreras,
y que su padre andar perrançurias
y su madre unan putan cutureras...

TEXT #27: Lope de Vega, *El santo negro Rosambuco* (Vega Carpio 1893:t. IV):

Sensucliso cagayera,
desano bosamesé,
no queremos que sabé
lo que somo bata fuera...
No ensá discreto...
Pues como samo lindo hoy
en samo malo de ojo...
Dimoni, bata daqui.
¡Ay, ay, sinola, sinola,
mi sinol en la malina
con el Vinley! ¡Ay mezquina,
minsior fora hanllarte sola!
El ti mata...
¡Va con la diabla!...
Turo temblo...
¡Sensú! en diablo estén sondado
nos trunjo...
Otron diablo tenemo...
Habémono en trance visto
para morir...
Si negla esa conocida
cun tuciño esa pingada...
¡Incomo! ya liandoro, ya linqiero...
Ah, sinola don Sambuco

¿De quentiela sasuncé?
¿Samo de Santa Tamé,
de Angola samo, maluco?
Pue que a quereye dipongo,
il alma que yan si aliegra,
decimo logo a la niegra
si samo de monicongo...
¡Sensú!
Dentiliopala non yerra:
pensé samo de mi tierra,
reniega den Belcebú.
Si querer ser mi galán,
pue que Lucrecia li andora,
tendremo tura la hora
zampato de culdobán.
No hablá ningún cagayera
ma querido y rengalado:
yo lintraré rimendado
como por muser men quera.
Mía vida ¿no me riponde?
Onjos míos de anzabache,
quererme mucho, non tache,
mi amor, mi rey y mi conde.
¿Qué dice?...
¿An vito el perro samalo
tener a la niegla amó?
¡Yo hacer embuste a sinó
para que molerte a palo!
Gravedá tiene, pol cierto,
que con vos muy bien medramo,
aunque niegla no tiznamo,
no falta quien anda muerto...
¡Rimbera amado!...
¿Pue aun qué venimo angora?...
Calla, que vindrá señor...
Valgan diabro, puta viejo,
yon ten mataré a culadas...
Agola sinol me pinga...
Tu tenás la culpa...
¡Vata, vieja, con la diablo!...
¡Sensú!...
Viejo malo, y guelen tú,
bendecimo...
En diabro yeve el amor...
¿Habramo de vera, amigo?

Yo ten quero y ten bendigo.
Y a mí, aunque de Mandinga
en la fiesta, o la Dominga,
vengan Franchico o Melchor...
¡Fuego, amor, que azota y pinga...
Y esta noche le mantaron
a la cagayera,
quen langalan den Mieldina
la flor de Omiela.
Nol al nuevo clistiano
inviamo la comida,
a langueltan por mi mano,
sensucliso en sa dolmida,
benito despielta milano,
pol dioso que den ludiya
sen dulmió, Benito escucha,
duelme mucha, come mucha,
buenan vida, mala viya.
Si pol cantá dispeltamo,
pue que samo amor epejo
aun que samo un poco lexo,
epela que ya cantamo,
que estan nochen len mataron...
Durmiendo sa, ya len vi,
nenglo a quien el alman plecia,
ma pue que duelme, consuelo
teno din tomar un poca:
bensalle in boca recelo,
ma tenemo ilmosa boca,
y sabe a bun gurañuelo.
¡Ay quen lindo, quin galán!
Disque eramo capitán,
de lo molo que angaldamo,
que a besaye no yegamo,
pue que pena amores dan:
durmiendo sa, caya tú,
ya yego.
¡Sensú, sensú!
¡Ay, quen muelo, ay quen me ablaso!...
Esa Belcebú,
vamos huyendo.
No podemos aquí esperar...
Muéranse lan beyaca, que vengamo,
la ocasión que a sinol dió esti Molina,
cuando a sinola con cordel atamo,

y queremos matar...
Si pol cieto, pol el sinol pingamo
la negra con tuciño de vecina,
y cayeme dempué...
Por lo neglo, sinol, que ya tenemo
tanto de Manicongo...
Fraire franchico esamo, ya veremo
quen samo...
Turo ro neglo, hacemo confadría
al Santo Neglo...
Nieglas, un nieglo é santo y so cautiva...
Si lintoco, pol mi fe
qui llablaco...
Si esamo santa Luncrecia,
hablá santo negro, y negra...
Non si aquí a malo lan casa,
nin falta unan cosan sola.
Quin cando fogo ablasaba
lan casa, yo habemo vito
al Santo Neglo Benito
que lan yama fora echaba
tura sabuena, y la hacienda...
Coman sa multa, sensú,
santo de mi culazón,
besame con devoción
la mano, lamela tú.
Hoy hacemo dete día,
pues que sa santo y me aleglo,
tur solo esclavo, y lo neglo
en palermo cofradía.

TEXT #28: Andrés de Claramonte, *El valiente negro en Flandes* (Claramonte 1951):

Turo lo que vosancé
me ordenamo, Antón hacemo;
que neglo callar sabemo...
Preto zamo,
hombre de bien y cayamo,
que también sa gente preto...
Vengamo del branco aquí...
Mira si sa
aquí el falso cagayera...
Si este sa el Duque, poner
podemos al mundo espantos...
¡Ah cagayera beyaca!

Lleguemo a dallo matraca...
¿Sí ora tambien acá
sa soldada gente preta?...
Juan,
este zala flor de merda...
Tamben venimos an guerras...
Guardan fuera;
¿yo con branco? Osten putas...
Simulo...
Turo samo
contentos con sus contentos...
¿Qué decimo?...
Seso Antoniyo perdemo;
¿damo para que besamo
esa mano?...
Es buen cagayera...
Quiera en Diozo que pasemo
a España...
Habrá notable en comidas,
y culacionos diversos,
granjea, cul besaste
y cagalones...
¿Sioro?...
Simulo...
¿Dónde vamo angora?...
Seoro, sí...
¿Yo sa vil negro?...
¿Por qué en Juan matar queremo
a Antoniyo?...
Pues □quién damo
comirá a Antón?...
Comiendo
Antón, el paje olvidamo
y a Juan por sior tendremo.
Damo y llevamo alabarda...
Prometo...
Vamo...
Aspacio y severo andamo...
Rey mago, y yo sun lacayo...
¿Sioro?...
Turu lu mundo sabremo...
Parecen cosas de negros...
Y a Antón, ¿qué damo?...
Sioro,
venganza de en branco infame;

que con siora venimo
de Mérida a vengamo...
Sí, sioro...
Que Antón simula...
Anquitura en gente embrancas
la fisgonera, y hacemo
den presto burla, y peore
que estornudamo y peemo...
Lleguemo a buscamo al Duque...
Santiguamo antes que entro...
Estornudar gente enblancas,
hacendo burla den pretos...
¿No hagan caso? ¡Juran Dioso,
si espada ensaco!
A vosancé...
¿A quién peemo
angoras?...
Tambien, pobre Antón, morimo...
Y yo so Antonillio...
Callamo, mas ya habraremos...
¿Hombre no samo?...
Está sa el Rey jurandioso.
que blanco tornamo al preto,
den temor y den respeto
cagayera la espantoso;
sioro, sioro, estamo
belensados...
Ya podemos decir
que aunque negro, gente samo...
Ya habramo su majestad
apreto yaza entornado...
Primo estimamo, que ya
hay negro grande Señora...

TEXT #29: Mira de Amescua, *El negro del mejor amo* (Mira Ademesca 1653):

A Lozambuco, a zeolo?...
Yezu,
en bosance hallamo siempre
mala obla, malan palabra,
moliendo neyo por velle,
y quando le culumbramo
recibirnos con dezdenes.
Zizamo galga la negla,
galgo zamo su mercede,

y assi buzcamo lo galgo,
para andar cogiendo liebrez...
Mila zeolo, busance
zihelmoso, galano eres
a mis ojos, mas y mucho
que lan rosa que enflorecé;
yo se anzabache, que tu
traen la cara plandeciente,
es una saeta de amor,
que la ha tirado en la flente,
y trabieza el culaçon,
que zesiaa por quelelte;
zazu que molelme hermano...
Zezu, que deseziperado!
tanto erramo por querenle?
no sea bosance tan lindo...
A que mal tempo que vene...
Pleguan Dioso inglato amante,
que muelas del mal que muele
mi esperança, ha ingrato mio,
qual me llevan tu desdene!...
Que me manda vosancede?...
Mente,
que no era Celico, seoro....
Paguen Dioso la mercede,
que lindo bocal bolsillo...
Quedate con Dioso...
Ya sabemo zeola mia
llevar la cara encuberto,
que tenemo branca el alma,
si el cuerpo tenemo preto...
Preguntamo que sea cortes
cagayero...
Que cagayero tan bueno!...
Valgame Diosa!...
Y que me muero!...
Malogrose mi espelança,
que fue franca flor de almendros
que ensaliondo del votona,
tamplana, la lleva el cierço.
Jesuncrisa sea conmigo...
Vida esperamo con esso,
consoelete Diosa an en
don Pedro Portocarrero...
De temora

llevamo, y de rezelo,
valorme dé Jesuncrisa
si a Rosambuco han muerto!...
Ezamo plesa hasta angora.
Padre nuestra frai Mortera
como ya abremo sabido.
Y sabemo que en Palermo.
Catalina nos quedamo
por la disimulandera.
y plendienda nos pusimo
a quistiona de tormenta
en cueras, como su madre
en Mandonga la pariera;
y de lastima quitomo
de la porra el so Virreya;
y tu amo por escrava
ha de estar quatro mesas
en la carcel, que pensamo
delanta la pregonera
y lo verdugo de trasa
salir como ara eya
con cien priscas a la cola...
Mijor padre frai Mortela
de por hazer...
Ya deçeamo
regalo de açota en cuera
que aunque negla, çamo honrada...
Valgame Diosa, lo que
ha estuadiado frai Mortera!...
Jesuncrisa sea con eya,
con frai Mortera, y connmigo...
Yo tambien me persino...
Nuesto padre
benito, venimo a vella;
y a consolanda tambien...
Desde que en campaña fuimo
no se sabimo mas de eya
viva ni muerta en omundo...
Nide mi olvidamo padre,
ya que somo entrambas prieta...
Plengan Diosa verdadera!...
Besamos los pes por eya,
que de rodilla pedimo
santa Turca, santa Negla
de Palermo, y de mi alma.

TEXT #30: Vélez de Guevara, *El negro del serafín* (Sánchez 1979):

A Lozambuco. Y si ciolo?...
çeçu mana
en vusance allamo siempre
mala obla e malam palabra
aidamo plingue pul belle
y quando le cu lumbamo
lezivimo con desdenes
zi çamo galga la negla
galgo zamo su mercede
y asi bucamo lo galgo
pala anda cuçiando lieble...
Mila ciolo busance
ilmoço y galano eles
a mis ojos mas y mucho
que la loça que fluleçe
y ese zambache que tu
tlae en la cala plandeçiente
es un zaeta de amolo
que le a tilado de enflente
y tlabiesa el culazon
que se fina de quelelte
çaçu que molimo mana...
çezu que desempelado
si oy laviamo con quelelte
no sa busance mas linda.
Valganme Dioso que escucho
el neglo la blanca quiele
malos años pala eia...
Licen bien que neglo solo
a la neglan pelteneze
mas çiola non despleciamo
que sa galano y valente
mas que elcules Loçambuco
si vusance no te quiele
no tem cupa que no falta
quien te quiela y te belençie...
Pocanpoca çiola çelia
que si vusance se atlebe
alemos moño empedazos
alañamos blavamente
que no çuflimos cuzquillos...
No quiele a vusance la blanca

ni vusance a la negla quiele
pus bayanse unan por ota
yo bengo a saber si biene
esta noche siolo an cassa...
Plegan dioso si la blanca
a vusance le quisiele
que lo neglo a las entrañas
gulabatos se le peguen...
que me manda vusançede...
Mente que no ela celia siolo...
Con el cucillo me empanta
y me abranda con los tresses
la veldad que con deçillos
deçiale que viniesse
mi amo a zun casa eza noche
pulque su ama se yeve...
Paguen diosso la melçede
que apliendo boçal volsillos
te dilan quanto quisieles
queda an diosso...
çeçu quen esto quin vemo?
ay ciola quez ciolo...
Ya sabemo seola mia,
lo que Catalina azemo
que tenemo branca, el alma
si el cuerpo tenemo enpreto...
Preguntamo
que sa cortes cagaiero...
que cagaiera tan bueno...
Valganme Diosa...
Qui mi muero...
Malogrose mi espelança
que fue branca flor de almendros
que en salienda del botona,
tenplana la yeva el çierço
Jesuncrisa sa conmiga...
Vida esperamo con esso
consuelente Diosa amen
don Pedro Portocarrero...
De temora
llena vamo y de rezeyo
valor me de Jesucrisa
si Rosanbuco sa muerto...
Samo plessa hasta agloa
padre nuesa flay Motela

como ya abremo sabido...
Y sabemo que en Palerma
Catalina nos quedamo
por la disimulandera
y plendiendamos pusimo
a questiona de tormenta
en cueros como su madre
en Mandinga lam pariera
y de lastima quitamo
de la potra Siol Virreya
y tumamo por escraba
denpus de estar quatro mesas
en la carçel qui pinssamo
delanta la pregonera
y lon birduga din trassa
salir como para eia
con cien priscas a la cola...
Mixer padre flay Moltela
sa por hazer...
Y a desamo
rengala de azotan cuera
que aunque negla samo honrada...
Andamo muy nolambuena
que sa diferençia mucha
cumpligona omiserera
en antifona o espalda
cun diciplino o compença
mas esto aparte dejanda
como sa la santa nuessa
flai Benito nueso Padre...
Amen plegan Jesucrisa...
Valganmen Diosa lo que
estudiada flay moltela...
Jesuclissa sea cu eia
con flay moltela e cumiga...
Yo tambien me persinamo...
Nuessso Padre
Benita venimo a vey
y a consolanda tambien...
Desde que a campaña fuimo
no se sabimo mas deya
viva ni muerta en el mundo...
Ni de mi olvidamo Padre
ya que samo entramba prieta...
Plegan Diosa verdadera...

Vesamo lom pies por eia
Para eia
para eia ermana plima...
Nuessa Padle flay Benita
venimo a beya, que samo
en Palermo sabidora
de su muerte mallugrado
para morienda mixor
en la suela dura estamo
ay Diossa que bien palece
con Jesucrissa en la mano...
Valgan Diossa que pasmamo...

TEXT #31: Calderón de la Barca, *La sibila de oriente* (Calderón de la Barca 1682):

Yo, amigo, de quando acá?
Si entre el branco, ni entre el neglo, nunca
ay segura amistad...
□qué quiele que diga?
A efetulu de buscal nueza Reya.
Zi. Az alli rerirara...
Muy pleguntonsica za.
No za pozible, que la muzica ze va
y turos mis gurgunillos
hasen mucha farta allá...
Mucho en zalir za talda,
no echa de vel la gente que la agualda
pero ay Dioza, qué ez ezto? no lo cleo,
voto al Zol, que ez aquella que alli veo.
Ea afuera...
De azauache dirás.
Yo tambien quielo agloa
mi velso leel, pero leeyo ignola
Mandinga, y assi piro,
que lo lea por mi el mas entendi...
Si ha de sel, estodial mi velso quielo
antiroto ha de sel de aquel plimelo.
Antidoto ha de ser de aquel primero.
Antidoto ha de ser de aquel primero
no he re olvidar razon yo tan divina
aunque tome dezde oy la anacaldina.
Antiroto ha de ser de aquel plimero...
Turo aquezo za embeleco
mira, siola, no cleas
que la gente branca za

mentiroza, para eya
ezturunemule turo
aya grita, fizga e fezta...
Valgame Dioza
y quica aqui las tuviela.
Y plegunto yo siola
qué harán, quando no lo clea
esto yo?
Digo, que so una glan bestia
y si habrare mas, la boca
alcolodliyo me buelva...
En sus frorias alfomblas
cansal podlás tu, pues son
catro, lecho, y pavellon
rozaz, alboles, y zomblas.
Aquí zaré.
Siola?
Ya agola
lo turumento han templaro...
Parece que za dulmiro
al zon de lo ezturumento
y el Zol, el agua y el viento
no ze atleven a hasel ruiro
por no dispeltaya, yo
tambien la quielo dexal
que ez pecaro dispeltal
a quien de gana dulmió...
Vive Dioza, que una nima
he ezturiaro, y que tenemo
de cogé a ezte Zamolon
que ez tan zabiondo, con ello
puez no ha de dal en el chizte
pol maz que zepa...
Acá no ez nara
oy quien maz zabe veremo.
Damaz dixió, pues empiezo
y plopongo aquesta nima
esteme vianced atento
a lo nima que plopongo.
No quielo, que a mi quien me quita ser
dama oy pues palecemos
tuos, que mueltas las luzes
tuos los gatos son neglos...
Vaya, y si la acielta es discleto
sobre un arbol que no es arbol

eztava un paxaro puezto
que no ez paxaro.
Ya cayaermo.
Nolabuena.

TEXT #32: Calderón de la Barca, *La rabia* (Lobato 1989):

Siola, aquellas seis cajas
de chocolate me mande
pagar, pues que las di hasta
a siete reales, tiniendo
tanta parde de Guajaca.

TEXT #33: Calderón de la Barca, *La noche de carnestolendas* (Lobato 1989):

□quelemole vuesancé,
Luica, Malía y Rufiana,
que le demos colacione
que aquí la traemo gualdada,
mucha de la casamueza
mucha de la cagancaña,
cagalón e cochelate
calamerdos, merdaelada
turo para vuesancé?

TEXT #34: Calderón de la Barca, *La pandera* (Lobato 1989):

¿lo neglo nació en la malva
para que hoy a voçansé
para estribillo le valga?...
Jezun diza, siolo neglo,
peldone voçansé que zaba
hablando con otra plima
queza esta di tirana...

TEXT #35: Calderón de la Barca, *La casa de los linajes* (Lobato 1989):

lo neglo ¿sa gente ruin
que sufliera lo que vos
no pudiélades sufliir?

TEXT #36: *Entremés séptimo: de los negros de Santo Tomé* [possibly Lope de Vega] (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1, 136-8):

Pascuala, ya sa enamirada, mano Fasico, de vosa mesé...

¿Por su vida?...

Por su fe...

Calla, pero, ascare macaca...

Ah, eh, todos los negos me vengán a ver, de tu buconto de santo Tomé...

Latrone grande ha futaro hablase a este bellaco por tu vida...

Calla, perro, ¡qué care matada! ah, eh, todo lo nego...

Ya re han dicho una y dos y tres en vece que no re han visto por su vida...

Ah, eh, que todos los negos me vengán a ver, de tu bucocionto de santo Tomé...

TEXT #37: Ana Caro de Mallén (Serrano y Sanz 1903:212-3):

Essa he Fiesta de Dioso
branco, negla, glande, chico
salegle, e legosijanda
pule que oy tuto lo mon plimo:
y aunque negla, gente samo,
ya lesuga y pan cufilos
en blasa y sin levadulas,
y el culadera desablidos
que cumian pu a glande Fiesta
aqueyos perros judios,
cabose: y en su lugá
vino el Culuderos divinos
pulo quien San Juá dizí a tuos
Ecce Anus Deies benditos,
que al mundo el pecalos quita,
vino esse pan, branco y limpios,
suavissimo y pulufleto
y en fe tolo al mundo vinos
tulo bien, tulo remedios,
dandole goço cunpridos
al plobe espirituales
si en su glasia le cumino,
con culasone umillados,
y al negla tloca en almiños;
dulçula que no palaga,
haltula que sin hastíos,
da mas hamble y da mas fe,
Saclamente es enclalecilos,
licos tesolos del cielos,
que al bueno limpio es cosilo
es vida, consuelos, groria;
y pala lu malo indigno,
ansia, pena, dulo, muelte,

tulumenta, inflelna, castigos.

TEXT #38: Quiñones de Benavente, *El borracho* (Cotarelo y Morí 1911:vol. 2):

Chiribeque, me tira la perra,
que yo chiribeque tomá para ella...
curazone me plinga.

TEXT #39: Quiñones de Benavente, *Los sacristanes burlados* (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1):

En eza ezquina pondlemo.
¡Voto Anclisa, que no pega!...
¡Jesú!, que hablamos parede...

TEXT #40: Quiñones de Benavente, *El negrito hablador, y sin color anda la niña* (Rosell 1874):

El culazon me cosquiya,
guitaliya. ¡Oh, cómo suena!
No ce que liabo ce tiene
ezte modo de instulmenta:
Como le tengo inficion
y tora er arma me yeva,
aquí embozado re escucho,
aunque el día me amanesca...
Aunque más ro disimulo,
no le he yevado en pasiencia,
¡Várate é diabro ra niña!
¿Descororida te quejas?
Pelone vuesalmesé,
aunque lezcortez paresca,
que a eza niña endimoniada
le quielo dar cantaleta.
¿Pol qué le pienza que dise,
yevada de tanta pena?
¿sin colol anda ra niña?
¡Barrabas yeve la puelca!
Si eya comia calbon,
sal, senisa, yeso, tierra
y otlas muchas polquerías,
¿cómo ha de estal golda y flezca?
Comiela, ¡pléguete Clisto!
Pala poder eztar buena,
vaca, tosino, calnero,
gayina, peldíz, coneja,
paromino, ganso, pavo,

poyos y poyas sin clestas,
capon de leche, chorisos,
solomiyos y moyejas,
salchichones, longanisas,
y culabets de peyas;
comiela tambien pescaro,
saramán, tulcha, lampeya,
conglío, besugo, lenguaró,
atun, saldinica flesca,
melo, sábaro, acedia,
sibia y raya en su casuela,
anguiya, rentán, arbul,
cazon, sesial y truchuela,
rubio, pulpo, toyo grueso,
balbo, sarmonete, tenca,
bonito, róbaro, lancha,
boga, alenque, panometa,
camarán, ostián, canglejo,
sapo o rana patiabierta,
buen vino, buen pan, y luego
la relamida dijera
que andaba recolorada;
pero la pansa reyena
de polquerías, ¿qué quiere
tener coror? puta hega...
Respues que se fue su amante
¿dise que anda descontenta?
Ven acá, puta cagara,
entemos los dos en cuentas.
Si mientlas duelme tu mare,
estás habrando a una reja
con el biyaco lanuro,
sin dolmir noche ni ciesta,
y agola duelmes, ¿qué quieles,
si un amante te resvela?
Hasta en esquina hayarás
amantes de mil maneras,
unos lo bigoto rubio,
y la cabeyera negla;
otlos muy goldos de cuelpo,
y muy delgaros de pielnas;
otlos que con laz balonaz
tanto nuez echan de fuera,
que, como en naris, ce pueden
poner antojos en eyaz;

otlos que están...

Yo cayaré, mas no puelo
sufilir tanta impeltinensia...

Entra el vareroso Musa,
cuadriniero de unaz cañaz.

¿Zabe qué quiere desir?

Que tan vareroso era
esta beyaca de Musa,
que cuando entlabo en las fiestaz,
atropeyaba los niñoz,
y a tora gente prebeya.

Y así dise cuando zale,
porque narie tenga queja:
Afuera, afuera, que salgo;
y polque mejor lo advielta,
dise luego: ampalta, ampalta,
y anvisa de ros manelas,
que entla el vareroso Musa.

Dise, que tan blavo entla,
que si tolos no se apaltan,
los yevará de carrera.

Cuadriniero de unaz cañaz,
no polque unan caña era,
pelo de unan caña dise,
por no encalgar su consensia,
que eran más de tleinta mil...

Ansí ro dice el cantal
de escalamán, pelo advielta,
la trena yama a lan cársel,
y escalamán, polque era
un glandísima lacaya,
no quitando la plensensia,
que estos arfileres vivoz
que lo yevaron se queja,
no polque aviro en el mundo
jamaz vivaz arfileraz,
sino que como el cabeyo
lo prenden en la cabesa,
ansí dise que plendieron
estos que llaman colchetaz.

Dice colchetaz que agarran,
y que estando en lan tamberna
lo plendieron sin penzar,
porque, como eztando en eya,
dezcuiraro le cogieron;

y aunque esto dise la letra...
□ Belcebú era tentadol,
que tienta de mil maneraz;
al esclivano con pruma,
si hase ofisio a la sinieztra;
al alguasil, cuando un pleso
pol los dineroz le suezta;
con el peso al calnisero,
dándole el dedo a la pesa,
al zastre con laz hechuraz,
despuez de mermal la tela...
No puelo; maz ¡viven Clisto!
¡Pluviesan cielo! quiziera
con sapatilla a dos caboz
coser la boca y la lengua.
Cayara, pelo yo pienzo
que aunque más me la cosieran,
que habia de habrar pol loz ojaz,
pol laz manoz, laz orejaz,
pol loz piez, pol laz rodiyaz,
pol loz musloz, pol laz piernaz,
pol laz espaldaz, y luego
pol otro ojo que me queda...
Cayaré como una dueña,
como monja en locutolio,
como una ochentona suegl,
como un herrador vesino,
como un herrero a la puelta,
como un nesio polfiado,
como gato y pelo en plensa,
como vulgo, si se enoja,
en una mala comedia...
Ya cayo...
Yo cayaré...
Pues con una condision
cayaré; con que me metan
en el baile, que tambien
repico laz castañetaz...
Cayaré;
y polque mejor lo clea,
pondlé ezta mano en la boca,
y ayuro al baile con ezta...
No coma polquerías,
tendrále sano...
De aquese mal se mueren

los más maridos...
No puelo, ¡juran Clisto!
Pol más que hago.

TEXT #41: Anon., 'Un vizcaíno, un indiano, un gallego, un mercader, una tapada y un negro'
(Ripodás Ardanaz 1986:53-57):

 ziolo, ziolo
¿adónde va, ziolo,
no hay una banca
no hay un ochavo?...
vamo, Joaniyo
ve tas del amo
e si no, Juaniyo
yevarás palo,
pobe, Juaniyo
ve tas del amo ...
ziolo, ziolo
están en Indias.

TEXT #42: Anon., 'El indiano de la oliva' (Ripodás Ardanaz 1986:65-75):

cuando a España venimos
tula la negla
nos facemo siola
de la miselia
y el guache, gualche
nos fulfoca de modo
que nos maltrae...
¿adónde la pampagaya se yeva
siolo, y la cofleciya ...?
¿adónde se posa o entra?
... la cajona del vajiya ...
y el coracha ...
siolo ... vamo a eya ...
en la Velacruz había
un mulato valentón
que a las neglas nos tenía
dentro de su colazón
y nos decía
con amor tielno
que nos quelía
pues descansaba
de todos sus pesales
si nos hablaba

¿no pasó esto así?
sí, siola, sí ...
¿no fue cielto esto?
sí, siola, cielto ...
ah, poble de mí
que pol venil a España
tulo lo peldí ...

TEXT #43: Anon., 'El chasco por el honor o el indiano escarmentado' (Ripodás Ardanaz 1986:191-204):

Satulio, □qué estás a solas gluñendo?
dice el ama que te pongas
el espadín y el somblelo
que os vais a pasear al muelle ...
¿pol qué?
vaya mucho en hola mala
el desvelgonzado puelco ...
sí, antes que yo naciela ...
ahola me la pagalás ...
cuando a casa vuelvas, paje
yo te pondlé como nuevo ...
seolo, casémonos al momento ...

TEXT #44: Anon., 'Villancico cantado en el real convento de la Encarnación de Madrid en los maitines de navidad (1689) (Ripodás Ardanaz 1991:199-201):

Negliya ha veniro
válgame Zezú
¿Y vene de Congo?
No, que ez de Tulú.
válgame Zezú
¿Qué toca?
Bandola.
¿Qué baila?
Zanguanga.
Hozico de mico,
cabeza de paza
la voz de olozuz
□Valame Zezú
Dienta de piñona
cara de alajú
□Valame Zezú
¿Y canta?
Que panta

empieze
no quiele
¿Pul qué?
Pulque nu.
¿No conoze que Chocorrotiyo
se queda a la mu?
¡Válgame Zezú!
Chi, chi, chi, queditito,
no le pante el rum rum.
Ay Zezú, ¡que dizpielta y ze riye!
Puz empieze el zum zum.
Zambambé, zambambú,
mirriñi, mirriñau
cun la capirotiya azú...
Tlaemo titiritiya
cun giruya
guitarriya
cun rabele, y zu laúd.
¡Válgame Zezú!
Y cavayera en borrico,
vene un mico,
con s'huzico
que a lo neglo dize bu...
Tlaemo pa la Pelzona
una mona
juguetona
pul que al bueye le haga cu.
¡Válgame Zezú!
y a la mula castañeta
abujeta
de vaqueta
pul que ataque zu alcabuz...
Al ziol Chocorrotiyo,
un coquiyo
pulidiyo
le daremos de Tulú.
Que zi el zol está a la zombra
pul zu alfombra
que no azombra
será zizco de zu luz ...
Tlaemo unon pampangayo
verdegayo
como un mayo
que habla a todos tú pol tú
¡Válgame Zezú!

y dice, como picaza
rey va a caza
paza, paza
que yegam tuturutú!
¡Válame Zezú!...
haremo la culacione
con turrone
moztachone
y caxiya de alaxú
¡Válgame Zezú!
mixol fuela un caponzillo
amariyo
tostadiyo
maz goldito que un atum ...
hagamo bandola raxaz
y zonaxas
puez, en paxaz,
ya el niño quedó a la mu.
¡Válgame Zezú!
No pienzen que zamo loco;
poco a poco
vaya el coco,
no epante al Chiquiyo tú ...
tlaémole un olganiya
con flautiya
culnetiya
que no eztá acabara aún
¡Válame Zezú!
Y en eya hay cuatro angeriyos
muy gordiyos
sentadiyos
que aún no tocan mirreut.
¡Válame Zezú!
Encima tiene una dama
que se yama
siola Fama,
con tlompetiya del Sú.
¡Válame Zezú!
Y tiene el tal olganiyo
un hijiyo
chiquitiyo
que en Madlí no haz visto tú...
Y tiene caxa eztremara
aconchara
tan dolara

que se ha agotaro el Pelú
¡Válame Zezú!
y tiene ya Juzepiya
bajonciya
nueveciya
pala que toque el pupú
El Pliol, que turo ezto ha raro,
tan honraro,
lo ha compraro
con amaliyo betún
¡Válame Zezú!
ez muy grande cabayera,
Dioza quiela
el que él fuela
pliola hasta amén Jezuz.

TEXT #45: Anon., `Villancico cantado en la real capilla de la Encarnación de Madrid en los maitines de reyes (1689) (Ripodás Ardanaz 1991:215-216):

Flaciquiya, ¿adóna va?
cuenta me da
voy al Portal de Beleya
para ver a nuesa Reya
que ha nasiro en el Poltá.
Vamo ayá.
Antoniya, ¿adónde va?
cuenta me da.
A ver el Infante helmosa
que nace tan podelosa
que a la negla blanca hará.
Vamo ayá
que ya yega el Rey neglo
y podemos cantá
gulumguá, gulumguá.
¿Y qué le yevamo al Niño
de legalo plincipal?
Lo neglo chuculatera
chuculate yevará ...
yo yevo cacau, y asúcar
acabada de yegar ...
yo yevo almiscla, y canela,
que va molidita ya ...
pues calguemos con la piedla,
y vámonos al Poltá ...
Allí haremos la molienda

para el Niño regalar...
a molder, a moler empezad
polque al son de las piedlas
podlemos cantal
tonadillas de Angola
y de Panamá...
que la chuculatiya
moliendo se va.
chuculata molamo
la negla a compás
que al niño le silva
pala el paladal ...
que la chuculatiya
moliendo se va.
Al tomarlo, lo coco
no le faltalá,
polque la nuesa cara
de coco será ...
en la chuculatiya
pimiento no hablá,
polque, como sa negla,
hará estarnudar ...
la siola Malía
virgen celestial
con los boyos maimones
sopita le hará ...
y siolo Jusepe
también le dalá
polque, como sa viejo,
glan flío tendlá ...
en viniendo la Reya,
a punto saldlá
chuculata, en visita
que sa principal ...
si vinielen siolas,
también les dalán
chuculata, que helado
enero pondlá ...
si traxesen cameyos
no le yevalán,
aunque a mil corcovados
la vemos tomar ...
los soldados de guarda
no lo han de plobar,
polque no hará la espuma

de aquel que fue aglaz ...
ni aun bueya y mulica
no le han de gustal,
polque no es pala blutos
la miel del refrán ...
a los tles Reyes solos
se ha de regalal,
que sólo le merecen
los que saben dar ...
y así es bien nos volvamos
a nuestro lugal,
que aunque estamos moliendo
no hemos de cansal ...
que la chucultiya
moliendo se va.

TEXT #46: Sor Juana Inés de la Cruz (Cruz 1952)

Acá tamo tolo
zambio, lela, lela,
que tambié sabemo
cantaye las Leina.
¿Quién es? un negliyo.
Aunque neglo, blanco
somo, lela, lela,
que il alma rivota
blanca sá, no prieta.
Cuche usé, cómo la rá
rimoño la cantaleta;
¡huye, husico ri tonina,
con su nalís ri trumpetá!
¡Vaya, vaya, vaya!
¡Zambio, lela, lela!
¡Válgati, riabro, rimóño,
con su ojo ri culebra!
¿Quiriaba picá la Virgi?
¡Anda, tomá para heya!
Viní acá, perra cabaya;
¿su cabeza ri bayeta
y su cola ri machí,
pinsiaba la trivimenta?
Vaya al infierno, Cambinga,
ayá con su compañela
que le mira calabralo,
cómo yeva la cabeza.

¡Zambio, lela, lela,
que tambié sabemo
cantaye las Leina!
¡Tumba, la-la-la, la-le-le,
que donde ya Pilico, escrava no quede!
que donde ya Pilico, no quede escrava.
Hoy dici que en las Melcede
estos Parre Mercenaria
hace una fiesa a su Palre,
¿qué fiesa? como su cala.
Eya dici que redimi;
cosa parece encantala,
por que yo la Oblaje vivo
y las Parre no mi saca.
La otra noche con mi conga
turo sin durmí pensaba,
que no quiele gente plieta,
como eya so gente branca.
Sola saca la Pañola;
¡pues, Dioso, mila la trampa,
que aunque neglo, gente somo,
aunque nos dici cabaya!
Mas, ¿qué digo, Dioso mío?
¡Los demoño, que me engaña,
pala que esé mulmulando
a esa Redentola Santa!
El Santo me lo perrone,
que só una malo hablala,
que aunque padescas la cuepo,
en ese libla las alma
Flasica, naquete día
qui tamo lena li glolia,
no vindamo pipitolia,
pueque sobla la alegría;
que la Señola Malía
a turo mundo la da.
Dejémoso la cocina
y vámoso a turo trote,
sin que vindamo gamote
nin garbanzo a la vizina;
qui arto gamote, Cristina,
hoy a la fieta vendrá.
Esa sí que se nomblaba
escrava con devoción,
e cun turo culazón

a mi Dioso serviaba;
y polo sel buena Ecrava
le dieron la libertá.
Mílala como cohete,
qui va subiendo lo sumo;
como valita li humo
que sale de la pebete;
y ya la Estrella se mete,
adonde mi Dioso está.
¡Oh, Santa María,
que a Dioso parió,
sin haber comadre
ni tené doló!
Qué cuaja te doy.
Espela, aun no suba,
que tu negro Antón
te guarra cuajala
branca como Sol.
Garvanza salara
tostada ri doy,
que compló Cristina
mase de un tostón.
Camotita linda,
fresca requesón,
que a tus manos beya
parece el coló.
Mas ya que te va,
ruégale a mi Dios
que nos saque lible
de aquesta plisión.
Y que aquí vivamo
con tu bendició,
hasta que Dios quiera
que vamos con Dios.
Pues y yo
también alivinalé;
que pulo ser Neglo Señol San José.
Pues ¿no pulo de Sabá
tené algún cualteló?
Que a su Parre Salomó
también eya fue mujel.
¡que por poca es Neglo Señol San José!
Ya lo sabe, que tené
una fiesa. ¿Qué hacé?
Pues priviní la tambó,

porque en fiesa la Sunció
no se está queda la pie.
Meneá la calabacillo,
para qui las monacillo
aora nus venga a escuchá.
Este sí quiso mijó,
cantando y bailando.
Que esa Niña que sube, palese,
palese muy bé.
A celebrar hoy lus nenglu
viene a la Iglesia Mayó,
cun Siora Pribindalo,
la fiesa le la Asunció.
Como só li la Mesé,
lo manda el señó Retó
qui venga cun la tandarte
mañana la Prucisió.
Ah, señol Andlea.
Ah, señol Tomé.
¿Tenemo guitarra?
Guitarra tenemo.
¿Sabemo tocaya?
Tocaya sabemo.
¿Qué me contá?
Lo que ve.
Pue vamo turu a Belé,
y a lan Dioso que sa yoranda
le cantemo la salabanda.
Paléceme ben.
Y a mí también.
Toca, plimo, pol tu fe.
Así, así, que lo pe se me anda.
Así, así, que me buye lo pe.
Cantémole al Redentole
la bienvinira y yegara.
Sando ronca y resfriara,
cantalemo mal, señole.
Récipe de la mendole
porque tengamo voz clara;
de botica un cucharara
cuanto baste a su mecé.
Paléceme ben.
De los branco nos guardemo,
que tosemo a lo billaco.
Debe de tomar tabaco,

pue tanto a neglo tosemo.
A lo Pesebre yeguemo
y a lo son de trumentiyó,
guitarriya y panderiyo,
hagamo fiesta en Belé.
Paléceme ben.
Y a mí también.
Toca, plimo, pol tu fe.
Así, así, que lo pe se me anda.
Así, así, que me buye lo pe.
Canta, Flasiquilla,
canta, canta,
toca sacanbuche.
Turu la ninglito
se pone culbata,
qui vini lan fieta
piscueso colgala.
Esa Noche Buena,
que nace en las paja
la Siñó Manué
con su cala branca.
Siñolo Malía
limpio como prata,
se queda Donceya;
escucha quen gracia.
Arre-acá la mula,
no come las paja;
¡quita las jocico,
mula chachalaca!
La ninglito Joja,
esa buena casta
que sabe bailá
como la Matamba.
Siño San Jusepe
no habra palabra,
pluque sa milando,
su boca cayada.
Cayemo també;
la Niño se panta
de milal a neglo
su cara tisonala.
Buenu va,
e si no, la Siñola peldonalá.
Flacica, turu la Negla
hoy de guto bailalá,

polque una Nenglita beya
e Cielo va gobelná.
Ay, Siñola, lible Negla
que estrela pisandi está,
dame una de la que pisa,
pue que a mi me sevilá.
Di la luzu qui displesia
tu pie, la unu dalá,
polo que sin ti quedamus
e continua eculilá.
E me envialá la alegría,
pue que mucho tendlá ayá,
pala que con ese ayula
ganemu su libeltá.
Cantemo, pilico,
que se va las Reina,
y dalemu turo
una noche buena.
Igualé yolale,
Flacico, de pena,
que nos deja ascula
a turo las Negla.
Si las Cielo va
y Dioso la lleva,
¿pala qué yolá,
si Eya sa cuntenta?
Sará muy galana,
vitata ri tela,
milando la Sole,
pisando la Streya.
Déjame yolá,
Flacico, pol Eya,
que se va, y nosotlo
la Oblaje nos deja.
Caya, que sa siempre
milando la Iglesia;
mila las Pañola,
que se quela plieta.
Bien dici, Flacico:
tura sa suspensa;
si tú quiele, demo
unas cantaleta.
¡Nombre de mi Dioso,
que sa cosa buena!
Aola, Pilico,

que nos mila atenta.
¡Ah, ah, ah,
que la Reina se nos va!
¡Uh, uh, uh,
que non blanca como tú,
nin Pañó que no sa buena,
que Eya dici: so molena
con las Sole que mirá!
¡Ah, ah, ah,
que la Reina se nos va!

TEXT #47: Attributed to Gabriel de Santillana (Cruz 1952)

¡Flasico, atesió!
¿Qué lisi, Manué?
Fiesa li San Perro
este noche es.
Ya yo lo sabé.
Cantal lo Mastine
mus toca també.
¿Pus qui ha le hacé?
Prevení tambó.
soná cacambé,
tucá la pitilla,
y con mucho fe
a la Santo Papa
besallo la pe.
Paléseme be.
¿Y cómo ha li sé?
Las tipla, fa sol,
y a la Santo papa
besallo la pe.
Yo te plegunto, Flasico,
si sabe respondé
cúmu tene su cabeza
aquisi Santa al rivés.
Eso te respondelá
que la Santo es tan cultés.
que quisu poné la boca
londe su Dioso las pie.
La Gallo no ha le cantá
aquese noche, polqué
las Mastine le San Perro
no son a la manecé.
Que aquese Gallo no cante,

privinilu lu tendré;
que si la Santu la oye,
cumenzalá a entelnecé.

TEXT #48: Francisco García Montero Solano, `¿Ah, Flansiquiya! (ca. 1673; Tejerizo Robles 1989:178-9)

Ah Flansiquiya
Ah siola
¿Has yamaro la capita?
Siolo, sí.
Tura junta essamo aquí.
¿Essamo aquí la contralta?
Sí, siolo, turo essamo/
¿Lo bajo habemo veniro?
Aquí essamo apelsebiro.
¿Lo tiple essá tura junta?
Oh qué nesia es la plegunta.
¿Ha yegaro lo tenore?
Aquí essá como una flore.
¿Lo ministril ha yegaro?
¿El ólgano, halpa y bajone?
Sí siolo
tura junta ya yegó.
Sí siol
Glasias tenemo que dal
al bendito justo Jues
que la capiya esta ves
no tenemo que espelar
Pues, siolo, comensá.
Bien ha dicho, comensemo
y el viyansico cantemo
al Chiquiyo; que sa claro
haya en la pausa cuiraro.
Una
Dosa
Tresa
Esa sí que samo destresa,
gulumbá, gulumbá, gulumbé,
besamo la mano de Vuesa Melsé
turo lu neglo de Santu Tumé.
Niño Dioso, ¿pala qué
tanto puchelito hasemo?
¿Qué yolamo? ¿Qué tenemo?
Dígamelo Vuesansé

¡qué quelé, qué quelé!
 Si le hincamo la rodiya
 y tlaemo cuchaliya
 pala daye la papiya
 lo siolo San Susé
 ¡qué quelé, qué quelé!
 Si pulque diga quién vaya
 le tlaemo papagaya
 y turo, pul aleglaya
 le cantamo con plasé
 ¡qué quelé, qué quelé!
 ¿Qué yolamo? ¿Qué le falta?
 Si pul veye desde Malta
 cantándole la contralta
 venimo echando la hié
 ¡qué quelé, qué quelé!
 Si pulque selio le veo
 con su boquiya de aseo
 le dansamo lo guineo
 aunque no haya cascabé
 ¡qué quelé, qué quelé!
 Si alegrando la pelsona
 le baylamo la Capona
 e Peliquiyo le entona
 como un Belnaldo el Rebé
 ¡qué quelé, qué quelé!
 Si mira le essamo danda
 y la insiensa presentanda
 y olo tlaemo rodanda
 cuando ninguno lo ve
 ¡qué quelé, qué quelé!
 Si Diosa le confessamo
 y lo Reya le adolamo
 cuando apena le milamo
 que en la tiela pone el pé
 ¡qué quelé, qué quelé!
 Si ensima de un selemín
 hago mudanzas sin fin
 pol no faltaye aliquín
 baylándole el Saltalé
 ¡qué quelé, qué quelé!

TEXT #49: Anon., `¿Qué gente, plima?' (ca. 1699; Tejerizo Robles 1989:212)

¿Qué gente, plima, qué gente?

Reye zamo del Oriente
que aunque mí eztar poztillón
zi hayar grazia en el Garzón
a quien plezenta yevamo
mí quedar tan reya
como mi Amo.
¡Ay, Zezuncliza,
qué alegre que zamo!
Tucambu panderiya tucamu
ay qué bon, ay qué ben va
ah, ah, ah
voz bialá, negliyo, bailá.
Polque da la mano
niño vozanzé
airoza donoza
cuiquita glazioza
le bezamo el pé.
De Oriente venimo
a vel su Melzé
y en tura curona
tura curazona
a oflezé también.
Mirra le oflezemo
en zeñal de que
zerá zepultaro
y a lo neglo honraro
branco ha de volvé.
Alhajaz le damo
polque zu Melzé
ya ve que en turoz
nozotroz no ze haya
quien branca le dé.
Ez, puez, tan glaziozo
que ya pol mi fe
le quelemo tanto
que turo lo neglo
adoramo en el.
Seor Manuerico
guáldeze, pol diez
que Herodez maldito
para culazona
le buzca la nuez.

TEXT #50: Anon. 'Hagámole plaça' (Huesca, ca. 1661; Bravo-Villa-Sante 1978:41-3)

Hagamole plaça a lo Reye Mago
turo lo neglo, e turo lo branco,
que venimo en Cameya,
e buscámole por estreya
con oro, con cienso, con mirra divina
Diosu chiquitu,
Diosu, que nace bonitu
en paxia, e pesebricu,
como hijo de Gaína
traemole a lo chiquitu
y uno mono de Tulu,
con esso, y el gu gu gu ...
festejámole a su melce,
como a uno Niño Sescu.
Plimo, que yevan lo Reye en done?
Yevan cienso, chaculate,
oro, mirra, piñonate,
de calicante turrone,
caixiña de canelone,
grana branca, e cururara,
panara Ingresa, cuchara,
e para hazer almendrara
guego más bronco que tú
con esso, y el gu, gu gu ...
festejámole a su melce
como a uno Niño Sesú.
Plimo, qué yevan al tielno Infante
Yevalemole piñona,
nuesa, y almendra monsara,
aceituna, y alcapara,
camueza, y melacotona,
yevamole valona,
y a Susepe le dalé
samarra de consejela,
si se la quiele poné
con esso ...
como a uno Niño Sesú
festejamole a su melcé.
Plimo, qué yevan a la parira?
A la Siola Malia
yevamo con alegria
bayalde para la cara,
manto de gloria con punta,
moño, e tanta cosa junta,
que para aver de yevayo,

sa menester un cavayo
tan glande como yo, e tú
con esso ...
como a uno Niño Sesú
festejamole a su melcé.
Plimo, qué yevan de cantulia?
No quede a vira instlumenta,
que no toque la peliona,
chimigula, y baxona,
lo sacabucha, y culneta,
tocamole cubetiya
sonagia, e cascabé,
y una famosa cansiona
por el sol, fa, mi, re
con esso ...
como a uno Niño Sesú
festejamole a su melcé.

TEXT #51: Anon. 'Desde Angola benimo' (Madrid, ca. 1676; Bravo-Villa-Sante 1978:88f.)

Desde Angola benimo
atambú
a cantal a lo Plimo
a bel a la Reyna
venimo en su día
de la Clofladia
que yaman de estreya
que benil a beya
la negla oflecimo
desde Angola benimo
a cantal a lo Plimo.
Benimo desastara
a ploba lo bisansico
que aunque tenemo fosico
zamo gente muy onrara
benimo cargara
de dusienta estlumentiya
panderiya,
sonagiya
guitarriya
chirimingula
y baxone
y biolone,
y aremo famose sone
en yegando al portaliyo

toca Plimo lo panderetiyo.
Tlaemo mucho cantare
una famosa contralta
que samo de seso falta
y pol mula lo tenore
mucho capone
que asemo de guruganta
que me espanta
quando canta
el Noche Santa
murganistula tlaemo
que ben tañemo
y a Sogaro paresemo
bamo turo, bamo aoy yo
Tlaemo glande tisoro
muchu miscla, y aloe
y si Neglo en buena fe
que le demo turo el oro
que no samo Moro
que benimo desde Oliente
muchu gente
complesente
y lo paliente
Rey Melcocha
y Baltasar
Y Siolo Gasipar
que le benimo adorar,
que sa Rey, aunque chiquiyo

TEXT #52: Anon. 'Ah mi siolo Juanico' (Lucena, ca. 1694: Bravo-Villa-Sante 1978:63f.)

Ah mi siolo Juanico
que dise siolo Alosico?
Que ya sabe su melse
que estamo en lo Portalico
en que turu lo Neglico
la noche de Nasimienta
ha de andal como pimienta
en honra de lo Chiquito.
Ya sabemos, que tenemo
obediensia de cantaye
de baylaye, y de tocaye,
la bajona, y chilimia,
sonajiya, y guitarriya,
castañeta, y sapateta,

y la cala de bayeta
como el Sol se ha de poné.
Galupé galupe
que me bombono, que me bombomé
Siol Juan, pulque son quiele
su melse, que empiese?
Vaya disiendo Alosico
dile lo que me palese.
Vaya el salambeque?
No quielo ese.
Quiele su melsé folia?
No quielo ese.
Tañalemo la pavana?
No quielo ese.
Quiele el cabayelo?
No quielo ese.
De canalio tene gana?
No quielo ese.
Tañalemo chaconsiya?
Ese, ese.
Vaya, vaya la chaconsiya
que es a gusto de la persona
Vaya al Niño que za llorando
y negliyo se va pasando.
Vaya, vaya la chaconsiya vaya
que se alegría tura la viya
la chacona ez el antojo, anda.
Del Chiquiyo enamolado, bueno.
Pues ha nasiro antojaro, vaya
de que nase el hombre cojo, eza.
Ezte zon le yena el ojo, Jezuz.
No le deje la guitarriya, diga
Vaya, vaya la chaconsiya
la alegría es la chacona
desta noche, y desta Pascua
y el branquiyo está como asuca.
Y al negliyo le sazona
el vel nuestla vizarriya.
Vaya vaya la chaconsiya
aunque el Niño haya bajaro
pol los unos, y los otlos.
Sin duda, que por nosotlos
se ha vestiro de encalnaro.
Vailemo pues a tomaro
el culol de la negliya.

Este Niño, que ha nasira
ay de mi, siolo Juanico,
plosigalo su melse
que a mi el tono se ma ha ito.
Que dise siolo Alonso
que cantaye más no sé.
Pues yo se lo enseñalé,
diga, diga, no sabe solfa.
No dilé, no dilé,
diga como yo també
tome el tono su melse.
Pul demás es voses dalme
que yo no lo entendelé.
Pue yo lo ploseguilé
si le ha estolvaró la gala, anda
el canraye esta tonada Buena.
Que quelel decil la errala, vaya
esa es cosa de la mula, esa
no me le se romal bula, Jesús
quien yerra esta tonariya, diga
vaya, vaya, la chaconsiya, vaya
que se alegría tura la Viya.

TEXT #53: Anon. 'La negra lectora' (Anonymous 1723)

Ay, como pesa la ola!
No quelo, que se le pega
un poquito la pringiya
a la boca, y a la lengua.
Pues, vayame osté por ellos.
Ay, la plima veyaca,
que gorda está la negla con la baca.
Dominga, Dominguilla,
como va de mondongo, y perejila?
¿Cómo va de mondongo, mía plima?
¿Guisadillo de Angola, neglo clima?

Bene va, que en lo Congo
bien guisamo la negla lo mondongo.
A perra veyaquiya,
que bien sabe guisar la Dominguiya!
No sea la maestla rega ñona.

Téngale osté respleso a Dominguiya.
Mile, mile, por certo regruña;

¿somo gente de Angola o de Guinea?

Ay, qué bona lectora

está la plima veyaca mandingola!

Tablaco, tablaco.

Minosco.

Zeborbola.

Sota.

Negla peída.

Tu, tu me lo dizes,

esto es faltar dereto tus narizes,

oyga el diablo maesso.

También la mandiguiya

de la negla, siola Dominguiya,

a la negla lectora denle vaya.

TEXT #54: Anon. villancicos (1654) (Damasceno 1970:88-9)

(1)

dime, mana, donde va

con panderete y guitarra

a bailá?

dime, dime, donde va?

a ver a Ieusu que ha naci

en Bele, con turo lo plimo

venimo acá.

Pues lo panderete tocá ...

a bailá ya venimo

al Siolo plimo ...

guitarria traemo

que al niño alegremo ...

roquetiño traemo

que al niño alegremo ...

y a la madre donzéa

bailemo por éa

al siolo Manuele

dale el palabene ...

pues que groya esperamo

por niño sagrado ...

toca toca Guinea

la guitarria

que el sonecío me hace cosquía

toca guitarra y pandelo

al siolo Emanuele

pues hoy por amor de ele

somo negla cabayelo,

toca plimo.
Tocal quielo
cuando lo blanco bailamo
que al cielo que le aleglamo
nos da la gracia cumplira ...
toca que quele bailá
a Siola Madre suya
que la blanca que echa puya
no quele que entremo acá
toca plimo,
ya tocá
sonecita de Guinea
que quien en Dioso desea
tiene de hacer marabía ...

(2)
ayá va, ayá va
jacarica de novedad
y moleno la cantará ...
de jacarica que estrena
porque el yanto del niño cese
y aunque a la blanca le pese
la ha de cantar la molena ...
érase una buena noche
en Dioso y en ora buena
escura como mi cara
nevara como mi dienta.
érase un sol tamañito
érase un infante beya
que pol nacel del aurora
le yaman niño de perlas.
y no contento que tiene
todo el otero despielta
el cielo por esos aires
la gloria por esa tierra.
Con una estreya despacha
a tres reyes de orienta,
pala que en Belén fundasen
la cofradía de estreya.
cátale aquí como suben
cabayeros en cameyas
con tres plesentes famosos
cada cual de su manera.
Traen a lo encienso y la mirra
en cajona y en bujetas

mas al oro, que es golosa
lo trae la plesona mesma.
Pol criara de la casa
venimo tanta de genta
de Angola y de Cabo Verde
de la China y de la Persia.
No venimo como escrava
sino como cabayera,
que si en su tierra la blanca
lo neglo le esá en su tierra.
Y aunque tanta gente samo
en servicio de lo Reya
moleno en todo y por todo
hacemo el papel primera ...
nandie estorurarse atreve
donde lo neglo lo sienta
polque fazamo la ancha
y le damo su pimienta.
Y pala que palescamo
en todo gente de cuenta
samo en la venta muy franca
y en lo camino muy cuerda.
A Belena caminano
y antes de yegar a veyá
luego supimo la casa
que es la estreya parlera.
Apeámonos devota,
y entrando pecho por tierra
al punto se yevó al niño
los ojos la gente negla.
Llegaron turo a adorayo
y al llegar lo Reye preta
el niño le yamó plimo
y él le vilvió reverencia.
Vertímole las valijas
e lo corazón con eyas
polque no falte carbona
en que se queme la ofrenda.
Volvímonos para casa,
mas no por Jerusalena
con que su reya quedó
con más miedo que vergüenza.
Esta sa tura la historia
y esta la vesita mesma
que hicieron lo santo maga

a la Virgen de Belena.
Y pues neglo la ha cantado
mejor que branco pudiera
digan métase la branca
y víctor a la molena ...

Text #55: Gil Vicente, *Floresta de engaños* (Vicente 1912:t. II):

Porque vos, mia Senora,
estar tanto destemplada?
Ya tudo estar peneirada,
que bradar comigo aora?

Que cosa estar vos hablando?
A mí llama Caterina Furnando,
nunca a mí cadelá nao.

APPENDIX TO CHAPTER FIVE: texts from Latin America

Afro-Rio Platense texts:

ARGENTINA/URUGUAY (19TH CENTURY)

Acuña de Figueroa, Francisco:

'A la jura de la constitución' (Becco n. d.:25-8; Pereda Valdés 1929:65-8) {R-1}

'Canción guerrera de los batallones de negros' (Acuña de Figueroa 1944:255-8; Becco n. d.:23-5; Pereda Valdés 1929:61-3) {R-2}

Anon. 'San Baltasar' (Ortiz Oderigo 1974:39) {R-3}

Anon. 'Batuque' [1843] (Carvalho Neto 1965:295-6) {R-4}

Anon. 'Compañelo di candombe' [1839] (Ayestarán 1967:170) {R-5}

Anon. 'Diálogo de la morena Juana y el negro Pedro José' [1830] (Puccia 1974:31-2; Becco n. d.:19-20; Rodríguez Molas 1957:20-1; Rodríguez Molas 1961) {R-6}

Anon. 'El menguengue' [1876] (Puccia 1974:59; Ballagas 1946:254-5; Becco n. d.:40-1; Lanuza 1967:219-20) {R-7}

Anon. 'Francisco Moreno' [1830] (Pereda Valdés 1929:45; Becco n. d.:16-7; Lanuza 1967:129-30) {R-8}

Anon. 'La negra Catalina' [1830] (Puccia 1974:31; Becco n. d.:18-9; Rodríguez Molas 1957:20) {R-9}

Anon. 'Negrito de tanta fortuna' [1840] (Pereda Valdés 1929:47) {R-10}

Anon. 'Negros federales' (Ortiz Oderigo 1974:140-1) {R-11}

Anon. 'Poleso la Camunda' [1836] (Lanuza 1967:115) {R-12}

Anon. 'Si la amita quisiera' [1840] (Pereda Valdés 1929: 49) {R-13}

Anon. verses from the Cancionero Rioplatense [1830-1876] (Becco n. d.):

'Canción de los negros azúcares' {R-14}

'Canción marcial de negros' {R-15}

'Coplas candomberas' {R-16}

'Diálogo' {R-17}

'El negrito' {R-18}

'Pregón' {R-19}

Anon., 'Diálogos entre el moreno Franchico y la morena Catarina, entre la morena Catarina y el moreno Antuco, entre la negra Frachica a D. Pancho, entre la morena Juana y el moreno Antuco' [1830] (Rodríguez Molas 1957:20-23; Soler Cañas 1958:14-25) {R-20}

Anon., 'Votos de la morena Catalina al regresar el libertador D. Juan Manuel de Rosas' [1831]. Vignolo (1976:43-4) {R-21}

Arrascaeta, Juan Julio (Uruguay), 'Testamento negro' (Pereda Valdés 1965:212) {R-22}

Ascasubi, Hilario. 'Cielito Gaucho' [1843] (Ascasubi 1960:15-18; Becco n. d.:22-3) {R-23}

Candombe de San Benito, 'Coplas' (Ortiz Oderigo 1974:34) {R-24}

Figueroa, Julio. 'Canción' (Becco n. d.:39-40) {R-25}

Mackay, Germán, 'En negro schicoba' [1867] (Ortiz Oderigo 1969:66) {R-26}

Raza Negra dance group [ca. 1872]. Homenaje al Barón de Mauá (Plácido 1966:110) {R-27}

TEXT #1: 'Francisco Moreno' (Becco s. f.:16-7) [1830]

yo me llamo Francisco Moreno
que me vengo de confesá
con el cura de la parroquia
que me entiende la enfemelá.
Curumbé, curumbé, curumbé.
Corumbé, corumbé, corumbé
que mi amo me quiele vendé
porque dice que no no sabo
ni flegá, ni cusiná.
Curumbé, curumbé, curumbé.
Apuntuté señol esclibano,
apuntuté con la pluma en la mano
los vestidos de mi mujé
que están colgados en la paré.
Curumbé, curumbé, curumbé.

TEXT #2: 'Carta a la negra Catalina a Pancho Lugares (Becco s. f.:18-9) [1830]

hacemi favol, ño Pancho
de aplical mi tu papeli
polque yo soy bosalona
y no lo puedo entendeli.
yo quisiela uté me diga
lo que ti queli decí,
porque tio Juan, mi malido,
quieli también esclibí.
El es neglo bosalona
pelo neglo fedelá
y agladecido a la Patlia
que le dió la libeltá.
Esi neglo cada noche
sueña con don Juan Manuel
y luego, de mañanita,
otla vesi hablando de él.
como eta gobelnadola
me dice, e niño tan güena,
e pleciso, Catalina,
que el señol nos lo conselba.
ya vites en el candombe
como glitan los molenos,
viva nuestlo Padle Losas,
el gobelnadol más güeno.

TEXT #3: 'Batuque' (Carvalho Neto 1965:295-6) [1843]

Compañeru. Ya qui turu vusotro acabamu ri bairá, ri batuqui cun nuestra ningrita, para rase a cunnseé a ese Siñore branquillo, rumieru qui tinemu; ya qui hemu tumaru un pocu ri cachuri, y vamu a impezá ri nuevu nuetro bairi, mi parece mijuri, qui entre musotro memu, si fumase una caucioni, un renguarí ri brancu, para cantase cu primiso ri nuetro Generá, cuandu se aseca esu brancu frujunasu, a tucánu ra ribarosa y rigueyo y tin tin, tirandu unu tiru, para gatase puvura un má.

Esa cansioné narie puere hacere mijó, qui nuetro compañeru érotó Ciriro Virá qui etá cu nusotro y turu ru negru rivemu pirisiru in nete mumentu, todos si, si. Qui ra haga ... [there follow several sentences in 'normal' Spanish ... venga una pluma, un poco de papel y tinta, que en este momento, me encuentro inflamado, y voy a improvisaros una Canción, no en castellano castizo cual yo lo pronuncio, sinó en lengua mestiza que todos entengamos --- si, si qui tudu intingamu --- Aquí etase pape y pruma, y tinta que trache sagento --- Bien: atención compañeros ... [there follow several sentences in unremarkable Spanish] ...

Canción ri un casancha
qui tuvo in cagancha

Coro

Tambura musique,
tambura siñó,
Murí pu la Patlia!
¿digurayú? Nó ...

No quiele é savagle
Rijano pasá
Ra cane felesca
si viene pu ma.

Curo

A ninguno neglo
Le imputa, ni a mi;
Tiniendu pambazu
Y guen cachurí.

Curo

Tiniendo ra chicha
Y pitando pangu;
Que comu balin Glese
Baire ri fandangu.

TEXT #4: Francisco Acuña de Figueroa, 'Canto patriótico de los negros celebrando la ley de libertad de vientes y a la constitución (Acuña de Figueroa 1944:255-8)

CORO DE NEGROS

Viva len conditusione!
Viva len leye patlisia!
Que ne tiela den balanco
Se cabó len dipotima.

CORO DE NEGRAS

Compañelo di candombe
Pita pango e bebe chicha
Ya le sijo que tienguemo
No se puede sé cativa.
Pol eso lo Camundá,
Lo Casanche, lo Cabinda,
lo Banguela, lo Monyolo,
Tulo canta, tulo glita.

CORO

Nen tiempo den Pontugá
Y ne tiempo den Galisia,
Le Flicana lisendencia
Tliste seclava nasia.
Ma luego ne solisonte
Lo Sol Melicano blilla.
Alojando dese Oliente
Len calena de Mandinga.

CORO

Changalole, vivan Dioso!
Y a ete Patlia tan quelila
Que da lible nuetle sijo
Len colasone se lindan.
A lon güeno Liputalo,
Lon Gupeno Gicutiva,
Cantemo nese batuque
Con tambole, e con malimba.

CORO

Nele combate e bulullo
A la Patlia se clidita.
Ma que se falta e colole,
Que lon glandese, e lo etima.
Poque ese lei que julemo
Que plotege, e qui catica,
Manda que tola seclava
Tiengue lible lan baliga.

CORO

A e libetá con bonete
Que e ne pilame se mila,
Le ponguemo po ofelenda
Una calena lompila.
E polella ene supulo
di una guela senemiga,
lo conchavo, lo sulole,
lo sangle se saclifica.

CORO

Ma no sen busa den Leye,
Y e Malungo y su nenglita,
Como buena quililitiano,
Que si casa, e que si clia.
Y gosalan nuetle sijo
La libetá bien tendila,
Cuando hombre debiene ..., plemio,
Cuando capiango ..., musinga.

CORO FINAL

Viva len conditusione!
Viva len leye patlisia!
Que ne tiela den balanco
Se cabó len dipotima.
Lingo, lingo, lingo
Linga, linga, linga
Que ne tiela den balanco
se cabó len dipotima.
Señolo Litole de le Nivesá.

Como lon balanco tiene tanto sino patliotica qui canta nele funsione; musotlo que tambien somo sijen de Dioso, e de la Vijen di Losalio, e qui lebemo a la Conditusione la Libetá de nuete sijo, encalguemo a una Clibano esa cansione en glande pala cantá como puelemo lan Leye, po quiene dalan ese vila.

Cinco Ciento Neglo de tulo Nacione

TEXT #5: 'Votos de la morena Catalina al regresar el libertador D. Manuel de Rosas' (Vignolo 1976:43-4) [1831]

Grasis a Dioso, paisano
Que vino e Gobenadó,
Dioso lo conseba siempre
A mi amito y mi senó.

Pero mira, negran viejo,
Se quemó mucho la cara!
¡Pobrecita! que trabajo
Pasaría en la campaña.

Esi Paz tiene la culpa:
Pero etá bien asegurao.
Desile ahora que si ecape
De ande lo tiene enserao.

Po fini ya se acabó

Esi guerra condenao.
Pues ya bobió a su gobieno
E Gobenadó desiao.

Vamos a juntá, moreno,
Y vamonos a bailá;
Que hoy es día de Candombe
Y no es día de lavá.

TEXT #6: Copla afrouruguaya (Pereda Valdés 1965:135-6)

Semo nenglu lindu
Semo Vetelanu
Y cum Milicianu
Quiliemi piliá
Pue sabi haci fuegu
Y fuegu, avanzandu,
Y mulí, liliandu
Pu la livetá.

CORO

Neglu Vetelanu
Atenció la oficiá
Y liandú a la clagá
Lipundela, a ela va.

TEXT #7: Hilario Ascasubi, dem 'Cielito Gaucho' [1843] (Ascasubi 1960:17)

□ Ah, cosa es ver los morenos
bramando como novillos,
preguntando a cada rato:
"Onde é que etá esem branquillos."

Allá va, cielo y más cielo,
cielito de Canelones,
atiendan como se explican
en todos los batallones:

Lijalo no má vinise
a ese rosine tlompeta,
que cuando le tlopellamo
¡lon diablo que no sujeta!

TEXT #8: Anon., 'Los negros federales' (Ortiz Oderigo 1974:140-1)

hacemi favol, ño Pancho

de aplical mi tu papeli
polque yo soy bosalona
y no lo puedo entendeli.
hacemi favol, ño Pancho
de aplical mi tu papeli
polque yo soy bosalona
y no lo puedo entendeli.
El es neglo bosalona
pelo neglo fedelá
y agladecido a la Patlia
que le dió la libeltá.
Esi neglo cada noche
sueña con don Juan Manuel
y luego, de mañanita,
otla vesi hablando de él.

TEXT #9: Germán Mackay, 'El negro schicoba' [1867] (Ortiz Oderigo 1969:66)

yo soy un neglito, niñas,
que ando siempre pol acá,
vendo plumelos, schicobas,
y naide quiele complá.
Selá polque soy tan neglo
que pasa de rigulá
y tolas las niñas juyen
que parecen asustás.

TEXT #10: Anon., pregón (Becco n.d.: 45)

yo soy nenguito niño
que siempre passo po acá
vendiendo escoba y pumero
y nadie me quiere compá.
¿Será poque soy tan nego?
que passo de regulá
y toa la gente s'asuta
y no me quicee compá.

TEXT #11: Juan Julio Arrascaeta (Uruguay), 'Testamento negro' (Pereda Valdés 1965:212)

A uté señó
mandé llamá
muriendo etoy
haga mi testamento
tarvé, ma tarde me voy.
Tengo eta tarimba

tengo eta camisa
tengo ete chiripá
tengo ete libro di misa
ya no puedo rezá.
Tengo aqueya
galera di ferpa
tengo aqueyo levitón
di no usarlo
etá apoliya.
No ría ... uté
no valen nada
yo ya sé
En mi testamento
di mi negra daré
un mechón.

TEXT #12: Rubén Carámbula (Uruguay) `Negro de "uté" (Carámbula 1952a:76)

¿Qué me dice que no oigo?
Yo soy un neglo de uté.
No veo pol qué me trata
pol qué me dice de ché.
Ecúcheme uté munde
ya se jué la eclavitú
de bozal me decían ché
agora que soy libelto
a ete molembo ladino
todo le dicen di uté.
Yo se lo voy a eplicá
po si uté no lo sabía
tre clase de neglo hay
tenemo categoría ...
calamba, calamba
no son un neglo e Ampanga
so moleno di Lucanga.
Eso no lo sabe uté
lo trato que hay en mi raza,
de ché, de vó y de uté.
Neglo de uté respetoso
se le dice al gramillero.
Neglo de ché, po ejemplo
lo macamba escobero.
Calamba, calamba, no so un neglo e Ampanga
so moleno di Lucanga.
Si quere uté mi respeto

y que no le diga vó
cuando trate lo moleno
siempre tenga bien presente
lo que un neglo l'enseñó...

TEXT #13: Rubén Carámbula (Uruguay) 'Ma Yumbá' (Carámbula 1952a:115):

Aroró
Ma Yumbá e pa lo do
muleque y mundele
la cusumba e pa lo do...
hermano e leche lo do,
crío di Mama Negla
la güena esclava nagó ...
lo pecho di Ma Yumbá
son redondo, son redondo,
y aunque haga jeta su neglo
en uno prende a l'amito
y en otro a su nengue congo...
chupa que chupa e neglito
duerme y se ríe lo amito ...

TEXT #14: Pregones afrouuguayos (Carámbula 1952a:138f.)

...vamo a lavá ...
di paja son la escoba
y cun pluma di avestrú
son lo bonito plumero ...
di coló son lo plumero ...
patelito
dulshe rico con melengue
epecial e pa l'amito...
llevo negra, tengo verde
shabrosha y shashonáa
son asheituna di enero ... cómpleme uté mi amita
con mié y caña roshiáa
ta shabrosha y calentita ...
patelito re dulshe
rico bollito
panshito re Shan Antonio
láglima re Shan Benito ...
pronto ñamita comple
no hay shebo e lo candelero
...
que she va la molena

ya she va Catalina
tielna y ashucaráa
vendo la tolta di harina ...

TEXT #15: 'El yuyero curandero' (Carámbula 1952a:147)

aquí llegó Camundá
neglo cargao e yuyo
con polvo sol y sudó
vengo e monte Chamangá...
el yuyero va curá.
Betivé pala la vilgen
cedrón pala el colashón
ruda la planta e neglo
contra la envidia señó...
Curandería e neglo
pa quebrá mal di la crú
pala e daño di muleque
unto e shapo cururú...
e neglo vendió lo yuyo
se va pala Chamangá.
Dicen que so manosanta
las neglas de Cambacué
só yuyero curandero
só e neglo Camundá ...

TEXT #16: AFRO-RIO PLATENSE PHONETIC EXAMPLES

1. Change /d/ > [r]:

contaro < contado; merio < medio; pueri < puede; rame < dame; repué < después;
riclará < declarar; rinerá < dineral; rió < Dios; toro < todo

2. Change of syllable-initial /r/ > [l]:

adola < adora; ahoa < ahora; amalá < amará; balbalilá < barbaridad; baliga <
barriga; bulullo < barullo; calancho < carancho; colasone < corazón; colespondel <
corresponder; colole < colores; comololo < comodoro; compañelo < compañero;
dalemo < daremos; dulo < duro; emblomá < embromar; emfemelá < enfermedad;
fedelá, felelá < federal; fielo < fiero; julemo < juremos; latone < ratones; lempué <
después; liliandu < lidiando; liputalo < diputado; lisendensia < descendencia;
losa(s) < Rosas; mejole < mejores; melece < merece; milá < mirar; moliendo <
muriendo; mulí < morir; olientale < orientales; palece < parece; palejo < parejo;
pintole < pintores; puele < puede; quelila < querida; selá < será; sulole < sudor;
teodola < Teodora; tiela < tierra; tulito < todito; veltule < virtud(es);

3. Shift of /r/ > [l] in onset clusters:

aflentoso < afrentoso; agladecido < agradecido; blilla < brilla; branquillos < blanquillos; clibano, esclibano < cribano; clidita < (a)credita; contla < contra; esclibí < escribir; flancese < franceses; flancisca < Francisca; glande < grande; glita < grita; hombre < hombre; musotlo < nosotros; neglo < negro; nuetle, nuestlo < nuestro; otlo < otro; padle < padre; patlia < patria; plepala < prepara; plesenta < upresenta; plufana < profana; poble < pobre; sangle < sangre; siemple < siempre; tliste < triste; tlompeta < trompeta;

4. Shift of /r/ > [l] in syllable-final position:

amal < amar; aplical < aplicar; aquileres < alquiler; balbalilá < barbaridad; Baltasal < Baltasar; calbón < carbón; calga < carga; colespondel < corresponder; conselba < conserva; cualté < cuartel; favol < favor; gobelnadol < gobernador; gualdá < guardar; homenajeal < homenajear; infelná < infernal; libeltá < libertad; mejol < mejor; moldé < morder; mujel < mujer; pol < por; polque < porque; señol < señor; tambolileal < tamborilear; veltule < virtudes

5. Loss of word-final /r/:

acabá < acabar; acuerá < acordar; agarrá < agarrar; ahocá < ahorcar; amalá < amarrar; azuca < azúcar; bailá < bailar; bautizá < bautizar; cantá < cantar; castigá < castigar; complá < comprar; confesá < confesar; conocé < conocer; conseba < conserva; convesá < conversar; cusiná < cocinar; chupá < chupar; decí < decir; defendé < defender; dipará < disparar; emblomá < embromar; enredadó < enredador; esclibí < escribir; favó < favor; fetejá < festejar; flegá < fregar; gobenadó < gobernador; gualdá < guardar; hacé < hacer; imaginá < imaginar; lavá < lavar; libetá < libertad; mandá < mandar; mijó < mejor; milá < mirar; molí < morir; patido < partido; pensá < pensar; piliá < pelear; pofía < porfiar; poqué < porque; preguntá < preguntar; provocá < provocar; riclará < declarar; señó < señor; való < valor; vení < venir;

6. Loss of syllable-final /s/:

acabamu < acabamos; cansione < canciones; cantemo < cantemos; cañone < cañones; contitusione < constitución; cuetión < cuestión; dalemo < daremos; damo < damos; dipará < disparar; dipoyo < despojo; dipotima < despotismo; escape < escape; ecribiti < escribirte; encalguemo < encarguemos; etá < estar; etima < estima; fundadore < fundadores; hacelemo < haremos [haremos]; jesú < Jesús; julemo < juremos; lebemo < levemos; lempué < después; leye < leyes; musotlo/musotro/nusotro < nosotros; nuetle/nuetro < nuestro; papeli < papeles; pedimo < pedimos; plepalemo < preparemos; puelemo < podemos; pueto < puesto; quililitiano < cristiano; semo < somos [somos]; somo < somos; sotenguemo <

sostengamos; tendremo < tendremos; tengamo < tengamos; tinemu < tenemos;
tlopellamo < atropellamos; vamonó < vámonos; vemo < vemos; vusotro < vosotros

7. Paragogic vowels:

balanco/baranco < blanco; conterera < Contreras; contitusione < constitución;
conversacione < conversación; diabolos < diablo; dioso < Dios; intenciona <
intención; jesuquinista < Jesucristo; jesuso < Jesús; ladrone < ladrón; mejole <
mejor; ofelenda < ofrenda; otoros < otros; papeli < papel; pobere < pobre; quilitano
< cristiano; schicoba < escoba; seclava < esclava; señolo < señor; sulole < sudor;
tambiene < también; tenguerá < tendrá; vapole < vapor

Afro-Peruvian/Afro-Bolivian texts

PERU/BOLIVIA (17TH-19TH CENTURY)

Anon. 'Afuela afuela apalta apalta' [Bolivia] (Fortún de Ponce 1957:122) {P-1}

Anon. 'Esa noche yo baila' [Bolivia] (Claro 1974:lxxv-lxxvii) {P-2}

Anon. 'Pasacualillo' [mid 17th century] (Claro 1974:lxix-lxxi) {P-3}

Anon. 'Turulu neglo' [mid 17th century] (Stevenson 1975:1-2) {P-4}

Araujo, Juan de. 'Los negritos ala Navidad del S" [mid 17th century] (Stevenson 1959:236-49) {P-5}

Carrera Vergara, Eudocio. El gran doctor Copaiba, protomédico de la Lima jaranera. (Carrera Vergara 1943) {P-6}

Fuentes, Manuel Atanasio. 'La libertad' [mid 19th century] (Biblioteca de Cultura Peruana 1938:289-90) {P-7}

López Albújar, Enrique. Matalaché (López Albújar 1966) {P-8}

Pardo y Aliaga, Felipe.

'Alcance al N° 2 de "Lima contra El espejo de mi tierra" (Pardo y Aliaga 1971:184-6) {P-9}

El tamalero' (Pardo y Aliaga 1971:99-100) {P-10}

Frutos de la educación [1829] (Pardo y Aliaga 1869) {P-11}

TEXT #1: Juan de Araujo: 'Los negritos a la navidad del Sr' (Stevenson 1959:236f.)

Los coflades de la estleya vamo turus a Beleya
y velemo a rio la beya con ciolo en lo potal
vamo vamo currendo aya, oylemo un viyansico que lo compondlá
Flacico siendo gayta su focico y luego lo cantalá
Blasico Pellico Zuanico y Tomá y lo estliviyo dilá
Gulumbé gulumbá guachemo
bamo a bel que traen de Angola a Ziolo y a siola Baltasale
con Melchola y mi plimo Gasipar
vamo vamo currendo ayá curendo acá
vamo siguiendo la estleya lo negliyo coltezano pus lo rey
e cun tesuro, a la estleya tlas lo Rey a pulque ayá
de calmino los tles ban, Blasico Pelico Zuanico y Tomá e ya
vamo turu ayá, que pala al niño alegrar
Vamo turus los Neglios pues nos yeba nostla estleya que
sin tantos noche abla i co Pelico Zuanico y Tomá plimo beya
noche abla vamo alegre al polta riyo velemo junto al peseble

TEXT #2: Anon. 'Turulu neglo' (Stevenson 1975:1-2)

Turulu neglo samboyarico,
que a naciyo niño en Belen,
Niño Jesu dale que dale tumbere tumbere tumguruguo.

Niño Dioso nace en Belen lo pesebre tan condero
con su gaita turo junto yegaremos frasiquias
Doncel y madre pario turo y pantaro tenes
que chiqui i para toro tene corason abierta.
Danza y tañe y tañe la guitariya
niu danza hase la tu.

TEXT #3: Anon. 'Pasacualillo' (Claro 1974:lxix-lxxiv)

Pasaqualiyo jusguele plimo
antoniyo que quele plimo
flasiquiyo que que le plimo
manueliyo que quele plimo
benga turo lo negliyo
que manda el señor alcalde
que pue benimo a belena
con la blanca la molena
no comamo el pan de balde
dioso le gualde
al señol alcalde
de lo plimo su plesona.
hagamo una plosesiona
a lon diose que a nasiro
donde baile lo negliyo
y mandase plegonal
pol que beng a notisia
de turu el lugar
dioso le gualde
al siol alcalde
y yo la plegonare
palese nos ve
a plegonal a su melse.
mande el alcalde miguel
que tuvo santu tume
en el potal de belen
a la plosesiona venga
y la dansa se plebenga
y mandese plegonar
pol que venga a notisia
de turu el lugar
venga neglo y negla
y la dansa se plebenga
a la plosesiona venga
donde baile lo negliyo
a lon dioso que a nasiro

que seamo de contar
y mandese plegonar
pol que benga a notisia
de turu el lugar.
Pala hasel en un momento
una plosesion que espanta
la de la semana santa
hagamola nasimento
y es a buen entendimiento
pues que el niño de velena
aun no acaba de naser
quando comiensa a penar.
Pue que eça la noche buena
en que lo neglo no ayuna
si a de salir paso alguna
salga al paso de la çena
y la yebaremo yena
de turrón de alicante
pol que pueva el çiplinante
algun consuelo tomar.
Saquemo el paso del huerto
pue la noche turu es flores
y admiremo a los pastoles
de ber neglo con consierto
pero que cuidemo advierto
io la apostó la vermeja
que si moleno le deja
lo niño que vi a besar.
Si lo neglo solisita
daye gusto al sagalito
al paso de huir a Ejipto
benga con la borriquita
santa barbara bendita
que paso tan lindo es este
benga que aunque el neglo cueste
gota tan gorda sudar.
No baya poleseme
en lo paso lo judío
sino negro que io brio
baya hasiendo su pape
suba aplisa y pongase
a un judío la pese
pol que podamo yebar
negla sela la pendona
y negla la trompetela

y negla la regidera
que gobierna plosesiona
negla seya la sayona
neglo cucurucho i falda
y negla sera la espalda
de quien quisiere açotar.

TEXT #4: Anon. 'Esa noche yo baila' (Claro 1974: lxxv-lxxvii)

Esa noche yo baila
con Maria lucume
asta sol que amanece
Plo mi Dios que sa acuya
esa gente comensa
aunque pe la buesa fe
su hichito ya nace.
Poca poca nobela
nacie cun Batulume
puero nega en bona fe
del chiquillo que ayesa
el manda me a mi canta
yo canta asta amanese
su hichito ya nace.
Lu metiso sea falta
porque ya urta que le
a la mula del plata
pueso de siolo Jose
y lo niño yolala la
si quiera solo yo boi
su hichito ya nace.
Las vieja no palese
por que esa conso lima
los canonigo veni
y la noche celebra
con la cula y sacrista
y monasillo tambie
su hichito ya nace.
Lo garganta ya causa
pechuguera yo tene
y romariso en la pecho
como otro que esta acuya
que callarito se esta
y tu no lo ve con ella
su hichito ya nace.

TEXT #5: Anon. villancico from Bolivia, possibly late 17th century (Fortún de Ponce 1957:122f.)

Afuela, afuela apalta apalta
que entlamo la tlopa Gazpala
apalta, afuela
que entlamo la gualda re reye Guineya.
e lo pífalo soplal
e mandamo echal plegon
respetamo ro branco
tenemo atención.
Manda la reye Gazipala
que nenglo vamo regala
en plusición a plotala
con sonaja e guitarria
e cantemo tonadiya
e que branco no estornure
pulque nenglo no se apure
pena re peldel tambaco
que entlalemo ruego a saco
e mandamo lo plegonal
pulque venga noticia
re turo lugá.
A noticia re turo luga
caya, caya beyaco caya
que te embalgalemo tamboco
caya beyaco.
vamo, vamo a plotla le Bele
ay kirie leyson
entlamo nenglo re gara
haciendo la reverencia
permio al Dioso resencia
a luego a reye Gazpala
y enviamo nora mala
con tura suplicación
a ro branco moscate
entlan ro reye adorayo
pulque ro guió una etreya
e hayaron otra ma beya
luz que es re ro Diosa un rayo
San José dichoso ayo
res dió grande admiración
re ra dicha con que se ve.

TEXT #6: Alonso Torices, 'Negro de Naudad' (Claro 1974:lxviii-lxxix)

Toca la flauta
siola flancica
toca la ve
qui mi caio de risa
que aia nueva
zigalo bosa merze
qui landiosa chiquitiia
a naciyo ya en Bele
tocalo bie
tocala be
yo solito quielo
vaia
tocal la multelo
vaia
sono la pandelo
vaia
canta la e coldelo
vaia
plima flasca toca.
Viste ussia ussie
que o plimo neglo
al siquiyo aleglalemos
mil cositas le tlaemo
y a la glolia cantalemo
que le le le
al sonsonetiyo
del zambacate.
di guinea salimos sambacate
pol que sano so plimo zambacate
y a buscaie venimos sambacate
que la vira nos de
ay ay que le le
al sonsonetiyo de sambacate.
se vesamo la mano sambacate
selemo coltessa zambacate
y si aora viyano zambacate
cabaiera dempue
zi contenta mi rio zambacate
quando yola di flio zambacate
porque sa chiquitiyo zambacate
tolo neglo lo be.
si a la mula yegamo zambacate
y si paxa quitamo zambacate
aplisita tolnamo zambacate

pol que cabe nure.
valagame jesuchlisa zambacate
que ri gloria sayeno zambacate
bela el niño en camisa zambacate
y que flio le le.
que lila lo moleno zambacate
en la paxa y el heno zambacate
el siñolo manue.

TEXT #7: Anonymous `Entremés del huamanguino entre un huantino y una negra [Huamanga, 1797] (Romero 1987:164; Ugarte Chamorro 1974:vol. 1, pp. 231-250). Fragments of *bozal* speech.

Justicia pide seño
una probe negra, conga,
porque toda mi mondonga
Huamanguino se comió ...
torara noche noche cocina
ra mondonga con ají
con seborbola y maní
para que tú me yeba? ...
yo son nengra, yo son ñata,
pero no conoce maccta.
Burbe pue lo que roba,
mi asarona, mi casuera
con que hace yo buñuera
para fieta Navidad ...
Mi tablaco y aquillotra? ...
Tu mi casuera yeba ...
Oya, y casuera se yeba
asarona con mocía
poro yo de su catía
ni una parabra sabega ...
aquí etá también pentiro ...
Clito ...
mestrío de motasnerio ...
qué destresa,
Huamanguino del demoño ...
A mi niñito de Angola,
criollito como ito:
Jesu y que mala so,
acaso yo pañula?
Acaso niño ... cara,
tan plieta como la mía?
Acaso plima Matía

aunque nengla es retostara?
Yo no son negra Saba
para trahe cocicosa
pero son negra amorosa
que corazón te da.
Ya tu siarito caliente
ya ra buñuero con mie,
ya empanara con papé
ya bien mercado aguardiente.

TEXT #8: Anonymous 'Entremés de Navidad' [Ayacucho, 1828] (Romero 1987:163; Ugarte Chamorro 1974:vol. 2, pp. 283-299)

Don Camacho, bueno ría ...
¿zapato ya ro has cosiro?
¿Ra zapato ro cosió?
eso re pregunto yo ...
aronde está ra zapato
opa macho, malo trato ...
sua opa vieco, qué remonio ...
te voy a atá
y fue te ha de apretá
remonio macho roguero ...
ya etá, vieco malo trato
¿a donde etá ra zapato? ...
ar fin, ar fin zapatero ...
¿tamarito quiere uté?
ra remonios te raré ...
¿traguito ra? ra remonio ... de ra
corera me muero
con este vieco mañero ...
Santa Rita mamayay
de ra corera me muero
vieco ra zapato quiero ...
aca cabayero ...
¿caballero aronde está?
¿esta noche es Navirá? ...
pue voy Beren brevecito
a ver ra Niño branquito
como reche, como quesuyo ...
niño mío
má que este opa malo trato
no me ra entrega zapato ...
yo nunca he visto
tan bonito la Berén

y a Jesucristo también
como reche tan branquito ...
Sumac niño cabayero
yo ya muero de alegría
pues a vibrar mosiquía
tú ra bajas de ra ciero.
Ra escravo re mundo entero
de contento bayrará
porque Niño romperá
escritura de ra escravo
y turo negro ar cabo
negro ribre se verá ...
esta tu nengra, amuyay,
como no sabe rezá
□qué diciendo aorará ...
lleva uté a tu masiquita
a ra ciero gerarquía
ayá ya te quereré
y siempre te ro amaré
turo noche, turo ría ...
a mi tayta Jesucristo
¿qué re riera, que re riera?
buñeritos con canera
y con pasas tamarito
tambien rarí mondonguito
rurasno merocotón
re sandía, ra merón
también taytay, te rare
también a uté
torito mi corazón ...
y también la nengra conga
dice: viva su Manonga

TEXT #9: From Felipe Pardo (1869), 'Frutos de la educación' [1829]

Ahí ta lo ingré.
Esa que come y niño Benaro
suciá cason.
Ta con señoron Manué.
Trasí pa la lavandera,
agua la burica, mi amo
señó Ruaro salé fuera.
Perico, risé, avisá
tu amita, yo queré vela.
Viní temprano también,

a la sei, tocá la pueta,
tun, tun, tanto tocá.
Taba a rumí la escalera,
¡gente, no tocá tan fuele!
¡Santo Río! ¡Tené paciencia!
¡Rejá rumí lo critiano!
Tocá ma, cogé carena,
amará pero, andá arento;
peri yabe ña Jusepa,
abrí pueta, entrá lo ingré.
Chaqueton branca.
Otra güeta salí las ocho, dempué
vení horita.
Onde señó
ron Manué.
Habrá no ma, tanto habrá.
Habrá lengua
sumecé, yo no entendí.
Niño no tai;
encontrá yave pegara,
abrí cuato, gritá ¡niño!
niño no repondé nara.
Bucá po toro lo cuato,
bucá rebajo la cama,
no paresé, ete papé
ensima la mesa taba.
Señorita rise é niño,
señorita, re chancaca,
samba coró re canela,
boquita re filigrana,
mulatiya.
En la equina con su mama
en a tiendesita ta.
Vende queso, vende pasa,
vende cuetesito, vende
semita, vende sigara,
y tiene tre muchachito
toro co la memo cara
re niño. Ay, Jesús, Jesús,
y réntico so a su taita.

TEXT #10: Felipe Pardo, from 'Tamalero' (Pardo 1971:99-100)

Señó, yo no só Ventura
yo só José Camulengue.

¡Miamo, porió, no enojá!
Yo no faltá a sumesé
puque sólo pregoná
tamá, tamale.
Ah señó, rejá vendé.
Lon branco só saca-cuento.
Un nengrito no má só
buen ecravo y buen critiano

TEXT #11: Felipe Pardo, from 'Lima contra el espejo' (Pardo 1971:184-6)

Mi amo señó Benarito.
Tú probá, señó,
a mi amo el señó oiró
se lo hacía así mi amita.
Lom propio, lom propio, así
lo sabía hacé mi amita.
Sabrosa ta señoíta,
en diabro so sumecé,
lom propio, lom propio hacé
en otro tiempo mi amita.
cuidá que no lon regüelva
po que se podé quemá.
Amará, mi amo, con pita
ese tamá fue, fue,
mangandi, llena cachete,
como lo ansía mi amita.
mi amo, porió, pecafríta.
Mejó seá bacalá.
Que ese so mi amo pecá
que len gutaba a mi amita.
Jesú, agua bendíta
le voy hora mimo a echá.
Ah, señó Santo Tomás,
sacá con bié a mi amita.

TEXT #12: Manuel Atanasio Fuentes, 'La libertad' (Biblioteca de Cultura Peruana 1938:289):

Anda uté, Neglo Flásico
anda uté, lo tabladiyo,
aya tá señó Potillo
que é caballero mu rico
ande uté, voto llevá,
que utena no irá de vare,
aya tá capitulero

lo dará a uté cuatro reares.
Luego que empuña la prata
y e papelito afrojá,
utena va derechito
a otra parroquia a votá
ya no cagá uté mas agua
ni tiene que tlabajá.
Ah, flasico, güeno tiempo
lo tiempo de libertá.
Lo blanco, y no compite,
nosotros só suirarano,
ola no ha negro, ni branco
ya somo, Flasico, hermano.
Ya no diremo a ninguno
ni amo, ni su mecé,
ya no somo tata pepe
somo Señor don Cosé.
Que ya sabemo tamié
que somo hijo de Dió
que adsí lo tiene escribiro
el señó libetaró.
Ah, Flasico ya podemos
decí que ya somo jente
glita u. viva aguariente
junto con la libetá.
¿Pero uté sabe, Flasico?
Yo quiele sé diputá.
¿Uté só capitulero?
Anda uté voto a bucá.
Yo só neglo, tiene plata,
tamié sabemo clibí,
cuando yo ta la congleso,
yo neglo, yo va dicí,
lo blanco, a tira calesa,
lo blanco a su agua cagá,
que ya lo neglo no sive
que ya tiene libetá.
Neglo será presilente,
neglo minitlo selá,
y neglo cantá la misa,
y negló será abogá.
Flasico, yo etá contento,
yo que le sé presidente,
glita uté, viva aguariente
junto con la libetá.

¿Qué cuenta tiene Flastico
con ese Seño Catia?
¿Qué cuenta tiene tamié con ese Seño Elia?
Uté no sacará nara
con ese minitlo Oleta
ni lo otlo ministro Galgo,
si no con la jente plieta.
Si só blanco, dale duro
ello siempre no sabá,
ahola só lo gueno tiempo
de aguariente y libetá.

TEXT #13: From Eudocio Carrera Vergara (1943), *El gran doctor Copaiba, protomédico de la Lima jaranera*:

Ay, mi amito, un prato den güevo frito ...
Ay, amito, a refrescá la mollera.
Sacará pallantanfuera remonio der gato que quiere arañá er neguito cuidará a Francica

TEXT #14: From Enrique López Albújar (1966), *Matalaché*:

Ah, es el capataz, un mulato con más ínfuras que un marqué y que to lo hase como favó.
Vaya, mi hija, porque no hay na que se haga en la frábica sin consultá a ese nego chala de mis pecaos.
Que Dio, nuestro seño, ma libre de él. Ma melindroso. Como que etá muy valío porque lo blanco de allá abajo lo prefíén pa sus neguitas.
Porque molesto er seño, según me dijió ño Antuco, ar día siguiente de haberla entregao yo al nego chala, mandóquitala y ponela acá arriba, junto conmigo, hasta que vos vinieras.
Aquí onde usté me ve, así tan rangalida, sé muchas cosita pa entretené, niña, y muy buenas pa matá el aburrimiento cuando se está tan solita como su mersé. Para eso manejo yo las carta que hay que vení ojos a ve, manque paresca alabanciosa al desilo. Y también las hago hablá y desí la güena suerte.
Ese cuarto nues pa la vieja como yo, sino pa la mocita melindrosa. Por eso tiene un nome tan feyo que no se puere prenunciá alante niña honesta.
Yo no sacaro, José Manué. Mangache cantao así y neguito congo aprendió canto.
Nega Casilda no moletá, amita. Ella ayudao matá cabrita José Manué, y pa nego congo na.

TEXT #15: From the pregón 'El negro frutero' (Ayarza de Morales 1939:5-8):

yu vendo yuva zambeta pala niña que so bonita,
yu vendo manzana helá pala niña enamorara,
yu vendo albaricoque, mi amita no se sofoque,
¿quien rice que esa chirimoya tié pepita?
¿quién rice que esa naranjita no so ruce?
Cuando sargo yo a vendé me grita Pancha ar pasá

negrito caracundé ven que te quiero comprá
mi negra chicharrora que contenta se pondrá
cuando coma er meloncito que le voy a regalá ...

TEXT #16: Fragment of folk song from Ica (Donaire Vizarreta 1987:39-40)

Jesú a rónde va
el negrito parapantá?
a comer sandilla
con su Francisquilla ...
en Ica Francisquilla
tierra de ma ma la má
abunda la sandilla
como tu parapantá.

TEXT #17: From the novel *Monólogo desde las tinieblas* (Gálvez Ronceros 1975)

Patora, tú que sabe equirbí, hame una cadta pa mandásela hata la punta e la Ila a ese caporá Basadúa que nuetá acá y sia ido pallá depué quiabló mal de mí. Yo te vua decí qué vas a poné en er papé ... ya, tata, vua traé papé y lápice ... ponle ahí que su boca esuna miera, que su diente esota miera, su palaibra un montón de miera, miera esa mula que monta, miera su epuela, miera su rebenque, miera el sombreiro con quianda, miera esa cotumbe e miera diandá mirando tabajo ajeno ... léemela Patora, a ve qué fartra ... quítale un poco e miera a ese papé...Dile quel no sabe agadá lampa, que su cintura se quierba como carizo pordrido y se le ariscan la mano como la jeta del buro. Que nunca se viun hombe que le recule al deyerbe. Dile que no endereza yunta, que la yuntas lo empujan a él, que se van ponde quieden y lo surco le salen pura culeirba torcida. Dile que tampoco sabe regá, que lagua en su mano es agua cruzá que se le ecapa e lo surco anegando el sembío y haciendo un charco temendo. Que la semía abre su brote pa que levante y derame su jruto, no pa ponese a nadá. Y dile tamién que su plantas se pasman, quiandan chamucá y encogía poqué no sabe ninguna cosa e gusano, quialo gusanos no se le buca de día sino de noche...

TEXT #18: AFRO-PERUVIAN PHONETIC EXAMPLES

1. Examples of the shift /d/ > [r]:

ecribiro [escrito] (P-7); estornure (P-1); habiro [habido] (P-8); libetaró [libertador] (P-7); porió [por Dios] (P-9, P-10); puere (P-8); rebajo (P-11); rejá (P-10, P-11); rió [Dios] (P-11); sacaro (P-8); suirarano [ciudadano] (P-7); toro/turo (P-1, P-3, P-4, P-11)

2. Examples of the shift of intervocalic /r/ > [l]:

afuela (P-1); ahola (P-7); dilá (P-5); moleno (P-3); palese (P-2, P-3); quiele (P-7); selá (P-3, P-7); siolo/siola [señor/señora] (P-1, P-2, P-5); velema [veremos] (P-5)

3. Examples of the change /r/ > [l] in onset clusters:

aleglar (P-5); aplisa [prisa] (P-3); coflades (P-5); compondlá (P-5); congreso (P-7);
estleya [estrella] (P-5); flasico [Francisco] (P-3, P-5, P-7); ingré [inglés] (P-11); minitlo
[ministro] (P-7); neglo (P-1, P-2, P-3, P-4, P-5, P-7); nostla [nuestra] (P-5); otlo (P-7);
peseble (P-5); plebenga [prebenda] (P-3); plieta (P-7); plosesion/plosesiona [procesión]
(P-1, P-3); siembre (P-7); tlabajá [trabajar] (P-7); tlas (P-5); tles (P-5); tlopa (P-1)

4. Examples of loss of syllable-final /s/:

(17th century): admiremo (P-3); benimo [venimos] (P-3); comamo (P-3); cuidemo (P-3);
entlamo (P-1); hagamo (P-3); Jesús (P-4); mandamo (P-1); podamo (P-3); saquemo (P-3);
seamo (P-3); yebaremo [llevaremos] (P-3);

(late 18th/early 19th century): bucá [buscar] (P-7, P-11); clibí [escribir] (P-7); critiano
[cristiano] (P-10, P-11); Dió (P-7); diremo (P-7); ecravo [esclavo] (P-10); equina
[esquina] (P-11); Flasico [Francisco] (P-7); ingré [inglés] (P-11); ma [más] (P-8, P-11);
minitlo [ministro] (P-7); moletá [molestar] (P-8); sabemo (P-7); sei (P-11); somo (P-7);
tamale (P-10); toro lo cuato [todos los cuartos] (P-11); tre muchachito (P-11); uté [usted]
(P-7); utena [ustedes] (P-7);

TEXT #19: Response by 'Juan de Arona' (Pedro Paz Soldán y Unanue) to Ricardo Palma's
Semblanzas, published in *El Comercio* (Lima), 17-VV-1867. In Tauro (1961:12-14); see also
Holguin Callo (2000)

Campanerito de mi ánima
jacé bien en repicá,
que en eta tierra no mama
el que no sabe llorá...

Campanerito de mi ánima
tamarerito se va...

¿Puque etá tú en campanario
no conoce ya a mí? ¡Guá!
So yo mulato ¡canario!
que te arima pa detrás ...

Campanerito ...

Le aremetites en grande,
atrapate un dinerá.
Angora, dijites, mande
sumecé en mi voluntá.

Campanerito ...

Cochino tú con el amo
te motrate cual no má,
pue te hicite luego ¡zambo!
harina de otro cotá

Campanerito ...

Con la limona y el santo
alzates en tu embajá
juyéndote con el manto
de rojo y de liberá.

Campanerito ...

De Palacio en la cocina
te improvisate oficiá,
pelá te vide gayina
a jentrar con mi tamá.

Campanerito ...

Tú también aderestate
la boda dictatoriá;
más repente ya cambiate
y te fuite a repicá.

Campanerito ...

De juro que te pillaron
en alguna habilidá,
y por eso te pujaron
de la región oficiá.

Campanerito ...

Te arimates al primero
a quien pudite explotá,
haciéndote “Farorero”
de Barta y Comunidá.

Campanerito ...

Con la música a otra parte

te despacharon de acá,
a que fueras a enrolate
con lon monito de allá.

Campanerito ...

A la potre, semblancero
te has jecho sin repará
que a machuco semanero
tengo mucho que sacá.

Campanerito ...

Sigue, sigue, campanero,
Ssgue, sigue sin cesá,
mucho queda en el tintero
de tu amigo taita Juá ...

Campanerito de mi ánima
tamarerito se va...

TEXT #20: From the song “A sacá camote con el pie” by Caitro Soto (Soto 1995:70)

A sacá camote con el pie
a sacá camote con el pie

María del Carmen ‘taba buena,
de repente hocico ya quemó;
molino, molino, molinar,
molino solo ‘tá andando

A sacá camote con el pie
a sacá camote con el pie

Andá uté, negro Fraicico, que allá ‘tá capitulero;
luego que ampuña la plata
y el papelito afrojá’
irá uté derechito
a otra parroquia a votá’

Quebrante boriquita,
boriquita quebranta

Qué remonio de borica,
que no quiere caminá’

A sacá camote con el pie
a sacá camote con el pie

Afro-Bolivian texts (20th century)

TEXT #1: From Afro-Bolivian stories (Paredes 1984:299f.; 1987:146f.)

Mile patloncito, costal vacío no puede palarse ...

Mile patloncito, costal lleno no puede doblarse ...

me voy pa el pueblo, vas a vigilar bien a tu comagre porque el Pedrito está por acá. Si le pego en el poto, mi lo meto más adentro, si li pego en la cabeza mi lo besa mejor dejaré que terminen ...

Mañana mismo, negrito flegado, compra una frazada. Calentate perno con el sol bendito, qué frazada ni que merda ...

alita comí, colita prové, me gutó pichón, mero acabé. A vijto so negro choropa ... mirá negro nigüento, a ejte por ladrón lo clavarón, lo mismito haré con voj... ¿pol qué lobaste? □por qué pue? Ya no lobes m'i tatingo, □lo quiere mi lolocingo? Su loco del polbe negringo se la pala ujté, en caneco grandísimo le traygo su agüita de tinaja pa su sé. Ya no lobe puej. Sea bueningo, no le hagan charque con el trazado del mañazo e la esquina ...

Ya no pue m'hiniigo vengas con tapequi voj te ensebas el pico y te engordás la tripa con tu comidita.

Yo no sé comer, prontito irás al cielo con los angelitos, la Mamita Virgen todito lo buenos, démelo comida a los pobres cuantingo le pidan. No le sague al prevendao, usté le dará las cascaritas de lo que monde en la cocina ...

Manda el señó bísopo a decí que cómo se ha amanecido, que le mande pue la miera de oueja que le dijo ...

Patroncito, le trayo pué el hay y el no yan. Meta no ma sin pena la mano en este otro bolsillingo ...

Está bien mi amito. Aquí loy perdido aquí loyde hallar ...

señó diablo, si usté jela tan poleloso se dentalía en eta boteinga ...

Pala que lecuelde dialbito, tenga su castigo. Salga, y la oleja mía, colto en el latito.

TEXT #2: From an Afro-Bolivian story (Pizarroso 1977: 111-115)

Buenas noche, cumadre ... □qui tiene?

Cayá, cumadre, no yoris. Todo arreglari yo. Pero tienes qe darme tu ternero.

Gueno, ti lo voi hacer--il tal es, quil promesa lo cumplas. Il ternero prieto ... mi lo darás in cuanto il obra ti lo haga.

Mamita, el obra te loi cumpliu. Loi matau con macheti, a cumpadre in chumi, nada minus. Istá bien matau. No es quién velva! El ternero prieto lo llivaré. Loi hecho feliz al cumpadre.

Gueno regrisaré, cuidado con yo.

Buen día mamita, ya hi regresao al indicación, mi lo das al ternero, o di como vamos arriglar.

Porque cuidado con yo. Porque di yo voi ir donde el Corregidor, y ti vas a ir a sicarte il cárcel, porqui di vos mamita, istas di relación grande con cumpadre **Utahuahua**. Bueno, ¿no mi rias? Cuidado con los pisaris!--di ahora mismo o voy decir Corregidor.

Mi debe, di lo que corté pescuezo di marido di mamita, in pago de ternero, porque mamita vive con nuevo cumpadre el **Utahuahua**.

TEXT #3: From Angola Maconde (2000:13-14):

Cho, hasti tendé huajaya in eje cotencia, nuasti olvida di remira, cumu ta un poco chaypu, no vaya a

chojtá, no tengo ni poco pa volia {por favor extiendes un poco de coca en el mantel, no te descuides de observar el tiempo, como está un poco nublado, si le moja la lluvia se pondrá negro, no tengo ni poco para mascar o acuytar]

Hasta que día nojotro va ta in fiesta, eje día qui yo mia dició, yo no fue jai. Quilaya pue tía ta, andi pue ote va anda, ote va vini o no. Ote wuawuay quién pues, di tía pituca ¿lu juamía Flore? [Hasta que día nosotros vamos a estar de fiesta, el día que usted me dijo, yo no fui. Como te encuentras tía, donde te vas a caminar, podrás venir o no, hijo de quien eres, de la tía Petronila ¿de la familia Flores?]

Afro-Colombian texts:

COLOMBIA (17TH CENTURY) (texts in Perdomo Escobar 1976)

Anon. 'Que me manda buen zanze' {C-1}

Anon. 'Turu lu neglo' {C-2}

Anon. 'Vengan, que lo plegona la negla' {C-3}

Cascante, Joseph de (1620-1702). 'Cucua, cucua' {C-4}

Contreras, Julián de

'Niño de Diossa' {C-5}

'Teque-leque' {C-6}

TEXT #1: Anon. 'Que me manda buen zanze' (Perdomo Escobar 1976)

que me manda
buen zanze
vaya, plima, vaya
de zulambaque
que plimo de zulambaque
al reye que va en carroza
fiesta hacemo
que le alegla
pol que sepa
que lo negla
samo vasalla bliosa
que echando de la gloliosa
bailamo haciendono varas
hacemo mil sonsonete ...
Pol donde lo reye van
pala hacer mucha entlemesa
con bonete en la cabeza
y camisón de Ruan
se vistió de sacristán
un neglo de monicongo
con su caraça de hongo
y al reye quitó el bonete ...

TEXT #2: Anon., 'Turu lu neglo' (Perdomo Escobar 1976)

turu lu neglo
saltemo y baylemo
colamo, dansemo
y hagamono varas
turu lu neglo
de Santutumé
turu lu neglo.

TEXT #3: Anon. 'Vengan, que lo plegona la negla' (Perdomo Escobar 1976)

vengan vengan
que lo plegona la negla
que la negla lo plegona
con vose de caramela
vengan a ber
comeria nueba
que la negla representa
del Dioso recién nacido
y su madre hermosa beya
ay hermosa beya
de su madre hermosa beya
que ya empiese
cayar
que ya salen a cantar ...
vengan
y su madre hermosa y beya
pulque flacica se empiese
canto do re mi fa sol
miguel tujo un fasistol
con un motete de a trese.
salio Antoña bisarra
a echar la copla plimela
vestida de saya en tela
con tamboril y guitarra.
Un Rael y un almilece
un coro de sinfonia
y un tenor de chilimia
para que, para ayudar.
el Alonso de Mudarra
metido en un tahali
asicate y borsegui
y ropa de levantar.
Flaciquilla de puntiya
haze el Papel de galán
vestido de tafetal
media de pelo y golilla.
Linda la comeria fue
y con la argumenta deya
de una parira y donzella
en la pultra de Bele.
lleva lingorra amarilla
con gansota y martinete

y un biscaino machete
pala il haciendo lugar.
La mula iso su pape
sin ponerse tu por tu
hablo buei y dijo mu
y no puro mas ablar.
Y viene el canario
canario bona
derufaiifa
silon Dioso
me da lvida

TEXT #4: Joseph de Cascante, 'Cucua cucua' (Perdomo Escobar 1976)

al plimiyo que adoramo
hazele fiesta quelemo
pues bailemo usia
la pranta se mueve
de alegre que sa gurumbe
la gala se la yeve
sio Manué.
todo lo neglo quelemo
regosija y contenta
celebra la nacimienta
que de lon Dios que tenemo
bayla plima.
A siola Donzeya
le dalemo palaben
que al siolo Manue
palió tan linda
y tan beye, toca plima.

TEXT #5: Julián de Contreras, 'Niño de Diossa' (Perdomo Escobar 1976)

si tlaemo culasiona`glagea con cañelona
manzana, pela, y tulona
aunque no ha de comé.
De Guinea salimo
sambacaté.
Toca la flauta
siola Flacica,
tocala ve.

TEXT #6: Julián de Contreras, 'Teque leque' (Perdomo Escobar 1976):

teque-leque to colo
to que naze lon Dios
que llorando esta
y biene a los neglos
a dal libelta
... que samo neglito
que andamo jolmal ...
plegona flasica
que ay buena pinaca
salandanga, mandinga
surunga surumba
totiya remendra ...
teque leque
sarangua sarangua
que samo neglito que andamo
el sonal sarangua
caminemo plima
y venimo ya
regalo a chiquito
pala plesenta ...
plegona tu crara ...
teque leque
pala que puchelo hacemo
digamelo bosance
que parece que yolamo
y la laglima assomamo
sin pulque ni para que
aleglemosle y juaniya
la negla bliosa
que se coma, le buya
le coma, le pique
le blinke i le salte lo pe
aleglemosle ...
ha usihe
que fase nublala ...
si venimo la pastola
cun plesente a la siola
y pul diosa y aleadola
lo negliyo de santutume ...
aleglemosle y juaniya
la negla bliosa
un sono si yo le
a la tan gloliosa ...
si a naciro de una estreya
y venimo sol por beya

por essa pula donseya
y le besamo besando el pe ...
puchelo hacemo
que tenemo
que quelemo
digamelo bosance
que le pase
que yo lamo
y da la glima
asomamo
sin pulque
ni palaque
aleglemosle
y juntiya la negla bliosa
que le coma la buya
le coma le piqueles
blinke y salte
lo salte lo pe ...
si tlaemo la flautiya
sacabuche y chilimia
la bajona, colnetiya
sonajiya y cascabé ...
si quando venimo hablamos
y sa niño y no pantamo
que aunque neglo
no tiznamo
polque sa de bona fe.
Si bailamo cum contenta
a su santa nacimenta
y lo branco es atenta
debe lo negliyo corre ...
si polque digan quien baya
le tlaemo papangaya
y turo pala aleglaya
le cantamo cum plase.
Niño de diossa
pol Jesumclisa
que tiene una cosa
que pelico Flastico
con Juaniya
mi sabe entendé ya
ni puele decí ya
que que quele
aleglemosle
y juntiya

la negla bliosa ...
si venimo cum cuntenta
a su santa nacimenta
tocando tura istrumenta
cantanto lo sanguangueque.
Si tlaemo culasiona
glagea con cañelona
manzana, pela y tulona
aunque no la ha decome.

TEXT #7: Alonso Torices, 'Toca la flauta siolo flacica'(Perdomo Escobar 1976)

toca la flauta
siola flacica
totala be
qui mitaio
y de risa
qui lan diossa chiquitira
ha naçiro
ya en Bele
totala bee
yo solito
quielo tocal
la multelo
sono lo pandelo
cantala e coldelo
plima Flacica, toca ...
que lo plimo neglo ...
al siquiyo aleglalemos
mil cositas
le tlaemo, usie,
y la glolia cantemo ...
que le al señjó
al sonsonetiyo
de Zambacate.
que aia nueva
sigalo vosa-merze
totala bee, vaia
toca ussia
que o plimo neglo
al siquiyo aleglamo,
mil cosita le tlaemo
y a la glolia cantemo ...
Di Guinea salimo ...
y a buscaie venimo ...

ay, que vilanos ...
si besamo la mano ...
y si ahora viyamo ...
cabayela den ...
si a la mula yegamo ...
aplista tolnamo
pulo quel flio ...
polque cabe nure ...
Si contenta
mi vió ...
porque sa
chiquitiyo
tolo neglo ...
valgame Jesuclisa
vela el niño
en camisa
y que lo flio ...
güelita lo molemo
en la paxa
y el heno
el siolo
Manue ...
zambacate
pol que samo
lo plimo ...
que la vira
nos de ...
selemo coltesa
cabayela
desque ...
cuando yola
di flio
todo lo neglo
lo ve ...
y si paga
quitamo
o que el
flío tole ...
que si glolia
sayemo
el siolo
Manue ...

TEXT #8: Candelario Obeso, *Cantos populares de mi tierra* (1960)

Conviene a sabé que apena
se jalle en su romicilio
le cuente a toito er mundo
lo que aquí en Colombia ha vito;
Riga cómo ciuraranos
son er negro, er branco, er indio ...

TEXT #9: Jorge Isaacs, *María* (Isaacs 1967:374):

Buena tarde, ño Gregorio ... sí señó; suba pué ...

TEXT #10: Arnaldo Palacios, *Las estrellas son negras* (1971:28)

No puero, ujteren pol que son tan abusivo, sárgase ... lo que sucere é que yo voy a pejcá ...

TEXT #11: Eduardo Zalamea Borda, *Cuatro años a borde de mí mismo*, (1958:39)

¿□Tú ere cachaco, vetdá? Si se te conoce en el modo de hablá ... Yo soy amigo de un dotó de Bogotá que etá en er Hoté Americano, donde mite Bob ... Eta e la calle latga.

Text #12: AFRO-COLOMBIAN PHONETIC EXAMPLES

1. Shift /d/ > [r]

comeria [comedia] (C-3); naciros (C-6); parira (C-3); puro (C-3); turo/tura (C-2, C-6)

2. Shift of intervocalic /l/ > [r]

alegla (C-1); colamo [corramos] (C-2); dalemo (C-4); pala (C-6); palece (C-6); pastola (C-6); pela [pera] (C-5); plimela (C-3); quelemo (C-4, C-5)

3. Shift /r/ > [l] in onset clusters

alegla (C-1); Flacica (C-5, C-6); madle (C-3); neglo (C-1, C-2, C-3, C-4, C-6); plegona (C-3, C-6); plimiyo (C-1, C-4); tlaemo (C-5)

4. Loss of final /s/ in *-mos*

(17th century): adoro (C-4); hacemo (C-1); salimo (C-5); saltemo (C-2); samo (C-6); tlaemo (C-5, C-6)

5. Loss of final /r/ in infinitives:

comé (C-5); decí (C-6); entendé (C-6); plasé (C-6);

6. Shift of syllable-final /r/ > [l]

helmosa (C-3); libeltá (C-6); pol (C-1); pulque [por qué] (C-6); pulta [puerta] (C-3)

7. Paragogic vowels in early Afro-Colombian texts

Dioso/Diossa (C-3, C-5, C-6); reye (C-1); siolo (C-4); tulona [turrón] (C-5)

Afro-Mexican texts

- Anon. 'Adió, negrito' [Costa Chica de Guerrero] (Mendoza 1956) {M-1}
Anon. 'Ay mi Río' [Veracruz 18th century] (Mendoza 1956) {M-2}
Anon. 'Fasicos' (Mendoza 1956) {M-3}
Anon. 'Hy, hy, hy, que de riza morremo' [17th century] (Megenney 1985) {M-4}
Anon. 'Negrilla: 'a palente a palente' [1649] (Stevenson 1974:52) {M-5}
Anon. 'Negrilla: por selebrar este día' [mid 17th century] (Stevenson 1975:83-4) {M-6}
Anon. 'Ya lo ve como no me quere' [Puebla, 18th century] (Mendoza 1956) {M-7}
Cruz, Sor Juana Inés de la. Several Africanized *villancicos* (Cruz 1952) {M-8}
Fernandes, Gaspar [early 17th century]
 'Dame allbricia mano Anton' (Stevenson 1975; Megenney 1985) {M-9}
 'Eso rigor e repente' (Stevenson 1975; Megenney 1985) {M-10}
 'Tantarantan a la guerra van' (Stevenson 1975) {M-11}
 'Tarara tarara qui yo so Antón' (Stevenson 1974, 1975; Megenney 1985) {M-12}
 'Tororo farara con son' (Stevenson 1975) {M-13}
Gutiérrez de Padilla, Juan. 'A siolo Flasiqiyo' [1653] (Stevenson 1974, 1975; Megenney 1985) {M-14}
Moratilla, Francisco. 'Ha neglillo' [Morelia, 1723] (Mendoza 1956) {M-15}

19TH-20TH CENTURY TEXTS

- Anon., "Los negritos," a *son jarocho* recalled by don Daniel Cabrera, Mandinga, Veracruz (Martínez Maranto 1995: 562) {M-16}
Anon., imitation of black worker from Acapulco (Torres Quintero 1931:213-14) {M-17}
Cabada, Juan de la. *La guaranducha* (Cabada 1980) {M-18}
Gavila, Fernando, 'La linda poblana' [1802] (López Mena (1992) {M-19}

TEXT #1: Anon. (Megenney 1985):

que de riza morremo contenta.
que aregría que temo
pos la santa nacimiento deste Deos
o que nasce na seno.
sá blanco nao sá moreno
e may sá nosso palente.
azuntamo turo zente
cos flauto y os bitangola.
birimbao,
cos viola, cos arpa, e cascaué.
Agregremo esse siola
os menino e Sa Zuzé.

TEXT #2: Anon. song from Puebla (Mendoza 1956):

Ya lo ve como no me quiere,
no me quiere como yo,
y dice que la mujere
no se mueren de amó.
Ya lo ve como tu carricia
no comprende mi doló
y muero y de la tiricia
se adficia mi corazón.
Ay, mi Rió.

TEXT #3: Anon., Michoacán (Mendoza 1956):

Ha negliyo, ha negliyo de Santo Tomé,
vaya de vuia de festa y placé
y arruyemos al niño que nace en Belé
con la tonadilla del Zanguangué.
Ha plimiyo, ha plimiyo, negliyo Maltín,
arruyemos al niño que quele dolmí,
con la tonadiya del Zambucutí.
Ha negliyo, ha negliyo, plimiyo Gaspá,
arruyemos al niño que está en el poltal
con la tonadiya del Tapalatá.
Vaya, vaya el sonsonetiyo de la runrún,
que se duelme lo niño Jesús.
Al Dios que sa na siro
con sonsonete que alegla
contamo la gente negla
como en Angola un tiniyo.
Maria Facica quiere casá
con home banco de Portugá.

TEXT #4: Anon., Oaxaca (Mendoza 1956):

Adió neguito,
Me vite y llorá negrita de amor
y no te olvidará ni pena ni dolor.
Me da un abrazo pué de ultima ilusión
si cantas ya lo sé que baila este son.
Adió, tierra caliente, y langohta amarilla
se sale muy valiente llevando fiebre amarilla.
Andale neguito, ándale pue hombre
sálgale chulito, ninguno lo asombe.
Sígale neguito
a todito giro
como canarito, de último suspiro.

Báilale neguito, cántale de amó,
mira mihtequito árame pue, Dió.
De eta cota rica me alegra el corazón
de despide el alma mía
que baila este son.

TEXT #5: Afro-Mexican Baroque *villancico* (Mendoza 1956):

que de riza morremo contenta.
que aregría que temo
pos la santa nacimiento deste Deos
o que nasce na seno.
sá blanco nao sá moreno
e may sá nosso palente.
azuntamo turo zente
cos flauto y os bitangola.
birimbao,
cos viola, cos arpa, e cascaué.
Agregremo esse siola
os menino e Sa Zuzé.

TEXT #6: Gaspar Fernandes 'Eso rigor e repente' (Stevenson 1975; Megenney 1985):

e so rigor e repente
juro aqui se ni yo siquito
que aunque naçe poco branquito
turo somo noso parente.
No tenemo branco grande
tenle primo tenle calje
hu su si he ju si ha paraçia
toca negriyo tamboritiyo.
Canta parente.
Sarabanda tenge que tenge
ese noche branco seremo.
O Jesú que risa tenemo,
o que risa Santo Tome
vamo negro de Guinea
a lo pesebrito sola.
No vamo negro de Angola
que sa turu negla fea.
Queremo que niño vea
negro pulizo y galano
que como sa noso hermano
tenemo y fantasia.
Toca viyano y follia

baylaremos alegremente.
Gargantiya regranate
yegamo a lo siquitiyo
manteyya, reboçico,
confite, curubaçate de curiate,
faxuela, guante, camisa,
capisayta de frisa,
cañutiyo de tabaco.
Toca preso pero beyaco
guitarria alegremente
toca pariente.

TEXT #7: 'A siolo Flasiquiyo' by Juan Gutiérrez de Padilla (Stevenson 1974, 1975; Megenney 1985):

A siolo flasiquiyo
que manda siol Thome
tenemo tura trumenta
templarita cu cunsielta
si siolo ven pote avisa
bosa mise, que sa lo moleno ya,
cayendo de pula rrisa
y muliendo pol bayla
llamalo, llamalo aplisa
que a veniro lo branco ya
y lo niño aspelando sa
y sea legla
con lo zam bamba
con lo que cumbe
con lo cascave,
si siñolo Thome
repicamo lo rrabe
ya la pandereti
yo Antón, baylalemo
lo neglo al son.
No pantemo a lo niño sesú.
Turu neglo de Guinea que venimo combirara
y pluque lo branco vea quere branco
nos sel vimo con vayal de untamo plimo
y hale me a lo niño bu.
A detla e su criara,
munglave con su liblea.
De me rico y si lujamo
se vista Minguel aplisa
pues nos culase su chisa

las helilas con su mano.
Bayle el canario y viyano,
mas no pase pol detlas
de mula que da lasas,
de toro que diramu.
Antoniyo con su sayo
que tluxo re puelto rrico
saldra vestiro remico
y Minguel de papangayo
y quando yeqye adorayo
al niño de dira asi
si tu yolamo pol mi,
yo me aleglamo pol tu.

TEXT #8: Gaspar Fernandes, 'Dame albríçia mano Antón' (Stevenson 1975:121f):

dame albríçia mano Antón
que Jisú nace en Guinea.
¿Quién lo parí?
Una lunçuya y un viejo
su pagre son.
Yebamo la culación,
yegamo ayá,
que ese cosa me panta.
He, he y como que
yegaré y miraré.
Ha, ha y como que
yegará y lo mirará
y turo lo negro lo bayará.
Su magre sa como treya
ya lo niño parindero
cumu lubo y orandero
las mi guitaída eya
ya bullimos pie por beya.
Yegamo ayá
que ese cosa me panta.
Turu neglu lo gayero
subi luego lo cagaya.
Yebemole asi su un sayo
unas pañas y un sumbrero.
Yo quere mira primero.

Gaspar Fernandes, 'Tantarantan a la guerra van' (Stevenson 1975):

Tantarantan a la guerra van.

As visto Antón esta gente y soldadesca cristiana?
Como este gente que miras ay en tu tierra guerreros?
Ya la conocemomana que son soldados baliente aunque
son barbiponiente desbarbara saor denara y salen en
camisa ra como aya en mi tierra propia. Mucho abad
y balesteros no valente le mentilas haren mised de la
vi las gente pleta con bonetas que turu mundo respetas
y a las guerras van contentos.
Es así que en Etiopía tiene mucha el Preste Juan
Antón si temos le cuenta ay famosos oficiales?
Sí que tienen bastimentos de modo mito vimo y veras perelas
hileras grades soldados habatos?
La música angélicas y la que toca turmenta va musa
gente le alente muna si y a genti siya. Veya casa
Malandiya que silbe soldado en e terra.
Mana para nombajos santo nofli opeldiguerras va musa
gente libelas gente onrra rasiprivamos. Musa diestlo
por espados son famosos pues en ombros llevan a su capitán.
Gaspar Fernandes, 'Tururu farara'(Stevenson 1975:146f):
Tururu farara con son para san pura vira mia si parida san
María san ispañol su coraçon.
Si parida san María san pañol su coraçon.

TEXT #9: Anonymous 17th century *villancico* (Stevenson 1974:82):

qui yo soy Antón
ninglito li nacimiento
qui lo canto lo mas y mijó.
Yo soy Anton molinela
y ese niño qui nació
hijo es li unos la lablalola
li tula mi estimación.
qui yo soy Antón
qui lo mas y mijó.
Puleso mi sonajiya
cascabela y atambo
voy a bayla yo a Belena
pultilica y camalón.
Milalo quantu pastola
buscando a la niño Dios
van curriendo a las pultale
pala daye la adolación.
La sagala chilubina
vistila li risplandor
las conta sus viyancica

gluria cun compas y son.
Las pastola traen las niño
comu alibina plato
sus cuidela y urejita
mantiquiya y riquisón.
Solo las mula y la bueya
juntito li mi siño
uno y otro cayalito
causa admilación.
O mi siño Do Manuela
niño lipiti flor
las consuelo li las almas
lumbe li mi colasón.
Mi sinula Malía y Jusepe
no la buena tila doy
de las niño en que uno y otro
logra tuda su afición.

TEXT #10 Anon. *negrillos* (Stevenson 1974:52, 79-80, 83-4):

NEGRILLA #1

a palente a palente
que que le señol neglico
que bamo a lo portalico
a yeva a niño plesente
vamo turu de repente
ante que vaya pastora
y si a lo niño que yora
le pantamo que halemo?
uno baile baylemo
y sera la puelto rico
que la niño duerme.
lo neglo venimo
a la nacimenta
tocando trumenta
y a niño selvimo
copriya decimo.

NEGRILLA #2

por selebrar este dia
una cafila de neglos
a el son de sus atambores
cantaron aquestos bersos.

aunque neglo samo
caravali gente samo
a bogle qui canta aquí
a lo niño rioso qui naze ayí.
baylando y cantando
cuacuarani.
sambia punga mariquiya
turu la neglo vini
a la fieza de lo niño
bonito como carmín.
suena la tanbore Anton
tira la chacayia
qui la enfara tabaco
a lo ispañol gachupín.
Salga la ninglo Bastolo
monicongo canta aquí li
asiendo los guigorite
mijó lo que pinjil.
Pabliyo qui se escondió
detrás de Andrés
cante la rre mi fa sol
aunque canto la rre mi.
Lo lensiyo de ginea i cusina
aquí salí piselumble
a lo misias as
de lemos cuatrerros mill.
Espelansa mazabique
vini un poquiya aran
los mulata enbusera
turu amiga veminti.
Luele sia salica fuera
que viene mucho guipidelo
boracho undique la Montesuma
la gintil Montesuma.
Turu sali de rrepente
cantando turu vini
aria fiesa y tambole
la ningliyo disí así.

TEXT #11: From *La guaranducha* (De la Cabada 1980):

¡Ay, mi vidita! ¿Tú bai ...?

Yo bailo danza ...

Yo bailo polca

Ay, mi señora, de tanto que yo te amá ...

Nosotros' queremos'.
Monina no quiere
Ay, mi señora,
con ansia beberemo;
Empoma, empoma
y en rica yagua empoma ...

invítamo' a todo' a almorzá
e'cabeche blanco
y en pibí'
una conchinita de la Chich.

Yo digo entonse' que salga ya
la guaranducha toda a bailá'
que el pueblo muestre su calidá'
a esa duquesa de sociedadá ...

Eleguá, eleguá,
l'arró, que vamo' a pilá.
Y a pilá y a pilá
lo' día' de carnaval ...

Macario (el Chino):

Mi mayolá, mi mayolá, yo quelé casarme con la negrita Clitina.

Déjame, por Dió', Franshico',
no me siga' molestá,
que ya me encontré otro rico
en lo' día de carnavá.

No de'precie', Dominguita.
de e'te negrito el amó,
que le has dado con tu flecha
en mitá' del corazón.

Déjame, por Dió', Juansico,
no me siga' mole'tá.
Te serviré de rodilla'
delante de tu cuadrilla.

A lo; bueno' ñame',

plátano pintón ...

Pue' na' nan, señó Jué', que yo, como nan' cocinero, me alevanté a la' tré' e la mañana preguntando po' la casa 'e nan Figueremo.

¡Subusu! Y vamo' del tiro a vé', señor don Candemo, ¿qué se le ofrece, qué busca por acá?

Pué' nanaita, señó' jué', que ya nanansé tré' día se salí' nanchiquitín de nancasa y no ha volvíó, y to' esto neguito que tan aquí me 'ice que tó lo tené' econdío.

¿Que yo lo tené econdío, Candemo? Bueno, dime, ¿cómo se llama tu hijo?

Ese mero nandi-quería yo decí', señó. E' que la lengua enredáa, trava.

Bueno' día' nanpapaíto.

Bueno' día', nanchiquitín. ¿Y a'onde nangandá tú?

Nanpasiando.

¿Y po'qué te nanjuí'e la casa?

Po'que tú nanmaltrata'.

¿Cómo e' eso de nanmaltrata? □ Ya no recordá que yo te comp'á tu sombrero tu camisita, tu mediecita, tu levítica, tu zapatica, tu pan? Ah, ora que recordá. ¿Y la nanrelojita?

Nanvendí.

¿Y nanplatita?

La jugué en el güesito: topo, paro, pinto. ¡Tiro el dao, pego un brinco y caigo parao!

¿Conque ya tú sabé jugá' güesita? ¡Criyoyo, tripa quemáa!

¿Quié'ci entonce' que

po' que yo e'toy ante l'otoridá no pueo
regaña m'ijo? Pue' agárralo, ai te
lo dejo. ¡No lo necesita!

Pue' yo, señó, queré que aprienda
una juerejuicia

Esa mera nanquería yo 'icí, señó

El que nandiga mi padre.

Ora recordai que tenei padre, ¿no,
zaragate? A vé' qué güerejuicio
te va a gutá. ¿U'té quié' aprendé'
la carpinterere?

¿U'té quié' aprendé la panaderere ...
la sastrerere, la barberere, la hererere, la hojalaterere ...

Pué' señó, ninguna juerejuicia le gutá' al muchacho. Vamo' a ve' si e'ta le va a gu'tá ¿U'té quié'
aprendé a ladroncito?

¿U'té quié' aprendé' a meté' uno y sacá' veinte?

¿Qué decí' e'ta mojó' señó?

Mentirosa, señó. E'ta mojó' se
parece a nanchiquitín. Anda
enredando a media humanidá', namá'
metiendo bulla y chi'me en el
vecindario. E'ta mojó', señó, le
lleva la comía y no la quié' hacé',
le da la e'coba y no quié' barré'
le trae l'hamaca y no quié' dormí,
le compra ropa y no quié' poné',
le compra el batea, no quié' lavá,
le compra los' fierro' no quié' planchá
así e'que, señó, ¿qué ma'quíé' e'ta mojó'?

¿Pa' qué entonce' tú casá' conmigo?

¡Mentirosa! Tú quería un neguito pa
ve'lo de luto y rei'te d'él tóo el año.

matá mujé

Oiga u'té 'eño jué', San Seferino,
'tá loco. No quiere creé' que yo
resusita'le a su mamásita

ahora verá, ahora verá
piñón de la mata pa yo curá ...

TEXT #12: "Los negritos," a *son jarocho* recalled by don Daniel Cabrera, Mandinga, Veracruz
(Martínez Maranto 1995:562):

Jesús María que me espantá
cómo hacen los negros
pa' trabajá
comiendo yuca con carne asá ...
cortando caña
sin descansá
se mueren todos sin confesá ...

TEXT #13: imitation of black worker from Acapulco (Torres Quintero 1931:213-14):

Yo no quiero dijcutir
ji el alto Dioj te negó
ojoj negroj como yo
con rayitoj de zafir.
Por ti, mi linda chaparra,
de ojoj verdej como el mar,
ejta copa vo a brindar
con sujpiroj de guitarra;
el corazón me dejgarra
que no me quieraj querer,
que al fin la amante mujer
el como el sol en la altura:
se ejconde en la noche ejcura
por no dejarje querer.

TEXT #14: From the *zarzuela* "La linda poblana" by Fernando Gavila [1802]; in López Mena
(1992)

Siola, siola. Mi amo
namorara cagayera,
manda neglito, digamo,
si vosancé da licenza.

Ya siolo, don Perequillo.

Tamo solo. Pensamenta
haga vosancé del premo
po andamo de alcahueta.
Aunque neglo, no tá neglo,
samo noble de Guinea.
Mi amo dice: Perequiyo,
cayar e tener pacenza.
Regalate, estimate;
te dará rica libreas
coloraras con franjonas,
y andar guapa gente preta.

Mas si samo descubiertos
gente branca dirán: perra
an diosa. Neglo, morió
a palos: riquin etena.
Ma recado falta el amo:
anda, Periquiyo presa.
Cantamo, esperamo premio
diremos de eta manera.

Soi un neglito
moi polidito
y mui fenito,
que sé cantar.
A una neglita
moi chequetita,
y mui fenita
sé enamorar.
No semo Angola,
Calavalí.
Sé de tolito,
cayo mi pico,
e no me aplico
a trabacar.

An Diosa,
y olvidamo centinela
Perequiyo belesamo
e quedamo en la puerta
¿La siola? Tuto andemo
metido en esta greca.
Escondamo, cayaremo
angora veremo fiesta.

Morimo,
Siola ra fisgonera.
En la trampa hamo caído.
Parece la branca preta.
Caya pevesa.
Santa Tecra.

Pobre neglito.
¿Cómo escaparás?
Ra en el pozo meto,
y te librarás.
Yo me agacho
Yo me escondo
Perequiyo ta mojado,
e má de temor tiritita.

Ya se fueron. Cagayera
morió. ¿Qué hará neglo angora?
Valemo ra la siola
porque la vida no perda.

Siolo, ¿qué manda?
Tuto grazas
damo Perequiyo, e samo
como neglo ra las prantas.
Manda
vosancé: semo escravo
e servimo la siola ama.

¿A neglito angora
hejito siola branca?
Juro an cielo juicio perda.
Otornamo, diablo santa,
o Perequiyo bebemo
el aguardente de caña
e zamo borracha.

Crema
soñamo. ¿Ma por qué encarga
cayamo? ¿Apuesta neglo
que caymo ra la trampa,
engañamo con zamerás,
e mandamo cosa mala?
Torna pronto, an diosa quiera
salimo bien deta andanza.

Ta bien, siola.
Regalamo la siola
tenemo, guardamo prata.
Ma perdamo, porque dice
no probamo pedra branca.
Perequiyo ta curiosa:
la boca hacemo aguas:
¿qué será? Probemo lengua
ra cosas acibaradas.

Oh Diosa. Pica, repica
boca temo enchada
Ojo sudamo, e queemo
reventar tuta ra entraña.
Perequiyo, ta vineno.
Sorimán damo diablada
siola. ¿Angora qué haremos?
No sabemo a quién trata
matemo; an damo bebida
que morirá invenerara,
consultamo e connmigo
hagamo parlamentaria,
no perdamo ra el neglito.

Tu irá, tuto rabia
con cangayera, me amo
samo, porque namorara,
tamo de la siolita.
E si la Anserma le mata,
Perequiyo yuda. Malo.
Justicia venimo. Manda
prender neglito. Neglito
hamo caído la trampa.
Ramo confesión, diciendo:
ven Perequiyo beyaca:
tú matasta cagayera.

Negamo, me dan matraca,
al fin decimo. Es certo.
Sentenciamo para el praza.
En forca andemo. Qué medo
tenemo. Ra la mañana
sacamo engalanado
tuta gente ta amirada;

vemo Perequiyo vene
ra su buro ben sentara,
rodado compañamento
po elante e po el zaga
sona trompetera. Grita
pregonera ra en voz alta.

Rey manda, nuestro siolo
al neglito, po traidora
homecido, matadora
demo muerte capetal.
Campaneya resonamo:
gritamo su caredá.
Hacemo bien po neglito
que sacamo justiciar.

Subimo forcam
hacemo gesto,
etamo arribam
verdugo presto.
Tuta la gente
lástima vendo,
comendan alma
po no perdemo.
Damo el salto
preta percuezo
Sacamo ra la lengua:
an diosa tamo.

No, Perequiyo,
no puede ser;
tenemo tempo
a resolver.
Guarda de aquesto, guarda,
neglito atende:
si matamo cochiyo,
cochiyo ofende.

¿Con quién consultamo tuto
que sabemo? Prisionada
cagayera, tamo vendo.
Po aqueya reja baja.
Yamemo. Siolo, siolo
Perequiyo ta gitada
solo tamo.

¿Cómo tayas de coeptzao?
Graza damo an diosa.
No sabemo
de siolita qué guarda
e centinela estorbamo
paso neglito. Ma salva
vida, po que damo muela
sorimán. Cuenta tomarla,
pica, repica, e morimo
entre furia enrabiada
Consultemo. Ra el veneno
miramo. Creemo prepara
a vosancé. ¿Cómo haremos?
Consejera necesaria
pedimo Perico.

La siola Anserma,
y que cayemo encarga.
Estorbemo. Toma, siolo,
sorimán. Ma siola yama
pidendo polvos Perico:
¿qué decimo?
Andemo a hacer lo que dice
vosancé. Ma e beyaca
la siola. Perequiyo
tememo que al engañarla
cuando queramo dar perra,
volvamo caldada gata.

Perequiyo tamo vendo
en qué paramo función.
Achí: ra manía.
Achí: que he de risa.
Tamo viejo marruyera
e tan sano como yo.
Acagayera, mi amo,
Perequiyo emo ayudar.
Po siempre jamás, amén
demo neglo bendición.
Juro an Diosa, no creemo
a la pevesa siola.

TEXT #15: AFRO-MEXICAN PHONETIC EXAMPLES

1. Shift /d/ > [r]

combirara [convidada] (M-14); re/ri [de] (M-8, M-14); rió/rioso [Dios] (M-2, M-6); turo (M-4, M-8, M-9, M-10); veniro (M-14)

2. Shift of intervocalic /r/ > [l]

: adolación (M-12); alivinalé [adivinaré] (M-8); ayula [ayuda] (M-8); baylalemo [bailaremos] (M-14); cayalito [calladito] (M-12); cuarteló [cuarterón] (M-8); dalemu [daremos] (M-8); envialá [enviará] (M-8); glolia (M-8); legla (M-14); lipiti [repite] (M-12); Malía (M-8, M-12); milal [mirar] (M-8); milalo (M-12); moleno (M-14); nalís [nariz] (M-8); pala (M-8); palese (M-8); pastola (M-12); pilico [perico] (M-8); pula (M-14); puleso [por eso] (M-12); pulo [pudo] (M-8); quele [quiere] (M-15); siola [señora] (M-14); siolo [señor] (M-14); tolo [todo] (M-8); tula [toda] (M-12); yolá [llorar] (M-8); yolamo [lloramos] (M-14)

3. Shift /r/ > [l] in onset clusters

aleglía (M-8); flasiquiyo [Francisquillo] (M-8, M-14); lible (M-8); lumble (M-12); neglo (M-5, M-6, M-8, M-14); nomble (M-8); nosotlo [nosotros] (M-8); plimo (M-8, M-14); sobla (M-8); tluxo [truxo] (M-14);

4. Shift of syllable-final /r/ > [l]

cualteló [cuarterón] (M-8); cultés [cortés] (M-8); dolmí [dormir] (M-15); duelme (M-15); entelnecé [enternecer] (M-8); libeltá (M-8); Maltín (M-15); melcede [mercedes] (M-8); peldonalá (M-8); pol (M-8, M-14); poltal (M-15); puelto (M-5, M-14); pultilica [Puerto Rico] (M-12); sel [ser] (M-8); tomal (M-8);

5. Loss of word-final /r/

amó [amor] (M-2); cantá (M-8); coló [color] (M-8); doló [dolor] (M-8); durmí [dormir] (M-8); escuchá (M-8); gobelná [gobernar] (M-8); hacé (M-8); llorá (M-1); mayó [mayor] (M-8); mijó [mejor] (M-6, M-8, M-12); parí [parir] (M-9); (M-8); retó [rector] (M-8); señó (M-8); tambó [tambor] (M-8);

6. Loss of syllable/word-final /s/

agreguemo (M-4); aleglamo [alegramos] (M-14); azuntamo [ajuntamos] (M-4); bamo [vamos] (M-5); baylalemo [bailaremos] (M-10, M-14); baylemo (M-5); contamo (M-15); decimo (M-5); halemo [haremos] (M-5); morremo [morimos] (M-4); pantamo [espantamos] (M-5); queremo (M-10); repicamo (M-14); samo [somos] (M-6); sesú [Jesús] (M-14); tenemo (M-8, M-10, M-14); untamo (M-14); venimo (M-5, M-14); vimo (M-11, M-14); yegamo [llegamos] (M-9, M-10);

7. Paragogic vowels

belena [Belén] (M-12); cascabela [cascabel] (M-12); dioso [Dios] (M-8, M-15); redentola [redentor] (M-8); siñolo/siolo [señor] (M-8, M-14, M-15); tulumenta [tormenta] (M-8)

Afro-Ecuadoran texts

TEXT #1: “Creole” of Palenque, Ecuador (Chávez Franco 1930:524-9)

arriple bellá bombola
i abajilbe macucano,
me la propia zamuquita
mi melé bellá parrando.

TEXT #2: Coplas from Esmeraldas (Hidalgo Alzamora 1982:159)

ochocientos [ochocientas] balas
varios [varias] criatura[s]
niñas colegial[es]
un denuncia [una denuncia]
un diablo de los minfiernos [mismos infiernos; Hidalgo Alzamora 1982:221]
yo vine a Catarrama ... y hoy se va a Limones (Hidalgo Alzamora 1982:396)

TEXT #3: Shift /f/ > [h^w] in Esmeraldas coplas (Hidalgo Alzamora 1982)

San Antonio es buen amigo
pal que los busca con jué,
y vuelvo a decir otra vez
San Antonio está conmigo (García 1982:39)
Cuanhdo se vieron rodeados
pusieron posta pa dentro
onde el Teniente descarga
apresta toda su gente,
vení atacála bocana ... (García 1982:63)
Yo he andado en todo esos ríos
sacando perlas pa mí
y me zambullí en Tumaco
y al charco voy a surgí (García 1982:113)
Con viento que a juavor sopla
atravésé a Casa Vieja
a mucha ciudades leja ... (Rahier 1985:108)

Text 3: Pidginized Cayapa Spanish in the novel *Juyungo* Ortiz (1976)

dicen que es lindo viví,
yo cró que sí ... (30)
Qué culebra será eta,
hay que estudiala, señó,
a mi me parece la equi,
cascabé me parece a yo (32)

... casi todo lo negro
tan pobre son ...
Ma, si juera un gran señó ... (47)
Bolívar no ha muerto, no,
está en nosotros viviendo (77)

Tú, compadre chiquito, gustándome. Tú, sabiendo números, ¿no? Yo, necesitándote aquí.
Parientes saliendo de la tumba, con hambre, de noche ...
Donde entierra cayapa, no entierra juyungo.

TEXT #4: From Afro-Ecuadoran stories (Ramírez de Morón 1975)

Eso ej maldá ... (13)
Ha llegao er Duende ... vea ve, ahora no vamo a viví en pa ... (19)
Ay, Frajico, de esoj perroj naidien se libra (33)
Los carabalí no se levan con loj mandinga ... Antuco ni parece carabalí. ¿Onde has visto un
arabalí que no pegue a su mujé? Encambio Antuco te aumenta la comira ... (35)
Así llamaban a yo en la otra vira. Ahora soy er enviado der Señor (35)
Pasa er canajto grande. Traé hoja branca ... brancoj. Eso ej poquitoj ... unos dositoj ... ejque loj
branco nunca son buenoj (37)
Habrasede vijto santo tan maro ... (39)
¿Quién e ese negro tan presumiro? ... se casó con la branca ... (45)
cuando negro ta diciendo misa branco no viene ... (51)

TEXT #5: From Afro-Ecuadoran stories

Yo fui cantadore en Panga ... (Coba 1980:120)

Estaba la tunda bailando, dándose dos miles quiebre ... (Coba 1980:130)
Porque ahí en Carpuela ... matan pollo duro, carmba que duelen las muela (Coba 1980:201;
Carpuela, Chota Valley)
Mujere con sus bailados son muy fulera (Coba 1980:206; represents Carpuela, Chota Valley)
Me encuentro grande señore (Coba 1980:208; Carpuela, Chota Valley)
El río del Chota se llevó las casa (Coba 1980:216)
Señolita, no te voy a comé ... (Rahier 1985:134)

Afro-Panamanian texts

TEXT #1: Poem (Figueroa Navarro 1978:341-2; Miró 1962:91-2)

En verdá que ya la tierra
a perdé toita se ha echao
desde que de Engalattera
tantos grins han llegao.
¡Arre! □ Vaya! No hay cristiano
que no se aya echao a perdé,
ya toos son americano,
toitos quieren hablá inglés.
¡Esos yankees: no mandara
Dios pior peste ni pior guerra!
¡Cómo se abriera la tierra
y a toitos se los tragara!
---¡Jé, cristiana! ¡Ay queda! ¡Vaa!
No sea tan enfurecía,
uté me deja alelá
con semejante herejía.
--- ¡Hoy e marte! ¿Y eso es cierto
que lo que digo le asusta?
¡No juegue! ¡Mejó pa er muerto!
La gente así no me gusta.
Muy harta y muy aburría
Me pongo yo en ocasiones ...
---Miré uté, seña Ruperta,
si mi vida le contara
seguro que uté quedara
con tamaña boca abierta ...

TEXT #2: Poem (Franceschi 1956:26)

Too loj negroh van pá vé
a la negra acurrucá,
que la tumba tumbadó
ya no puee aprovechá

TEXT #3: Poem (Franceschi 1956:30)

Yo asegura que en cañar
la traidora tá enrocá
con suj ojos bien pelá
Que te puee sorprendé ...
la traidó Bocaracá ...

...

Si te pica por allá,
cuando tu *tá tlabajá*
yo te puee asegurá
que tu vaj a recordá
lo que mama tá avertí ...

TEXT #4: Song (Cubena 1981:51)

Hablamos en cristiano,
y no somos aleluya chumpi-chumpi ...
qué alegría paisano patrotosta
el Fufo pronto va regresá.
Ajé, ajé y ajá bonito viento pa navegá
pa Africa los chombos yumecas.
Tamborito vamo bailá
hasta la madrugá ...

Afro-Venezuelan texts

TEXT #1: Papiamentu song (Aretz de Ramón and Ramón y Rivera 1955:72)

Otra banda mi quebai
minquín un tin un sen pa
palabras.
Otra banda mi quebai
tres corona na mi mane
un pa mi y un padalío
otra banda mi quebai.
Botá buscá un baila, mujé,
ybó no po bantele
bambo neiro tendé cos
bambo neiro tendé cos
ya na matá, ya na curibai.
Busca yandé, un buterei
y saca yandé un buterei
ya an batá, ya an curibai.

TEXT #2: A Coro example which more closely parallels modern Papiamento (Domínguez 1989:12):

<i>mi tén pampuna</i>	I have aullama
<i>mitén cibolla</i>	I have onions
<i>manteca na bari</i>	lard in the barrel
<i>pa ki</i>	so that
<i>vosó tur</i>	all of you
<i>bin lembé</i>	come drink

TEXT #3: An example which combines unequivocal Papiamento words with Spanish words, some of which have crept into contemporary Papiamento (Domínguez 1989:13)

<i>Saliendo di Corsou</i>	Leaving Curaçao
<i>bon, bon, bon di salú</i>	in good health
<i>yegando na Vela di Coro</i>	arriving at Vela de Coro
<i>sangura ta pica nos</i>	mosquitoes bite us
<i>guynchete ta pica nos</i>	Winchester [rifles] bite us

TEXT #4: Papiamento example from Coro (Domínguez 1989:14)

<i>A ta palu grandi yerba berdi</i>	Here is the tree with green leaves
<i>testigu ternu di nos amor</i>	eternal witness to our love
<i>si mi taba sabi ku vo taba asina</i>	if I had known that you were like that
<i>min declarabu mi stimación</i>	I would not have declared my love to you

TEXT #5: Samples of popular Venezuelan literature attributing vernacular speech traits to black speakers

ACOSTA MÁRQUEZ (Lewis 1992:83):

... acélcate pa ete rincon
que te voy a jumá el tabaco
y te voy a rezar la oración
Gua, arrímate pasia el altal
que voy acé la invocación
primero me he de pelsinal
y depué rezo la oración.

SOJO (1968:35):

El pecho me quiere ardé
cuando miro a mi rival;
la ingratitú en la mujé,
es cosa muy natural ...

RODRÍGUEZ-CÁRDENAS (1938:23):

---Negrita, vas a a plaza?
---Si, negro, vamo a bailá.

AQUILES NAZOA (1970:579):

Oye, negra, ¿te ha fijao
la cantidá y la cuantía
de cuelpos de policía
que existen en la ciudad?
Pues cuéntalo, y si lo cuenta
uno, dó, tré, cuatro y tal,
si en la cuenta no te enreda
te va a caé pa atrás.

FROM THE NOVEL *CUMBOTO* BY DÍAZ SÁNCHEZ (1961:61):

Después de eso la cosa parece que se pusieron fea y él tuvo que ise pa el etranjero. Volvieron a mandá lo godo.

MENESES (1972:52):

... Grasia. Tiene un servidol en Felipe Antonio Bolívar ... voy a vé si tá el macho pa inos ...

Afro-Dominican texts

TEXT #1: Parody of 'Haitian' Spanish from 1845 (Rodríguez Demorizi ed. 1944:69-75)

Antes tod, Ciril, tu dis que tiene tabacs muy buens; he olvidad mi cajetic alargame un ...
compadre, siempr sale usted con eso; tod que dis ese papeluch es por decir; yo no pued crer un cose
tan inverosimil. Si es ciert su triunf, no pued durar much si otre man ma poderos no lo coj baje su
proteccion ... yo quier decir otr nación. Es precis que tu conveng que nosotre son mas.
Hombr Ciril, tu te calient much, mira que es te has dañ.

TEXT #2: From a Dominican folktale Larrazábal Blanco (1975:198)

no tire mue
no tire mue
coco y mamá
si tira mue tu verá
y de langué coco y mamá
no coja mue ... etc.

TEXT #3: From the 'Diálogo cantado entre un guajiro dominicano y un papá bocó haitiano en un fandango en Dajabón' (1874) (Rodríguez Demorizi 1979:268),

Hier tard mu sorti Dotrú
Pu beniro a Lajabon,
e yo jisa lentención
de biní cantá con tú.
Manque yo tá lugarú
pañol no tenga cuidá,
deja tu macheta a un la
pasque yo no cante así
tu va blesé mun ici
e freca daquí tu bá ...
compad, contenta ta yo,
e alegra de vu coné
si un di uté ba Lembé,
mandé pu papá bocó.
La cae mu gañé gombó
bon puá rus e calalú.
Tambien yo tengue pu ú
cano de gento salé.
Apré nu finí mancié
tu tien qui bailá vodú ...
pringá pañolo, pringá
no biní jugá con mué
parece que u pa coné

qui yo ta le gran papá.
Si yo techa a ti guangá
pronto tu ba biní fú
pasque si ma chembé ú
coté yo jelé la jo
manque tu ta dí que no
tu tien qui bailá vodú ...
yo sabé tre bien jablá
la lengüe dominiquén
me si u vlé cantá an laten ...
yo quier enseñá a tú
ñan bonite societé
y si tu lo quiero bé
tu tien qui bailá vodú ...
com yo ta papá bocó
muché cose yo cané,
e si tu lo quiero bé
yo me ba vuelve grapó ...
pas yo ta le mime diable ...
compé Beicelá u hué
que tu ta jablá mantí
can le vodú an Haití
ce la premier societé
e sí tu no quiero cré
nan sombi ni lugarú
compad, tampi pu u ...
compad, yo tá diré
qui nan tan mucié Petión
yo taba pití garsón
e pur ès mu pa coné
me de Tucén yo di mué ...
me pu qui tu ta dicí
Casufro yo te jedé
cam tu méme tu ta coné
que yo ta negra Daití
y si agor yo ta santí
com a cabrita cojú
ce pas qui yo ta bien sú
pu laguadient yo bebé
si ñon trag tu quiero bué
tu tien qui bailá vodú ...

TEXT #4: Imitation of Haitians, from the novel *Over*, by Marrero Aristy (1939)

En la finca tó son ladrón. Roba el bodeguera, roba el pesador, roba la mayordomo, y yo ta creyendo

que la má ladrón de toitico son el blanco que juye en su carro
¡Bodeguel! A mi me se olvida el manteca. Vendeme un poquita ... dipensá ... mi no sabé ...
dipensamué ...
¡compai, utea decía la beldá!

¡la dominicane son palejele!
pasá mué cinco
uí papá, uí papá. yo me va ensegula.
Bodeguela, depacha mué plonto. Yo quiele dejá la comía con la fam, pa jallalo cociná cuando viene
del cote.
tu son gente grande, porque tu come tó lo día, compai.
¡a mi sacán casi ajogao, compai!
compé, la saf tá fini
¡a mí no consiga má!
la jambre ta dura, ¿cuándo tu va dando una trabajita?
¿Qué pasando a compai bodeguel?

TEXT #5: Imitation of West Indians (*cocolos*) in the novel *Over* (Marrero Aristy 1939)

mi no vuelva
aquí yo pielda mi tiempo. Mijol que allá in Barbados no trabaja, pero no mi mata. Yo me vuelva pa
no vuelva.

TEXT #6: Imitation of Haitians in the novel *Cañas y bueyes* by Francisco Moscoso Puello (1975)

¿yo? Andande ... tú me tá engañá, Chenche ...
No juega tu Chenche. Tu siempre mi diga así. Y yo tá perdé. No sacá ná. Tú no ve mi pantalón ta
rompío ...
¿Dónde yo va a bucá jente?
Pero tú mi va a pagá. ¿Tu no mi va a jacé como la otra vé? ... Embute. Tu me dite quence plimelo,
dipué vente y no mi dite má ... tu siempre mi diga así ...
Bueno, yo vá, ¿pelo tu mi paga? ... Chenche, tu sabi mucho ...
Tú me tá apurá mucho, Fonse [to which the Dominican responds: "tá apurá no! Pasa la caña
pronto! *Mañé* del diablo!"]
Yo quiere jablar contigo.
Quencena pasá yo tá cobrá quence pese y ete quencena da a mi siete pese no má. Quiere que tu mi
diga que pasa?
Yo va pa Lajas...

TEXT #7: from story "Luis Pie" by Juan Bosch (1978)

Piti Mishé ta eperán a mué
¡Oh, Bonyé! ... piti Mishé va a ta eperán to la noche a son per ...
no, no ta sien pallá, ta sien pacá ...
Bonyé, Bonyé, ayuda a mué, gran Bonyé, tú salva a mué de murí quemá ...

Dominiquén bon, aquí ta mué, Lui Pie. □Salva a mué, dominiquén bon!
Oh, Bonyé, gran Bonyé, que ta ayudán a mué ...
Ah, dominiquén bon, salva a mué, salva a mué pa llevá manyé a mon pití ... ¿qué ta pasá?
Pití Mishé, mon pití Mishé ¿tú no ta enferme, mon pití? ¿tú ta bien?
Sí, per, yo ta bien, to nosotros ta bien, mon per ...
Oh Bonyé, tú sé gran ...

TEXT #8: Imitation of Haitians in the novel *Jengibre* by Pedro Andrés Pérez Cabral (1978)

papasite, papasite, no me mat ...
ay papasite, yo no vueive otra vé ...
c'est le diable, papasit
amite le teniente, ils son mirando la rí, et pur tant on pé atacá pur deriér ...
hata quí mí llegá

TEXT #9: Imitation of Haitians in the poem 'Rabiaca del haitiano que espanta mosquitos' by Rubén Suro (Rueda and Hernández Rueda 1972:21-2)

¡maldite moquite!
me tiene fuñie
con ese sumbie
que no pue aguantá.

Yo quema oja seque,
a be si se ba,

yo quema papel,
yo quema de to ...
y él pasa mu cerque ...
tú tené tu mañe
yo tené la mie ...
yo resa oracione
a Papá Bocó
y el noquite fuese ...
y luegue boibió! ...

TEXT #10: Imitation of Haitians in the poem 'Monólogo del negro con novia' by Rubén Suro (Rueda and Hernández Rueda 1972:119-20)

¡Hoy yo ta pa tené pique
yo no quie ni conbesá ...
soberine me cre rique
y yo ta sin tené na! ...
ya me a rote siete peino
y no canso de peinal;

eye cre que ba lisando
¡y el cabeye sigui igual!
eye pide baseline,
baseline yo le dal;
eye unte por bidone
¡y el cabeye sigui igual!
... □ tú ta por pagá conmigue!
y la curpa sino e mie:
cabeyite de "pimente"
no curarlo brujaeríe ...
tú ta pa ponelte loque!
mal de pele no curarse
por ma que le pone graso,
¡que quien nasióle pa coque
de piñonate no paso!

TEXT #11: From the poem L'aitianita divariosa' by Chery Rivera (Caamaño 1989:152)

... amaneció tó claro al otro día,
clarito y ahumbrao ...
hacen ya muchaj, noche y tuavi'ella pregunta:
¿coté gazón quina mué, u pa ve li, Bon Ye,
di mué, suplé? ...
laj nube arrellanándose entre l'agua
y vueive ai caserío ya en la noche, plaguiando:

TEXT #12: Early Samaná Spanish examples (Ferrerias 1982)

Mañana se llega aquí el vapor Independencia que se viene buscar eso gente. Coge todo ese
vagamundo que se dice se están enfermos y mételos a bordo del vapor ... yo no se quiere en
este provincia hombres que no se sirve para ná ... (pp. 344-5)
Yo se sabe lo que tú se quiere decir, pero para que tú se consigue ese cosa que tú se dice, yo se va a
dar un buen consejo ... tú se saca de aquí a generalo Shepard o se saca a mí, porque dos
culebros machos no se puede vivir en un mismo cuevo ... (p. 346)
Antonces, ¿□ por qué ustedes se viene decir con su grande boca que ustedes son náufragos?
¡Ustedes se salvó de chepa! (p. 354)

TEXT #13: anonymous Afro-Dominican *coplas* (Deive 1980:228; Rodríguez Demorizi 1973:52-3)

su mercé no dice
que no soy fea?
Pué yo me va
y buque otra negra
pa trabajá ...
Levántate negra

a hacé café
levántese uté
que estos no son tiempos
de su mercé ...
Dios se lo pague
a papá Boyé
que nos dio gratis
la liberté ...

Afro-Puerto Rican texts

Anon.

'Décima de negros' (Cadilla de Martínez 1953:111) {PR-1}

'Nanqui toy ma mákinley' [Puerto Rico, 1898] (Mason 1918:361) {PR-1}

'Yo so un negrito angolo' (Cadilla de Martínez 1953:308) {PR-3}

Brau, Salvador (1894:138). *Puerto Rico y su historia* {PR-4}

Caballero, Ramón. 'La juega de gallos o el negro bozal' [Ponce, 1852] (Alvarez Nazario 1974) {PR-5}

Derkes, Eleuterio. 'Tio Fele' [Ponce, 1883] (Alvarez Nazario 1974) {PR-6}

Méndez Quiñones, Ramón. Alternate fragments from '¡Pobre Sinda!' [1884] (Girón 1991:399-411) {PR-7}

Rodríguez de Nolla, Olga (1947:63-4). 'Año nueve dandé, daño nuevo tabiní' {PR-8}

TEXT #1: From the play *La juega de gallos o el negro bozal* by Ramón Caballero (1852) (Alvarez Nazario 1974)

Ja, Nazaria, ¿tú mirá señorita anoche cómo taba miringando? Y niña Fererica también ... qué duce.

Ah Nazaria, no son tú corazoná. Tú siempre ta jablando a mí con grandísima rigó. Yo ta queré mucho a ti, grande grande así son mi sufrimienta, aquí yari yari mucho, si tú ta queré mi corazó ...

yo ba libetá a ti Nazaria. Yo ta trabajando, y ta juntando dinero pa ti...

No Nazaria, no ta gritando así hombre, ¡brángaman Dio!

Mirá, yo tiene uno becero en casa ño Juan de Dio, yo tiene dinero juntando y niña Fererica ba a da a mí pa comprá uno llega.

Nazaria no, ése no son cagüetería, yo jase lo que señorita me mandá, niña Fererica son bueno amo. siempre ta regalá dinero a mí, y to son pa ti Nazaria si tú ra tu pechita y tú queré mucho a mí ... yo te ba jasé uno baile con música ño Juaniné pa bailá hupanene contigo ...

Dio mía señore ...

Gallo ta nan so mi amo ...

Miamo sumecé a mosá ... señorita, la mueso tan friando ...

lamo ta nan gallera ...

lamo Pantareón ta brabo. ¿cómo ba queré señorita que son tan bonita, uno hombre así tan feo? corazó sinfelí, ese Nazaria son mugé malo ...

Nazaria, brángaman Dio turu me ta morotificá

yo no pue ma guarantá tu grandísima rigó.

Mientra ma te quiere yo y te jace cariñita tú tan siquiera un poquita de mí te comparesé.

tibiri corona inguaco tibiri biri que ne tibiri qui negro fua de branco que tan diablá.

Yo sabe seño Manué ta jabrando ma de mí que ta namorá de ti y tú le correspondé.
 Toro Nazaria yo sé
 manque tú me tan negando por eso tan depresiando mi corazó sinfelí.
 Nazaria, mío chinita la pena me ta muriendo y tú siempre ta riendo sin cuedate tú de mí.
 Yo te sembrará maí y fufú te jaserá marimba te tocará pa tú tambié divretí.
 Como trite negro crabo que nació para ringó nunca se quita nan so trabajando como diablo.
 Mi suamo siempre ta brabo y me garra po nan pasa y si no tengo padrino llueve fueite que me brasa.
 Y no son negro nan casa qui son negro no conuco mi suamo da con bejuco que toro me depedasa.
 Me da comé calabasa con la borra na café y gracia que yo cansé sino me quee sin comé ...
 ay, tibiri corona inguaco ...
 Ese Nazaria, mi amo siempre me ta depresiando ...
 Mi amo, yo no pue, mi corazó ta sufril mucho ...
 Por eso yo ta murí y pena me ta gorogando, toro día, mi amo, yo ta disé: Nazaria, ¿po qué tú no ta queré a mí?
 Ella ta jasé bulla mi amo, ahí ta nan galería, nan covesació con uno músico, yo ta lucu, lucu ahora mimo ...
 Ese crigüellita son mu cachorro, mi amo ...
 su mecé, mucha gracia, mi amo.
 ... Niña Fererica, sumece cuera ...
 Nasaria, yo no tiene ninguno femerá ... mi vira, mi corazó.

TEXT #2: From the skit *Tio Fele* by Eleuterio Derkes (Alvarez Nazario 1974)

L'amo Salí, señó. Mala cara pone mí.
 Yo no quisió di con elle. L'olla vacia y bota comía.
 Llava llevá señora ...
 Yo tiene calalú, java.
 L'amo bueno, gassa l'amo ...

TEXT #3: Anonymous *décima* from 1898 (Mason and Espinosa 1918:361)

Nanqui toy ma mákinley
 te voy a presentar mi queja.
 Yo foi siempre nano oveja
 con epañol y su ley.
 Negro nalla en Africa vivía
 limbre como mariposa.
 Chenía mi mayor no posho
 piro con ello cumpira.
 Nanllí lan día se curía
 tran de tiguiri y lión,
 limbre como el mismo sol.
 Naturareza shu ley

arante mi queja yo
nanquí toy ma mákinley.
Vine aquí nan Poto Rico
de una borega nanfondo,
me llevaron lo nemonios,
nontron se jicieron rico.
Fueete namba si era nampico,
negra sura entre la canaña;
ma mákinley chaba paña
Poto Rico no una oveja,
bota nampaño la araña
nante presento mi queja.
Yo no conocía languera,
no conocía su furo,
piro no tuve timo.
Cuando si jundían las tejas
dije: se chabó la vieja
y nan cañón hacía ¡pum!
Y yo contento decía: ¡jum!
chicharrone para vieja
que lo crabar como en cruz.
Yo foi siempre nano oveja.
Cuando namoro tembró
y se me niaba Critoba
dicía galliguito roba,
miti mano cumisión.
Tracasero duro, ¡bom!
Como Nantiga coría
y el general na me sía,
no icía viva e rey.
Acaba sunsón basía,
con epañol y su ley.

TEXT #4: Papiamentu poem from Ponce in 1830 (Pasarell 1951:124)

Tutur genti de Corsó
Celebrado Rey Fernandu
Mambatindu ha tambur
Di contentu boy bailandu.
Comparsa di Julandés
Celebra a Reyna Cristina
Nan Princesa naroyna
Novo astro boy miré.

TEXT #5: From the 'Décima de negros' (Cadilla de Martínez 1953:111)

yo sé que siño Rafé
ej guardia de tu bují
que ta namorao de ti
y tú le correjpondé.
Toro, Francisca, lo sé
ma que me lotés negando,
por eso tú ta prisando
mi corasó sin felí
por eso yo va murí
y pena me ta jogando.

TEXT #6: From the poem 'Yo so un negrito angolo' (Cadilla de Martínez 1953:308)

yo so un negrito angolo
mi mare a mí me crió
con mucha timba y vergüenza
manque liberto la teño yo.
Me gusta la mujé blanca
orgullosa como tú
que tenga lo ojo belde
que pol lo mesmo me muero yo.
Yo so un negrito angolo
angolo carabalí
yo quiere mi amita blanca
pa onde yo quiere dí.
si su mercé a mí me vende
yo de casa no me va
yo tengo ciento ciencuenta
yo compra mi libertá ...
si su mercé a mí me juzga
de la mala condición
yo sí so negrito esclavo
con honó y distinció ...
suena oye suena pasito ...
tú no te vire así ...

TEXT #7: Anonymous Afro-Puerto Rican song (Rosa-Nieves 1957:62-3 apud. Cadilla 1933 de Martínez:25-6):

¡Ay, bombé, quimbombó!,
¡Obé, Obé, mano Migué!
¡Ayayá, sagú, carú,
Obé, Obé, quinombó! ...

Sambambá, tinguimí,
que la culebra comió el ají;
dambambá tinguimí,
ño Cico baila, culebra, ají.
Tinguimí, dambambá,
que voy bailando bomba, bombá
Tinguimí, dambambá
toca que toca, toca, tocá

TEXT #8: From the poem 'Buscando dinero' by Llanos Allende (1962:31-3)

Yo he venío aquí del Congo
y lo vusco jace tiempo,
pa que me dé un acomodo
o proporcione dinero
sin tené que trabajá ...
¿Y cuando benga Sataná
ande debo yo de dil?

TEXT #9: From the story 'Tate' by María Cadilla de Martínez (1945:49-60)

Balao [buenos días] señoritos ...
Me mambá [mi vestido de cuadros] costó tesorirrial [tesoro real]
Arrechuchen [apronten] una sola, por la vía [vida] ...
Quiá ser [qué ha de ser], niño ...
Bellá [tengo] mi cuento. Su mercé el magarrón [patrón] doná muchos bellos chicos isabelinos [dió muchos buenos medios pesos] pa el Patrón nel la chimbá [hacienda] e Montigrandi pa compralme dejpuej de cristiana. Nel jabeque [casa] de la chimbá me dieron el Tate. Ma la Iglesia, ar cristianá, me apropió Monsirriate, com'me tocaya la Visne [virgen] ...
¡Qué parrá (e)su mé! [qué dice su merced]. Ej Monsirriate achiquitao ...
Mi paire jué bambí [oubanghi] coartao. Me primé megarrón jué D. André ...
¡Bamó! Parrar [hablar] de nobios! ¿Queré, niñoj? ...
La negra, banalde macucano megarrón, parrá al nobio [la negra, por detrás del astuto amo, hablaba con el novio]. Eya taba zamuquita [enamorada] e Dámaso ...
Nel dentril e bombala, nel candungué ... nel guateque dej Santo Patrón [these are different dances]

Tate then recites some *coplas*:

Aunque tengo la cara prieta
y fea pronunciación,
yo so una nega fina
que tengo educación.
Me gusta la gente branca
orguyosa como son tú
que tenga loj ojo belde

que en eya sifro mi esclavitú.
 ¡Bamó a bailá!
 ¡Bamó ayá! ¡Bamó, neguito!
 Dispué sembraremo caña
 trabajaremo y seremo rico ...
 Tú dise, nego macumunao,
 que yo no pueo bailá
 que so una mancorita
 y me pueo lastimá.
 ¡Mulato, válgame Dijo!
 Tú m'está molestando
 Que tú siempre te está riando
 sin acoldate'e mí.
 Yo sé que siño Manué
 está jabrando 'e mí
 que 'ta enamorao e mi
 y no le correspondé.
 Candunga-gueé,
 Candungué, guei, gá,
 que la neguita en guateque
 a bailá ayum-bambá
 ¡Ajeí! □ Tum! Ayum bambá.

TEXT #10: From the play *Flor de una noche* (Escalona 1883b)

LOLA: Bello barrios debe sé
 el de Cangrejo papá
 BARON: Te gutaría il allá?
 LOLA: Tendría mucho placé.
 No me canso de admirás
 aque buen pon de vedura,
 paresido en su jechura
 al queso de patagrás.
 Aquí no se jace á fé
 De tan prosaico tamaños.
 BAR: No hija en todo mis años
 que Dió pué jasé lo mimos,
 y pagina de lo bautimos
 guadan de su creasion.
 En mi jubentú bi yo
 aqueyo boque cubieto
 en cuyo seno desieto
 ni una nigua se jayó.
 Donde hay muha yeba buena,
 pajuiles y cocotero,

y se coje un semiyero
 de jueyes y buruquena ...
 LOLA: No lo dise, papá mío,
 el jorrible ecalofrío
 que siento cuando te ecuchos.
 Jayo en su bó sieto son
 de fusa y semifusas,
 que me encuentro toita confusas
 y me brinca el corason...
 BARON: E naturá, hija mía
 e tu primera pasion.
 ¡Ay! que cosa tan sabrosa
 fuera Lola laesistencia
 si ese negro con querensias
 te empuñara por eposa.
 Ma ya quesá Dió se repeta
 repetemo su cuidado ...
 MARQUES: Dise el pueblo con rason
 que es uté una miniaturas.
 LOLA: No me benga con cosina.
 MARQUES: No acotumbro á cosiná,
 es justisia nada má ...

.....

From the speech of the characters Diego, a 'negro congo' and Juan, a 'negro carabalí'

Yo ta aquí, señó
 Eso ya tu lo sabrá, son cosa me etan pasando, y me etan ya reclamando cosa que debo pagá.
 Eso cosa lee ... Baron ...
 Qué cosa degaradora.
 No te meta á fusitora la cata te lo dirá.
 Yo te boy á traé uno traje pompadú.
 Machá a cumplí como buen hijo.
 Pido de Lola la mano; ya mimo, señó, lo ruego.
 Eso cosa no comprendo ...
 Eso cosa dise a mí po que ba yebáme á Lola se me ha metío en la chola, ya mimo sale de aquí.
 Yo pato, señó, sin Lola ...
 A Lola quiero jablá.
 Lo corason se me safa, uno cosa grande me fata que me jase arremiyá.
 Lola, uno debé muy sagrao me jase machá de aquí, yo no podré bibí tanto fuera de tu lao.
 Po tí yo siento en lo pecho, uno amó muy tremebundo, y nadie, nadie en lo mundo me diputa mi derecho.
 Mientras la suete perruna me yeba fuera de tí tú obidá á mí, Lola?
 Tengo uno pensamiento que me abruma que á pasá lo trambía po lo puente, se le safe á la máquina lo dientes y en aqué chaco tu negro se consuma.

Si ese pájaro jandando se derrumba, todo lo amó y lo podé del hombre no son fisiente á escribí su
 nombre en lo joyo donde etá su tumba.
 Si tú joye contá de mí la hitoria, ya que el amó jata aquí se olbida jayará uno sepucro mi
 memoria ...
 Biniendo de la mano de mi amada, cada bena de eta fló, bale una bida ...
 Eso mimo dise yo.
 Me dise que buebe luego á potrase á buetro pié ...
 Mi señó sabe potase con toda la alma de un brabo.
 Pué a desísela boy.
 La coló de mi catátula le dará a conosé á niña Lola, que desiende de Africa mi cuna, donde la
 gente son buena, y en que la rasa perruna al que muelde ... lo embenena.
 Un nene que tenía de beinte año de edá, ñamao Gutabo, baliente me seguía y crusando el
 acuático Oseano, bendieron nuetro cuepo y nuetra bida á la Hasienda del niño Sinforiano.
 Un día en e trabajo cotándole las pata a un gusano se detubo mi hijo, y se ditrajo y un branco
 empatá que bigilaba dese cantaso le regó en la cara mi pasiencia se acaba recordando la
 sangre que chorreara tiré con mano bruta del machete pa dale en cabesa.
 que si yego a aseltal, cae como fruta que se cria bisiosa en la duralesa.
 Perdióse mi bengansa y juyendo del fueite y del cuchillo, a mi hijo empuñé por lo fundiyo y cual
 otro Sancho Pansa me fui con el del monte al tualojiyo.
 De cansansio rendió corrí la noche entera, sin jecuchá señora ma ruio que el silbió que jasía una
 culebra y de la cotorra el infelí quejío.
 Má el silbió aqué se etremesía y comprendí po degrasia mia que la culebra mi paso olfateaba;
 cuando la joigo mobese en el foyage y jecucho a mi trasera un cabayero ecalamá: ¡qué braba e!
 yebame quiero le negra pié de ese animá salbaje.
 Le tira un garrotaso con pretesa; el golpe entonse suena; la culebra se rebueca po la arena
 quedando detrosada su cabesa.
 "Negro," dijo, tirándome un cuciyo, poque el joben aqué ...
 Era Don Diego, sí: en combate siego con desnudo y con arojo, mató la fiera que seguía mi senda
 Tremenda sí ... era un gogojo yo le di a conosé mi cuita, y a jecuchá mi debentura,
 "toma," dijo, "do beyone de perita pa que compre con eyos mancaura."
 Dende entonse, cane y pesuña soy de su Diego idelatrao, y si agun atrebío me lo aruña lo mato sí,
 sin menó cuidao.
 en su cariño tengo mi gloria y punto finá, terminó mi hitoria.

TEXT #11: Unpublished fragments from the play '¡Pobre Sinda!' by Ramón Méndez Quiñones
 (Girón 1991:399-411)

yo no puere aguantá ma eta vía tan rastrera; que viví de esta manera ni son vía ni son na.
 Si güeté trabaja, malo.
 si no trabaja, pió, y siempre po sí o po no pa la costilla lo palo.
 A miera noche fagina si son tiempo de muelé.
 Si lo da sueño güeté lo jase fueite sesina.
 La molienda se acabó.
 Antonse cosa ma mala temprano va pa la tala puesto losombro lasá.
 Lo mayoromo repate toa la calle é la pieza; gueté levantó cabesa lo fueite cuero lo pate.

Si acaso mira pa tra o güeté se pará acaso po la cotilla juetaso lo arrima lo capatá.
Si no salí a callejón a un tiempo con lo trabajo
manda poné boca abajo to e de atrás sin compasión.
Y no le vale lo brinco, ni lo llanto jembra o macho manque eté viejo o muchacho lo mete lo
veintisinco.
A la dose la comía lo pone a toos en su dita gandure como balita y calabaza pudría.
o si no lo bacalao con la pina y lo pellejo y ñame la tierra viejo mijó así que sancochao.
Lo caldo son agua clara y ma salao que la ma.
si güeté pone jablá lo dan con dita en la cara.
Pa vití lo taparrabo lo jasen con saco arró.
A quien lo cansó cansó la chola, como lo pabo.
Lo cepo mano y grillete si se juye ta esperando y asina viví penando jasta que llega la muete.
Antonse son que bien ta lo trabajo se acabó.
Dió del crabo sacordó.
¿cuándo e mí sacoldará?
pal crabo no hay compasión no son gente son limal.
Su jutisia y trebunal mayoral y el amo son.
Nelle son mala cabeza y no se jayá remedio.
Lo ñama de piesa medio y no güerbé de la piesa.
A lasienda camposanto son de la caña la piesa o lo monte o la malesa y a tablas de río ... cuánto.
Lo guindan piera pesá con canto sogá piscueso pa que jaga mucho peso y erecho pa pique va ...
qué trite, qué trite vía la de pobre negro crabo.
Si lamo son amo brabo si murí, mijó sería.
Sinda no acaba llegó a trageme bocaíto.
Mándala, Samberenito, si no, me queda sin muersá.
acuche güeté, Ño Lui.
Yo taba perando a Sinda, la sivienta e la sala ...
muchá gracia, sumesé, pero nella son honrá y la quiere ve jorcá ante que otra cosa sé.
Si nella se pota ma y mala cosa jisiera yo pío a Dió que se muera y ni la lloro ni na ...
Ya güeté no pegá ma ya ta lo do losinfierno, ya lo diablo con lo cuerno son lo que lo va arreglá.
Ya ta laceite jerbiendo pa cosinalo lo do y ya ta contento yo mirando lo que toy viendo.
Pobre Sinda, y no puedo ...
¿qué so eso?
O yo tiene aguao lo seso o la vo e Sinda cuché.
Sinda, ¿qué ta yo mirando?
yo tiene malo sentío dispué de haberse morío poé sé que te desandando.
¿si nelle quedrá jablá y algún encargao jasé lo mueto jablan güeté ...
viva ta.
y yo visión la creyía.
que se jayaba penando y que taba desandando y era ya de la otra vía ...
cuenta, cuéntame por qué por qué son que tú ta viva.
Yo te jasía ya riba y agora viva te ve ...
son verá, Sinda, verá morirse son ma mijó y dipué me jorcá yo y tú y yo lo do cabá ...
Sinda, ya catigó Dió eso diablo condenao, míralo mija, quemao ...
sí, abrasao lo do ...

no murí ...

lamo cogió calabrote y dispué que me añuó galuchando me trajió marró con laso gañote dispué nabdó que me diera fueite duro Siño Lui jata jaseme murí y lo resuello se juera dipué yo oyí te mentó y acuché que te jincate y disí, manque me mate no jablo, matá mejó.

Ya nelle lo cielo ta, ya se acabá, ya no pena, mi Sinda que era tan güena y lamo dió ganatá que me tumbó pata riba.

Antonse yo a Dió pidí catigo pa él y Ño Lui.

cuando a la calera díba Ño Luis lo cable jalando yo cáñamo arreguindao pa asina no sé jorcaio lamo po atrá rempujando, safó lo cielo centalla la misma que yo pedí.

Lamo, lamo, yo, Ño Lui cayimos como grosella cuando palo se sacúe y nella ta enracimá y hay gente arriba trepá.

Antonce yo, como púe dispué que me alivanté y mira pa toíto lao mongo y asina abobao po su nombre lo ñamé.

Pero naide repondió lo do taban lotro mundo del infierno lo profundo.

esa vivió solo vino la centalla de lo cielo pa lo do.

que asina lo quiso Dió.

Dipué yo cargué con ella y la llevé pa la casa y cuando pa quí güerbía trompesé con Sinda mía que ta viva y que me abrasa.

La señora fema ta y sin ti no pué viví.

¿verá Sinda, que sin ti lama no se pué queá?

señó, tú bien me mirate corriendo etrá su caballo y tú mandate lo rayo y matá no me dejate y eso do sombre matate pa catigar su maldá.

Tú vite Sinda asotá porque nella güena a sío tú lo puere to, Dió mío, mándano la libertá.

TEXT #12: Contemporary Puerto Rican literary imitations of 'black' speech

A. FROM LLANOS ALLENDE (1968:33)

Yo he venío aquí del Congo,

y lo busco jace tiempo;

paque me dé un acomodo

o porporciones dinero

sin tené que trabajá ...

Oye bien lo que te vuá decí;

Te busca un camino en cruz,

consigue un perro pelú

y una gallina jobá.

Tre vuetay tiene que dá

y jacé que grite el perro ...

B. FROM SANTIAGO (1995:123)

Ej veldá, er que nació pa' maltillo del cielo le caen loj clavoj. Pol eso mijmo ej que quiero vacilá.

Eso ej to lo que uno se lleva pal cielo. Si le seguimo jaciendo caso al dotol de seguro que de jambre noj morimoj ...

TEXT #13: from the story 'Guásima' (Fonfrías 1963:48)

Arrecuerdo ... qe cuando el ciclón de San Nalsiso mentao, yo tenía como quince año. Eso fue allá pal sesenta y siete. Así que saque cuenta don ... dimpué bino otra tolmenta que ñamaban Santa Juana. Fue tolmenta platanera. No dejó soco parao. Pa entonse cogí mujel. Endimpué binieron como a siento en boca. Pol gujto. Benían, se diban y queábamoj chabao.

TEXT #14: from the story 'La ironía que pasa' by Juan Braschi (1959)

¡Oh, muy bonitos pajatiros son estes, señor! ¡Mi no haber viste nunca pajaritos tan bonites! ...
Muy bonite, caramba, muy bonite animalite. Decirme, señor, ¿cuándo sale el yerba por el cuerpo del animalite? ...

¡Oh, pajarite!; estarse quite en su casite, o yo dar á osté un patá ... osté quiere un caricie de mi mane.

¡Ah, pajarite sabi mocho, caramba! ...

¡Suelte, pajarite! osté quiere rompé mi deo. Suelte, pajarite: yo abre a osté puerte, si osté soltar mi deo ...

Yo no querer más pichona de este clase: quiere cóme mi deo. Si yo coge hora hombre que dice a mí pajarite es buene, yo mata jombre.

Afro-Cuban texts

Acosta-Rubio, Raúl (1976). *Quiquiribú Mandinga (se lo llevó el diablo)* {C-1}

Anon.

- `Cantar para matar culebras' (Guirao 1938) {C-2}
- `Canto congo de cabildo' (Guirao 1938) {C-3}
- `Canto de comparsa ta Julia' (Guirao 1938) {C-4}
- `Canto funeral' (Guirao 1938) {C-5}
- `Cantos de cabildo' (Guirao 1938) {C-6}
- `Diálogo' (Guirao 1938) {C-7}
- `Papelito "habla" lengua' (De la Iglesia 1969:265-269) {C-8}
- `Villancico' (Ballagas 1946:92) {C-9}
- `Yo bota lan garafo' (Guirao 1938) {C-10}

Bacardí Moreau, Emilio

- Doña Guiomar* {C-11}
- Filigrana* {C-12}
- Vía Crucis* {C-13}

Barnet, Miguel (1966). *Biografía de un cimarrón* {C-14}

Benítez del Cristo, Ignacio (1930). `Los novios catedráticos' {C-15}

Berenguer y Sed, Antonio (1929). *Tradiciones villaclareñas* {C-16}

Cabrera, Lydia

- Anaforuana* (Cabrera 1975) {C-17}
- Ayapa, cuentos de jicotea* (Cabrera 1971) {C-18}
- Cuentos negros de Cuba* [1936] (Cabrera 1989b) {C-19}
- El monte* (Cabrera 1985) {C-20}
- Francisco y Francisca (chascarrillos de negros viejos)* (Cabrera 1976) {C-21}
- La sociedad secreta Abakuá, narrada por viejos adeptos* (Cabrera 1970b) {C-22}
- Los animales en el folklore y la magia de Cuba* (Cabrera 1989a) {C-23}
- Por qué, cuentos negros de Cuba* (Cabrera 1972) {C-24}
- Refranes de negros viejos* (Cabrera 1970a) {C-25}
- Reglas de congo: palo monte mayombé* (Cabrera 1979) {C-26}
- Yemayá y Ochón* (Cabrera 1980) {C-27}

Cabrera Paz, Manuel

- `Exclamaciones de un negro' (Guirao 1938) {C-28}
- Fragments of poem (Cabrera Paz 1973) {C-29}

Calcagno, Francisco (1977). *Romualdo: uno de tantos* {C-30}

Conseguegra Guzmán, Ismael (Feijóo 1979)

'Yo está cortá un cañas' {C-31}

'Yo queré meté pinchacito tenedó dentro carne sabroso' {C-32}

Creto Gangá (Bartolomé José Crespo y Borbón).

'Un ajiaco o la boda de Pancha Jutía y Canuto Raspadura' [1847] (Leal 1975) {C-33}

Assorted fragments (Cruz 1974) {C-34}

Estrada y Zenea, Ildefonso (1980). *El quitrín* [1880] {C-35}

Feijóo, Samuel (ed.)

Cuarteta y décima (Feijóo 1980) {C-36}

Cuentos populares cubanos de humor (Feijóo 1981) {C-37}

Sabiduría guajira (Feijóo 1965) {C-38}

Fernández, Francisco

'El bautizo'(Montes Huidobro 1987) {C-39}

'El negro cheche' (Montes Huidobro 1987) {C-40}

'Los negros catedráticos'(Montes Huidobro 1987) {C-41}

'Minué' (Leal 1982) {C-42}

'Políticos de Guinea' (Leal 1982) {C-43}

Gelabert, Francisco de Paula (1875). *Cuadros de Costumbres cubanas* {C-44}

Guirao, Ramón (n. d.). *Cuentos y leyendas negras de Cuba*. {C-45}

Hernández Catá, Alfonso (1946). 'Los chinos' {C-46}

Lachatañeré, Rómulo (1938). ¡Oh, mío Yemayá! {C-47}

López, José Florencio [Jacan] (1879). *Nadie sabe para quién trabaja* {C-48}

Malpica La Barca, Domingo (1890). *En el cafetal* {C-49}

Mellado y Montaña, Manuel (Leal 1982). 'La casa de Taita Andrés, semi-parodia de la casa de Campo. Juguete cómico del género bufo en un acto' [1880] {C-50}

Merlin, María de las Mercedes Santa Cruz y Montalvo, Comtesse de de (1974). *Viaje a La Habana* {C-51}

Montenegro, Carlos (1934). 'El negro Torcuato' {C-52}

Morúa Delgado, Martín

La familia Unzuazu (Morúa Delgado 1975) {C-53}

Sofía (Morúa Delgado 1972) [1891] {C-54}

Nicolás Duque de Estrada. *Doctrina para negros, explicación de la doctrina cristiana acomodada a la capacidad de los negros bozales* [1797] (Laviña 1989) {C-55}

Ortiz, Fernando (1985). *Los bailes y el teatro de los negros en el folklore de Cuba* {C-56}

Pichardo, Esteban

Diccionario provincial casi razonado de voces y frases cubanas [1836/1865] (Pichardo 1985) {C-57}

El fatalista (Pichardo 1866) {C-58}

Ramos, José Antonio (1963). *Caniquí, Trinidad, 1830* {C-59}

Rodríguez, José Silvio (Leal 1982). 'La esquina de la viajaca.' {C-60}

Rodríguez, Luis Felipe

Ciénaga (Rodríguez 1969) {C-61}

Marcos Antilla, relatos de cañaveral (Rodríguez 1971) {C-62}

Ruíz García, Armanda (1957). *Más allá de la nada.* {C-63}

Sánchez Maldonado, Benjamín (1961)

'La herencia de Canuto, zarzuela bufa en un acto' [1896] {C-64}

'Los hijos de Thalía o bufos de fin del siglo' [1896] {C-65}

Santa Cruz, María de (1908). *Historias campesinas* {C-66}

Suárez y Romero, Anselmo (1969). *Francisco, el ingenio o las delicias del campo* {C-67}

Villaverde, Cirilo.

Cecilia Valdés o la loma del ángel (Villaverde 1977) {C-68}

Excursión a vuelta abajo (Villaverde 1981) {C-69}

Villa, Ignacio (Guirao 1938:183-6)

'Calota ta morí' {C-70}

'Drumi, Mobila' {C-71}

Zell, Rosa Hilda (1953). 'La sombra del caudillo' {C-72}

?? 'Proclama que en un cabildo de negros congos de la ciudad de La Habana pronunció su presidente, Rey Monfundí Siliman' (1808) {C-73}

TEXT #1: anonymous 18th century *canto de cabildo* (Guirao 1938):

Dondó jachero
pa un palo.
Palo ta duro.
jacha no cotta.
Palo ta brabbo.
¿qué son ese?
Si palo so jocuma,
yo so quiebrajacha.
Bamo be quie pue ma.
Tu jabla y no conose.
Tambó ta brabbo.

TEXT #2: 'Proclama que en un cabildo de negros congos de la ciudad de La Habana pronunció su presidente, Rey Monfundi Siliman' (La Habana, Cuba, 1808):

Caballere ¿unté non viti ése cosa que la blancos jase lo otro di que tó pareci que tá loco ó bolacha? ¿Yo que vine la Habana á nese quanto á que Siñó Govinaor se yama señor Lanzanga y yo no mas me vita otra cosa como éso? ¡Jah, como currí la jente, como ingritá, como ancantá, como anballá, y jase tanta cosa! ¿unté non save proqué? yo diré unté proqué. Pues Señó, unté lan sabí la navio pañó S.Juta ya vení la Paña y su jento endice que la pañó matá muchísimo flancé como jurumiga, que la flancé y tó que camina á lentro Paño uno murí, otro jase crabo, y otro jullí, y la pañó coge su bandela, su cañon, y tó lo que eye tifi tifi á la pañó: con que yevá en diablo tó ese jente. ¡graciandio

La Señó Manapate Rey de Flancé éye tingue una mano é din que éyes son Rey la Paña y la Habana: quanto quí vení eye julli porque savé que la pañó matá la flancé y rise que son su miecé una laron, mima que la machimango cimalon, y qui so éye tó mo pircarisimo facitó, que mata só jijo de la pañó como dimoño, só pare, só mare, quema conuco, lan grecia lan pare cura, lan Santa Crito, lan Vrige, y tó ése de lan Paña ¿Quen dice nuté palénte ése to quen tá en na Cabido? Jabran nuté, abrita, dice nuté, nuté quiere que nese dimoño madito de Señó Manapate trairó y su mano lan perazo camina la Habana por boca moro como losotro y jase có unté éso memo que jase ayí con la pañó. ¿Nuté no saví que se flancé no só memo criatiano sino jurí como ési otro que nuté mila la Sanbana Santa la prusion que losotro sacamo la san Flancico? Nuté no ví palénte tó ése diabrura que la marita flancé jace ayí con losotro en la Santa Romingo, como mata á losotro , como éyi frihi á losotro, como éyi capa á losotro lamimamente que la mayolá capa la belaco, ¡jah palénte! Có la jente que tá matisá nó se jase ése; nuté no savi palénte que nese laronaso de ñó Manapate se roba la Rey la Paña Fenando Séptima en mangañá á la pañó como guanajo para quitá éye su tierra, só pare, só jijo, la mojó soya, y lan dinela soya de toda lan grecia.¿Nuté quien sé lan crabo suyo de lan Señó Cacholaso? ¡No palénte primé muri jirocao!

¿ Nuté non vite tó ese, mingo ? Po milá la tá cosa: nuté non savi milá cómo la panó só Caballere y critiano y la Siñó Govinaor Manqui Someguelo jasi losotro so ficia, dá bandela dá éye tambo, da éye copeta, da éye sabre, y como la blanco meme tiengue losotro linero, tiengue yegua, tiengue conuco, tienguecasa y tingue tó ése que unté guta y si nuté so libre, y si nuté so libre, nuté tingue crabo, nuté bayra, nuté canta, nuté toca y nuté liengune tinguésijo, narie cojre

coire lo que só suyo: quando unté só hombre fromá y hombre bié.

Crabera y palénte ési que yo jabra la Siñó que vi én na Cabido, ¿mi jabramiento que nice unté de esi? ¿nuté son flancé, nuté son flancé? Si nuté son flancé, nuté son man picalo, mandito, traindó, sijo p... pelaso, dimoño, laron, jurí, pero si nuté só pañó como yo mimo, bamos julá lante la Govinaor defende la Habana jata tó nosotros murí, ma juntamente con la pañó defendé la Paña, lan Dio Jesucrita, lan grecia, y la Rey Fernando Séptima y quando losotro resa diga unté: libanos Siñó de Siñó Manaparte y tó lo flancé jurí a ora en la ora de nueta muete. Ame Jesu.

TEXT #3: Manuel Cabrera, 'Exclamaciones de un negro en las fiestas efectuadas con motivo de la inauguración del patrono de este pueblo San Marcos, el día 25 de abril de 1857' (Guerra 1938)

Como que yo ta cuchá
la gente que habla tanto
de la fieta de lo santo,
yo también me calentá.
Ante que sora, llegá
yo bilita prisa, prisa
mi casone y mi camisa;
vite bien po la mañana
y cuando cuchá campana,
yo me va pa la Tamisa.
Yo mirá gente crabando
la caña braba la suelo,
sábana, manta, pañuelo
la punta suyo volando,
la branco ta componiendo
su casa con penca guano,
pone ropa la ventana
la campana ta pin, pin,
¡brágame Dios la tragín
que lo tiene la critiano!
Yo llegá, quitá cachucho,
cuchá música bonito
de ese guitarra chiquito
que lo toca con serrucho,
yo ta mirá gente mucho,
musiquero no parese,
uté ve cosa como ese.
Yo alebanta sojo ¡siáa!
musiquero ta bombá
brabacoba de la grese
Niña ta lentrando too,
toíto neye ta cargá
di ese jabuco jinchá
que lo ñama maracó.

Cuando neye mira yo
se ta rillando ¿pa qué?
Yo cuenta uno, do, tre
y llega la lútima suco
cuenta tresenta jabuco
como tresenta mujé.
La niña que ta lentrando
no son critiano ninguno,
pue ta lentrando uno a uno,
na má que fasitoriando.
La mitá ta conversando
como loro, veri, veri
lotro ta la meri meri,
namá que pa jaraniá
ese cosa, camará
sí que son cosa trajeri.
Cura ta jasiendo misa,
niña ta sacando leye,
moso ta mirando neye,
neye ta morí de risa,
ese cosa de Tamisa
son la cosa que me sora,
crupa lo tiene señora,
porque lo debe gritá,
señó, quítame pa ya,
que la grese no se mora.
Cura que no son de acá,
ta caramá como chiva,
soma cabeza ya riba,
luego ta hablá, jablá,
como que yo lo cuchá,
fincá la suelo mi guanta,
pero cosa que mi panta
son de gente broví loca,
mitá sientá, mitá toca,
mitá jabra, mitá canta.
Luego sacritá chiquito
jecha sucra la candela,
como ta meniá casuela
salí jumo prito, prito,
la jumasero bendito
ta paramá pa to lao,
la casuela ta platiao,
ta tapa marrá con sogá,
poquito fata mi joga,

porque ta jedí masiao.
Yo mirá santo tené
su pruma gará la mano
y ¿si son santo cribano
pa que son pero la pié?
Yo ta mirá, mirá, eh,
hora branco me ñamá,
pa que no santo cargá.
Yo risponde, no siñó,
que pero ta mirá yo
co la boca cororá.
Dise, son pero pintá.
Mentira, la sojo suyo,
que lumbrá como cocuyo,
ta mirando yo namá.
A mí no. Yo con nimá,
nunca buca chirigota,
si la pero se borota,
¿quiene va pagá la pato?
Santo, pero y to lo trato
que lo carga monigota.
Hora muchacho sacá
prato grande que tené
tanto piaso la papé
como santo burujá.
To la jente ta tropiá
¿pa qué son tanta fatiga?
corriendo como jormiga,
¿pa qué tanto pura, pura?
Ese papé con pintura,
se lo va llená barriga?
Luego, po la calle Reá,
to la gente se parama,
santo, caramá su cama,
va palante, va pasía,
yo va pa la cafetá,
mira pa trá, ¿qué se frese?
Me sutá la pero ese.
Ese sí que yo no guanta.
Si sacritá no lo panta,
yo no brobí ma la Grese.
Ya mi llegó la bujía,
hora me va lo conuco
cotá cochino bejuco
y luego me va drumí.

Lamo ta regañá mí,
yo siempre con soramienta
no cuchá,
no tini cuenta.
Cuando toca vemaría,
mi cabeza ta tovía
ma bombá que la tromenta.

TEXT #4: José Crespo y Borbón, from the *Látigo del Anfibio* (Cruz 1974:33-4):

Ya ta niña la volanta
sumasé, ¡vágaman Dio! ...
Ya lan Fibio lo ha pantaro,
no lo buca sumasé ...
No pura, niña, porese,
poque ya quiquiribú ...

TEXT #5: José Crespo y Borbón, from 'Serenata del negro Pascual a Francisca' (Cruz 1974)

Yo sabé que ño Rafê
son guardiero tu bují
que ta namorá de ti
y tú le correspondé.
Todo, Frasica, yo sé
manque me lo ta negando
porese ta diprisiando
mi corasó sinfilí,
porese yo ta morí
y pena me ta jogando...

TEXT #6: *bozal* imitation (Bachiller y Morales 1883)

Ah, si oté no lo cubrá,
si oté tovía no fué,
¿a que buca que bebé?
¿Con qué oté lo va pagá?
Cuando oté lo cubra, anjá,
antonsi ma qui ti muere
bebé oté como oté quiere,
como oté como dan gana,
y durmí oté una semana
ma que lan tempo si piere.

TEXT #7: Fernando Ortiz, *bailés* (Ortiz 1985):

Me voy, me voy
ya ta purá.

Por boroqueo
calabasa son generá.

Yo bendo machete
poó cuenta yámbani
yo empeña mi ropa
poó cuenta yámbani.

Yo empeña mi cosa
poó cuenta yámbani.

Yo mete la mano en la charco agua
y saca la anguila e siete rabo.

Río seco ta corre mamba,
yo para arriba llega fondo.

Yo me acueta arriba
y lambia nsulu con la lengua.

Vamos a la río trá arena.

Lucero madrugá cambia coló

Saura etá veelando mi sombra.
Cañaverá etá cogiendo candela.
¿Quién lo va pagá?

Potrero no hay toro,
vaca va a meá.

tié való pa tumbá viejo,
tié való

indo e kabido que yo llega pocon
gallo me conbesa día que gallo me conbesa yo no
soy manga no ne yo abla mentira mis hermanos yo me
entrega lo sibile pa que me da cuatro tiro pa que
mayimbe me coma.

trinitario ta mucho aquí
vámono pa Trinidad.

Ziripá, negro con bronco
pa con pa no pega na.

Branco son malo, Güeilé,
tira gente la poso.
Tira gente la escopeta
Branco son malo, Güeilé.

Cubano jabre sojo con Cuba,
mericano ba cogé to pa é,
cubano jabre ojo con Cuba,
mericano, mericano ba quedé con é

TEXT #8: 20th century popular Cuban songs with *bozal* imitations (Castellanos 1983):

From Miguelito Valdés 'Babalú':

Eh yo le quiere pedir a Babalú
ay una negra bembona como tú
ay que no tenga otro negro
pa que no se fuera

From Celia Cruz, 'Changó ta vení':

Changó ta vení
con el machete en la mano
tierra va temblar
si Sarabanda malongo
mundo ta acabá.
Sarabanda, Changó ta vení,
abran paso pa lo de arriba.

From 'Lacho' by Celia Cruz:

Lacho mira que tú ta engreío
mi que tú son maccriao
tú son negro que no pué ta caggao
tu mare no son rico
y tu pare no son ma que babalao.
Lacho, qué pasa que tú no quié jugá
ni tampoco etar acotao
yo ta canta que tanta y tú no drume
yo te va da pau-pau.
Drume, Lacho, drúmete ya

que tu mare, tu mare tiene que ir al bembé
que hoy tocan pa Yemayá.

Celia Cruz, 'El barracón':

Etán cantando lo mundele
pa lo Yemayá
barracón se ta cabá.

Celina, 'San Lázaro':

Que yo va subí
y usté va bajar
con los zapatos de Changoté.
Padre mío, San Lázaro,
que yo quiere un sere
y un sese eribó, Padre mío San Lázaro.

From Ignacio Villa, 'Drumi Mobila':

No yora, Mobila,
que tu mamá ta la campo,
y horita ta bení pa cá.
Si nene drumi
cuando mamá sale
e trae regalito pa tí
e trae to lo nunie pa tí.
Y si nene no drumi,
chimbilicó,
cheche calunga
lo ranca lo pitico
y lo come.
Drumi, drumi,
Mobila.
Tu mamá fue la campo
Mobila
caya y caya
Tu mamá fue la campo
e ba trae pajarito
pa tí
e ba trae coronice
pa tí
Drumi, drumi
Mobila
tu mamá fue la campo

Mobila
e fue buca lo duse
pa que tú mañana come.
Caya, Mobila.

From Ignacio Villa, 'Calota ta morí':

José Isabé
biene pronto pa que tú mira be
ay, Dió
Calota, poque tú murí.
Ya me deja
Calota
Mira, que yo no tien que jase
si tú te ba.
Dió.
Calota no deja solo
yo ahorita
Calota
Mira, yo quié morí tambié
si tú te ba.
Mira, José Isabé.
Prito malo
ya se yeba Calota
y deja solo yo.
José Isabé,
yo ta yorá poque Calota
ya ta morí.
Calota ta morí
cuando jase fata yo.
José Isabé
yo ta yorá poque Calota
ya ta morí.
Adió Calota.
Ya muetero ta llevá
mi Calota

TEXT #9: *Bozal* imitations in *Cecilia Valdés*, by Cirilo Villaverde (1979):

Aquí va Dolores Santa Cruz. Yo no tiene dinero, no come, no duerme. Los ladrones me quitan cuanto tiene.

Labana etá perdía, niña. Toos son mataos y ladronisio. Ahora mismito han desplumao un cristián alante de mi sojo. Uno niño blanca, muy bonite. Lo abayunca entre un pardo con jierre po atrás y un moreno po alantre, arrimao al cañón delasquina de San Terese. De día crara, niño, lo quitan la reló y la dinere. Yo no queriba mirá. Pasa bastante gente. Yo conoce le moreno, é le sijo de mi marío.

Me da mico. Entoavía me tiembla la pecho.

Yo no me ñama José, me ñama Cirilo ...

Allá fuer. Yo tien marío. Mosotro no son casá por le iglese. Elle e carretiller, que vende agua, y yo vende carne, mantec, güeve, fute, tóo que pué ... Me ñama Ginoveve Santa Crú. Mi marío é Tribusio Polanca. Elle tien un sijo ñamao Malanga que ha sacao mala cabeza. Ha matao ma branco. Tondá lo coge como ratón con quesá le dominga depué de Niño perdío, cuandi diba nel entierre de ña Chepa Alarcó.

Ah, mi suama, sumecé, tlabaja, tlabaja, poco comía, no conuca, no cochina, no mujé, cuera, cuera. sí siñó, mi suama sumecé. Chilala no juye ma, Chilala tlabaja, Chilala fino, fino.

TEXT #10: *Bozal* imitations in *Excursión a Vuelta Abajo*, by Cirilo Villaverde (1981):

Yo va a na San Savaó a comprá un poco de tasao, y uno poco aró, y un poco sa, y uno poco, no ni cuera ahora ... No siñó, cuanto que nosotros llegamo a una buhía de taranquero mina ese, nosotros ta mirando tabena San Savaó ariba loma ...

TEXT #11: *Bozal* imitations in *Francisco* by Anselmo Suárez y Romero (1947):

sí, siñó, contramayorá manda mí, sí, siñó, yo va caminá

Oh, mi amo, yo no tiene la culpa. Cuando mayorá manda, ¿yo que va hacé, pobre clavo? Ese ta malo que ta la carreta.

Ta juí, ta pujá mí, siñó. Yo va curá né cun su mecé.

The work song requested by the *contramayoral* is:

Panchito, vamo la Bana.

Tumba, tumba caguazo

yo no tiene zapato.

Mayorá, ta viní,

chápea, chápea, negrito.

TEXT #12: From *Sofía* by Martín Morúa Delgado (1972):

Médico. ¿Y pa qué? Neye lo que tiene só un bariga con su yijo lentro. Lo góripe que siá dao pué binilo un malo paito, pero entuavía se pué remedialo. ¿Sisita médico pa sujetá un criatula?

Y ese que é señó. Sí, cuando tan chiquito neye tóo son bueno, deja que creque.

Grasisadió, yo no etaba eperando na má que se fuera pa metenme un cueraso en la equina. ¿Quié vení, Galaico?

TEXT #13: From *La familia Unzúazu* by Martín Morúa Delgado (1975):

Paña, ¿y néle lo muchachito va pendé su Paña de nuté?

Paña, ¿toíto pa nu'é son Paña? Pa dentrá no cueta naitica, pero pa salí ...

Aquí ta yo. No le mete mico conmigo, lo pobresito.

Gayina negro son mucho, y toíto pone güebo blanco.

¿lo de allá lante? ¿Y tú no sabe quiéne son su mujé?

TEXT #14: From *Caniquí* by José Antonio Ramos (1963):

Mabuya, la cosa mala, el ánima sola.
Son cucaracha voladora. Aguaita que yo mata.
ná, monja ná. Aquí en tu casa, con tu padre y tu madre, monja ná. Tú no sibbe pa monja. Tú ta loca.
Caniquí, negro malo, tú báa morí coggao.
Camina po lo suelo, niña asustá, camina po lo suelo, cueva tapá camina po lo suelo, no sale má manque te juya tú báa morí coggao
botella que patto pa meté bridrio entro e la cueba. Un bridrio nel mujlo. La señorita asutá pocque niña Mariceli empezó da grito. Yo no tiene ná. Yo mimo saqué bridio y pone telaraña. Ya ta curao.

TEXT #15: From *Quiquiribú Mandinga (se lo llevó el diablo)*, by Raúl Acosta-Rubio (1976):

Miamo, amo devió animá y si fue dondi lo Pelae pael asunto de un ganao ...
la cosa que mové mi cuerpo y lo jacé caminá y trabajá.
Tú no son jama, mujé ... Tú sinveggüenza, jaragán, tendío ahí como majá jiperando que otto jaga trabajo. Limpiá mielta, janda, cacho e puelco.
Si no tuviera jesa nena pará aí te plicaría. Janda, jabla, negro congo, ¿tú son chéchere? ... Tú son machorra ... Viggen, que no e iguá. Yo no iba tené macho como uté que no e hombre. Avel pogque no tené mujé? Ta enmoecío. Tú ta llena telaraña, noventa año sin macho. Uté cien sin mujé. Uté ta capao.
Niña Florinda, amo ta cuidao por Changó, no pasarle ná.
¿De dónde sacá ese agua prita que meté en lo candile pa jacé lú? ¿y eso jarro azú pa bebé, cómo jacé? □y la riló grandí, con sioga colgando naiden ta tocando y ta siempre moviendo, y jaciendo tic-tac, too tiempo? ¿cómo jacé? Blanco inventá ca cosa.

TEXT #16: From *Más allá de la nada* by Armanda Ruíz García (1957)

yo creo, niña, que debemo da cuenta al señó Conde de ete encuentro pa que neye mandá a vela, yo ta pensá que neye no va a pensá que semo nosotros. Esto son cosa de loco, pué habé animale malo, jutía del tamaño e perro y lo peligroso majases ...
no llorá niña, niño Erique se prondrá bien. No, neye no ta morí, yo lo jasegulo ete esclavo conocé yeba que curá too lo male ... uté no ta mirá su labio, eso colliare que llevá ponío son la causante ...
señó Francisco, deja a ete probe esclavo llevá la niño ...
me ta disí Imaé, señorita Condesa, que mi niño etá malo ... po mí, no ta tené cuidao yija. La vieja Asunción nunca jablá ... po Dió, niña, no ta ponerse brava con eta negra ... eta vieja nunca jablá, yo ta sabé mucha cosa y nunca jablá. ¿cómo etá mi niño? ¿qué tené mi corazón? ...
niña, no ta jablá así, son de ma agüero. ¿qué tiempo ta jasé que le da la cocimiento? niña, yo le da yeba pa quitá anbenenao, y ya ta jasé mucho rato ... oiga vieja, yo ta creé que niño Erique etá morí ... uté tené razó, niña ...
niña, qué suto tu le ta da a eta probe negre. corre, Tatao, no te quedá aí pamao y ayudá la niña pa

que pué levantá ... nosotros ta pensá que uté salí pa fuera ... a mí me sorprendé no encontrá niña aquí cuando virá con tizana. ¿pero qué locura tú ta jasé niña? Acotá en la suelo, eso es malo ...

TEXT #17: From *Yambaó*, by Julio Alba (1958)

Eso no lo sabes tú ni naide ... todavía no ta tené edá suficiente pa'serlo. E' niño Jorge apenas llega a los dieciocho años ... (p. 12)

Sálvate tú, mi niña ... yo no ta podé ... mis piernas no me acompañan ... son muchos jaños ... (p. 13)

mi amo ... yo creo que tá sé mejor regresar ... la lluvia arrecia ... ca' vé es má fuerte ... (31)

... mi ama tá tené cuidao ... tá sé mejor que no venga, mi ama ... (59)

¿Por qué no me tá pedí lo que tú tá queré? (122)

... él es el amo ... tá sé branco ... Yambaó tá sé su esclava como tú ... y si ella le tá salvá de la muerte, e porque lo amo tá se bueno con ella ... (125)

La voz del amo la saca del éxtasis. ---Anoche quedamos en que suprimos la palabra *tá*. (134)

... Tá llegá eta carta de Camagüey ... la tá traé José de parte del dotó ... (135)

TEXT #18: María de Santa Cruz *Historias campesinas* (1908):

Ah, ñamito, perdona mí...

Yo juí simaró, ñamito...

Niña Paulita ñamá yo da mi plátano con ñames...

No, siñó, ñamito...

Mí no sabe, ñamito...

Niña Paulita ñamá yo...

bisa negra pa ni, echa mi saco ñame cono plátano...

mí no sabe ná...

Pregunta niña Paulita...

La su casa...

Agüe memo, ñamito...

Ta güetá camino na má...

Sa sañó, ñamito...

Primero ta llorá na má...

Bisa André que ta güeno...

TEXT #19: from *En el cafetal*, by Domingo Malpica La Barca (1890):

No, el amo, son cosa del niño.

Totí pájaro negro, el amo, yo llama Eugenio.

Que si quiere, no se pregunta, el amo. Yo quiere, quiere, cosa va a hacer negro?

No más que eso? Eugenio gana doblón ahora mismo, de verdad el amo me da doblón?

Ah, comprende, yo pone sombrero encima montón?

Ah, cabeza con sombrero?

El amo no quiere matar Eugenio, no. Si no mata, yo gana doblón, en seguida yo gana doblón.

Cotorras no debe vivir uno solo.

No, niño, yo no quiere que su mercé me compre, yo está contento en el cafetal. El amo bueno. Yo roba para comprar pañuelos y aguardiente. El amo no da aguardiente, ma que con agua. Yo sabe está negro malo. El amo mata mí, está bien hecho. Yo cuando gente entra dormir, yo queda fuera, contramayoral tranca por dentro, mayoral echa llave, yo duerme y entra por la mañana y toma café. Gente duerme, no sabe yo sale fuera. Niño, el amo mataría a todos? No, yo no sabe mata a nadie, la gente tiene mucho miedo al amo. El amo bueno, pero gente no juega con él. Ah, niño, yo no hace cosa mala como esa. Niño puede hablar con Casto. Casto quiere mucho el dinero, él puede encerrar perros, él puede hablar guardieros. Si él quiere, niño puede hablar conla niña.

TEXT #20: Estrada y Zenea, Ildefonso (1980). *El quitrín*:

Bángama Dío. Poquitico fatá pa que señora murí agüoí. Mula ese sabe mimitico como gente.

Ay, señora, nigua no deja caminá a mí.
Zapato tá latimando pie mío.

Miamo, mi joga.
No miamo, crobata no. Siapato.

Ete pícaro mimo matá a mi suamo.
No, siñó,, yo no matá ninguno, yo sentá atrá quitrín pa yegá prisa, prisa, na panadería.

¿Conque tú no matá ninguno, simbregüenza?
Su mecé, jase favó, camina conmigo. Su mecé verá miamo mimo ta mueto, dentro la quitrín.
Cuando yo me piá de na caballo, poque miamo no tocá con la batón, y yo mirá que nelle tiene sangre, ese simbregüenza mimo se piá detrás la quitrín y arrancá corré.
Camina, pícaro, que aguora tú lo va pagá. Jorca mimo ta perando a uté.

TEXT #21: Emilio Ballagas (1946), 'Villancico'

Bueno día, mi siñá,
yo andaba juyendo gente
y Francisco mi pariente
disió que ya vos parió,
como yo quería aguaitá
lo que vó había parío,
aquí me tenei, Señá.

Comprá'me, mi amo José.
Yo sabe lavá, planchá,
jasé dulce y cosiná.

Cuando lan galla cantá
ya María tá levantá.
Pone jasé la café
y luego coge tablero
y lo saca pa vendé.
Comprá'me, mi amo José.

TEXT #22: Anon. 'Canto congo de cabildo' (Guirao 1938)

Su messé, la cabayero,
dipénseme la molettia,
ba jablá poco cuetto,
ni so cosa de mietto
ni viene co la lía
congo de brujilía
yo mimo soy cabanga
mimo cheche lucuanda.
Mayimbe prende lengua
tambó manda suppende
cautibo, cosa malo.

TEXT #23: Anon. 'Canto de comparsa ta Julia' (Guirao 1938)

Ma Rosario ta malo.
A be qué cosa tiene.
Tiene barriga y doló.
Etá embarasá.
Culebra l'asuttá.

¿Qué diablo son ese?
pregunta e mayorá.
Mira diente d'animá,
mira fomma ne roccá,
mira sojo d'ese nimá,
¿candela ne parese?
¿Qué nimá son ese
que ne parese majá?
Ta Juliá mimo ba matá.
¿Qué nimá son ese?
Yo coje guataca.
Yo coje la pala.
Tierra co l'asaó.
Ma Rosario ta buena.
Mañana ba trabajá.
Grasia ta Juliá

fué quié la mató.

TEXT #24: Anon. 'Cantar para matar culebras' (Guirao 1938)

Culebra me pica.
Me pica, me traga.
Mentira, mi negra.
Son juego e mi tierra.
Le mira lo sojo
parese candela.
Le mira lo diente,
parese filere.
Culebra se muere
Sángala muleque.
La culebra murió.
Yo mimito mató.
Ni saca lengüita
diablito mató.
Ni traga ni pica.
Yo mimito mató.

TEXT #25: Anon. 'Canto funeral' (Guirao 1938)

Bamo llorá
muetto pobre.
Mañana toca mí,
pasao toca ti.

TEXT #26: Anon. 'Yo bota lan garafó' (Guirao 1938)

Tu boca son la capuyo
de la susena fragante,
tu frente son de diamante
y tu sojo de un cocuyo.
Yo ba sé marío tuyo
por lan grasia, si señó,
eto mimo dise yo
así, retóricamente.
Cuando mi corasón siente
yo bota lan garafó.

Nenguirita, nenguirita,
yo te ba da uno coche
pa que pasiá po la noche
como la reina bonita

yo te ba da un cosita
que'e ma dusse que el anó;
yo te ba da un medalló
pa que tu luse con eye.
Ca be que te miran, beye,
yo bota lan garafó.

TEXT #27: Anon. 'Diálogo' (Guirao 1938)

Ah, si oté no lo cubrá,
si oté tobía no fue,
¿pa qué buca qué bebé?
¿Con qué oté lo ba pagá?
Cuando oté lo cubra, anjá.
Antosi ma qui ti muere
bebe oté como oté quiere,
como oté como dan gana
y durmí oté una semana
ma que lan tempo si piere.

TEXT #28: Ballagas 'Negrito' (1946)

Drómiti mi nengre,
mi nengre bonito.
Diente de merengue
bemba de caimito.

Cuando tu sía glandi
ba a sé bosiador
nengre de mi bida,
nengre de mi amor.
Yo gualda pa tí
tajá de melón.

Si no caya bemba
y no limpia moco,
le ba'abré la puetta
a Bisente e loco.

Si no caya bemba
te ba da e gran tutto.
Te ba yebá e loco
dentre su macuto.

Ne la mata e güira

te ñama sijú.
Condío en la puetta
etá e tatajú.

Drómiti mi nengre
cara e bosíador
negre de mi bida
nengre de mi amor.

Ahora yo te acuetta
la maca e papito
y te mese suabe
duce, depasito
y mata la pugga
y epanta moquito
pa que droma bien
mi nengre bonito.

TEXT #29: Benítez del Cristo (1930), 'Los novios catedráticos'

Tienga usted bueno día.

Qué cusitu man güeno.

Anjá, uté memo quiere yo, lo quiere jablar uno cosa contigo solito metofóricamente.

Tú so ma lindo que la lucero planetario, yo quiere jablá a uté ortográficamente, mi pecho ta premíu mimitu como la ponja, yo quiere cucha palabra tuyo dulce como la rapaure, yo no so pobre, no; yo so rico batante, yo saca lotería mismo me éste; yo tindora, ya yo jablá mimo hoy don Ciriaco, yo quiere uno matrimonio contigo mimo, colazón pa mí ta brincando dentro la pecho como la cuebro, yo quiere comprá pa ti uno túnico bonito de caña que tiene punta dura como polisón. ¿Tú quiere casa conmigo?

¿Qué so eso, eh?

Guanta, ya yo ta contento; la pecho mío ta bueno, bueno como la fufú con la llengueré, yo quiere llamá don Ciriaco pa que monta uno volanta y camina como lo rayo pa la engresia y regla toiquitico ristocráticamente.

¿Qué yo te va a dicí, ya yo no jablá toiquitico poéticamente? Bueno, tú so ma sabroso que la jonjolí con la guarapo, cuerpo tuyo tan bonito como la cachumbambé.

¿Qué so eso, eh? yo no entiendo ese retórico científico.

Yo no so planeta, no.

ah, tú dicí que yo provisa una diécima; bueno, yo te va da guto, joye bien, yo va a provisar con toítico similicutancia retórica poética, Guinea mimo yo so provisor

Tú no mira, prieto mía,
que yo tindora contante,
y mi pasión abrasante
so como la luz del día.
Corasó, tanto alegría
Yija de mi pecho son
yo te decí en la ocasión,
ningrita, yo te lo digo,
cuando tú casa conmigo
yo va está de garrafón.

Joye bien, jabre los ojos,
corasó, yo está rendío,
yo tiene el pecho premio
porque tú son mis antojos.
Tú disipá mis anojos,
quíereme por compasión
júndeme en tu corazón,
desbarata mi mondongo,
tú va mira negro congo
dulce como garrafón.

Cuando yo casá, nengrita,
yo te va comprá uno coche
pa que tú pasea de noche,
como la reina bonita.
Yo te va da uno cosita
más sabrosa que el anón,
yo te comprá un medallón
pa que tú lucí con ella,
cuando yo te mirá bella
yo va a está de garrafón.

Tú so como la capullo
de la azucena fragante
so tu diente de brillante
tus ojos como cocuyo.
Yo va a sé marío tuyo
por la engresia, sí señó,
esto que te dicí yo
que so retóricamente,
so que mi pecho lo siente

dulce como garrafón.

Bueno, llama don Ciriaco, que no pué quantá ma, ya está dirritío sufúricamente.

Don Ciriaco, yo quiere jablá a usté uno cosa ortográficamente.

Eso mimo quiere yo, nelle lo mimo, vamo pa la engresia.

¿Qué so ese, eh? jabla, don Ciriaco, que yo ta cuchando sufúricamente.

Yo no so bueye, no, y yo va a quitá la botine pa caminá linfáticamente.

Vamo, don Ciriaco.

Don José, yo va ahora mimo a la cabildo pa avisá too carabela pa que viene tiempla juna tambor y camina pa la engresia.

Bueno, yo va sienta un poquito, zapato mío ta premío retóricamente.
Siñó, don Ciriaco.

Yo no ta purío, no.

¿Y qué yo dicí ahuora, eh? señó don Ciriaco, lo que yo va jabla cuando cuchá ese jerigonza matemáticamente.

Bueno, don Ciriaco, ya yo cuchá a usté, ya yo sabe toiQuitico, ya yo so hombre brutológico, ya yo prende bien bien la retórico, la poético, la físico y la morao, por eso yo quiere que too carabela viení pa que toitico la mundo bailá y divertí.

Yo no so brujo, no; yo dicí que hoy son día grande, porque yo casá y yo quiere baila como la día de reye mimo.

Ya yo convidá too mi carabela, ello va viení.

Bueno, no habla más ese prosopopello científico y vamos pa la engresia.

Jabla, don Ciriaco.

Guanta, guanta poquito, ahora mismo yo va hace usté ministraor mío, yo quiere poné uno tren de carretilla y carretones allá la muelle.

Adula, Pepe. Cucha, don Ciriaco.

Ya yo está en capilla.

Yo también saluda a usted homeopáticamente, le centrífugo, le retórico de la prosopopea de la gente que son brutológico.

Ese sí so poeta fino, fino.

Guanta, pera poquito, yo va a traer champaña, cerveza, pera poco.

aquí ta yo.

Qué custa tan bella, ahura sí mi pecho está girviendo como agua que pela engallina.

Don Ciriaco, cucha las siete, vamos pa la engresia.

Don Ciriaco, ¿quiéne so ese negro criollo relambío?

Eso so mi carabela, rempuja pa lante toítica la gente.

Sí, vamos pa la engresia.

TEXT #30: Cabrera, *Francisco y Francisca* (1976)

Francico, dame larao. ¿Tú no me lo dite mi compae? Sí, pero yo lo necesita.
¿tú no sabe Francisque que é que da y quita, a lo infierno va con una patica jorobá y otra candelá? Da mi ará, y pronto, yo no ta creyendo eso. Pues yo sí y no da, yo no quiere mi compae con pata candelá. No Francico, lo querí decite é ¿que cómo ese perro cagó í sin pincharse lo culo?

Ay compai, si tú no tae cuchara te jodite, poque hoy lo que hai é sopa.
Preta un negro. Esa chiva que yo de dio tiene cuatro tetas. No siñó, chiva ese que uté me da tiene do tetas.

¿Quién ha vito eso? Tiene do.

Chiva tiene cuatro tetas.

Na, que ese dici que chiva tiene cuatro tetas ¿ha visto cosa igual? y chiva tiene do.

Na dotó, né comé lo chicharró caliente, bebé de l'agua fría, y to la noche pasá de lo catre a lo tibó, y yo corriendo a botá.

Carabela, ¿cuá son nimalito má malo del monte? Caimán, cocodrila. Animá má malo só jutía carabalí. Pió que mimo carabalí. Ese trepa riba palo, brinca palo pa quí, brinca palo pa llá, ne te mea, ne te caga, ne te tumba, ne te mete rabo la culo y se va.

Coma la ñame uté.

José Francisco Losa pa serví a uté.

Lo que yo te dici é que come lo ñame y deja lan gallo.

Eh, Robé.

Señó Tata. ¿qué le pasa?

Robé, visa mi señora sení que yo ta nel río, un gente llevó la ropa, puruga, jerejene, memoquiera m'eta comiendo y lon diablo m'etá llevando.

Cucha Francisca, mía a vé qué pasa.

Boma va a comese lan gaína.

Manque yo no pué con é, yo va a tropiá su rastro.

Mira l'amo, nana como yo nana. Si no críbalo bajo l'agua.

Qué puta buone vida que tú te da. Yo no pué má. Manda yo tlabaa de sol a sol.

Sin virigüenza qué buena vida tú te da, pero qué jambre tú mama.

Maninigalá va acabá con arró, y yo quiere, Francico, llená la botija pa que cuando yo estirá pata tú me paga, Francico,

abre bien oreja, un misa cantá de cuerpo presente con su noturno y novenario.

Güiri, aquí etá pajarito chichinguako pa comé arró nosotros. Tú ta oyendo Francico, qué musiquilla má bonita ta sacá

maningalá. Pera, no panta, vamo cuchá un poquito.

Ay, Usebio, yo va mueré.

¿Pa qué tu tomate tanta garapiña? Entonce cuando tú ta contenta no ta pensando que tú va murí ¿no? Calla boca y déjame dromí.

Güeita Francisca, venao cayó en la trampa. Cundo, ¿qué va sé uté con é?

Yo va vendé su cane. Yo lo mata, saca cuero, hueso. ¿Y con dinero qué va sé?

Yo compra vaquita y vaquita me pare otra vaquita, y otra y otra.

¿Y qué va sé con taro lo venao? Ese vamo a vé si pué comé con quimbombó. ¿Y con tanta vaquita Cundo, qué va sé uté?

Yo sale a patoreá. Qüeita Cundo, lo que uté fue asé, to lo plane bonito s'acabá.

Totá, manque se juya, ese no vale na con su canilla flaca.

Buen día, Jesucrito, si yo ta í cuando judío pincha uté, yo mimo pincha é. Jesucrito, yo va mojá.

Caray Jesucrito. si yo ta presente cuando judío clava uté, yo clava judío. Jesucrito, yo va mojá.

¿Cómo va durá? ¿No sabe que lechuza entra craboya y bebe aceite Jesucrito? Si yo ta í cuando judío, yo va mojá.

No moja no.

¿Cómo que no moja. Yo moja to lo día, ¿po qué no va mojá hoy? Yo va mojá.

Yo no saluda uté. Si yo etá í cuando judío pincha uté, yo mimo pincha uté, y pincha má duro.

Lumbra, lumbra pa tumbá má gordito.

Ay, lumbra pero no lumbra tan duro que me rompe lo lomo.

Amo, saco vacío no pue para í. Que con barigo bací no pue faginá. Ay, l'amo, que saco lleno no pue doblá.

Congo no sabe cribí. Fata pruma, y tampoco sabe contar. Pero Francisco sí.

Do, va bucá abogá familia pa má claridá.

Francico, yo debe ocho, paga sei y yo no ta conforme que debe do. Yo con mi pruma mocha etoy icribiendo en mi ley, quien de ocho paga sei queda diviendo, dieciocho.

Con Dió me acueta, con Dió me levanta, pero cabué, que yo no tenga que trabajá tanto.

¿Ay, Mamita, qué é ese jumo sabroso que sale po ese oriná marrao con cadena que balancea monigote? E la tracamandaca del tuculumbé pa profumá jocico lo Santo.

Yo quiero sé dotor, va sé medicazo como l'amo. Ta tentá doló en su cabeza. Tié fiebre. Mucho calofrío. Brínguimelo bien brigaíto. Y ahora a probá. Ay mi amo. Virítelo que nfemo ta reventao.

Yo siempre me etá preguntando si lo jombre son malo poque son malo o poque son bruto. □ Son tan bruto como tan malo?

Sí, páe, yo ta robá un gaína jabá. Y dipué yo robá una yegua. Pée, yo voví robá otra yegua. No, ese no son baya, páe, ese son dorá.

Cuando l'amo venga lo ingenio é va llevá yo viejo Gumesindo pa la casa vivienda.

L'amo, yo va sé pregunta bajito. L'amo, un barito de oro así, ¿cuanto vandrá?

Mi suamo, otro barita d'oro así, ¿cuanto vandrá? Salú ta cuchimizá. Sí señó, barita d'oro. Sí señó, un barita d'oro así,

¿cuanto valdrá? Amo, yo pregunta pa cuando la tengaramo.

Mira una caracha. Aprata pronto bicho ese pa yo podé cruzá. Ese no son caracha. Ese dice cacaracha. Francico, tú que sabe má, ¿bicho ese cómo ñama? Yo decía caracha. Y yo cacaracha.

No. Ni tú gana con caracha ni tú pedé con cacaracha. Su nombre de ese bicho que menia bigote é, prendan bien, sacaracachuza.

Mírame ve niño si salió.

No é mi billete.

No é mío, no, no, mi billete mira a só.

No necesita hombre güeno, yo mimo defiendo yo. Yo sé cual son mi billete. E mira só. Ete, ta quí.

Nía Consita la Nía Pansita mi manda cuté prete la singa pa singá caballo pa neye ve jodienda la Tajonera.

No, no va. No paga vita.

¿Chinangué? Aquí ta yo mirando glóbolo que viene de guarará, ingré que va volá, otro año ya voló.

Na dese sive. Nvento ma grande que tregrafia y ferrocarrí son buey.

Sí, que progrosa son buey, poque cuando nei ta vení ya yo no tiene que da vueta y vueta y vueta lo trapiche. Y si no vení yo taría jalando carreta.

¿Y cuanto año tú tiene ya?

Ay, Casi, si tú sigue así pa trá, patrá, tú va pará pronto en la coña tu señora madre difunta que en Gloria ta.

Confidiabeto, yo quié un riá quitransa pa sé un hiaco. Duro, ¿qué cata e cane ése que tú compra? ¿Po qué pregunta eso Ngueye? Yo ta mirá, yo saca un piasso de candela, yo pisá con diente y é juí.

Dea vé. Né tiene un güequito aquí, un güequito allá, po do lao. Carajo Carabela, éte son pinga buey. Confidiabeto. Yo te comprá un riá de quitransa y tú me da un cacho pinga abuey. La puta tu mare Confidiabeto. Ladrón. Ahora vedá, vedá yo va sé un yiaco.

Acompaña uté en el sentimiento. Yo etá trite, trite, como é no había mejó en lo mundo.

Mi paga. La putí tu mare. Ahora mimo tú mi paga lo nido menguín que sacá de la pingao-ratón.

Cuidado Francico, é cosa mala, no levanta no. Alma que anda en pena, que tarde ve tanto suceso, mi marido ta en la casa, no me cuenda quindá hueso.

Santísimo Sacramento. Oye, Francico ta í.

Cará, sí. ¿adonde me meto? □Dónde va meté. Sube a la brabacoa. ¿Quién ta quí?

¿Que quí son ahí trepao que yo mira la pata? Lo Píritu Santo. Pritu Santo ¿cómo tú vení?

Volando. Ah sísiñó, ta bueno que vení. Yo debe un regalo pa San Lázaro, otro pa Santa Bábara, otro pa la Mecé, pa la Candelaria y pa Regla mi mamá. Bueno, ya to ta lito. Como tú ta vení de cielo, tú va volando y lleva to eso pa llá riba. No eñó. Yo no pué subí volando po que yo baja na ma. ¿Po qué baja na ma? Poque yo so pichón Píritu Santo y ahora ta emprumando. Ay Dío mío éta pata e me l'encoge, que me la floja ay que tira, vuela a ncogé, ncoge, ncoge la pata.

Francisca, abríme pueta. Yo viene empapao.

Lumíname Santa Bárbara. ¿□Dónde lo meto?

Ay Dió, mi marío lo va vé.

Francisca abre, que moja. Francisca, apura. Tanto aguacero me enquillota.

Francisquillo la secundilla enconde la pata que la ve mi marilla. Francica, coño tú ta contenta hoy. Como no va ta contenta si uté vovió cuando yo ta acodá mi yari yari que etá en Guiní.

Branganí yo só gente de la otro mundo que viní conversá con uté.

¿Qué cate toro éte que viene a mi sitio?

Francico, □uté no va comé Yo ta pensá en toro. Cuando ese toro va viní yo va tirá tiro, yo va friími cuepo toro. No lava pie hoy. Güiri la toro, Francisco va po la copeta fuminante. Francica,

po qué m'epanta toro con lo de ecopeta fuminante. yo debía frií tiro a uté mima.
Pobrecito lo toro, Francico, ¿pa qué va uté tropeá cuepo suyo? Francica, ¿qué cosa mimo son ese? Ah Dió Damián, ese son un casualidá. Una casualidá, ¿no? Bueno, casualidá ese que no vuela sucedé po que yo no va a aguantá.

Francico, tranquiliza, vamo a vé. Tú no só congo bruto musulungo, tú só congo luanda. Cuenta Francico. E mé ante que tú te fuite, y abrí, y con mayo y mamayo que so cuatro, junio, junite que son sei, y é mé que se entremete, son siete. E niño é sietemesino. E vedá Francica, yo siempre trafuca cuenta.

Francica, ¿uté no etá peleá con yo? Deje gato jugá. Yo ta peleá con uté pero no con ese caballerito que le cuega.

Tú Francico, boca cherrao para que no arma revolico, poque éte é un asunto de marío mujé y compae, mu delicao. Tu miran bien, pero é que compae tuyo Franciquillo, ta gordo po que amueza, toma café y dueme sieta con Francica to lo día. Mete casa mío y tú va ve.

Pa demotrame lo que tú me quiere, camina, mata ese pollo jabao pa amozá hoy. Ese pollo jabao son la niña lo sojo de Francico. No pué matá. ¿Tú dici que yo son tu corazó y no retuece pecuezo pollo? No, tú no me quié na, si tú me quié, tú mata. Lo lío que tú va buca cuando llega Francico y refunfuñá. Buen noche. Tú ta má bonito que to lo dí, pero tú no ta contento. No, yo ta trite. Pollo jabao se murió. Yo lo ñama é po to lo lao y pollo ese no viene. Pa mí que gente robá. Dejan pollo. Gaína saca to lon día. Ay Francica. Yo ta tropiao, no tié gana comé. Yo tampoco tié gana. Pue vamo acotá. Sopla vela. Francica, ¿tú ta hablá.

Pue yo ta cuchá. ¿Qué vo son ese chiquito que ta salí d'abajo. Yo no oye na. Sió. E que convesa. ¿Qué cosa de lo pollo habao?

Yo va a oí.

¿Qué comió min gallito jabao? Convesa ma tareco. ¿Qué comió con aró min gallito y que cuepo suyo ta wan-de-va

wande quié? Mi compae sacramento, sinvegüenza.

Francico tú ta loco. ¿E que tú no ta oyendo? Pera Francico. Ese son chimoso y ahora mimo yo va arreglá é. Yo no pensá que un cosa tan chiquito y encondío tiene un lengua tan láingo. tú va ve.

Pa que vuela chimeá. Aprenda dicreció. Conversador.

¿Cá semo? Como jace l'amo. Primero almozalamo. Ma luego, singalamo.

Calabela. Sinió. ¿Case l'amo?

Primero almozalamo, luego singalamo.

Carabela, vivan Paña. Francica me pegó un taro po cuenta alókunchena.

Dió, ya no pué ma. Coyunturo ta doliendo, no pué mové cintura, mano se nquillotra, ya yo viví batante, Dió

lléveme ya. Va pa mucho tiempo que ese no vive aquí.

Ya pa qué, totá, ¿pa qué ngoddá mi cuepo viejo ya, pa comé lo gusano?

TEXT #31: Lydia Cabrera, *Refranes de negros viejos* (1970b)

Deja la mundo en manos de Dios.
Mundo siempre fue malo, mundo siempre fue bueno.
Casa cura-cura no entra Coromina.
Oreja no puede pasar cabeza.
Gallo no pone huevo.
En botica tién de to.
Pa descosío no falta roto.
Se juntó palo con hacha.
Cuando ojo ta llorá a narice toca su parte.
el rico compra esclavo, pero no compra vida.
gusano no respeta categoría de muerto.
negro somo, no tiznamo, hombre somo, corazón tenemo
to corazón son colorao
malo dormío, júyele levantá
tení tení, cada uno con lo suyo
guabina ta jugando lá arroyo, deja que seca
candela alumbra y mamba apagá
¿quién vio entierro de pobre llevando corona de cuí-cuí?
arriba negro, culpa siempre ta guindá
por mansito que sea lo cravo, si juruminga pica,pica, cravo va sacurí
palo ta cuijiá negro, negro ta carmentá
necesidad hizo parir mulato
negrita juega con yeso, lo yeso la va a tizná
aprende a mandá primero que a engoberná
mayoral suena cuero, y to lo mundo amansá
cabildo l'angáina-gallo, no entra sucarcha
en tragedia gallina-gallo, cucaracha no pué meté a separá
Ratón ta dí, gato ta viní
Gente desconfiá, peligro siempre ta avisá
Ay Dió, cuando mi marío ta juyí, siñó médico dici yo ta embarazá
Con Dió me acueta, con Dió me levanta, pero cabué Dió, que yo no tenga que trabajá tanto
Banico tien guerra con sudó
abebé siempre está peleá con aire
lengua siempre ta peleá con diente, y lo do viven en la boca
tiempo tomate, to mundo son cocinero
tiempo seco, to mundo son carretero

TEXT #32: Lydia Cabrera, *Por qué: cuentos negros de Cuba* (1972)

Si mañana yijo fūiri, ¿quién llora su madrina?
Mira como ta, palo, mira bien.
Mango ta maúro el mango-mangó ta maúro
mañana son día corobata

diablo kuyere mañana vite colorá.

Congo mató debajo de la Ceiba.
Diablo kuyere viti corobata.
Abajo laurel tengo mi confianza.
To lo guembo no son uno
Dende chiquito yo aprende a guerrear.
Vamo la siete palma
lué, ¿quién talla?
Domiló, domiló,
soto mayimbe nunca duerme.
Yagundé, palo Cuaba, yo quiere ver
cómo tu encanga-endoki
Yo tengo mi cazuela tronco Laurel.
Arriba entoto me juran ganga
rayo parta a lo gangolero.

Abri güiri mambo
kimbisi palo llamé llamé
yo llama Mayombe sacuré
si to lo gente se muriera
muerto no cabe la sepultura
la mar va a crecer
a crecé
po lo río pato va a volar.
Mira palo como ta, miran bien
candela alumbra
sollanga apagá.
Yo quiere ver quinsónquimanda
aguántalo con Mayombe
candela ta la tumba
Yo so lo jurubana
malambo so
lo pasa negra
lo palo batalla
lo tiembla-tiembla
lo tronco-malo
iserere siete enguba
saca empeño
engola tié-tié, engola la bana
yo salí tierra engola
lo mismo que yo siembra maní Angola
yo siembre maní la Habana
que tola estrella tan junta
iserere siete engumba.

Mariguanga viti colorá
baila mariquilla baila
yo quiere ver
debajo laurel tengo mi confianza
yo quiere ver, vence guerra, vence batalla.
Ay, déjalo toromonta
déjalo que venga
yo so matojo

lo tronco duro
ensuso vela
gallo caminando la luna
cuando lumba ya cayó
cimarrón con cimarrón prende cimarrón

Lengua tuya son manteca
santa Bárbara Bregantino
cuidado con palo, labrador
yo brega con bomasare
brega con mamá umbo
ya ya poberé
Pa la fin del mundo yo te manda
yo so qui manda
tú me lo manda
la fin del mundo
cielo toca la mano con cielo
cielo que yo me voy
buena noche pa to lo mundo
buena noche sin son de noche
bueno día si son de día
buena tare si son de tare

TEXT #33: Guirao, (n. d.). *Cuentos y leyendas negras de Cuba*

Tú come yebba po donde pasá la gente.

Mi amo, su messé, ¿cuánto baddrá una barra e joro así?

Mi amo, yo tenguí que preguntá a su messé, ¿cuánto baddrá tre barra e joro así? Ah, mi amo, su messé, yo preguntá pa si yo me la jaya.

Si señó mío Jesucrito, e pobre negro tien ambre. ¿Po qué no le deja mojá su pan en poco e aseite? ¿Tú deja pobre negro mojá su pan en aseite? Pero mi señó Jesucrito, to lo día tú deja al pobre negro mojá su pan en tu aseite, yo moja. Ta bien po hoy, mi señó mío Jesucrito, los otro día tú dijite que sí al pobre negro.

¿Tú son chimosa? ¿Tú cuenta lo que tú be? Ahora tú no ba podé contá na.
¿Tú son adibina? Adibina lo que yo ase y bembetéalo pol ahí. Papeleto jabla lengua.

Negra, ¿quíe ha'scupió ahí? Habrá sío e mayorá, que bino a tomá café

Mayorá no macca anduyo. Mire, compadre, si uté quié sabelo, ya lo pué il
sabiendo, yo fui quié'scupí e nel suelo. ¿Uté quié sabé aggo ma? Yo no, si uté fue quié'scupió,
bien scupió ettá.

TEXT #34: Lydia Cabrera, *Yemayá y Ochún* (1980a):

oté son Obalufadei.
Oreja no pué pasá cabeza.
poné Changó cabeza muchacho, tu té va trastorná su Eledá calajo.

Saca niño blanco po ahí. ¿Tú tié mieo? A ve, ¿te cargo? Ese é suete de usté. Po esa mano se
come, po esa mano va llové y va salí e sol.

TEXT #35: Lydia Cabrera, *Los animales en el folklore y la magia de Cuba* (1989a):

Paloma, oye bien, cuando tú vuela a sacá, saca un paloma sola, una sola, o yo te va matá. De
vedá, si tú jabla con animá como con critiano, é prende bien. Ya no pué aguantá má hambre.
Tiene que amozá, que comé bien tiempo malo yo freí un cachito mondongo. Yo tenía un gato,
cuando yo vuela pa comé mi mondongo no tá, ya gato se lo comió. Le metí duro, le rompí lo
diente. Y pasao tiempo,
le hice fieta a Eleguá y Eleguá me dice, ¿po qué le rompiste diente a tu gato? Yo mimo boté la
manteca y me comí chicharrón. Gato no fue.
Yo no oye Sube oreja. No oye.
Po poco poco que yo entiende tú tiene medio razón.
Papá son ma diablo que yo. Papá me dio una galleta y oreja mía se rompió. Canta otra vé.
Engancha aquí la colmillo y yo va dí.
Joaquina no hay dolore. Viene mayorá.
Boyero ta llá jalá jala y tambó no deja jalá.
Boyero, ¿qué dicí vosotros? Como é no sabe, sueta dotación. Yemayá taba ne pozo y pozo cantá
cantá. Mayorá va levanta cuero pa pegá y é mimo pieza bailá.
Yemayá jabla, lo que yo jago ningún di vó pué jaselo.

Vamo a entoná un canto que lleve derecho a la gloria a tigre
Voy a echá un cirimonia.
No comadre, sentimiento me etá acabando. Deme dos paquetes de velas y una candela de
candela.
Cuando tu cucha canto, ve con inolifé y metéselo al tigre en el culo.

Susundamba acaba llegá, yo te llamó, acaba llegá.

TEXT #36: Lydia Cabrera, *Ayapa, cuentos de jicotea* (1971):

Mi suama tiene bata preciosa de tira bordada.

Que yo ten quiere, que yo tándoro.

Amo ta pedí leche. Amo habló, amo pedí leche. Qué bien está misuamo.

Compae Jicotea no pue corré pata corta camina así, camina asá poquito a poco, poquito a poco to comía Alifante se acabá.

Jicotea ta econdé Jicotea boca cherrao no entra moca. Yo no murí, yo escondo la cabeza. Así yo no va murí. No. Mi carapacho brujo es más duro que piedra grande, más duro que cerrajón. Amérrelo a mi cola, señó Elifante, yo galopa y trota y galopa y corcovea, y é murí. Ay Diosito, así yo va murí.

un chiento na má yo deja. Ay Dió, dicí que un chiento na má me deja. Un chiento na má mi deja. To mundo lo quié enterrá, su compae, lo carabela, y así podridito como etá, asimimo yo no quiero que se lo llevá un casaca colorá.

Do chiento na má é mi deja. Ay mi marío. □ Con quién yo va conversá, José. Yo no va encendé tabaco, si mi marío ta morí tabaco no pué sabé bien. Pobrecito mi marío. ¿Pa qué yo quiere do chiento? Para mí son demasiao. Niño, ahí ta. Yo no engaña a ningún caballero. Mira uno aquí, mira otro allí. Pero cará, tú fuite quien fue a cogé vela en ete entierro. Si yo no te pedí ná, niño, ¿quién te metió a ti? Toma pa ti do chiento que mi marío, Gloria etá, me dijó.

TEXT #37: Lydia Cabrera, *La sociedad secreta Abakuá* (1970a):

Cómo va sé mano branco, si ta afé, ta prieto yo. Ta jugá. Ya branco ta debaratá cosa. Así no é.

ay, yijo, yo no tiene carabela aquí.

Siñió. ¿Tié poquito mani pa yo comé? Yo no recogé toavía. Sí siñió, mpanguia.

Calabela to nosotros son de allá, to nosotros son familiaafricana, to nosotros tiene que llevá bien.

Cucha canto. To nosotros brincó la mar salá y to nosotros son uno.

Era un peca feo que troná como toro.

Tanze só mismo rey viejo Ekoi. Ne murí jayá tiempo, tiempo ante, y píritu di é bobé pecao que mué cogé, ne contrá lo río la suete lo rey ekoi, y varón quitá neye, matá mué pa poné un religión.

Obon Tanze e rey mueto que entrá pecao y pasá bongó.

manque yo muri ese otá, en ese otá yo mimo ta hí. To día uté hablá con mí. Yo ta compañá to yijo. Mañana yo ikú. Ikú ese cane na ma, pellejo mío sí, se pedé, pero yo ta hí. Uté cuide. Pritu mío ahí. Yo so piera ése.

¿qué cosa hay en lo mundo que no nací de tieria? ¿qué cosa que no nací en tieria? Uté mira, to mundo, piriá, facitó, to mundo camina sobre tieria. Y cuando uté quié ensuciá, uté ensucia la tieria. Y son deuda que uté ta creé con tieria. Uté coge flució, to eso, ¿dónde bota? Pa tieria. Pa comé, saca fruta, saca vianda. E da come uté to. Uté mimo creció como granito, baila,

brinca, bota, to cima tiera. E sabe que día mañana é te va comé. Y día que tú morí é cobra. Uté pagá con cuepo. Pritu separao. Son humo que se va, tiera no lo come.

TEXT #38: Lydia Cabrera, *El monte* (1983)

Yo va con uté, sí señó. No toca, no. Blanco no toca dinero Changó donde eté yo. Hijo, yo bebe eso. Ese otro yo me lo va yéun y a Migué no pasa ná.

¿Por qué tú coge owo Elégbara? Si é mimo dicí tú ta olé y é te va agarrá pinando su papalote. Ve gallinero, trae akukó. Yo no cabe en cabeza de nadie.

tú me saluda y deja quieto ya; tú pide bendició, sigue tu camino, yo ta pa riba, riba cielo, tú ta bajo, tú son bruto, bwóbwó.

Yo va sabé si su boca no jabla mentira. Yo femma. Tú dici viejo Olofi ya ta ñangando. Yo va sé un mueca y pone como éggun. Dícin que ta morío yo. Olofi ya okuó, Olofi ta mirando, ya ikú. Olofi no está aro. Olofi está óddara.

é mejó carabela de Oggú, Oggú li hace forivale. Bariga Oggú no llena, e llama Eshu. Eshu Bi ta lo quina, viene un cameó. Eshu mete en cerebro maquinero, é mata, y Oggú come sangre derramao.

Niña, yo va lo Nfindo, o va a munánseke, quita gorra, hinca ahí, da bueno dí, conversa, enciende vela, echa simbo, cuando ya pagó, Monte da licencia. Ceiba da yo sombra.

Cosa bueno ta lo mundo. Zafa insafa Mamá Lola zafa canastico. Yo zafa Gurubana, Ndundu Carire da licencia, María Grubana ta la loma, tiembla tierra nunca cae. Páralo mi Mamá, como padre te manda, pa que yo jura mi mamá, simbico, páralo.

yo só qui manda, a la fin del mundo yo te manda

yo ta confuciá, ya yo no sé si lon gato matá la jutía o si la jutía matá lon gato.

ma ceiba recoge tu sombre abre tu puerta yo va entrá casa grande, yo me voy

pavo real, ta bucán palo
pa pará bien ya pará rriba jagüey
dice jagüey ta chiquito
pa pará bien pavo real ta bucá palo
ya pará rriba tengue dice tengue ta chiquito pa pará bien ya pará rriba nangüe
nangüe ta bueno

denque yo abrí sojo la mundo, yo son manigüero, yo ta viviendo como venao la manigua, y todo ese ewe de la gloria son santísimo Oloddumare okuó, to lo Ocha tapao, triste sintiendo que su capatá ta ahí su cuerpo presente. Vierende a lan dié sale entiero Jesucristo difunto. Sábado, dió levanta. Vamo bucá yebba que viene santificao, y coge ese zumo de Oloddumare, freco, de Dió que ta nuevo. Ahora ese ewe, to ese palo ta sacramentao, ta fueye y ese ranca con to ñura ñura, limpiá to, ese cura, ta bendito po mimo Dió. Hora, dipué que nelle coge yebba la gloria, vamo saludá Ocha, vamo en dale pa comé, vamo asé lo fiesta, vamo siré, Ocha ta contento.

cualquier tribuná que viene, él ñama rayo, y mata rayo al que uté quiere. De to ese que yo ta nombrá son capatá Changó Jebioso. Dadda Aworu Mággala son Olofi mayor, jefe tropa lo Changose. Lo saluda en la palma. Y con Dadda, salude a Candelaria que prende mecha lo cogollo.

Po que toita la nacion tiene Changó, que jalá machete en cielo.

yo sube arriba palo

Yo no va casa lo Santo
Oggún son mi zapato
Elegguá son mi camisa
Santa Bárbaro son bendito.

Changó no gutta juego con la queleto frío porque é ta to vivo y caliente, ta buriri.
Tú, hijo de mala fama, candela infierno no te quema que tu mismo son Infierno.

Yo le presenta a la mercé. yo abrí puerta y yo dice Kawo Kabie sí.

in cielo tronando, ¿i po qué?

pluma pavo yan vuela, la cangarobo, ya caen la cangarobo

Yo entierra vivo, yo lleva muerto
sacru matu con cosa mala sanguijuela no pega hierro borrico tonto arriero bobo
caimito cambia coló cocuyero cambia coló
cabeza malo que tié tu amo. Caballo cuenda luna nueva allá la loma camarioca
yo gana ndoki yo casa fiesta, así lo gano

tú son tronco yabá, taconé
tú son palo moruro, taconé
taco sincero, voto va Dios soberano

tú son gato y te va poné nombre tuyo mi tierra.

sulu son mosquitero, kariempemba ta eperando

con pie no pisa yerba malo

guayacán son palo duro
Palo duro guayacán

no señó, yo no soy cuchara, no.

abajo lauré villumba me llevó
abajo laurel tengo mi confianza
amo tumba su caballo abajo lauré
yo entra finda
yo sale finda
voto va dió soberano
yo coge la tuna sin zapato
palo verde ta cayendo
palo seco ta parao nsulo son moquitero
tú sube nsulo tú cae ntoto medio fueite no da cambio remolino revuelo, la doce del día no se
cuenta si río crece yo paro río, si yo llega fondo son cosa malo

Muñeco con píritu de muelto muchacho, que nelle metía dientro Su comadre, parao arriba
caparate, é mimo baja buca
mi comare pa que lo aprepara, lo viti, echa agua canángano, y vuebe figurín, montá caprate y
pone otra ve tieso.

pa curá cristiano, catimabuey
saca remedio pa curá cristiano
si cabeza m'enduele bamo la casa Mundo
si barriga m'enduele bamo la casa mundo
si brazo m'enduele bamo la casa mundo.
Cosita yo va hacé tenga corazón.

naide de su boca pué quitá lo duce, cuando su boca ta comé lo duce.

si, yijo, es mío el quimbombó. Míralo ahí. Sube al palo y coge.

sube palo y lleva gajo y to pa nkento yandé. Bueno, yo tumba pa tí. Y yo paga.
Quita d'ahí negro relamío, aplastao, sinvergüenza callán boca.

tengue yo te llamo
tengue malo
vamos la loma
tengue vamo a guerreé
sube tengue la loma
arriba tengue Severina tiene valor
tiene valor arriba tengue
tú arriba tengue severina

dame valor
arriba de Mariata Severina tiene valor
tú arriba mayimbe Severina tiene valor

Yaya yaya, con campo alegre, son palo malo

TEXT #39: Lydia Cabrera, *Cuentos negros de Cuba* (1989b):

Vamo langaína, ainganse.
Carabela ta levantá pa bailá tambó también. Ay, cumari, mi cumari, qué me gusta mi cumari.
¿Vamo a timbé, cumari?

Dolele no quié pondé
vamo a llamá Dolé Dolé, endolé

Yo se ñama Cazuelita Cocina Bueno.

Ay, Dío Mambiala
yo pobre, Mambiala.

Yo va pasá ¿se pué pasá?
sí señó, uté pué pasá.
¿□se pué mirá? uté pué mirá
¿y me púo acecá? uté te pué acecá
¿se pué tocá? uté pué tocá
¿sí se pué besá? uté sí pué abrazá
mi marido vamo a bucá ya pedé
¿cosa duce de mi mujé, se pedé.
Ay, ya pedé, cosita duce mi mujé.
Cosa duce ya pedé mi mujé, mira a ve si ese eé así no é cosa duce, se pidió
mi marido, buca pa llá

TEXT #40: Antonio Berenguer y Sed, Antonio (1929) *Tradiciones villaclareñas*

No señó, vegüenza no e pa mí, e pa amo Tomás. Uno e chiquito, de pelo rapao, catalán, pata glande, jolobá, habla goldo, pega dulo, llama Don Pancho Vila; otro dió baliga glande, cara golda, jabla muy jalto, risa mu lalga, pica baliga, mata lo negro, llama Isilolo Titá, y otro, patilla blanca, canilla seca, que usa tolete, maca tabaco, acupe mu lejo, que llama Tomás Góme.

Hola valiente españoale.

También lo ha visto pero también no lo ja tomado nunca. Jace tanto tiempo que no lo ja comido yo cré que me jaga daño.

Generá españoale, yo va consultá la fuersa, yo contestá mañana. Teniente, usted e bobo, aguardiente era pa emborrachá y si comía etá envenená, usté no conocé epañoale.

Señó acade, ya yo ve poquito menos.

Yo, mi señó, llevé quebradura y un espolón en la pata y yo viene con quebradura votá y do epolón, que no dejan caminá.

eso son juego

TEXT #41: Iglesia (1969), 'Papelito habla "lengua"'

Tú ta jugando.

Cueta en seguida.

Tú no ta felmo. Tú ta muelto.

Yo no sé, tú ta muelto como sotros y yo tiene que

llevá camposanto.

Yo lleva ventidó muelto, aquí va clito, papelito habla lengua.

TEXT #42: Emilio Bacardí Moreau, *Via crucis, parte I: páginas de ayer* (1914)

Dió te bendiga, mijito.

mi su amo

mi mulato me tiene a mí
echando sangre por la narí.

dotació

miamo, si su mersé quiere, yo lleva a su mersé dentro la casa. Seguro miamo, su mercé.

sube, sube, tú no son valiente.

TEXT #43: Emilio Bacardí Moreau (1916-17), *Doña Guiomar*:

amo tuyo vive contigo Verdá, ¿qué importa mí?

Dolore, tú ser mu bruta y tú tiene que queré tu hijaaunque bruta tú ere. Amo Juan ma bruto que tú, mejó. Tú tiene obligació mirá po tu hija, tú mira donde amo tuyo guarda plata suya. Tú ve, tú calla. Tú dise mí, yo calla. Amo tuyo quiquiribú un día, tú avisá mí.

¿Tú entiende? Sí, Taita, yo entiende.

Yo jura. Qué da tú.

¿Cuando miamo Juan pega mí po su culpa, su mercé coge lo golpe?

Buena noche, su mersé. Allá dentro etá.

Lola, miamo Hernando ta namorao tuyo. ¿Tú qué dise?

diga su mersé, miamo Hernando. Miamito, ta bien, Lola quiere su mersé. Haga su mersé dichosa mija. Espere su mersé, yo tiene que habla también. Miamo Hernando, don Baena y don Tello tan detrás de Lola. Eya juye, no jase caso, e mala gente, tiene cuidao su mesé, pobre negro viejo ta sin fuersa. Otra cosa ma dura, miamito, miamo Juan, amo Lola, tiene mala idea. Hombre malo. Dise mí otro día, Taita, Lola ta bonita, guapa mujé, yo, joven, yo coge eya, pero yo viejo, yo va venderla buena plata.

Anda sinbegüenza. ¿Tú no dise tú son baliente? Ayá ta eya, en casa Taita Congo, con su moso. ¿Tú quiere eya?

Anda, buca.

miamo ta enfermo taita, miamo Juan, quiquiribú Dolore, ¿qué disí tú?
Ta murí. Queda tu apoyá tu epalda en puerta será. Yo va vé.

Miamo Juan, ta bien murí. Ta

¿Dolore, dónde ta la plata guardá? Buca pronto, ante gente bien. Pronto, Dolore. Pon basín, pon otro. Arrima cácara coco.

Junta tabla bieja. Ahora bamo. Cucha, Dolore, Lola no tiene sabé na. Basín ta pesao. Tú caya, no diga ná. Epera patio con tu candela ensendía. Tú no sabe ná. Cuando gente bien, gente pide nisao, tú dise, miamo Juan no levanta entoavía. Tú no trebe yama él, miamo Juan mu bruto y pega tú bofetá si tú dipierta él.

Deja sodao jase too. Miamo Juan no lebanta entoavía. Yo no ba. Miamo pega mí yo yamo él.

Miamo Juan ta murí. Miamo Juan come y bebe mucho. Tení rebentá un día.

Lola, amo Juan murí. Queda cama tuya hata too ta cabá. Yo disí tú ta enfema.

miamo el cabo y lo soldao. Amo ta murí.

Ayuda, miamo, su mersé. Siera puerta, miamo, y ecucha su negro. Su mersé sabe miamo Juan murí. Miamo Juan bibí con Dolore, y miamo mu bruto, mu malo. Su mersé sabe yo aguantá él, aguantá callao. Yo paga con mi sudó miamo Juan pa dejá nieta Lola bibí conmigo. Y miamo mu mala canaya y yo disí siempre, un día miamo Juan paga too maldá suyo. Dió lleba él, mejó pa tó. Dió perdona él, si pué.

Su mersé no sabe hata dónde llega maldá miamo Juan. Dió jase bien lleba él.

Ayude su mersé su negro. Bamo sacá plátano, buniato, pon mesa. Guaide su mersé. Calla su mersé. Eso, miamo Lope, e la plata tiene guardao miamo Juan. Abra su mersé caparate. Yo pone dentro. No tenga mieo su mersé. Dolore na ma sabe, y Dolore e güiro serao. Plata toa e pa su mersé. Su mersé compra Dolore y Lola, y da libetá dipué. Dió paragá su mersé. Too lo plátano y buniato pa mi señora Micaela.

Camina, Lola, caballero son caballero. Yo beré dipué miamo Lope. Boy mirá dende lleba eyo mijita, y dipué yo ba bé mi señora doña Guiomá y dipué miamo Lope.

Grasia, Dio mí. Aguanta, mija, mañana tu ta libre.

¿Tú dipieta mi señora?

Sí ta.

¿Quiere tú dise eya Taita Congo necesita jabla eya, ahora mimo?

Taita Congo quiere hablar a su mersé ahora mismo. Salbe su mersé mi nieta.

Ta presa. Yo cuenta su mersé.

Yo seguí mija de lejo, y dipué, yo buelbe mi casa, llora que llora.

yo etaba en mi casa. Do soldao, en nombre Santo Ofisio, biene buca mí. Yo sigo. Eyo lleban mí una casa. Sierra mí un cuarto. Dise yo grita eyo mata mí. Yo no sabe na má

Yo ta disiendo Dolore si quiere eya vení conmigo trabaja junto mi conuco, yo ba bibí coneja. Aya eyo, meno trabajo pa mí.

TEXT #44: Israel Consuegra Guzmán, 'Yo no queré morí sin meté pinchacito ...' (Feijóo 1979:102-3):

Yo llevá ya mucho tiempo comiendo con mano, y queré
dame guto comé con tenedó y cuchillo lo mimo que gente
rica, porque viejo no queré morí sin meté pinchacito
tenedó dentro carne sabroso.

TEXT #45: Sánchez Maldonado (1961), fragments from *Canuto Rapadura*:

ta bonito, y te canta pa que salgas al balcón. Ese te quiere muchísimo y tú lo debe queré lo
mismito Virgen Santísimo quierá que toa la vía no te vea safligío.

Ahoritica yo va salí pa lamprasa,

tú va jaciendo candela con lo cabito de vela y con papé de la trasa.

¿Tú vas a mosá con nosotros?

Uno paitía de lairones me llevá como condenao y yo me desmayá. Eso son secuestraó.

TEXT #46: Sánchez Maldonado (1961b), fragment from *Thalía*:

Camina, mojé. ¿Tú no sabe caminá por la Habana? Ah, no grita tanto, Ciriaco, que ta llamando la atención. Oh, ya ta cansá. Tiengá cabeza loca. ¿Po que tú no ta cotumbrá a vé tanta gente.

□y cómo vamo contrá a mi hijo? Ya lo verá. Yo va preguntá a too la gente si conoce a mi yijo Eulogio, nació y criaio en el Guatao. Sinvigüenza. Se fue y no paresé má por su casa. Po que juntó con la mala compañía y nelle lo pervierte o lo sonsacá.

Dios lo quierá que lo contrá pronto

Si no lo contrá hoy mismo lo voy a dar uno tunda que lo va poné como guacate mauro. Mira, Ciriaco, ahi viengá uno soldao, tú lo preguntá Vamos vé.

Vamos pregunta a ese caballero

Paite Dió.

¿Y usted cómo va sabé?

Bueno, usted lo desí, nosotros lo pagá.

Cinco grullos. Yo no tiengá ma que gallino guineo y cochinos

Bueno, yo se lo va da y usted me lo enseñá ahorita mismo.

Esi son mi hijo

so mucha verdad

ese mataperro taba juío

mi hijo no son caballeritero. Ahora mismo vamos pa la fonda bueno, usted le mandá, ta bueno

TEXT #47: Francisco Fernández, fragments of 'Los negros catedráticos' (Montes Huidobro 1987)

Qué cosita tan linda. Qué cosa tan güeno só eso. Yo tiene la pecho premio pur nelle. Yo ta namoraá, yo va vé si nelle

quíe só mugé mía pur langresiia. Yo só congo y trabajaore.

Yo puée casá cunelle.

Yo que te quíee disí que ma guta, y que yo quíee jase uno casamiento contigo.

Yo só congo, trabaore la muelle. Yo no toma güariente. Yo só libre. Yo ganá do peso tuitico lu día.

Vereme nelle.

¿Y por qué só ése?

¿to no so negro?

Criollo, lucumí, carabalí, gangá, arará, congo, toitico só negro.

¿Anjá, con que negro criollo só má mijó que congo, pó que nelle toca violín y pone casaca? Yo no só negro bueno, ¿no?

Ma mijó, ya yo no casa cunelle, yo casá conotra negrita má mijó. Déjalo, tú ta mirando que nelle va llorá toavía.

Vinió a cosa de mí mismo.

¿Entonces si Ud. lo ha oío, a que só ese sinapismo?

Yo no só negro ladrón.

Si Ud. só peleor y Ud. quíee uno pendencia, vamo a la Beneficencia que no no vé Celaor.

Trompá limpia, sí señó. Mucho leña. Como la juega lo ileña.

Se lo sabe jugá yo.

Andando, fierro-carri pues yo va a jacerte ver, que no puée músico ser un aprendiz de abañí.

Aquí ta yo, que ya llegá.

¿con que ya yo pué casá. □toita la mundo está contenta?

Tú só ma sabroso que tasajo.

¿Qué va disí yo? Que ma guta, que ta mu bonito, que yo te va queré ma que corazó mimo mío, que ta va comprá mucho cosa, que tú va como reina de lo cabildo. Mimo mío.

No é verá mi duce amó que tú vase mugé mía que mañana só otro día

¿y si no llueve ma mijó?

Esto que te disí yo y que ti pone así lela

ma brillante que lo vela deprema que ta sendía □no e verá, paloma mía que ta disiendo candela

eso viento que ta suta
y que te da dolores que se quita con las flores que tú lo güele y te guta el aguaor que diputa
porque doña Micaela que só maetra la cuela no lo paga y lo debía
no é verá, palomo mía que ta disiendo candela y eso parabra que Ud. lo joye sensiblemente no só
sumo de guariente
que no lo prueba José.
Corasó, tú pué güelé poque só quien me consuela si no dueme me devela cuando uno come jutía
no é verá, palomo mía
que ta disiendo candela esos dos ojos brillantes cual lo farola la Morro
que pescan como chinchorro
los jóvenes elegantes.
Tú só sardina de Nantes
duce como panetela
pó quien yo só me recela
y ma lleno de legría
tu vasé la mugé mía
y yo va ta de candela.
Ma preciosa Dorotea
jabre bien, jabre los ojos,
no me mate con enojos
jabre bien que yo lu vea.
Mira que yo patalea
si tú no só carabela
mírame con eso vela
que eso só la lú de día.
Yo tadoro, vida mía
porque to só de candela.
Alma mía, esa duzura
va a cabá con mi sistencia.
Yo va buca lisencia
que no da la siño cura.
Se cayó la vaya.
Bueno, vamo pa langresia y dispué yo van viní con caravela mío pa que se jaga uno cabido.
Corasó, yo jasé lo que tú quié. Vamo pa langresia. Vamo.

TEXT #48: Francisco Fernández, fragment of *El negro cheche* (Montes Huidobro 1987)

Aquí ta yo mojado con sudor que agua lo río.
Yo ta buscando Héculé. Ese dimonio muchacho ma va vové loco.
Ud. me permitirá preguntalo só ese alegramiento suyo.
Bien, con que dimpué que me da por liebre, gato, y que fue segundo plato
lo que se lo dio a José bien, con que dimpué que se coge min dinero que ganá sudando a cuero y
dimpué de toitico eto
me vigüenza don Niseto ante población entero si yo só bruto, mijó,
nelle que lo só intriuo,

que a mí me jase marío
 de mujé que ya murió,
 nelle mimo que lo só y se disí aristocrática
 ¿po qué no enseñá gramática al hijo que me nació?
 ¿Y pué tené cupa yo de esa cuasión matemática?
 Si yo só bruto, ¿po qué me casá con Dorotea?
 Poque nelle ta en la tea y min dinero quien cojé y ahuora que no lo ve poque nelle lo gatá me
 disí, bruto, animá, y nelle mimo disiba que yo só como la miba cuando ante me namorá.
 Mu bien, se cabó Por Dio que yo ma legrá
 de esa cuetión familiá que teniba entre lo dó.
 De aquí palante yo só lo mismo que era denante, yo lo pué ganá batante con mi trabajo la muelle
 y dimpué que diga nelle
 que yo só bruto ignorante.
 ¿Qué le va disí yo? Que ya cansá de todo ese cosa matemático y rumboso, que ma va pa la
 muelle, que yo no só ma aritocrático, que yo no quiere viví en esa
 mósfera físico, que ya ta burrí de toítico presopopeya, y que donde ahuora yo só otra vé congo y
 trabajaore la muelle.
 Cudiao conese. Yo no bebe guariente, no. lo borracho lo será Ud. mimo, poque Ud. só loco, Ud.
 só compañero de lo habitante de la luna, Ud. ma botá min dinero
 matemáticamente, y dende ahuora yo só José mimo, Ud. só Niseto Ojo lerta. Se cabó parentería.
 Po supuesto que ma va a botá eso casaca y bombo matemático pa ponelo vetío de mí mimo.
 ¿Dónde taba tu metío?
 Eso no só verá, huorita mimo yo salí de aquí y Ud. mosito no había venío.
 Sió, no quiero replicasiones. Mira bien ma vetío. De aquí palante tú y yo la va sé iguale. Toito
 dó será trabajaó la muelle. Tú va sé güeno o leña mío te va pati pinaso.
 Yo no lo perdí doce mil y quinientos pesos para quedalo con uno cheche perdío. Probe toito dó
 vamo trabajá. Don Niceto que se quedá en lo que disí suyo y nosotros pa lan caye. Andando
 fierro carrí.
 Poco a poco, Don Niseto, Ud. só Ud. y yo só yo mimo.
 Yo vine pa llevá hijo mío. Ud. se quedá y lo podrá contalo con uno fiere servidore y matemático
 amigo. Yo no entendé predicamento. Pero disí claro, si tú só
 bueno, tú lo matrimoniará cunelle, ma si tú só malo, yo ta da mucha leña. Ahuora a trabajá.

TEXT #49: Francisco Fernández, fragment of 'Políticos de Guinea' (Leal 1982):

¿Pero poqué so oté conservaoro y no só liberato?
 Samo me frica bien. Conservaoro quieré disí que si oté tiengá uno cochino aunque la cochino ta
 lleno de contribución desde la punta de lo jocico a la cabo, la cochino so suyo, y liberato quieré
 disí que cuando chochino ta bien gordo, la cochino ca uno rancá plaso y se lo llevá, porque tó só
 lo mismo.
 ¿Entonces liberato so ladrón?
 No señó, ese quien disí que conservaore lo conservá lo que temba, y lo liberato lo desguasa.
 No hay regla sin sinsión, pero liberato só má mijó.

TEXT #50: Francisco Fernández, fragment of 'Minué' (Leal 1982):

Macario Carabalí, pa seví a osté y a tatá Dió.

TEXT #51: José Silvio Rodríguez, (Leal 1982), fragments from 'La esquina de la viajaca':

¿Tú no ve uno yegua paría
que anda con la yijo suyo
como quien la tiene orgullo
porque saca lotería?
¿Tú no ve con qué alegría
viní correndo putrico
y lu lambiá ;a jusicu?
La yegua son tu nené
y putrico, elelé,
congo no más chinitica.

TEXT #52: Francisco Fernández, fragments from 'El bautizo' (Montes Huidobro 1987):

Yo no pué guanta sulfuriamente el calórico de casaca ese.
Cuanto yo va vini de filósofo bautizamiento, ya va a hacer uno dormiento.
Bueno, Ud. criba eso cosa aritméticamente pa que yo luego con linfáticamente lo jace uno
estudiando escolapio.
Yo lo mismo disí yo con gotas amargas.
Yo ta creyendo eso cosa matemáticamente sempiterna.
Eso mimo disí yo.
Yo quíe compra uno casa ortopédica y nutritiva y Aniceto no quiere soltar la moneda acuática.
Yo no pué guanta esos zapatos sarcófagos.
Permítamente hacer un beso algebraico con cara suya.
A mi gutá con agebraicomente uno cabildo.
Yo tiene un hambre matemática.
Fisicamente toito ta ya.
Vamo pa yá.
Yo quiere baila uno yuca retórico poético.

TEXT #53: Alfonso Hernández Catá (1946). 'Los chinos':

Tener miedo ellos de dejar hierro en mano de hambre.

mí no importar guardias. mí tener un machete y mater todos de noche, igual que en matadero.
mí saber bien.

TEXT #54: Rosa Hilda Zell (1953). 'La sombra del caudillo':

Cómo tú ba desí cañón pañó son cosa buena. Cañón pañó no sebí pa ná. Cañón pañó tira tiro
paf y se cayá. Cañón

Maceo, eso sí son cañón beldá. Cañón Maceo tira tiro pon y sigue cuatro día resongando po la sabana.

TEXT #55: Manuel Mellado y Montaña (Leal 1982). 'La casa de Taita Andrés, semi-parodia de la casa de Campo. Juguete cómico del género bufo en un acto' [1880]:

¿Conque quiere decí que su capatá de uté se llama Taita Andrés mandinga?

Eso mimo, sí, señó.

¿Y ese mimo é quien ha comprado ete sitio?

Sí, señó, y la chiquero y Ta bien, quedo enterado. Lástima que no viniera un ciclón y se lo llevara.

¿A mi capatá?

No, señó mío.

¿A la bujío?

Ta bien, yo va donde está mi capatá pa entregalo ese botella. Si oté quiere, yo pue avisalo, que noté quie jabla cun nelle.

Como ma rabia te de.

¿De pate de quien lo va dicil?

¿Y quiéne son noté?

¿Qué cosa?

Ya te tiene dicho má de cien vece que yo no quiere hablá con narie, y cuida muy bien ese botelle, po que si oté rompe una die ella yo te rompe a oté la cabeza.

Va, no quiere replicaciones. Ponga oté la botella sobre esa silla y rebiéntase oté de aquí.

Yo lo va a Que sa rebienta la ha dicho, yo no quiero jablá con narie, púrese comprá ese bujío pa viví solo, solo, tranquilo, sin que narie me mortifica, y aunque me lo da too dinero que ta ene banco pañó, yo no suelte ese casa.

¿Eso está tú creyendo?

Me va pa la chiquero. Quédese allá de una ve. Vamo a probar ese caña. Ahí ta. Quiene so noté.

He uté el Señor Taita Andrés Gandinga.

Mandinga eso quería yo desí, caringa.

¿Y é uté dueño de este sitio?

Sí, señor, y de to ese tierra que ta po fuera.

¿Y todo le importó a uté tres mil pesos billete?

No, señó, na de billete, onzo de oro, si uté le da la gana.

Ave María, gué bruto fue uté.

No, eso sí que no, mira oté como jabla.

Perdone uté, señor de Gandinga.

Uté dipense la palabra, pero que ha sío una cosa que se me ha díó sin querer.

Ta bueno, pero sin querer mia dicho noté bruto.

Uté seguramente que no me habrá entendido.

Bueno, no quie ma conversación, yo quiero está solo.

Pue no pue ser.

¿Cómo fue?

Siendo, y la boca abriendo.

Ete so mi casa.

¿Uté viene a jugar conmigo? □ Este son una casa de catón pa que yo puea llevalo de un lao pa otro?

¿Y a oté, qué lo va ni lo viene, oté va viví enella?

Bueno, yo ta conforme cun ella.

¿Quién va a echalo a bajo, quiene va a mandalo en lo que son mío?

¿Y héseme uté el fabó de eplicame qué cosa a jasé en nesa casa?

Uté ta mirando que salasión. Si ete cosa sigue po Dio que yo va etá divrití nese casa. Todavía no ha purí probá un poco de ese guardiente. Y disi que va a tumbá mi bují, vereme nelle. Yo no ha largá una pila de onzo de oro pa que luego viene lagua la sanja. Vamo a diejá ese ahora, luego yo va a piensa como lo quita de la cabeza pensamiento ese que lo tené ese negro parejero.

Vamo a bebé un poco

de malafó.

¿Quiéne será ese loca que se cuele con tanto relambimiento aquí?

¿Y aquí memo viene uté a bucá ese cosa?

Oigame oté un palabra

No señó, oté está equivocá, yo soy el amo de este sitio.

¿Qué cosa son ése?

Sujeta oté su lengua, yo no so robaor de nada.

No me guta la cane de puerco. ¿Y dónde etá esa sepultura?

Yo cre la botija so cabeza de nella memo.

Mira, yo lo quita, pero es no son pata de jamón, que so la piee de uno critiano.

Ya te ve, ése son otra cosa.

¿Pero aónde quiere oté que yo me pare?

ése son mi casa que me cotá tre mil pesos.

Bueno, cuéntaselo oté a su abuela. Pero señó, ¿qué cosa son ése que me etá pasando?

¿qué me va a se?

Mirá, ¿tú vi ete cotapluma?

Sí, ya lo ve. Pero cuidao conmigo.

tú lo ve.

Sí, ya lo ta mirando.

Gracias a su divina magestá que no me matá ese loca. Mire oté qué demonio que viene aquí pa bucala la botija de dinero

que lo dejá su agüela, y si lo jase bobo, me lo da un puntazo con la machete. En fin, ya ella se larga, yo va tomá mi aguardiente.

¿qué fue ése?

De pate Dio.

Pues vaya un visita.

Ay Dio, que tenga misa.

¿Pero oté, qué quiere?

E que no me guta, yo me quea vivo.

no señó, quieo que dure, tenga oté dinero.

Vamo, tase quieto ahí etá má dinero.

Virgen santísima de la Caridá, ya yo no puedí aguantá má un sofocació de ese, ma va a tiené que gatá má dinero que lo

que me cueta ese maldita casa. Y con too ese cosa no puedí probá siquiera ese caña que me regalá mi carabela que ta la

ingenio. Vamo a tomá un buche.

Señó, si é una morena carabalí, y dise que quiere jablá co no oté

¿una morena carabalí? ¿y qué cosa viene a bucá?

Yo no entiendo bien lo que nella disí.

Yo no lo entiende otra cosa sino que nelle disí que noté son botánico.

¿que yo so botánico?

Yo va a perdé la sentío.

Ya nelle ta ahí.

Vaya un figure.

Yo me largue.

Ese son lamo.

Dio lo da salú.

Ave María Purísima. oté me dispensa. ¿oté so taita Andrés?

sí señó, un servidore de oté.

Yo también so un servidore pa oté.

mucho gracia.

yo siempre soy servidore de oté.

mucho gracia. ay, Dio mío, me va a patí la pinaso.

¿Y noté ta buena?

sí, señó, bueno y sano grasia a Dio, pero quiero sabé que osa pue sevilo.

Yo lo va a disí. Yo so recojeoro de yerba y entiende también de cura brujería, y como yo sabe que oté so botánico recibío, yo viene junto a noté pa que me da

noté un noticie aonde yo pue encontrá uno yerba que ta buscando.

¿qué disí noté? ¿que yo so botánico?

sí, señó. y yo también trae uno yerba pa quitá a oté lo daño que lo echá la gente.

Yo no tiene daño ninguno.

¿po no? noté verá cuando lo toma esa yerba que yo lo da, como lo va a botá pa fuera.

Noté so quien me lo va asé fabó de salí pa fuera.

Bueno, yo me va, pero ante me lo va a da un poco de ese guariente.

Toma oté. A ve si revienta como una chinche.

ta güeno, echa otro poco.

Anda pa la Trocha, yo no te da má guariente.

yo no va pa la Mocha y ahora yo me lleva ese botella.
pue yo no quiere, ni me lo da mi gana que noté se lleve ese botella. ¿vamo a ve?
si oté no me lo da bien a bien, yo mi lo lleva de guapo.
güeno, si noté son guapo, vienga a bucalo.
con ete pitolo.
Ay, Dio mío. No punte, llévase la botella.
Otro día yo viene po ese otro botella.
Pero mi guariente.
aquí ta mi pitolo, no tiene que disí una palabra. de verdá que se lo cargá con nelle.
que oté se alivie.
que oté lo pase bien.

María santísima, yo me largá die ese casa, o lo regalá o lo prenda fuego, yo no pue viví de ese
manera. ¿qué le parece a oté como se lleba mi botella? y luego disí
que mañana biene a buca má. tonse yo me reverá, po Dió que iba a disí una barbaría.
¿qué demonio so esto?
Dio mío, ¿qué disí ese bombero?
y qué sabe yo de lo que me etá disiendo de así y de asá.
no señó, no tiene mucho gano tampoco.
Ta muy bien, pero jésume oté el favó de salí de aquí con too ese música, poque ete so mi casa y
yo no quie bulla.
Que no tiene que disilo otra ve.

no jase uté ese, po su mae.
que sí, disí yo, pero disi también que yo no conose ese coturera.
Ese coturera uté la ve aquí cuando yo largue un trompetazo, y si no uté lo va a ve.
Virgen del cobre, me toca fuego.
Ay Dio mío, eto so la plasa de Vapó. Un ciudaela, un rayo que se acaba de llevá la sitio con la
cría y la chiquero, y hasta la yerba y too.
Ma tarde yo no etoy aquí.
José, yo va arreglá too mi cosa, yo me va a largé de verá, poque yo no pue guantá má. Me va pa
la Bana.

ese melón faltaba ya llená la serón.
oté mimo etá disiendo que yo tengo figura de mono.
Lo que yo le disí a oté que no pue diejá que cruse con ese narie por ahí.
Sale, parejere.
ecuchame oté bueno, pue con toa esa bamba se larga ahuora mimo de aquí
poque yo lo mando, vamo a ve si ahuora oté me entiende.

ahuora sí verdá que no pue má. José, trae oté la candao de la bují. Ma rato pata a la bañil. A la
sacateque. A la bombero. Y yo también que fue comprá ese demonio de sitio. Yo me va a buca
la llave. Yo no me quea ni un hora má.
Bueno, yo jase lo que oté quiere.

ya etá caminando pa acá. ta mu contento y disí que va a sotá la sitio y va vení con la candao de la bují, de la chiquero y too.
conque me dise José que etaba perándome el abañil, y viene y me encuentra la bombero, y la otro parejero, pero nelle no sabe que yo lo está mirando.
ta bueno, bien que se ha driveitío conmigo

man fatidiao. yo quiere tambié bromalos un poco. bien, caballero, bien señorita, ya noté se han drivitío batante. conque e queré desí que noté son la señorita Florinda.
hasta ahuora yo no tení guto pa conocé a noté. y ese caballero ¿son la novia de oté?
bueno, ya que noté do biene aquí a drivití conmigo, po lo mimo yo no quiero de ningún modo me quea yo en nese sitio, ahí va toa la llave.
quiere que la gente le suene la palma.

TEXT #56: Creto Gangá (1975), fragments of *Canuto Raspadura*:

A la cabayera siñó don Santiago Gurea.
¿su mesé sabe poque yo te lo jase didicamienta diese qué sé yo? Poque uno niño que su mesé lo presia corasón, me lo disí que su mesé cun niña Cuchito lo reí cun la Trifulca Canavá como dimoño; y que lo disí mucho cosa bunito de probe Creto. Yo que lo son mu agradisío a la favó que me lo jase, callá boca mío, y lo disí drento mí: anjah, no lo tiene cuidá, que cuando lo vuelve cribí aguno cosa pa pubricalo se lo va dedicá a niño diese, ma que no lo tengo cunelle la mayó cuñusimienta. Ya llegó ya nese casión, y lo cumple la guto mío.

Po lotro la, ya me lo jechá diese cuenta: si aguno de la mucho buca-bulla que lo hay po la mundo, lo quie meté cumigo pañamame burico, y disímelo divrigüenza poque yo probe ningrito bosá lo cribe cumería, diese cabayera lo tené malo pruga, y no lo guanta que moca lo para riba su yo, y como lo tené machete grande y puela la sapato, lo pimero que me lo buca la cuepo, nelle lo pue laigá uno linternaso, o uno puelaso como a la cabayo suya. ¿verá, niño su mesé? yo lo intiende la juega, ma que no lo parese.

Po lo demás, ya sabe bié que diese cumería no lo son na, ni chicha ni limoná. Y po la mimo motivo te lo suprico su mesé que me lo dimpensa la rilambimienta y trivimiento que yo lo tené, po didicátelo uno cosa que pa naitica lo sirive, ma que lo proba la presiamienta que lo jase de su mesé, su
fitísima cravo que lo besa mano suya

Adivitisión a la letó.

Mira, letó mío, purete santísimo cru te lo dise, y po trata Dio te lo jura, que cuando yo pubricá Laborinto y Trifuca Canavá, lo jasé una juramienta po todo lo santo lan Guiné, no vuevelo cribí má cosa ne luenga mío, ma que yo lo ve que tینگuta, po lo igüe que yo lo cojó diaquelle prubicación,
que po sieto lo fue má que yo lo peraba.

Ma ahuoy, letó mi corasón, uno niño que yo lo presia po su sicuntancia, po la suya talenta, y

poque lo cantá como un ruiseñó memo la tiatro Tacón copra que yo lo compuso a probe Frasiquilla, que groria lo jalla, diese niño pue, me lo pidí que yo lo jaga aguno cosa pa la binifisio suya que va botá la tiatro la Sico. Poque disí nelle que la gente lo gutaría uno cumería ne luenga mío.

Yo, la verá te lo dise, cuando nelle me jabla di eso lo retuesé josico y lo menia cayuca mío de digutamiento, porque lo ve craramente que yo no lo pue jasé naitica güeño, y poque me lo cumprumete nuno nigosiá que lo tené pelo bastante. Cun todo nese, yo lo disí po bien suya, y poque minguta jaselo obra güeno prójima mío, ma que la diablo me lo lleva vitío y casao, que yo probará pa ve si lo pue cusiná ne cayuca mío aguno cusita que lo gusta nelle.

Y vira diaquí, brululea diallá, ñampia purete lao, arebújalo de lotro, y como Dio me lo da intendé, cumpare letó, lo burujé uno cosa, que ti dise fomamente que no sabe como lo ñama, pue como ya lo disí notro casión, no pue ñamalo ni chicha ni naranjá. Ma la niño que me lo jose la pidimienta disí que lo guta, y que lo va botá la tiatro la Sico, y qué sé yo qué sé cuando. Yo, po mi, ¿a ve cómo no? Que lo bota o no lo bota, ¿qué cuenta tiene yo? Allá se lo jalla. ¿Chivo lo rompe tambó? Cuero suyo la paga. ¿no verá, letó?

ma tú me lo disí, negro, ¿y po qué tú lo prime diese basura, que narie lo va jasé caso dielle, uno poquería que no lo sirive ni pa candela, ni pa sembrá muñato? ¿Tú va cogé groria? ¿Tú va cojé labansa? No. Lo que tú va cojé son chiflamienta, cueraso y que te lo toja la pero presa.

Calla boca, letó, te dise yo, que ya yo sabe diese cosa toítica. Ma tambié lo sabe que lo cojerá igüe como agua, mentra má pió lo sea cosa mío. ¿Tú sabe po qué? Poque gente son así memo. ¿Qué quie tú que yo lo jaga? Y ya tú lo ve que sana cun guto no lo pica. Que lo chifla y lo ladra y lo berea y lo toca fututa, que yo lo drivitirá cuentando la montonsita de igüe ne cansía mío. ¿Ya tú lo sabe? ¿Ya lo cuchate bien? Fue Dio te lo da salú batante paque lo meca Giaco señá Catana. Lo demá son boberí.

Se me viraba disite, que cosa que tú lo lee ne luenga gente branca, son cribío por uno ñiño que lo sabe catillano como yo gangá, paque tú lo intienda má mijó lo que yo queriba disite. ¿Ya oí? Va cun Dio.

Pué siñó, ya yo llegó
Ma Cañuto no lo veo
y yo tiené mucho mico
la pero la mayorá.
¿Po dónde diablo tará
diese negro? Si me ve
diese gallina, pue sé
que se lo pensa que yo
gallinero lo robó.
Vamo diaquí.

Luca Macao.
¿Tú pacá tambié?

Vaya, viene a ve la casamienta que ahuoy lo va a jase Pancha Jutía cona Cañuto Raspaúra.
Vaya, vaya, pue yo vieni pa lo memo.
¿Verá, carabela?
Mucho vamo a drivití, huoy mosotro se la halla, cumpare, poque cunvite lo debe sé a la campana como jiero. ¿no verá?
Yo cre que sí, camaráa Sí señó, ¿pue no?
Lo habrá lichón tuetáa, guanajite, arró con gallo, jiaco cun cane y cun vianda, y toitico cosa güena que lo come gente branca.
Veremo.
Cumparito, ahuoy bariga yo saca jinchá como yegua memo. Cuirá que tú no lo impacha cumpañoero.

Barriga mío son jancha como diablo. Uno casión yo va cun su amo la Bana, cunvite que lo dio ñiña Pipilla, cuando lo casa cun ñiño Grabié Potrosa, y cumpare, yo lo traga Marí Purísima, mira, carabela, ¿tú ve paila guarapo? Pue ya tú ve bariga mío. Jinchá yo lo tené po lo meno, como uno semana.
Carabela, intonse tú lo comé má que pontranca.
Cuándo comía son fino, como comé gente branca, cun mojita y que sé yo.
Yo comé no lo cansa.
Cumpare y ¿quíe no lo come como mula, sendo guagua?
Pue yo lo ve ne cunvite cabayero, que lo traga patilito y cusinao como yo mimito. Vaya.
Y tambié mucho ñiñita fino, fino, yo lo guaita que come, come lo memo como uno nigua. Y yo pama de ve como lo cavía tanto comía guara ne buche suyo, pue nelle son como sogá majagua finito, vaya uno muela de jembra. Dio se lo guara.

Pue yo lo cree que la gente branco que viví la Bana lo comé mu puquitica.
¿Puquita? De guagua lo come como dimoño, cumpañoero, y no lo impacha.
Ma jablando di otro cosa.
¿cun que posibre que Pancha lo va casá cun Cañuto?
Oh, neso disí.
Dio lo jaga güeño casá. Carabela, paque tú ve, ese muchacha cun uno negro crijollo cumprumetío lo taba, y pobresito murí poque ese negra lo ingaña.
¿Verá Rafé?
Así mimito.
Qué nengrita ma mala.
Diablo son aguno jembra.
Ma po mí, allá se lo jalla, poque yo no casá nunca po la Ingresia. Y como trampa me lo jase uno mugé.
Como pero lo pacha, y lo reventá josico con puchincha.
Calla, calla.
Que tú toví son muleque, y no sabé lo que jabra.
Ma yo lo intiende la juega a jembra, cumpare. Vaya.
Jablemo de casamiento de Cañuto.
Vamo, jabla.
Disí que lo son parino mayorá cun mayorala, su amo suyo.

Sí señó.

Y disí que lo rigala mucho cosa.

Pu supueto. Y disí Grabié Malanga, que su amo lo cunvida mucho gente que lo baila y que lo toca la tipre y que la copra lo canta.

Pue intonse la cosa va ta drivitío.

Ahuoy vamo ta mosotro como pecá dentro lagua.

¿Y quiéne ti cunvidá?

A mí me cunvidá Pancha.

Pue a mí mi mandá Cañuto un ricá po la mañana cun Alifonso Cabulla.

¿Y tú topate cun Pancha?

Tovía.

Yo cun Cañuto tampoco.

Ahuoy, camaráa, ni diablo memo lo sabe po donde nelle do lo andan.

Yo lo traé diese gallina cunese macuto vianda, paque come salú mío.

Pue yo lo trae nese jaba uno güeve y diese pollo.

¿Tú no lo oí cómo ladra la pero la mayorá?

Gente será que lo anda poray.

Son Cañuto memo, ¿tú no lo ve, Rafé? Guaita.

ñámalo, Lucas.

Ya me ve, ya. Diese gente lan diablo, cuando lo casa se lo poné soro y siega toitico, cumpare.

Ahuoy, uté, carabela, se lo anda pallá pidío y embrujulá con la jembra, que no se lo ve josico.

Camará, cuando vejucó va inreé cun tamarindo, no pue jasé caso a mango ni a ninguno mata.

Amigo, si uté lo disí ese cosa como uno pulla, prisiso que yo lo rimponda a uté, que nuca lo cuñusío que yo presia corasón lo vida po dingunito jembra, ni cosa de mundo Yo lo sabe, buenamigo, y lo que yo te disí son chirigota mimito. ¿y cumare Pancha?

Po allá se lo anda mi tío cun la gente cunvidá y cun diablo laborinto, que yo no lo quie sabé poque ya lo toy burío.

¿Mugé cuando lo casa no lo intiende lenemigo?

Lo etá lo memo que congo cuando lo tené potrico.

Visita son lo que má me tené cumprumetío. Luno lo que da conseja, lotro revuevé toitico la trato pa curiosiá;

mucho que son rilambío, pidí tabaco y refreca y lo ñampia to cosito que lo incuentrá de comía, lo memo que uno gandío.

Ma, cumpare, yo no ve que me lo traé dingunito de to nelle, ni pa Pancha, ni pa mí való di un chico.

Que pa cogé, to son güeno, to son cumpare y amigo, ¿ma pa traé? Ni uno si quie yo lo ha vito.

Carabela, la mundo son uno cosa mu pícaro. Gente, pa da, son cangreja, ¿ma pa cogé? Gato mimo. Yo, camará, te lo traito diese güeve cun pullito, paque lo come cun Pancha ahuoy pa la salú mío.

¿Pa qué jasé ese bobá, carabela?

Buenamigo, lo que yo quie te jase pruechamienta, y lo pío la sielo que te lo da futuna.

Grasia.

Yo digo lo que ti disí Rafé, cun toítica riquisito, pa que tú ve que me cuera di gente que yo lo itimo.

Mucho grasia, compañero.

¿Y sabe qué ti sumprico? Que cuida nese gallina lo memo que pan bindito, poque lo poné ma güeve que diabro. Sei vese sinco lo poné toítico mese.

Cun la güeve dielle yo mecá sei lichonsito.

Sí, señó. Ese son de cría memo la niño.

Va cun Dio.

Catose riale me cuetá a tata Gavino.

Ti dise que son una gallina fino, fino.

Yo lo meté ese guayaba, poque nelle son burico, que lo cre, y pague me jase uno güeno rigalito.

Diese gallina mañana va murí, tené muquillo.

Ya yo lo ve que mosotro vamo a está mu divritío.

Yo pensa que sí.

Cañuto, ¿y verá que son parino señó Geromo Pachato y ña Catana Güesito, tu su amo?

Ya lo ve. Me lo disí un cuñusío diese mimito, ma yo no lo quie crée.

Buenamigo, tú lo va a jase futuna cunese gente. Son rico, te presia mucha, son viejo, y como no tené sijo, cuando nelle sierá lojo, si tú no lo son burico, y cumple tu brigasión como uno güeno ningrito, te lo que da libetá.

Cuando ti digo diese cosa, carabela, no son bobo. Yo lo ha vito mucho dieso. Gente ileño son güeno cun la ningrito.

Pusupeto. ¿La jileña? Lo son como Dio mimo.

Vamo pallá, cumpaño, pa en vueta de la bujío, po ve si topa cun Pancha pa dalo ese rigalito.

Y que señó Pare Cura parese que lo ha vinío. Tová yo no cunvesá cun Pancha uno puquitico, y lo tené que disí mucho cosa. Po Crito que yo tené como pero selo de negro Dumingo. Carabela, po su vida, camina pa la bujío, que yo va pa lla corendo.

No lo hay cuidá, buenamigo.

Pancha mi corasón, jambre tené yo de vete, poque yo, mira, purete que va murí de frisión.

¿Qué ta disindo, Cañuto? Tú ta buracho, o ta loco, ¿qué tiene tú?

Uno sufoco, que pa na lo tengo guto. Pancha, yo va murí, te lo dise fromamente. Mira como ta caliente,

cayuca, téntame aquí.

¿Ma po qué son ese cosa?

¿Po qué tené ese fatiga?

¿Quie, Pancha, que yo lo diga?

Poque yo ta celosa.

Po Dio, no grita, no te sofoca.

Tú son un negro mu bruto.

Po tu güeso, Panchita.

Ya yo no casa cuntigo.

Qué disí, Pancha.

A su amo va disí yo.

Pancha, guirá cunmigo.

¿qué va tú jasé?

¿qué va a jasé yo?

Mira, ¿tú lo ve ese mata güira? Pue dielle yo va jorcá.

Po la sielo no jase un brutaliá, poque yo te quiere ma que te lo sombre la suelo.

¿verá, Pancha?

Po ese cru. Po la sol que ta lumbrando.

Yo va sanando, tú me lo vuela salú. Yo piensá que tú queré a Dumingo congo.

No, corasón, sacabó, ya yo selo no tené. Ya no jablamo ma dieso. Pancha, yo te quie pidí uno cosa.

¿qué son?

Si tú mi da, uno beso, no tinfada, corasón.

Yo la verá.

¿tú no quie?

La gente. Será dimpué, cuando tu mugé yo son.

Güeno, Pancha, sojo mío, cuando tú quie yo lo pera.

Vamo a ve lo cumpañera que ta perando bujío.

Son Canuto Raspaúra y Pancha Jutía.

Pae Cura, mosotro cun su amito, ma que no lo echa cabulla la picueso, no lo sale mentra viví lao suya. Y vamo a sé cumichosa pa trabajá ma que nunca.

¿sabe, cumpare Rafé, que yo me lo ta pantando cun todo que ta pasando?

A yo, camará, tambié.

¿La bují tú no lo ve de Pancha Jutía?

Sí, yo ve que lo tené allí de cuanto Dio lo criá.

Cumpare, verá, verá que ese negro son filí. Pue no ti dise naitica de Cañuto Raspaúra, lo tené como basura la cañamaso toítica.

Lo que má a mí me lo pica y lo causá amirasién cumpare Luca no son cosa que nelle tené, sino que jileño dé porelle diese funsión.

Y que lo sea la parina casamienta.

Ese será poque nelle lo sacá la baracón piquinino.

Rafé, guáitalo ese vino que lo branco bebé.

Diesa bibía lo ñaman sevesa.

¿y son güeno?

Mu güeno.

¿y uno vaso lleno no lo carama cabeza?

Intonse yo va bebé.

¿tú ta loco, amigo Luca? ¿Tú quie que te machuca gente branco si te ve?

Qué bruto son tú, Rafé. Cuando branco lo dejá son poque ya no quie má.

Luca, no son majaero.

Calla boca, cumpaño, que diese no son pecá.

Déjale, no son treví, cumpaño.

Rafé, yo viene acá pa bebé y llená bariga mío, pue guagua no lo ha traío gallina y vianda a Cañuto. Lo tené güeno guto.

Apróballo, carabela, tú verá como lo cuela.
Cumpare, yo tené suto.
Mi que tú son bien burico. Bebe ese cosa, verá como tú lo va a queá como Dio pintá Pirico.
Bébelo uno puquitico.
Tú lo verá que sabosa. Carabela, ese cosa groria memo lo sabé. Vamo, apróballo, Rafé, no ti jase fatidiosa.
Cuando ti disí que no, no me lo profiá má.
Güeno, Rafé, sacabá. Mijó, ma lo bebé yo. Qué dusí.
Vágaman Dio, como lo bebé la gente cosa güeno. Parente, ¿dónde vende ése?
Si yo podé, Mamá Chana, va cumprá diese guariente.
Luca, gente ta viniendo, gauita pallá.

Vamo pallá, ño Rafé. Cabesa ta corendo.
Cumpare, tú ta caendo. ¿sevesa te burachá?
¿a yo? No cumpare, ma cayuca ta borotao, como caballo pantao.
Vamo juyendo pallá.
Qué vivan señá Catana y señó Geromo.
Co mucha guto, su mesé.
Pimero, deja ñamá cumpaño. Anda ve a ñamalo, Pancha.
Sí, señó. Yo mimo lo cunvidó pa que viene a casamienta y si su mesé lo da primisión paque cumigo lo drivití.
Güeno mi amo.
¿ya uté sabé, cumpaño?
Pue como mi tiera que toca música, vamo.
Nengrito ma futuná no lo salí lan Guinea.
Bindita hora que branco me lo traé nete tiera.
Ya yo son libre, yo ta casá mi su amo memo me libetá.

Baila, carabela,
ménialo la pata
Cañuto son libre
y casá cun Pancha.
güeno, negritos.
La tierra branco son groria
cuando se jalla amo güeno,
la mío son critiano
y como súcara memo.
Niño branco ta guaitando como nengrito lo baila.
Lo nengrito lo dise, Dio da salú gente branca.
Mi su amo, como gallina lo etamo cuando lo tené pullitos.
Siñó to cuanto divrite yo, son po la tuyo salú.
Y má que libre yo sé, purete cru te lo jura palantre la pare Cura, se cravo de su mesé.

TEXT #57: Fragments from *Cuarteta y décima* (Feijóo 1980):

El congo fatal.

Yo va pa la gallería y lleva mi gallo jiro
la demonio la guajiro apotalo no quería.
Yo tanto que le pofia hata que fin lo potó
tre peso fue que casó mimo que yo le pagué, pelea que pelea con e hata que mío se juyó.

Mamita te va a decí que va a asé la tetamento poque ya llega e momento
de que yo me va a morí.

Ahí te dejo un sombrerito que son de soprá candela y uno cabito de vela
de alumbrá a Jesucrito.

mi capital son pa ti dime adiós, negrita mía.

Cosa que yo ta pasá
¿cómo con eso, señó, siendo yo libetaó
me di que son presentá?
En la guerra yo peliá.
Me ñama Francisco Tonio, soy guapo jual un nemonio, brabo como cuyují, negro nunca tan juyí
¿jenyo cre son uno mono?

Yo va crebí una listansia A Broche, la generá, y me la ba escribiniá una de la mi confiansa, un tié
un piazo esperanza de la dinero cojé, guantonce me va poné uno poco figurín con sapato de botín
de crují crujé.

Con un flu casimiro y uno sombrero e ambomba, pa que cuando me lo ponga
toitico er mundo me miro y de la embidia una tiro pundió que nell se ba da, toitico nello ba
quedá con boca jaucha y abieto,
mirando congo conpueto como uno jenerá.

Yo ba comprá die sotijo y ba poné una ca deo un reló de meneo que me lo jande bien fijo, yo ba
bucá uno amigo pa que la llabe le da, poqui cuando se pará me mete en la compromiso, lastra no
aprendé ofisio
yo me be mu apurá.

cuando mujé me llamá y la sota yo pregunta minuterio dise punta que la trece ban a da pero no
me la tocá poque pué desconponé poque toitica mujé que anda en ese pajarito descompone la
jaulito
y la candonga rompé.

Yo mecaré uno bastón como blanco caballero, y lo lleva a lo platero
que ponga mi nombración en la puño una crisión que quede bien cribaná.
Cuando Cabildo llegá ba tener un soramiento lo tambó en lo momento me ba tocá marcha reá.

TEXT #58: Francisco de Paula Gelabert (1875), *Cuadros de Costumbres cubanas*:

Bueno, sumesé, siende como disí la niña,
si siñó, tasa sólo ese, cueta meri pese,
dipense sumesé.
mi suamo me va da monda.

No se pué, niña, llave ta mojosa y no vira
ni pa tra ni pa lante.
No, yo no soy conga, yo soy casabera, de Guanabacó.
Branco relambío, sivregüenza.

Turbia, niña Pasita, mis suamos son muy drumilones.
Ah, niña, sumesé siempre está de guasanga, y haciendo reír a cuanto gente vive por aquí, sumesé
es muy dibritia.
Bueno, niña Pasita, toítico es lo memo, yo habra como yo pué, branco mintiende, pero sumesé
quiere verme apurá.
¿qué va bebe? Se empacha el barrigón ése.
Yo no señó, niña.
Yo jaré diligencia, niña, y si yo sabe, yo dise a su mesé.

TEXT #59: Feijóo, *Cuentos populares cubanos de humor* (1981):

Aferra, compadre, aferra uña en paré, que el animal se va.

Eso es verdad, cuando lamo tiró, venao taba racando oreja. Lamo, con to respeto pa su mesé, no
diga mentira tan parramá, que dipué no pue juntá.

Flancica, bota lan tasajo, que ya agarré lan vená.
Manque te juiga con tu canilla flaca. Pa lo que vale con tu canilla flaca.
Francica, lan vená taba flaca, flaca.
No siba, recoje lan tasajo.

María, mata lan gallo y a un rro con lan gallo.
Chinango, come rro, y deja lan gallo.
Naría, ¿cómo fue? ¿Guanajo mata chinango o chinango mata guanajo?

Guachinango quiere llevarse guanajo, guanajo ta picando guachinango.

Hoy congo ta contento. Mata pueco gordo y dejá carne guardá casa y cerrá con llave pa que
chinango no robe carne cuando nosotros ta lavando mondongo.
María, ¿dónde metiste la llave?
Debajo la laja, ahí mimitico ta.
Ahí mimito etá, chinango no pue robá.
Fue chinango.

No, chinango no pue entra, llave etá mimitico lugá.
Yo sé, moca fueron, mira como ta arriba la mesa.
Moca fueron.
Vamos matá toa la moca.
María, tate quieta, que yo vo a matá moca.
María, no te ría. Cosa no ta pa risa.

Tú ven de noche haciendo como gallina, que yo ta planchando y Flancico mi marío ta tropeá del trabajo.
Yo te ta perando.
Yo ta planchando y Flancico ta leyendo la periódico.
María, camina a epantá lan gallito ese que ta siendo bulla ahí.
Era lan gallito de compay Francisco que se pasó pa ca, yo lo sorá ata la ceca.
María, mañana po la noche yo viene como lan torito.
María, ¿qué torito es ese que anda ahí?
Ese torito es de compay Flancico que yo va pantá, y no vaya, que tú ta tropeá.
Mañana Flancico tiene que ir a lan pueblo y nosotros tenemo que jugá a lan caballito.
María, lan torito ese tiene pata como gente.
¿Flancico, cómo vamo hacé?
Coge lan bejuco, quédate esnúa, y amarrá po pescuezo pa jugá a lon caballito.
Flancico, relincha.
¿qué pasó, Flancico, caballito ta pantá?
Así es como yo te quería garrá.
¿cómo fue, Flancico? ¿tú no taba pa lan pueblo?
Yo te dije a ti así, pero yo te quería garrá.
Ay, Flancico, tú perdona mí, yo no te lo hace má.
Yo no perdona na, yo te vo a da tre suto a ti ahora.
María, mira, yo ta condío allí detrás de una mata, y tú tiene que cruzá po allí.
Ay, Flancico, no sea malo, no me suta así.
Ay, Flancico, no me suta má, que yo ta nerviosa.

Ya brazo cogió viento.

¿jutía mató langato o langato mató jutía?

María, yo vo a comprá un pedaso e billete. Con ese billete me vo a sacá lotería pa comprá lan conuco.
Bueno, María, yo va a lan pruebo a cogé la lotería que me vo sacá. Tú mira pa la camino cuando yo viene pa ca. Si tú ve negro tuyo vení en un coche, tú bota lo tasajo y toa la comía que tú tiene ahí, que negro tuyo trae cosa buena de lan pruebo, y ya e rico, y vo a traé una corona pueta.
María, no bote na. Que nego ta tropiá.
No María, no botá lo tasajo.

Si tú queré que yo te salve, fímalo bajo agua.

Cribí ahora pa mayorá.

Lamo, perdón su mecé, pero yo quiero que uté me vuelva a contar eto.

Vamos a ve cuál sabe la imbento má grande.

Lo má grande e la ingenio. Mete caña po un lao y saca suca po otro lao.
qué va. Lo má grande imbento son la buey, si no fuera po ello, lo negro tuviera que tirá la
carreta y la pipa.

Garabato en pajaré.

Vo an decir una adivinanza. Horma en saco, garabato en pajaré, y a lantrada lan pueblo,
currunchú currunchá.

Lamo de aquí, dice mi lamo de allá que le mande una cosa de esa de fregar.

Lamo de aquí, a mí me mandaron a buscar cosa que suena.

Virgen de la Caridá, yo va a poner dos trampas, pa cogé do venao, uno pa uté y otro pa mí.
Miren pa eso cómo corre el venao de la virgen.

Aprieta faja conmigo, ayer, antié, qué pasa mañana, maravilla ta la mata, pero yo no la vito.

Tre gotta de almiba puro bajó por un serraní, cayó desmayao debajo de un ceibo macho.

Francisca, corre volando, tranca pueta, tranca to, métete abajo fogó, la mundo se ta cabando.

Allá en la conuco arando siente ruido muy tremendo, tierra se ta
tremeciendo, cuando yo mira palante, animal como elefante de lo cielo ta viniendo. Tiene ojo
colorá, con que mira lo cristiano, yo no sé si tiene mano, poque iba muy apurá.

Huye como lon vená, gruñe como lon verraco, tiene lan canilla flaco, alto como palma reá, tiene
la barriga inflá, tamaño casa e tabaco.

Flancica, ¿po qué niño no é prieto iguá que tú y que yo?

Ay, Flancico, tanta onza de oro que tú tenía, y na má que me dejá do sientos.

Bueno, si tú son cubano, di gabanso, y no te pasa na.

cállate boca. Tú no va a sabé má que curandero.

TEXT #60: Galán (1983), *Cuba y sus sones*:

pobe neguito qué triste está
trabaja mucho y no gana ná,
pobe neguito qué triste está,
su mismo amo le está robá.

TEXT #61: Lapique Becali (1979), song fragment from 'Creto Gangá':

Ya ta niña la volanta
somasé vagaman Dió.

TEXT #62: Pichardo, *El fatalista* (1866:216):

La gente ta tlabajando
e musuamo ta comendo
cañaverá ta quemando
e moyorá ta numendo.
Lamo Andreito, calla la boca,
sumasé lamo bueno, bueno

TEXT #63: José Crespo y Borbón, fragments from Creto Gangá (Cruz 1974):

Yo sabé que ño Rafé son guardiero tu bují que ta namorá de ti y tú le correspondé.
Todo, Frasica, yo sé manque me lo ta negando porese ta diprisiando mi corasó sinfilí, porese yo
ta morí y pena me ta jogando.

Fracica mío, chinito ¿po qué así tú etá jasiendo sufrí tu probe nengrito?
Cuera bien que tú mimito chapiando cañaverá disiva: tuya, Pacuá na ma son mi corasó.
Batante me cuera yo tú son lo que lo vidá.

Yo tiene crupa na ma de to lo que ta pasando poque, bombo ta guantando que Rafé ta namorá.
Pero ya cramentará ese que tan guapo son vayalallá, so bombón crijollito sin bregüesa yo lo
romperé cabeza y jabrirá corasón.

Pénsalo bien, sielesito casa comigo, verá
cómo tú son futuná cun ete tu fie nengrito.
Yo te dará cuchinito mi cunuco y mi bují.
Yo te sembrará maí y fufú te jaserá, marimba te tocará tambié pa te divití.

Si no tin guta tasajo de brujo que suamo da lan gallina yo dará arró, pollita y guanajo.
Y mentre vamo trabajo por ete cru te lo digo toma café yo contigo que yo mimo lo jasé, yo laba,
jasé comé, y todo, todo me brigo...

Domingo de Canavá yo vití de macarita y me fue con mi nengrita po todo pate a pasiá.
Donde mosotro se va todo gente se disí anjá, nengrito ese sí que va vitío curito.
Y todo ñama: nengrito, jasé favó de vení.
Nengrita que va cumigo son curito la Caña
y que jase borotá corasone po catigo.
La verá, yo va consigo comprometí no casione, poque branco se lo pone a jaselo cariñito y yo se
ve como Crito cravá dentre lo larone...

Laborintos y trifucas de Canavá va salí Segundo Pate letore, de mi trifuca que bié tropiá mi cayuca pa pudete cuntentate.

Cuirá que no te lo fate a viené cumprá ligero.

Pa date pate tesoro y lútimo hitoria mío
donde verá un sucedió ¿tú sabe qué? Como jiero ...

allá va cun Dio. Allá va, letó, lo que tanto ipera.

Allá va pate tesera trifuca de Canavá cun música te lo da pa que ma te lo divieta.

Ma tú tambié uno peseta lo frojará, cumparito, poque en jamá tú lo ha vito la trifuca ma cumpreta...

probe nengrito gangá chocarero te disí porque no sabe cribí cosa de Juega Frorá ... qué diablo de berincho lo dentrá, qué moca lo ha picao ...

el probe nengrito que cunarie lo mete ...

□ cómo va sabé diese cosa si son uno bosá que nunca lo ha jecho ma que sembrá caña, chapiá, epumalo lo tacho lingenio ...

tú lo debé tené uno cayuca garandísima como paila guarapo, niño mi sojo ...

aguno gente disí que su mesé no lo son ni chicha ni limoná y que todo nese cosa lo ha vito po la forra na ma, pero yo lo dise que son mintira, que su mesé sabe ma que cucaracha matina y que la guayabito, que son lo nimá ma sabichoso. Otro lo disí que cuando su mesé lo quie cribí de Juega Frorá y de sensia jondo, que lo tratea lo libro viejo y tífítifi diaquí, tífítifi diallá lo cumpone uno tículito pa lan Diario como si lo fuese uno cotina o uno cocha pa la cama, de muchísima rimienda, como la que me jasía mi sinfunta Frasiquilla la probesilla. Qué gente, lo que cunvesa ...

nelle llevá su saretá de soro con na corá

lo mimo que la collá la pusero y la peneta

su vitío ta cumpreta y diablo de la nengrita

lo parese un señorita de todo la sicuntansia

según se lo da impotansia y jasé fasitosita.

Cabayero, como moca que se va la rapadura se lo mirá su sintura que ya lo paresé loca mucho

triví quiere toca su pechito, y yo disí bravo lo mimo que ají

sarapi, diablo lan gato que la cumí diese prato no lo cusiná pa ti.

Fraquilla, que Groria lo jalla ...

nengro, ¿y po qué tú prime diese basura, que narie lo va jasé caso diella, uno poquiría que no lo sirive ni pa candela, ni pa sembrá muñato?

¿tú va cogé groria? No. ¿tú va cogé labansa?

No. Lo que tú va cogé son chiflamienta, cueraso y que te lo toja lo pero presa ... que lo chifla y lo ladra y lo berea y lo toca la fututa, que yo lo drivitirá cuentando lo montonsita de igüe na cansía mío.

¿ya tú lo sabe? ¿ya lo cuchate bien? Pue Dio te de salú batante pa que lo mieca Giaco Señá Catana. Lo demá son boberí

Yo ya son libre

yo ta casá
mi suamo mimo
me libetá.

cunvite a la niña de la Bana paque lo vea jasé cumeria mío un Agiaco o la Boda da Pancha Jutía y Cañuto Raspadura.

Tambié tú va drivití cun baile mi carabela y cun la canto guajir a y no lo tené cuirá poque drivisione diesa lo va cabá trepanito...

y ma que yo lo sabé que son uno cosa malo como jecho po uno prieto que no lo son icribano poque tuitico su vía lo ta lingeño chapiando metendo caña trapiche y aguno casión que suamo me lo poné cachasá la paila de la guarapo cun to nese, ñiña mío, te lo sumprica tu cravo que lo ve la casamienta Pancha Jutía la terato que mancuena con Cañuto Rapaúra ...
y lo hay tango u uno changüí que jileño lo va da cun sapatiao ...

No son boba, cumpaño no lo cunfia en insensia que camarón que lo drume lo curiente se lo lleva. Vamo a trabajá batante pa prendé a jasé cumeria como tata Dio lo manda y lo sabio lo cunseja si lo queremos llená la cansía cun peseta y cunseguí muchu gloria de cumeriante y puetá ...

Y lo ma mijó lo son que puquitica lo cueta
pue la presio la verá lo parese guagua mema.
Primita Dio que nengrito lo saca butija llena cun la igüe, pa que probe cunelle se lo libeta y lo meca cañamaso uno lichón y tenera poque son trabajao y fromá. Yo me legra que nelle jase futuna y que lo branco lo quea cuntento como uno Pacua ahuoy cun ese cumeria pa que lo ve pronto lotra que yo la tené cumpreta.

La Bana, ahuoy, tiera siáticu, laño de la brujerí y en la que nasé y murí la méricu somiopáticu. Frasica mi corazón que lo fuite gloria mío diete cata te lo invío aturugá de frisión.
Y yo lo etá cun rasón tan fraco como uno buja y cun lo sojo papuja poque morí te da gana ante que viene la Bana la méricu chino bruja.

Corasón, no lo jallo palabra cun qué disite que tú una cosa jisite lo memo que uno cabayo. ñami-ñami aró cun gayo cumigo tú lo taría si tú, Frasiquilla mía pa murite no te pura pue méricu chino cura tu male cun brujería.
Probesita. Tú pasate mentra lo tuvite infremo pena pugadorio memo cun rimerio que tumate. Jinchá la buche llevate de bibía trafalario que lo vende buticario ne caguíta fino fino y que cun méricu chino ya no lo son nicisario.

Poque nelle no lo cura como lotro demá gente nelle lo da laguariente cun bejuco y rapaúra. Ya tuitica la basura que buticario lo pacha butica suyo, muchacha pa na sive, pue la chino lo da a lo infremo, cuchino, mai, maloja y cucaracha.

Y ya yo ni me lo cuera lo milagra que cuantá de lo chino bruja, ma cucha diese veraera lo había uno cabayera que sijo no lo tené ma chino le dio bebé uno provo dreto lagua y lo parí tre jimagua todo macho, su mugé.

Tambié nuno jurubá cun joroba grande, grande como sei queso de Frande uno palantre, otro atrá ñamó bruja, lo fajá batante cun uno sincha y fuacató uno puchincha lo laigá in medio juroba y como palo de coba core, baila y lo relincha.

¿y uno vieja, cucaracha, sin tené pelo niriente que lo vuvé direpente uno ñiña vivaracha?
Diese sí lo son, muchacha brujerí verá verá y que gente lo sorá dende cayuca a lo pie.
Cucha, que te contaré cosa como la pasá.
Pue siñó, la probesito lo tiniba lumbaniyo ma pa riba la fundiyo y lo estaba enuno grito.
Sijo suyo, Piriquito lo ñama méricu bruja llega, lo tienta, lo etruja la lumbaniyo a la vieja le da bibía y peyeja lo cosé cununo buja ...

Sempre yo te cribirá la Groria donde tú jaya po lo que diaquí lo vaya a quiene chino curá.
Nutisia yo te dará de milagra que jasé y trifuca que tené cun méricu y buticario y lo puyase que a diario lo laiga nelle tambié.
Y adió, Frasiquilla miama te pide po mama Cueto que no te vida tu Creto
que cun su güesito tiama.
Mimoria ñiña Caguama, de carabela Grigoria de cumare ña Liboria de Tata Guan Acansía y tú lindo sojo mía que te va en bamba la Grogia ...

Cata que yo lo cribe a la Groria a mi mugé Pancha lucumí:
¿po dónde yo impesará diete cata latimero que no te frige la pena que yo lo siento mi pecho?
Pancha, Pancha mi sojo cómo tú tené talento cuando itirate la pata y sierate sojo memo pa laigátelo la Groria donde to son cosa güeno.
Y yo que disí que tú una nimalá lo ha jecho cun dejáselo la tiera pa pasátelo a la sielo.

Ya te disí otro casión que diuno méricu chino lo vení a curá la Bana y que lo jasé prurigio comorayo, pue lo mueto nelle lo poniba vivo.
Pue ya nelle se lo fue pa su tiera, cun butijo jinchá cun igüe, dejándolo a muchu cun la busillo vasí, y la cuepo suyo de puquiría llinito ...

Lotro carabela suya que ya lo cogé lo güiro a la gente de la Bana pue sabe que uno burico en sendo convesao y en jabrando chau ñau chíó como pero o como gato bata pa jasese rico, ¿qué jasé? que de la noche pa la mañana tuitico se lo meté a curaó que diablo lo toca güisio cun fututo, y drente poco méricu pañó, prisiso que se machá pa la China a curá la gente chino, pue en la Bana todo nelle va murí de jambri mimo...

Si aguno viní pacá mándamelo tu cunteta.
Y drivítete batante y manda tu compañera que ma tú ta la Groria sempre corazón te presia ...

Rimpueta de Pancha lucumí a la cata que yo lo cribí nelle a la Groria.
Cuatro palabra a mi mugé Frasica Lucumí, que en la Groria se lo jalla, ... cata que lo cribí a mi mugé Frasica lucumí, que ta vivindo cun tata Dio en la groria memo, pa dáselo cuenta de la infremeá que yo lo pasa, y de aguno otro sincuntansiamiento

...desde que la méricy chino, de que ya yo te jabrá notro casione, viní a la Bana, la gente la Bana

no quedá mu güeno la cayuca cun la merisina de guariente y cucaracha y otro puquiría que dielle se lo daba ...

lo macho son lo ma purao po mancuenase, y yo me lo sora de la comején y jomigüeo que lo ha dentrao a nelle ... ma yo también lo son fisioná a diese cosa, como tú sabe, y si lo topa cun uno jembra que me dentra po lo sojo y que yo lo guta a nelle, tú va a quedate cun uno cuata de jeta, de sinviria, mirando a mosotro. Pancha, ya yo me va fatiriando de viví solita y sin tené quiene me cunsuela cuando yo ta malito. Cun que ya tú ve nete otro nutisia, otra cosa virao de bajo pariba ...

Va cun Dio ... dimpué que lo jasé muchísimo imbrujulamiento y se jinchá de ñampiáselo muchu dineru a la gente dieta tiera, se laigá pa la suya enseñando su cajeta de diente de tanto risa como lo dio habelo jecho su futuna en meno que canta uno gallo ...

Ma si nelle no lo fuera bobo y lo queré sigui la cunsejo mía, lo dejaría de cribí y de tudiá, se vitiría de macarita como la méricu chino, lo tomaría la puso po la pata, jabraría como lo pero, como la chino jasía, rinsetaría cucaracha, rana, langatija y otro puqueriíta, y no desiría en luenga castellano ma que candela mucho, viento poco, y do pese que son lo que chino brujo disí: y nelle se jataría de ganá peseta nete tiera donde la brujería y chalatanería lo tené muchu patío ...

Prusumpueto que ahuora narie lo habra diotro cosa ma que de la Jópera, no se lo pensa en naitica ma que en lo cantaore; y la Gómito prieto, la rompesaragüey, la Córrera-muemo, la Quiebraúra de lo mecaere y lo cumisiente, la Califoña y tuitico lo demá se lo simpota a lo gente uno guayaba cotorera ...

Me entrá uno calenturamiento, que si no son po la méricu china, yo va murí de verá verá. La china me risetá uno meresina que va disite cómo son, po si aguno vese tú lo nisisita curátelo ese mimo infremeá. Cuando tú te siente caientura en tu cayuca, coje uno piaso de tomate simarón, y tuetaíto, gara su pepita nelle y en uno pache tafetán ingrè te lo pone en lumbrigo bien pretá cun pañuelo. Dimpué dise po tre vese ese palabrito: lumbrigo, lumbriguito tomate, tomatito. Cum pimentón, Crialeysón, crialaysón.

Si tú lo jase nese cosa po sinco día, y no te lo moja tu mano ni tu cayuca, tú lo va a ve que caientura te se juye.

Si no son po la méricu chino yo va morí verá verá...

Uno biyete que yo cumprá la loterí yo me sacá.

Uté no es na uté no es chicha ni limoná...

Guántalo diete macanaso, cumpare Pillo, y

vuélvelo po lotro ... Ya tú sabe que lotro casión que lo bucate buya cumigo lo salite cun guataca caliente

presiabe papé ...

Po la pricaera mío, ya tú masía lo cuñose que yo lo son uno probesito nengrito bosá, que toví lo son muleque, que no lo sabé ma que chapíá, sembrá muñato, y metelo caña trapiche su amo mío, y sirivíselo a la mano a tuitico la ñiña que me lo cupa, pue diese cosa lo intiende yo que no lo

hay que disí.

Ma po crupa pecá mío, lan diablo mimo me lo meté a cribí la boberí po cunseja diuno carabela mío ma burico que yo memo, dende que yo libetá y lo prende a jaselo letra cun pruma, cun ño Pijirigua Surícalo, maetro cuela la Güiro Milena, laño mi sochosienta corenta cun uno, año que lo tené cravao ne cayuca mío hata que me lo intiera la joyo, po la puchincha cun jalá de guataca y patá que me lo laigá maetro diese pa lantre y pa tra, poque yo tiniba la mijollo mu dura masiá, y nelle disí que letra cun la sangre se lo dentra.

Pue siñó, cunese mutiva que yo te lo lleva incajao lo pué tú cuñesé que yo no lo pue cribí dinguno cosa que te lo sirive pa pruechamienta tuyo, que como lo disí rifrán catillano, uno cuenoque no lo da baricoque, y como disí gente mi tiera, majá siegu no lo pue cogé jutía ... a la finá adrento su simpuntura, pa sin sécula sin fin amén Jesusi ... Berejé, berejé, cun guagua vaya un ñiña guaguero verá, camará ...

Yo cuando lo va, probe negro guiritando po to la suirá lo mimito que diuno beraco patilito de masa ria.

ñiña me lo ñama nengro, viene acá, y lo patilito nelle me tratiá.

ñiña mío, po su mamá, si su miesé no lo meca deja quieto patilito que mívara se chorea.

Yo lo sumpringa mi suamo mío no me lo viene a catigá que yo no vuela vendé la ñiña patilito de masa ria.

Suamo me lo laiga chucho, fuacatá, poque patilito lo ve imburujá.

Si ahuoy ñiña me lo ñama le juye como dimoño, pue po mecá patilito me lo jasé uno simbrollo ...

Avisamienta a la letó pa uno bautimo en Casigua ...

lejo como dimoño ... pa güelé lo que pasa hata drente la fundillo ... en tre peseta sintiyo ... luenga curo de Paña, que son luenga fino, fino, luenga Catilla la Viejo ...

Uno fábuloson cuento ma que lo parese hitoria si aguno lo quie apricáselo

que cun su pan se lo coma y que lo jase pruecho pa que cuepo se lo ingora ...

Otro piaso de uno cumeria que yo lo ta cribindo, pa rimprinsintase po mi carabela nuno trato que se va jasé.

Dámelo dinero, dise la simpañole rifrane, que cunsejo, sun jumo que se vola ... ¿qué ma? ¿ya cabate?

Pue vamo a ve la cunsejo que ya cuchá yo batante diese lago ringuilera de bobá y de dimparate ... En primé lugá son uno probe nimale.

Yo no dise nara malo poque ñame nimale a uno, pue todo semo mimá rationale...

en primé lugá, rimpito yo icribe nese lenguaje poque Dio no lo primite que notro mijó lo jabre ... jabro asina, poque asina me lo intiende mi cumpare poque asina me lo pide la gente de todo pate de la Bana, de la Ila, de Paña, y pa que lo rabie aguno pero judío son prisiso que lo sabe que pa Fansia y Singlatiera la cosa mío lo sale.

Y purútimo, si escribe yo nese luenga de cafre son poque asina lo paga la gente, y en prinsipale quiene me da to lo mese igüe con qué ringalame la cuepo como uno conde

Pallá yo lo tené jase ya batante tiempo uno prietesita que lo disiba, comémelo poque lo son ma salao que la sa de la puchero y ma bunito que rosa que cravé, que groria memo ...

De tre en tre y cuato en cuato lo andaba nelle corendo po la calle mu vitía cun ropa bunita y nuevo y como disindo a toro lo macho, mosotro semo la que ete noche en lo baile lo vamo a da ma trumento que lo llevá en la parilla probesito San Lurenso ...

Que toca lo sintrumento y que limpia su graganta lo cantaó, pa que canta la copra con fundamento.

Pónese jembra en su asiento hata que changüí se impiesa y que narie lo cunvesa cuando canta cantaore pue si no, ahuoy jabradore lo va salí sin cabeza.

Uno guajiro güen moso y fueite como lo seiba lo prantá en merio la sala uno hambre, qué jembra. la pecho se lo borota tan solamiente cun vela y cuando meniá su cuerpo bailando, tiene trigeria la corasón de tuitica macho de cuncurensia ...

como corenta pañuelo de to colore a la jembra se lo cuega en la pincueso, y muchísima que en pie suyo se lo jecha en figura de corona que ogullosa pisá diella.

Intonse otro guajirito lo jasé uno rivirensia a la muchacha, y lo sigue bailando con brío y fuesa y lotro probe queá tocándolo la tabreta y dicunsuelá mirándolo bailá cun su cumpañera ...

en San Antonio lo Baño Villa grande, lindo y freca cun su río que lo crusa dándoselo muchu vueta lo mimo que uno majá cuando en la mata se inrea río grande y cun ma peje que tené en su jondo arena río que lo da salú a mucho probe sinfrema río, en fin, que se lo traga uno grandísimo Seiba y que dinguno lo sabe dónde nelle lo rinsuella ...

si tuitico lo taita como mi cumpare fuera en la Bana no habría tanto niño, calla luenga que en boca que ta sierao dinguno moca lo dentra ...

rápame diabro, parese que aquí no habé uno pujeta que se lo bota uno copra a mi amigu Pancha Bemba.

y son verá, disí toro macho y jembra, to rinvueta.

Creto son quiene lo debe disí uno cosa po fuesa pue son cumpare de Pancha y lo intiende, pue en La Priensa siempre lo ta prubicando coprita como agua ...

Primita Dio, mi cumare que lo dimoño, una a una te lleva a ti, la futuna que ne mundo deseyare que dosiento hijo tú pare sin doló, como la rana y que la ruga y la cana te sale, si tú lo quiere.

Primita Dio que te muere cuando te lo da tu gana...

gente que camina cun la pata pariba y la cayuca pabajo, y que lo da sato motale, y lo trabaja en la sogá como mono, y lo camina po insima de uno pelota garandísimo como po la suelo, y se pará cun la pata pariba de muchu butella cun su cabeza, como si nelle son uno pajaritu o si lo tiniba lan diabro drento su cuerpo ...

Dio lo quiere que la simpresaria de la Sico se lo pone mu rico cun la corobata diese, poque como yo lo son tambié de lo dingrasiao que nase de cayuca, cuando lo veo aguno cumpañoero, me lo cunduele dielle muchu, muchu ...

Naitica disirá yo, de la sofocamiento que lo pasá pa sacalo la intrada en la dimpacho de lo Sico. Cuánto gente piñuca, Vrigen Santo, y cuánto borotamiento. Luno disí, Rafé, dame uno luneta, lotro, Rafé, dame tre intrada cun tre asiento, lotro, Rafé, háseme la favó de dame la vueta de la peso que te da yo po la intrada a la casuela. Ma Rafé, como taba solo, y la gente piñucá uno ariba de lotro como maná de canero, no podé dimpachá a tanto gente junto, y lo tomaba la cosa cun uno pasensia y uno cachasa de santo, y poco poco va dándole a cada uno lo que lo piden ...

¿lo habrá ne mundo uno ñiño ma liviano, ma lindísima, ma yuca, ma curito, ma fasitosita, ma chitosa que nelle?

Simpusibre, Dio mía. Si yo lo tené uno ñiño como nelle, yo va murí de cuntentamienta ... Nelle son de sera, nelle son deraso, nelle son silitiale. Mano mía me duelé tovía de silibralo, pue yo, ma que son negro, no apraude cun garote como hasé muchu gente que va a la Sico...

Cabayero siñó don Gi de la Casa Vede, malo preito lo difiende su mesé. No lo canta vitoria tan prisa, que tovía su mesé no se incaramá ariba la mula. Pa que su mesé lo pue disí cacaracá como lan gallo cuando pelea, son meneté que campana de la Crateá lo rimpica sola sincu casión; yo te lo dise a su mesé ...

...de dáselo jusiquito cuando se topa cun su cuñusía. Antes va nelle a cunsintí que mamita suyo no lo dejá bailá dansita en la baile de la Susierá, o que no lo meca quitrine pa díselo a la Paseo la dumingo ... son fueite como guayacán pa lagailo ... lógano de la fimesa grandi ... vágaman Dio, y qué dingrasiao semo mosotro, que etando a la pie de coco no pudemo bebé lagua ... ¿pa quiéne será la muchacha?

No siñó, que no son esa la jembra de que yo jabro...
pa trumento de lo probe sijo de Jeva...

Yo etá quitao, camará ...

si tú quie pasiá en quitrine semosísima sirena, camará vísamelo, que aquí etá
tu mulato calesera ...
chiquitica mía, y olé ...

donde ta Migué ...

la patilito de masa riá ... la lutiría de lo sien mi peso.

¿Corasón tuyo no lo brinca dentro la pecha como putrico po la sabana cuando lo pensa nese sien mi cara de gente cun piluca? Sien mi peso, cómo tú me lo trumenta cayuca mío y de toro la gente diete tiera como uno mese siguió ...

cuánta cáculo, cuánta ligría, cuánto iperansa tú lo dejate maguao ... cuánto se quedá sin casase po casa tuyo. cuánto viajera lo dejate en tiera. cuánto burachera y jitera lo vitate. cuánto se quedá como yo cun sei cuata de jusico.

cuánta sinvidiosa de lo que se lo sacá. Cuánto marisione y drivigüensa a la suete y a lo vendeó de billete. Ma lo que son diete último, bien impreao lo ta, poque se lo merese hata uno bocabajo ...

Cucha, letó, ¿la cunvesación que lo tiniba do sinfelí diese, Pepe Chiringuito, priguntá la loca, qué harías tú si te sacases los cien mil pesos?

Yo, camarada Padre-Eterno, disí la buracho cun su sojo rivirao y la vo y la cuepo tembrando ... y la Pare-Eteno lo laigá uno patá ariba la pie de Chinguirito, que lo jasé salí sangri. Chinguirito lo pegá uno grito como uno mulo, y lo laigá uno puchincha a la Pare-Eteno, que lo jinchó su cara. Y si gente no se lo mete po la merio de la loco y la buracho, se dingüasa ...

Yo salí juindo, po siacaso, y me fue junto uno curo de Paña que taba disindo ... lo disí uno mecaé a la curo, y diete le cuntetá

lo jasé ya po lo memo, muchu tiempo. Que yo lo jose disí: lo Jópera viní, la Jópera ta vinindo, ya lo tenemo Jópera, bindito sa Dio que lo vamo tené Jópera güeno, que lo llega la Jópera, que ya lo etá seca, que ya se lo drencia po la boca Morro, que ya se lo cuclá drencia la Bana ... drencia la gente riba ...

yo disí, Jópera lo debé se uno cabayero o uno señora cun mucho sensero, uno gente grandi como San Critoba, y que lo debe jasé muchu cosa lotro mundo, poque lo que lo jasé in la tiera ya, poco ma poco meno, lo tenemo vito. Jata reatore de piriórica, quiene ayé lo era, cualiquié cosa, lútimo cata la baraja ...

me lo vití como mácara cun ropa la page de señó Geromo Suribamba, y lo fuimo a la treato, in donde lo ñama la Casuela, nombre que lo viní como pache en sojo de buticario, poque allí lo habé de toro como in casuela de jiaco. Y lo fuimos allá, poque disí miamo que no taba boná, y po muchu cosa que no viní a cuento ...

Po fin, la músico lo impesá tocalo la vinvolín, lo chinchine, cueneto y bombo cun bimba, lo jalaron uno cañamazo grandi y vágaman Dio, qué cosa ma lindísimo.

Cuánto mácara y qué monte cun su manigua ma bunito ...

cramá mi suamo señó Geromo, dándomelo uno jalón po la chupa, y simpujándomelo pa que yo lo sale fuera la treato ...

qué cosa ma güeno son la Jópera ... cosa que yo lo ve en la Jópera cun mi suamo, señó Geromo Suribamba ... cosa que yo lo ve en la Jópera ... uno visita a mi suamo la señó Geromo Suribamba ... los lombardos ... lo delombao, Nabucodonosor ... la trabuco-dueñoson ... que naitica lo tené de paticulá que yo no lo sabe jabrá luenga sintaliano o putugué o lo que seya, cuando otro mucho ma ldío y escribió que yo tampoco se lo entendía ...

Ni po cuntingensia ... yo quiere se cantaó ... tovía me lo suena en la guataca la trimenda sintensia de que yo no pue se cantaó y que me lo quitá la sueño y la guto de cribí majaería. Po lo que lo deja pruma pa disite: güeno día, letó, y que Dio te jase cantaore cun fama ... cata que yo lo cribí a mi mugé Frasca, que ta vivindo cun tata Dio en la Goria memo ... poque tú siempre lo fuite mu nimale, y dimpensa la cunfianza cun que te jabra ...

ma mijó que la vigirita, la canaria y la ruisiñó ...

dende que yo lo ha sabío que cantaore ya viní y Jópera va a habé, halo mecao mucho jorma y lo ha siembraon nelle frore fino pa jecháselo curona toda la noche dende la casuela. Y yo lo sabe que lo hay muchu gente que lo va a jasé lo memo como yo, y que muchu ñiña lo ta criando

palumita y pagaritu pa laigáselo a la ñiña Trifanonia cuando lo canta ...

Y cuando treato Tacón se jabre con la pirimera Jópera, ni uno juracán lo cuntiene a la gente drento su casa ...

mira que tú fuite bien bruto y caballo, en murite sin velo la Jópera diese ...

pue, ¿tú no lo ve, muchacha que dinero no lo tengo pa la cosa nisisario y que yo lo ta dibindo la casa, a la mecaere a ño Guan la panaero la maloja pa la mula la lumbrao y la sereno la quilé de la mulata y otro muchísimo empeño que yo tiené, y viní tú muchachita majaero cun tu jópera y tú? Vamo, dejamo la cosa quieto y no me lo buca bulla cun tu Jópera.

Tráiganlo pruma quemao dénselo a güelé guariente y que lo dan frutasion e cun la cobilla bien fueite po la braso y po la piena y uno baño pie caliente.

Camina prisa, Siriaco Guan, Catana, que se muere la sija de mi sitraña.

Dio, Chuchú, vueue que te llevará a la Jópera ma que yo probe me quere ma que lo pía limona ma que mi fután yo vende.

La presio de la funsione que uté lo pusite, lo jiere la aliento y no lo impanta a mosotro como dimoño. Mosotro no lo semo gente que lo queremo la asiento en la paco, sino pallá ta tutulia y la casuela. Y ya tú lo ve que pa andalo pallá riba como lan gallina y la linchusa cun tanto sincomorirá, no son rigulá que lo pagamo la igüe que tú lo pide, sino ma baratico. Y tú jase mu bien en sacáselo la utiliá que te da tu gana a la otro gente ricu que lo queré lusilo y asú selete prisiso son que lo cuete su dineru ...

...a quiene lo queré yo velo ... siempre en la insena ...

no lo sale en lo piriórica tanta labansa boba ni en la treato se ve ni se joye la silibrasione dimparatao que se víia y se cuchaba notro tiempo, que mimo mimo lo paresiba que la Bana no son tiera de gente lutrao ...

Sí, ma tovía lo hay botaúra de canatra de pucha de frore de la casuela, que mimo lo parese que pallá lo anda salío lo jadinero. Y también se joye muchu vese salí uno Bravu, que se lo deja a la gente sodo de la soreja y cun gana de disí, Sio, guanaja, que bravu diese lo pega ahuora como uno pache de brea en la sojo de uno buticaria, o uno cutaplama en la umblico de uno muelto ... se le froja la córera ...

Lo miteria de uno bují ...

y disindo ese palabra mano a machete lo jecha coje piaso carabón pinta uno cosa la pueta y lo laiga machetaso disindo, diete manera va yo a jasé picaíllo a quiene me da trumenta.

y como pero cun rabia salí de bují pa fuera sin echale la candado ni poné tranca a la pueta.

¿pa dónde lo irá Simón tan brava como candela y tan tare, pue serán lo meno la die y meria?

¿y lo será cosa itraña que Josico-duro siera boca suyo? No, pue hata lo critiano po interés vende su papa y su mama y lo cunsiente la cosa que lo hay ne mundo ma mala.

¿ño Jura no vendé a Crito po trenta sonsa de prata?

Na diete nara lo impota vamos palantre ...

Y Sentella lo cunsuela disíndolo: Majaero
que son tú, Buche. Nimá, caballo, bruta, ¿yo memo no te disí que no buca bulla con Simón?
Pue güeno, ahí tiene lo que sacate ...

Mayorá cun maetro sucre lo tené siempre trigeria ...
y mayorá como diabro pa tren guarapo lo jecha ...
jarriamo lo güeye ningrito crijollo que viene Cañengo jarriando a mosotro ...
maetro sucre y la Sigundo lo andá purá cun guarapo ...
y bota temprá llinito poque no pue cusinalo ...
ya viene güeyero trapiche etá frojo lo güeye cansao drumiendo mosotro ...
cuando lamo ta Lingeño mayorá lo anda mu vivo ...
cuando lamo ta la Bana gente lo drume toítico...
Jarrea, ningrito guarapo etá crúo la suere no sive se va po la furo ...

Y Rupeto, qué negro sientá riba la vagaso mu decansá ta bebendo guarapo cun su cumare
Pretona Mina. Y la pero le disiba riíndo, bebe, cumarita, bebe y déjalo que se diguasa graganta
guiritando, nelle memo se legrará de que yo no echa leña pa podelo etase ma decansao.
Gente diese yo lo intiendo gritá muchu y jasé bulla cuando lo trabaja meno ...
cuando campana lo toco ... a fuego ...

Cabayero siñó Pacuá Riega lo borotó la Bana cun la ticolito que poné sima su papé, que jabraba
de la riqueza de la Califoña ... me lo figura, que nese son tiera toví ma mijó que Jauja, que ya tú
lo saberá que en Jauja se pue come sin trabajalo, pue lo sabolito lo cría sapato, casone, crubata y
camisón, y cuando aguno gente tiene jambri, se cueta ne suelo y vení vuelando uno poyo a
gayina cusiná que se lo drencia en su jusico, y uno ñiña de quince saño se lo minea su quijá pa que
no lo cuete trabajo macalo ...

...yo me va pa Califoña ... vueta de Creto de la Califoña. ...Bindito sa Dio que ya se cabá toro
mi pena y de tuitico lo probe que se murí de miseria.
Adió trabajo y sumpiro y laborinto y trigería que tanto mutificate mi cuepo y ama, Adió tiera de
lo prántano y la yuca de la pama y de la seiba y de la ñiña ma dusi que caña súcara mema ...

Pa Califoña me va que pallá la gente diesa que se ñama miricano disí que la oro se incuentra
como acá la seboruco ...
y disí que la muñato la papa, yuca y maí seca se vende cun timasión de lo diamante y la pela.
bindito sa Dio, qué cosa ma samirabre ...
yo pensa llevale uno cagamiento de ñami, agí, viringuena, chayote, prántano y otro muchu cosa
pa vendéslo a lo ingrese y miricano que debe andalo jambrienta pue disí uno ingrés mu goro que
ya viní diese tiera cagaro dioro, que narie siembrá cunuco ni pensa notro cosa que cogelo
piedra de oro ...

Yo no pue ta quieto ya la cuepo me jomigüea y cara miñuto son pa mí sei año, pue pensa que si
no me macha prisa cuando yo pallá lo llega ni sitio donde lo fue la Califoña y incuentra poque
diese miricano son cogeo trimenda ...
aguno gente lo ñama po lo mismo Traga-legua ...

...lo pegá po la fundillo mu bien pegá uno patada ...
yo, burico, lo piensaba que jabrándolo así a nelle me lo dará cun qué jata bariga mío. ¿tú sabe,
letó, qué me cuntetaba?
Mi no intiende ... y la judío me lo vuvé la simpalda ...

Yo disí pa drete mí gente que tené dinero son cobade, y de uno puga se sora y lo coge mieo.
Pue vamo a jasé uno cosa que lo borota ete puebro y cuando etá borotao yo lo jallará rimerio pa
la jambri que me frige y va a cabá cun mi cuepo ...
la gente salí juyendo, juyendo de su bují como abipa que lo queman su abipero ...
uno miricano godo como uno lifante memo y cororá como agí de la guariente, lo incuentro ...
nelle taba ma buracha que la caña, y yo lo intiendo que en merio luenga pañó y en lengua suyo
otro merio disiba, lo dimoño se va llevá cun la fuego lo que yo ñampiá en do mese a lo burico
intranjero ...

...la pasa de la cayuca ... puñetaso po la josico ...
ma que gayina me pone to lo día un güeve diario si lo come mucho maí pa nara sive y lo mato.
¿comío po lo sivío?
yo asina no lo trabajo ...
consuélatelo, nengrito que Dio, que a lo gusarapo se lo limenta en lo aroyo te lo tienderá su mano
...

nengrito, son meneté que no dejamo de chansa y que metemo cabeza en la yugo, son bobara
piensalo que en Califoña pudemo llená la pansa sin trabajá, en todo pate de la mundo lo güey ara
...
en pa y cun grasia de Dio como do güeno sinmano tre mese yo y la pañole lo tuvimo trabajando
yo, como uno probe negro nelle, como probe branco ...

...letra goro y crara ...
poque yo lo va disí que la Califoña son la tiera de lo larón y de la gente judí que lo oro que habé
aquí en todo mundo lo habé trabajando, y sin tené que lidiá cun santiaore que medra cun la suore
de gente de güena fe ...

Señó Redató lan Faro Sindutriá la BAAna, mu timao señó mío, da primiso pa que yo botá ese
ticulito en papé tuyo, que toa la vía yo va ta gradesío.
disí así: A Creto Gangá, Cumpare Creto mío de mi sojo y de mi timasión, yo no sabé cómo
pricate la cuentetura que tiene yo toro lo dumingo cuando ve letra tuyo prieta como carabón, que
jabra neta luenga de mosotro lo negro y que tú cun tanta grasia y cuñusimiento lo sintemprieta lo
susedí en lo monte a la nengrito de lo bují y a lan pero jusico-duro, nimá sabijondo, cun seso
suyo revuevío de talento y de sabé. Cuando yo joye to nelle se me brinca la bembra y se me grifa
la pasa de cunsiderá lo frijío que lo tará to nelle cun la trajería y lo fuego que va tuetá toro

¿po qué cotorra jabra luenga fino fino como tú y como yo, y lan gato no sabe ma que desí miau y
comé picao? Notro, ¿po qué la ñiña caballero tiene tanto piche a la cocaracha y da beso a lo
cucuyo? ¿po qué la cribano cogé tantísimo igüe po uno papé piquinino, y lo imprentao botá

tantísimo en to lo mese po uno peso? Di, caravela, ¿son ma grasioso y bonito lo que disí lo suyo que lo de nelle? Si tú me disí too ese cosa, va rigalate uno riá de ñame grandísimo y medio de quimbombó pa que jasé tu comía y te rigala bariga. Tu safetísimo sevidó que besa mano tuyo. Ciriaco Mandinga.

La Cuntetasiona a mi carabela Siriaco Mandinga po la cosa dielle que me lo poné en Lan Faro Sindutriá de la Bana, la viene disinueve diete mimo mese ... ¿qué te parese a su miesé de lo que tamo vendo palantre lo sojo? ¿Su miesé no mira, no la nueva critore que se lo salí cribindo ariba Lan Faro Sindutriá en luenga mandinga? Bindito sa Dio.

¿quiéne lo diriva laño pasá pa bajo, que se lo saliría otro carabelo mío cribindo en la demá papé prúbico de la Bana, sin que se lo borotase la avipa de la savipero, y no se lo jasé cruse cun do mano dende cayuca a lombrigo toro lo sabia sabijondo diete tiera? ¿ya uté lo ve, siño cabayero, como cosa se lo va virando y adelantándolo palante poco poco? Diete laño curenta cun nueve va a selo prurigiosa y ricu en susedío itraño de verá ... yo toví lo tiene iperansa de véselo salí po la mundo tanto

sincritore de la vitol y mena mío, que va sé prisiso jaselo uno gramático y uno dinsionaria de luenga mío, pa que toro lo jabra como mosotro lo prieto. ¿su miesé se rií, siño cabayero? Pue no te lo ríe, que puere que aguno lo llora de birinche po lo que yo lo disí ...

¿tú son de la monte o de la Bana? ¿tú son negro de quifasión o negro de chupita pa comé? ... poque si son de lo pimero, son gente mío; si son de la sigundo, la cru te lo jase yo, poque no lo quie sabelo naitica cun gente figurina, que pa nara sive ma que pa lusilo su ropa, y botalo parantiya, y jaselo trampa a lo mecaere, y singañalo a la probe jembra ...

¿tú son negro del trabajo o jaragán? ¿qué fisio tené tú?

¿quiénes son tu gente y tu carabela? ¿qué ricumendasiona lo trae de la cabayero que lo sive tú? O si no son cravo, ¿dónde ta papilito tuyo pa velo si lo tiene tacha o no lo tiene? Poque dende ahuora te lo dise, que si tú son maruga, no lo quie yo tenelo cuenta cuntigo pa nara ...

Ma si tú son probesito como yo, y lo tiene malo pruga como yo, intonse te rimpite, lo seremo amigo ... disindo que yo tiene mucho mijollo en la cayuca, y diese son mintira y faso titimoño que yo no lo guanta. Y si tú me lava cara mío pa cogeme aguno cosa, macha a lotro pero cun la güeso, que yo etá quita; cajón mío no lleva dieso ...

ma tú, ¿qué diablo de nimá lo son, que lo drencia sincomorando y pidindo binifisio pa jaselo la samitare?...

Con lo meriesito que yo juntá, compré uno villete que me da libetá y uhoy yo son felí trabajando en la muelle pa cumprí la brigasión que me jase la pare en la ingresia cuando juntá mano mía con mujé nengra Chona lucumí ...

Rimpueta a mi carabela Siriaco mandinga ecritó de Lan Faro Sindutriá de la Bana, po su cata de trenta de la mese pasao pa bajo ...

De pate de Dio. Ahuora sabe, Siriaco, ¿toví tú andá po la mundo? Vaya uno rinsuello que tú lo tené, carabela.

Güeno lo etaba tú pa buso, verá. Yo lo pensaba que ya tú quiquiribú poque dende la miécole

que yo te cuntetá no dijite ni ji ni ja, y no disí pa drente mí: va cun Dio, que ya probe Siriaco lo sierá lo sojo suyo. Ma grasia lo sielo tú jabrite boca tuyo a lo sincu día que son aguantalo ma que lo jogao, pue nelle se lo salí pa riba lagua a lo tre. Tú lo andará mu cupao en la muelle cun la dincaga de tasajo brujo y papa, ¿no verá, carabela?
Prusumpueto ...

...aprendelo a jasé grogorito como lo cantaore de la Jópera ... muy dincansaíto y mu chiquiaito, mimo toro diese gente que lo gana ma igüe cantando que mosotro laigándolo la pillejo como la majá, pa bucalo la ñami ñami.

Cuentetasiona a mi muy sitimao caravela Creto Gangá: Grasia sa Dio que me lo rinsueya y me lo papita corasón mío. Hase tre día que sojo y guataca lo tiniba sierá pa no joyelo tu rimpueta, poque me lo peraba uno fuetaso duro con pruma tuyo como lon da mayorá la monte; ma uhoy yo me disengaña que tú no lo son como eso ecritore que se lo ve to lo día, y que se lo jase guera y se lo aranca piyejo na ma que po boberí y po mardito sinfrujo que lo tiene de criticalo toitica la cosa que lo guaita su sojo, que ni lo come ni lo bebe ni lo jala ni lo froja ...

que si la tri Cañete son ma mijó y pisa su pata la tabra ma dilicaíto que la tri Luna, que lo cantaó Marino se lo saca lo sojo y lo pone uno de sapo pa cantalo la Tila, que la niña Trifanoni cuando lo canta su saria lo saca pimero su pata siquieda, cuando siempre la niña Tideco se lo ha vito sacáselo su derecho ...

A Siriaco Mandinga, mi quirío cumpaño de cribanería, que lo icrube en la Faro Sindutriá de la Bana ...
narie pue disí, Siriaco diese agua no bebe yo poque diella a lo mejó lo bebemo un cancharaso ...

Ma yo te lo jura po la funche que comé en Lingeño de su amo que diese mimo gente no lo muevería pata suyo ni su luenga ni su mano pa defiendéselo la interese ni la güeno cunduta ni la fama de uno satre, de uno bañí, de uno hombre de muchu talento. Cosa de mundo, Siriaco. Güeno va la baile, señá Tefania...

A mi carabela Siriaco Mandinga, Sincritore Prúbico de la Faro Sindutriá de la Bana ...
si tú ta viva, ¿como no jabra? ¿cómo no icrube? Carabela, sácamelo de tanto dúa que yo lo tengo, poque diese de sierá boca tuyo dimpué que lo imprinsipiate cun tanto bulla a cribí ticulito en la Faro Sindutriá, la verá, son uno cosa que lo ñama la tinsión mío y de mucho gente. ¿va que tú lo jisite uno cosa como negro? ¿va que tú virate pata pa tra ne mitá de la camino que tú lo seguía de critó prúbico? ... Ma no me lo rimponda naitica, que ya yo lo divina la cosa. Lo incuenteate uno jarria de mulo en el camino, que cun patá y cun rebuno te jasé virá pa tra ...

Dio te guara y te yúa donde quié que tú te jalla, Siriaco.

Si tú son viva, críbeme pa que yo me lo legra corasón; si tú son mueto, vísamelo pa que yo te lo resa uno Pare Nueto po tu ama. Tuyo lo memo que siempre ... no piensa cribite ma, poque toro mi jonale e lo simprentore de la piriórica po ponelo en papé suyo, y Chona y mi hijito nisisitan lo que yo gana pa tapalo y llenalo su bariga ... jaselo cuntetasiona toitico lo día que sale ...

Cata de Rupeto Lucumí a su cumpare Micolá Bemba, tachero de Lingeño Canasión, jabrándole de lo día de simana santo que nelle pasá en la Bana, y prubicao po Creto Gangá ...

Dende la Bana, ahuoy mimo po la mañanito, trepano dimpué que tomá café cun su leche, te cribe yo memo, mi sintimaísimo Micolá Bemba, cumpare mía, cun mano de nueto carabela Creto Gangá, que lo ta prisente, poque ya tú sabe que yo no sabé cribí cun pruma dingunito, pa disítelo y cuentátelo tuitico la cosa güeno que yo lo ve pacá po la Bana dende que lo salí de cumpañoamiento tuyo.

Y te lo dise cun juramiento de toro lo santo cruse que yo lo pue jasételo cun mano mío que yo lo ando sorao y tan sorao que lo parece uno loca que lo tiene cayuca suyo virao.

Tú pensará cuando ve uno papé diese, que son jecho toro la litrica de uno vese, como quiene lo saca uno temprá de melaúra, o que te cribió cun pruma de gayina o de guanaja, ¿no verá? Qué va a sé asina. Sórate, Micolá: son jecho cun uno varetica piquinini de promo, que gente que lo ñaba cagueta lo va sacando uno puruno de uno juraco que lo tiene jecho nuno tabrero. Y si tú ve lo ligero que anda nelle pa cogelo, tú va disí, Mari Purísimo, nelle lo parese ecogeore de café, y dende po la mañana hata po la noche tú lo ve a nelle bailándola cuepo di aquí pallá, y lo joye una chíquichi chiqui cun lo promito como quien lo toca marímbula. ¿y la maquinaura donde lo sale ya jecho la piriórica? Mira, Micolá, lo parese uno gente jecho de jiero, pue nelle lo traga la papé branco y limpio po uno lao y lo jecha po lotro llinito de letra como tú lo ve simprimío...

.

..po la forro, son queré disí, po la pate diafuera ...

una cosa me lo tiene mu dingutao en la Bana, y son que lo lleva yo muchu suto y fatigaúra cuando lo va po la calle, poque como pacá toro mundo son cabayero, narie lo quie andalo a pata, sino drento de uno carreta piquinini que lo ñama vulanta, quitrine y coche, y otro ma grandísima que carreta que ñama guagua, y como son tanto lo que lo abunda nese cosa y lo calesero que va montao en la caballo pa gobenalo son tan cachoro y se cuñesé que no lo tiene contramayorá que lo inderesa su cuepo cun fuate, tú va cun lo creo en la boca pusiacao nelle te lo itruja la cuepo cuntra uno paré o te lo quiebra la pata cun la ruea.

...tuitico la gente, dende lo ma grande hata lo ma piquinini, tanto de jembra como de macho ... pa no jase lo bulla de lo sinfieno que lo hay en la Bana tuitico lo día, mentre que tata Dio lo étá mueto ...

mi timao Micolá, y qué verá tan veraero son lo rifrane que disí que jombre lo poné y tata Dio lo dimponé. Yo que tiniba piensao mandátelo po la jariero de Lingeño mi pimera cata, y lo jallamo lincunviniente de que no podé salí de la Bana hata la miécole ...

Lo mimo que me disí Creto, susedé la jueve santo...dende la die po la mañana se sierá la bodega cun sintimienta de lo budeguera, pa que no lo anda buracho po la calle, pue ya tú sabe que la guariente son la que lo tiene la crupa de toro la cosa malo que lo jase lo critiano. Dende esa hora mimo se queá la Bana nuno silensia tan grande como Lingeño de su ama en la tiempo mueto, cuando mayorá lo jala la campana pa que la trabajo se caba y mosotro se va drumí a la baracón ...

uno con brinquito de paloma tojosita, y otro cun moveúra de majá ...

...tan figurina y curito como muchu branca ... nelle se retregá la cuepo cun uno tusa y ponja pa

sacalo lutre a la pillejo, y hata la cuero mimo se lo sacaría pa pareselo lo que no puere sé. Nelle sejunta pomá y sera en la piluca pa que quera lutrosa y güeliendo bunitu. Nelle se pretá su sintura como dimoño, pa que parese finito como güin, y nelle, in fin, meté su pata nuno sapaticu piquinini que yo no sabe cómo no se jogaba po la pie ...

...generá, capitán, pare cura, conde y maquese po toro lao, pue narie lo queá dreto su casa, poque tuiticu queré díselo a ve a tata Dio en la singresia ... la gente lo jasía tanto bulla que son simpusibre que lo puere oílo lo chinchine y la fututo y la bombo de lo músico ...

...como aguno guajira, que cuando lo ve a lo macho juye como si son pollo jíbaro ...
...cuando la sintiero va pasando, y lo disiba mu intinsío: probesito mi sintraña, ma lo macho no lo ve yo que lo laiga uno lagrimita ... la perro tené corasón ma duro que quiebrajacha. La cruse se la jasé yo a toro lo macho ...

... toro mundo caminá cun su pie po la calle, pue la quitrine y la caretone tovía no podé salilo hata que campana no lo toca Liluya ... la tabenera y la budeguera son la que lo fue jabrindo poquito poco la pueta su casa ante que lo llega la Liluya, poque nelle no pue peralo tanto tiempo, y queré que lo buracho se legra su corasón cun la guariente primero que dinguno ...

...cosa de mundo, Micolá, lo mimo gente que tú lo viía poco día endenante mu vitía de prieto como saura tiñoso y mu santica oyéndolo la simone a la pare cura en la singresia y risándolo cun gope de pecho y llorándolo la muete de tata Dio, lo tiniba tú en la Pacua vitío de macarita y coréndolo y chillándolo, cantándolo, y bailándolo.

Pue siñó, cátao tú que en tora la paré de la casa de la Bana se lo jallaba pegá uno papé grandísima, en la quale disí la gente que cun letra goro disí, drete muchu cosa, que Mamacallito y su mugé lo va a jasé milagra y brujería de lo dimoño. Y pa que mejó se lo cree, lo había ariba de la papé muchu diablo pintaó, que mieo lo daba de velo.

Prusumpueto que la gente, asina branco como prieto, lo andaba jaséndoselo cruse y jabrindolo su boca de soramiento, como quiene ve cosa malo, y tuiticu disí, yo va a vésele a la muchú diese, ma que me lo cueta vendelo la chupa.

La noche de la drivisión ... dreto nese casa garandísimo como uno pecao motale. Micolá, qué cosa ma mañífico y ma lindísimo. Cuánto casillero, cuánto luse y cuánto gente piñucaó como lan gallina en la gallinero. Yo lo taba incaramao pallá riba junto la techo, y lo tembraba como tembraera cuando sacá la jusico pa guaitá pa bajo.

Rinsuello mío se juí pa lombrigo ... si tú lo ve la candelero que lo tené cuego ne merimeri, tú va disí que son la so y la sintrella de la sielo mitío drete uno butillita lindísimo.

Lo de ma simpotansia, cumpare Micolá, son la brujo muchú Mamacallito. Qué gente diese, cumpara de mi ama.

Simpusibre que no lo tiene cuñusimiento cun la dimoño, o que lo son primo humano suyo ... yo me queá como santo de la ingresia y sin quitale lojo de la cuepo la brujo. Nelle cogé uno pintola y disí, a la uno, a la do, a la tre, y fuacatá, pintola se dincaga, y toro la vela que taba pagao se insendé de uno vese. la gente se vuvé loca de cuntenta y lo borotó la trato cun gopiamiento ... yo perá que brujo jasé otro cosa ma mijó, nelle jabrá cun luenga que no son pañó nio lucumí ...

... bravo como agí guaguo ... imprinsipiamo a ñamalo judí y dulone, que se lo lavaba la cara a lo bobo pa que nelle lo selebra su brujerí, que no son brujería, y que ma vale que nelle se ucupa en inseñalo a mosotro a jasé súcara y sapato y ropa bien jecho y cun poco trabajo, que son lo que no jase fata ... cucharero de bañilerí y prugaore de Lingeño Canasión ...

¿tú ve a lo gallo singrese que pelea lo guajiro todo lo día de fieta en la valla? ¿tú lo ha vito?
¿tú lo ve cómo se laiga rivuelo, pullaso y brinco hata que luno se juye o en la serrín jinca pico?
¿tú lo joye a la muntero disí, va vente a la Jiro, va cuato a uno a la Tuetto va uno onsa a peso a lo Indio?

... pue singularito parese aguno vese la Sico.

Ma no pensa tú que son pelea de gallo fino

lo que hay pallá, Rupeto, ni pensa tú que son chivo caballo, mula ni toro no siño, son gente, amigo, de cane, güeso y pillejo como mostro, ingualito.

disí lo branco que diese drivisione tan lindísimo se cutumbra en Singlatiera y no, naitica me amiro poque gente diese son gente de jiero, y judío.

Ma que lo pañole quiera sendo critiano y finito metese a luchá lo propio que lo nimale ma jíbaro son cosa que lo dimoño no lo sinventá y te digo que si yo podé jaselo no me quera aquí ni ripio de lo luchadore diese poque cun chucho a tuitico lo botaba diete tiera ...

Ma vale tade que nunca, disí la rifán, mi presiabilísima Siriaco, y disí bien, como todo lo rifán pañole, que son lo memo como sintensia divino. Tú, prusumpueto que lo habrá disío de mí que son uno negro simpulítica y mu dinsagradesía ... ma yo te lo sumpringa, carabela Siriaco, que no lo jase malo güisiamiento de Creto po su silensia ...

ma ya ahura lo ha caío yo de la mula en que tú no son la Siriaco aquella ... po lo que yo ta viendo que todo la Siriaco de la mundo me lo jasé la favó de queré sé amigu mía y de dimpensámelo su presiamiento, sin que yo lo merece.

Diese ha sío uno sincunveniente paque yo no te cuntetase, lotro son poque yo, la verá y pa no andalo cun tapajaúra, te disí que lo tené creío que tú son loco, y no lo debe tú itrañalo que te tiene yo po tan loco, cuando tú memo me lo ta dando mutivo pa piensá asina de tu pesona. Y si tú me lo prigunta cuálé son ese mutivo, te lo rimponderá que po habémelo tú jecho tanto silebrasione de lo que yo cribe, pue solamente uno loco rimatao lo podería silebrá y tenelo en tanto prisíaúra lo dimparate y la bobara que yo cribe na ma que pa matá la tiempo y pa ganá uno meriesito cun que podé cumprá mi cañamasito y la papa cun qué llená la buche ...

...si tú lo fuera, pa madita Dio la cosa que tú te cueraría de Creto Gangá ... mirá que yo lo ha tinío muchu gente, que cuando lo eran probe como yo me lo disí muchu casione ... ma aguno dielle lo han llegao a sé ricu y tené uno frutuna ma grandi que la campanario de la Crateale, y¿ □tú sabe lo que nelle me jasé a mí? Mirame con tanto sindiferensia como yo lo mira a nelle, juí tan lejo de mí pa que yo no se lo pía nara, como yo lo juye dielle, pa que lan diablo no me lo tiente de pidíselo ni agua cuando me lo ta yo murindo de sede ... ahura que tú son probe, ufréseme lo que tu corasón de probe te dise, poco o muchu, ma no me ufrese nara pa cuanto tú lo llega a sé ricu, poque intonse tu corasón lo será como lo de todo lo ricu, duro como guayacán y quiebrajacha ...

Tú lo pue cuénta cun la amitá mío y cun todo mi cañamaso, mi cansía y mi bujío pa cuando se te frese, asina como tú me lo frese la tuyo ...

La fajaúra de la oso cun lo toro y lo pero en la prasa de toro de Regla ...

No lo pensa, que yo va a jabrate de la Morito, mi carabela Ben-Nani o Güeno Pollo, que viní a la Bana a jaseno la caría de vueveno a tuitico güeno moso y muchachito, dinsarugando a la vieja y quitándoselo su cacarrañaúra cun la insencia, juntura y imbrujulamiento que nelle traé de su tiera, pue ya diese güeno machante te jabrá yo batante lotro día ...

... la riligión de vichuchu y de nimale itraño ... como la gromiga y la moca a la miele ... uno vípero de mugé jembra y macho varón, que debé sé de Limania o de Sinlandia ... lo quale lo anda po toítico pate tocándolo y cantándolo coprita de su tiera pa ñampialo la peseta a la próguima ... la peleaúra de nimale bravu ... cumpare fansese y singrese, pa ingatusá a lo bobo y sacáselo la igüe ...

...yo queré que tú lo viera, la jumarea que se livantá en lo piriórica de Paña pa jaselo una pintaúra de do lucha que lo habé drete uno tíguere y uno lion con do toro ... ¿y qué me disí tú, Simón, cuando sepa que uno Muchú fansese, sabendo o pensando que pacá po la Bana lo habría tanto bobo, lo quisió ingatusano cun uno pelaya de uno oso cun uno toro? ...

un osito que se ñama Vucano ... sei pero indiabrao ...

Cansiebero, Mata-Ligría, Rompe-Caena, Lion, Cácara-Amaga y Güeno Diente ... ma mijó que la pero de la mayorá Lingeño ...

...como lo vendeore de lita de Lutiría ...

asina pue yo crusá pa Regla en la vapó ... cun la grito, la gromigüeo, laboroto y drivigüensa, dinguno se lo intendiaba ... y tan simpusibre son podételo yo pricá lo que pallí se jabraba y lo susidía como de achicalo lagua de la ma cununo canatra. Ma sí te disirá que dende que yo lo ve la pajarera donde dibía sé la trifuca famoso, yo disí ni la toro Bayamese ni lo pero ni la oso Vucano debé sé tan brava como la Muchú fansese cacariá ... y asina como la maetro de súcara de lo Ingeño cuñusé yo po la pajarera, que la Muchú diese lo iba a singañá a tuitico mosotro la curiosa. Y dichu y jechu, cumpañoero, pue cundisite que la siñó Vucano cogé mico hata de la bulla de la gente cuando lo sacá la Muchú a la pajarera ...

... de lo sei pero que lo laigaron, uno na ma le hasé cara a la oso, y eso poque nelle cuñusé la piche que su cuntrario tenía ... y cuando la pero se lo sincajaba la cumillo, la probe oso beriaba ... ma po fin, tanto lo dan a la güey mansa que lo laiga la patá, y tanto lo buca la pero a la oso juyuyo y sinvrigüensa, de tanto pruensia como tené, que lo crava su suña y su cumillo, y la pero se juí. qué risa, Dio mía. uno cobade juyendo de otro cobade. qué chitosa ...

... de sinfunto ... dimbarató la pajarera y toví lo taría juindo si no lo inlasara la torero cun la cabulla ... siego de la sofocaúra que la torero lo jisieron pasá, no lo rimpará en la cara de la oso como endenante, y imbití cun la oso pensando que lo era uno canerito o uno chivo con quiene lo tenía trigeria en la monte de la Bayamo ...

La probe oso que lo sintí la salúo que se lo jasen po la fundillo, se virá y parese que disí ¿qué son eso? ¿quiéne son la sinvrigüensa que se treve a sobá a traisione a uno sinfilí sinosiente? ... dimpénsalo uté camará, que no te lo ha jecho yo eso po malo querensia ... yo son uno probe oso criaio po la mano de uno fansese que me tené pa curiosiá, y ahuora sinumano me botá aquí pa que me trumenta tuitico la mundo, pensando nelle que yo va a peliá cunarie, y ta mu quivocá ... el toro se prantá en la merio la prasa y cravatando la suelo parese que memo memo lo disiba ... la sinvrigüensa que se mete cun ese sinfilí que ta ahí rincunao y tembrando de mieo, se la jalla cumigo ...

...la señó Muchú lo entendió la cunvesión de la oso y la toro ... ñampiá la igüe de la prúbico de la Bana, que ya se borotá dende la prinsipio, cogé viento ... y guáitalo lo piriórica de la Bana y tú verá donde nelle ta mitío pa que no lo quea ma gana de vení a ingatusano ...

...cuntetasiona a la charrá que me lo dedicá ño Pilusa en la Faro Sindutriá de la Bana ayé mimo ... ene nombri la Pare, la Sijo y la Pritu Santo. ¿A mí tú vení con charraditu? no, cun chirigota pesao, mira que yo no tiene gana de calientámelo la cayuca cun divinasién y majaería, ni que la señó piriórica La Faro Sindutriá me lo soba cun fueite la cutilla como lo soba a vosotro toro lo jaseore de charradito ante de ayé po la mañana. Polotro la ¿cómo queré tú que yo, probe nengro bosá, lo tiene mijollo en cayuca mío pa divinalo uno cosa que lo son de doble y pilita, como disí lo negro

curro crijollo? ¿no son ma mijó que se lo buca a la cumpare Lundita y su carabela, pa que te lo asiete charrada tuyo, nelle que lo son gente que lo intiende cosa diese a la campaña? ¿Tú no ve, cumpare, que yo lo ando mu cupá masiá, cun lo diabrito bailando cun mi carabela po la calle de la Bana, pa cogé languinando de la ñiñito bunito mi suamita?

vaya, vaya cumpare, qué güeno prijuisio me lo viene tú a jasémelo cun tu charrada poque toro la mañana me lo tuvite cupao pa divinátelo, grasia a mi suamo señó Geromo Suribamba que me lo ayuó a asietalo, poque si no, ni ne día de Güisio lo saliría yo de la tolladero diete manera tu tesero cun pimera pilusa tené rasién que uno rificio lo insiera la ma mijó diete tiera lo son la treato Tacón.

tu sigundo ya yo sé que uno muchú rimprisenta que de cayuca a lo pie son grandi po su talienta la cribano Ugenia Sue.

Y tu toro se incuéntrá diese rificio en la pueta drento y fuera y pureta que a vese me trumentá mi guataca la consueta ...

¿son diese lo que quié disí tu divinansa, cumpare Piluso?

Pue si lo son, güeno pruechamienta te jase, y te lo supringo po tu mamasa y tu papaíto tuyo que no me lo mutifica ma cabeza mío cun tu cosa, poque yo tené cuepo cansao de andalo po la monte en la Pacua en buca de rapadura y jutía, y de pasialo cun mi cumare, y ahuoy yo va a bailalo a la Cabido, ya que tú me lo quitate de jaselo po la calle la Bana cun mi carabela.

Mándamelo pacá languinando, que te lo timará ma que la charrá y la boberí que no lo llena la bariga y lo trumenta la cayuca. Poque tú no va disilo que yo son uno nengrito simpulítica y cachoro no te dejá sin cuntetate. Tu cravo safitísima, que te lo besa mano tuyo, si lo tené limpia. Creto Gangá...

Pallá va yo cun lo mío ... tuitiquiticu, dende lo ma sabijondo hata lo ma burico, dende lo ma incaramao y de ma sensero hata lo ma cañengo y trupijiñao ... sacalo su cañamasito a la sol ...uno librito jinchao de ticulito, fabulito, cuentesito, cumeria, trigeria, hitoria ... cuatro riale fueite, na ma ... la dinero po delante ... judí dicunfiá, que Creto Gangá no son capá de juisse cun uno puquiría como diese ... la ritrata mía, de guagua ... ¿y qué ma quiere tú, guagüero de lo diabro, po cuatro riale?

qué cuntentura pa mí y qué rabia pa lo sabio.

¿ya lo ve cómo ha vinío corendo lo suncritore como lo bicho a la frore a bucá la libro mío? pureso yo me lo río cuando aguno gente nesio presiá de sabiduría se lo jabra cun dimpresio de la pubricación mía ma llena yo mi acansía lo demá son bobería ...

yo lo sabe dimasiá que nelle icribe bunito y que no se pue mi escrito cun la suya cumpará: poque yo icribe en gangá y nelle en güeno epañó la dielle intruye, la mía disí nelle y disí yo que son uno puquiría ma llena yo mi acansia lo demá son bobería y güeno bobería ...

viene a suncribise aprisa vieja, fea, tueto y cojo pa dalo a sabia en lo sojo y a mí muchísima risa. Pue ya que me dincuatisa la opinión como icritó dame vosotro aligría jaséndose suncritó de la pubricación mía.

Pue llenando mi acansía lo demá son bobería y güeno bobería ...

rimerio pa drumise ...

ma po mu virao que nelle lo tenga su cayuca, ninguno será tanto como tú, Siriaco, pue no habé uno drente todo que lo haiga jecho la dimparate que tú po habémelo mandao media onsa pa que te suncriba a la libro que yo va a pubricá ...

ahuora díseme tú memo si no lo tengo yo rasión batante pa piensá que tú son ma loco que cuanto habé en Santo Diunisia insierao, mucho ma disíndolo tú como me lo dise en todo tu cata, que si yo no lo llega a prubicá la libro diese, tú no vueverá a rincogé la meria onsa, pue que tu sintensione son que yo me lo quera de todo modo cunese dineru, cosa que yo no lo cunsentirá po dingunita mutivo, pue ma que lo son uno probe, nunca lo ha tinío, grasía a tata Dio, nisisiá de rincogé ringalo de narie de dineru, pue hata la prisiente, cun la trabajo mía lo ha ganao lo nisisaria pa cumprí cun la brigasión que lo tengo ...

lo siviente que son malo, disacredita a su amo ... lo criaio sivisiale a la mesa ... letó de todo mi prisiamiento ...

cuánto casione que tú tené visita de cumprimiento, cara tuyo se lo habrá ponío cororá como tomate maúro, po la buchono que te jasé pasá alantre la gente la rilampusería o la caballá de tu nengrito Pancho, sivisiale a la mano, po lo dincuiro o la burachera de Guan tu cusinera, y po la cachorada de Gosé la Lu tu calesera ... no me dise nara, letó mía, que dimasiá lo sabé yo que tú lo ha pasao pena de prugatoria cunese cachimbo, que mimo mimo lo parese que se lo impeña en haselo la cosa ma pió cuando ma se nisisita que lo poné toro su cuirao y se lo jabre su sincu sentío ...

Yo, como lo ha sivío a mi suamo que lo ha tinío en difiriente casa, lo cuñose la mataúra y lo rinsabio de lo criaio, asina como lo cuñose lo recobeco y la juega de lo sodao la que de rincruta subí hata generale, asina como la que de dincachasaore de uno ingeño subí a maestro de súcara, que de uno aguaitaúra sabé lo que pasá en todo la casa de cadera... yo sabe que nelle va a borotase y a virase cuntra Creto Gangá poque lo saca de su recobeco y lo dincubre lo güiro de su drivigüensa, ma yo lo ta cutumbrao a resibí arañaúra de lo pícaro y singrato, y no será nelle quiene me botá a la joyo, poque tata Dio guada y difiende a lo sinosiente. Lo que yo quiere son que lo malo se curije, y que lo güeno como tú, letó mía, se libeta de su singañifa y de su suña ...

...poque todo cojea de la mima pata ... Pancho tené la boca lleno de la cumía que va dejando en la prato la gente, y de lo que ñampia cun la suña suyo de la fuente de arró y de cane que lleva pa la cusina, y mucho vese cuando lo trae pa la mesa ...

...lo drivitío y grasioso ... desatrácate, Guan, jalándolo po lo fundillo...no sea gandío, que batante ya tó lo ha lampusiao ahuoy ... la dincrédito de su amo, si siñó ... lo da a cuñusé a la gente que su amo lo mata de nisisiá, ma que son mintira ... □ quiéne son, letore, diese mulatico Pancho que te siví a la mano. Son uno sijo de tu criara Catana y de ... no, yo no disí de quiéne ma, poque tata suyo son difisile de virigualo quiene son ...

... lo nengrito y mulatico siviliale a la mano ... cun tanto crariá ... uno binifisio ... poque te quiere, te prieta, disí uno singrese a sieto pesona en sieto casione en que nelle se lo daba mucho puchinche. Y quiene bien te queré te hará tu sojo aroyo, disí la rifrán ... cun tanto chiqueo ... in fin, nelle se criá como se criá uno niño branco, ni ma ni meno. Ma jata quí no lo jay nara de malo ... ma la mulatico Pancho cresé como la arró cuando se cusiná y como la galleta cuando se moja. Y cresé juntico cun tu sijito Domingo, como lo cresé la bejuco de parra a la vera de la cuje de yaya o de la jocuma ...

... lo atoja como do perito a Pancho y a Domingo pa velo bravu y fajao. Prusumpuesto que la mulatico Pancho siempre lo salí pedendo en la trifuca, cosa que son mu rigulá, poque cara uno son sijo de su papa y de su mama, y poque cada critiano arima la candela a su muñato, y poque siempre son güeno y rigulá que se sabe quiene son la amo y quiene son la criaio ...

...poque ya son uno mosito jecho ... lo mulatico que ve que po causa de su camará y sin jutisia lo han sobao, lo sive ma pio a la ñiño Domingo, y ma que lo dan siempre fueete y ma que sabe nelle que van a matalo, nelle no va a sé güeno en la vida suyo ...

...intonse tú vendé a Pancho, y lo vendé cun la tacha de rimpondón, de jaragán o de larón, poque como Pancho lo taba cutumbrao a cogé la cumía y lo jugueticu y lo meriesitu a la ñiño Domingo, piensándolo que no lo jasía cosa malo, puquiticu puquiticu y sin sabelo, nelle lo fue aprendiéndolo a rubá ...

... criaio grande, fromale y de rasión ... piaso de uno cumeria que yo ta cribindo, que se ñama Ahuora verá tú ...

... uno título serio en que yo lo proba bien probao que dinguno lo menia su cuerpo sino po la

sinterese suya ...

malo bicho que se ñama hombre, ma piore que la tíguere jembra y que la simpiente cacabele que ñampia lo sinterese de su cumpaño y lo dinguasa su sintraña sin tené nisisiá, nada ma que po guto de haselo mal, de inriquesese y de rincrease en velo pataliá ...

...lo ha llegao la casión ... uno tículo de cutumbre son uno documienta, uno pintura veraero que va a pasá de gente en gente y de nasione en nasione, po la cuale se pue hasé la jugamiento de la sinlutrasió de uno paíse ... que lo haiga vivió muchísimo saño ... que lo sea hombre simpasiale y de güeno cunsensia, que lo tiene sojo fino pa ve bien mirao tuitica la cosa, uno geño usevaore y curiosa y uno cayuca bien sientao ... cribí dimparate ...

... sigui cribindo ... de guaitá todo la cosa pa cuñusela bien cuñusío, y pa que narie me lo cuenta lo que yo pue ve cun sojo mío ... no lo pensa narie que la titulamiento de Mama-señora siñifica mama de su sijo, o gente usiosa que nara jase ma que cumé, drumí, pasiase y racase bariga ... nada dieso, poque mama-señora pue sé uno vieja dunsello que nunca tené marío, y trabaja tanto o ma que otro cualiquié criaio de la casa, en la cupasió que a nelle se lo dan. Poque mama-señora cuirá a lo ñiño piquinini, asina branco como nengro y mulato, mama-señora se lo da la miga, mama-señora lo inseña a risá la rusario, mama-señora lo ringaña, mama-señora lo cura cun su dusiento mi rimerio que nelle sabe, mama-señora lo cuenta muchu cuento pa drumilo, cuento bunito de brujiría, de finá y de cosa prurigiosa, y mama-señora se lo laiga muchu pillico y se lo arima cun su curea en la sitio que no ta bindisío cuando nelle ta majaero...

poque ñiña, su miesé no te lo pue figurete lo que gente te queré diete tiera, que ñamate cun rasió, la siempre fie.

Cata a Frasica Lucumí que en la Groria se lo jalla ...

...una prurigiaúra ... la cabayero siñó don Benaro la Capiro, de la Sí Campiaore, de gunsalo de Códoba y de Pelaya ...

taría güeno que lo flimbutera diese viní a sacánolo a mosotro de donde tata Dio no lo ha pueto. Ese son lo que yo queré priguntáselo a cualquiera, que como no lo sea un loco rinmatao, todo rimponderá que sigue cada uno en la juraco que la suete lo ha dintinao ...

...sintrurusió ... paquí ta yo, letó mía paquí ta yo, carabela dimpué de tanto de tiempu que cuntigo no cunvesa.

Asina ta yo de fraco como perro cun caena pue no jabrando cuntigo puculundri me lo dentra ...

yo, probesito, lo ando uno poquito cañenga cun laborinto y sofoco dende que lan diablo mema me lo meté a cumesiante cun canatra y cun jorqueta cun lan gayina y cun güeve y otro cosa malo y güena ...

te dise que la cosa de chivo cojo se incuentra dende que ese cundená de rusio lo mete guera a la singrese y fansese de Fansia y de Singlatiera ...

ahuora disí la gente que cosa lo va a da vueta cun la nuevo cambiaúra de la Gubieno. Dio quiera que asina son ...

imprinsipiaúra ... la miécole, no, mintira, que fue la mate pasá, taba yo, Creto Gangá, en la puebro de la Güira ...

y como mosotro lo somo sei gente y cuatro caballo son poco caballo son cosa prisiso que aguno mosotro cun su cumpañoero lo va mancuenao.

Asina Malena cun marío suyo en la yegua muengo se lo incaramaron la jembra la pa lantre como son cutumbre y patrá la macho junto de la rabo.

cun tata Rupeto lo monta Sivetre pue como son viejo y lotro muchacho y potro son tueto de lojo direcho si se lo trumpiesa podé sugetáselo...

yo, Creto, va solo en la mula mía mula mu mansito que lo ha cunsevaeo dende que Frasica, mi mugué, la probe lo andaba ne mundo laborinteando.

Jilario la mocho va nuno potrica que uno carabela se loá simpretao.

Jarrea yegüita no son tan pesada que como tú llega liviano a la Bana cun mucho mai seco yo jincha tu pansa ...

letú, qué cansá ta yo de cribí ... ma tú no tará meno de leelo, ¿no verá? Pue mira, mosotro lo ha llegao a la tabena de ño Sicundino Palanqueta, pa tomalo uno cusita cun qué aliviánolo la intómago, que lo tenemo vacíu como la cañuto de la caña bravo, y como la cayuca diese probesito gente que piensá que la tiera diete lo ha de sé nunca de narie ma que de lo simpañole, asigún yo se lo veo la bingote rintuesío a la Lion de la Mamita Impaña ...

... cunviene cribilo cun la luenga mimo y la impricación que lo jabran lo branco jileña y la mulato crijollo, pa que lo intienda quien debe intendolo ... pa que cuando lo caso lo llega, cara uno lo rincoja lo sijo suyo ... cuando uno cosa son güeno y cunviniente pa toda la cosa, hata lo nimale mimo se lo dintingue, pa cuanto ma la gente que lo tené mijollo drento la güira de su cayuca suyo ...

... mi amo, disiba uno gente que lo sabía mucho que lo güeno diamante prieto no valía meno que lo branco ... pue siñó, como lo iba disindo, pa gubiená bien gubienao uno Ingeño o una pueblo, son meneté la pimero, tené cuñusimiento diella, poque si no lo será como la cucuyo siega que lo andará diuno lado pa lotro sin topalo la camino que lo buca, y cuando diese cuñusimiento lo fata, la mejó cosa que lo pue jasé su amo son demuelelo, poque cun seguirá que no lo va a da batante súcara cun que pagá la rinfasione ...

...Caballero sincritore que lo cribe en la piriórica La Prensa, mu sintimao siñó y de tuitico la rimpeto cun la cunsiderasione mía, como su mesé lo sabé ma mijó que yo, la pirimero sincuntansiamiento que lo debé tené la gente que lo recibí lagua de la butisamienta son la graresimienta, yo que lo tené la filisiá de sé butisao cun lagua bindito, no pue jallé drente la mijollo de cayuca mío simprisione batante bunito y dilicao cun que pudételo impricá a sumesé la sentimienta de la pecho mía graresío a la favó que su mesé me lo dimpensá cun la labansea que me lo hasé de la probe cosa mío que yo lo cribe pa la prúbico de la Bana, labansa que no me lo inogullese, poque yo etá batante lejo de mereselo, ma que me lo jincha de cuntentamiento y satinfasione, poque po fin yo lo ve craramiente que lo habé en la mundo quiene me lo tené infisión y güena guluntá, que batante lo nisisita yo pa indusalo la magura que dende poco tiempo pacá ta pasando cun la laborinto y trifuca de la pícaro mundo diete, que lo son piore que la

Laborinto y trifunca de Canavá que lo pubricó cuando ma dichosa que potranca que brincá libre po la monte ...

...verá son, sí señó, que yo lo ha reglao ... de la modo que su mesé lo disí, y mu dinfiriente a como lo taba endenante, tan dinfiriente que yo pensá que mama suyo que lo parí nelle no lo va a cuñusé, no. Y son mu sieto también que yo lo ha sancochao otro mucho cumeria y sinsuela po la mimo mena que la Jiaco de señá Catana Güesito y ño Geromo Pachato, pa que lo botan en la treato lo infisionado que lo botaron lotro casione, y mucho nuevo que habé, que mimamiente sabé trabajá ma que la dimoño, y tené grasía y majomía pa cantá, jabrá y bailá como la muntera, la negro crijollo, la bosá, la catalán, la ingrese y fansese, la chinu chau chau y de toda la pate de la mundo, que la verá te lo dise a su mesé lo causa mirasión...

...pretao drente tanto michi michi y muleque prieto y branco ... cuando gente que lo sabe donde sapato lo prieta cun sintinsione critiana un cosa no lo conseja asina, a sojo sierao adrento de la candela debemo botá la cuopo ma que diablo se lo lleva asina yo rinfrisiona cuando muchu carabela me disí que en la piriórico sintitulao La Prensa disiva que yo lo debe dincribí baile cumpreta que la gente de colore son disí, parda y morena la vinticuatro di angoto se lo va da en la Grutieta de pueblo de Marinabo ...

... sinpurusión nisisaria ... garandísima y sobre insaliente baile de la gente de colore en la Grurieta de Marinabo, la noche del vinticuatro de angoto diete mimo saño de la Señó y de la sinvuntura de la mundo. Dincrición jecha po la negro bosale cuñusío po Creto Gangá, a quien tata Dio lo bindiga amene ...

papalotico ese, su miesé ...

grasia sa Dio, mi simpresiao señó riatore de la Prensa la Bana que ya, cun fuesa de impujaúra y de inbrete, cun vaya y cun venga, lo salí de la simprenta pa que lo vea la luse prúbica la filómeno que yo lo ha parío cun motivo de la sobreinsaliente baile campetra que la gente de colore lo ha dao ... ahí lo tené su mesé lo sijito diese mía, probesito, mancuenco y rinvirao lo salí de verá verá, ma no son pusibre que lo podé sé diotro manera ... donde no lo hay casuela ni manteca, no se lo pue freí la prántano, disí mi cumare mama Gintrúa Lumbanillo. Y yo disí que tiera malo no lo da güeno muñato, de uno cayuca de güiro simarón no lo pue salí ma que imbiajo, suña de gato y rompesaragüey, la sabipa no lo proruse miele, la tuna no lo da piña. Su mesé me lo intiende ...

...arripáralo su miesé bien rimparao ... y lo incuentrará cosa que te lo hasé reí, que te lo hasé llorá, y que te lo hasé lambiá lo josico de guto, de cuntenta y de sinvidia.

... diese nemigo y cumbutibre ... que bala gringo que la miricano lo ha sinventao pa cabá cun la cata de tu taita y de su mama que lo parí nelle ...

... su mesé se lo incuentra la chite y la bunsili ... de utilidá pa la tiera diete en donde lo vivimo y que lo tamo toro sombrigao, asina branco como prieto a procuralo su tranquilidad y su vintura, pa que se cunseva siempre pa la trono de nuto señora mu quirío doña Isabele sigundo.

limán, singré y faransese que anda pallí, ta disindo en su luenga champurriao que yo lo intiende, mañífico muchu güeno, viringú catro bien, brava nengrito yesa, güin, y se lo gopia cun mano

suyo lo mimo que si taba en la cumeria riyéndolo y dimuetrándolo la mayore ringusijo...

...cun cuata de jusico po lo disensia, la lujo cumputura y señoría sinlutrasión y mudale de mulato y de nengrito que mimamente parese que son gente dintingúio po la simbullo lo branco prinsipá, que lo ha vinido a ve a su incravo cuntento como si lo son su sijo.

... pue a lo branco se lo tené prohimbido que lo baila en baile prúbico cun gente prieto, güénísimo ...
asina yo me lo ríe cun cacajao de íiselo cuentá uno señó dotore que cueláselo la quiso en la baile, y que su incravo mu fromamiento lo dijo no se pue dentrá, en casione po culata sale tiro ... noche dinlisioso ...

... lo vale uno negro congo, poque son de lujo insiático ... yo sorao me quedá cuando lo veo a Lolá cun su penado de ¿ca sé yo? cun ma moña simbuchaúra y ma laso que figurine que viene de Faransia. Vrigen Santo ¿quiéne lo compuso a Lola tan compunío? lo incramo, la piluquera, disí la niña Nina. Lavado son tata Dio disí yo, pa pená un mulata incravo lo ñaman la piluquera ... Lola son prisiso cunfesalo asafante la colore y la pelo sinrocao lo paresé uno muñeca que se vendé pa ringalo ...

... la baile son fino de fro de la arintocrasia de gente prieto, que jilo lo sigue siempre a lo branco pa dimpué jasé lo mimo que nelle en todo la cosa como hasé mono y la ñiño ma mosotro lo bosale nunca injamá lo salimo de la suso y la cutumbre de tiera en que lo ha nasío y cuando un casión lo llega lo bailamo en la cabido la tango ...

Arafé Mindive otra Hinredia, que ta in la tumba cun Minlanese, Incuvedo ...
Miesé Mindosa, Varela rimpitable Pare Cura y finlósofa que narie se lo ingualá en lo profunda gosé a Luse, la sabia juto y güeno, que me inlutra cuando yo son bosalito...
Manué Cotale, la ñiña que tanto a mí me lo guta Gintrúe de Anvellanera ...
Guan Cremenete de Seneya Lo Saya, la sinvuntura Prásida ...

dámelo, Dio mía, dámelo la tipre, la hapa o banduria que cun tanto maestría todo ese gente lo prusan ...
o ma que seya uno güiro pa yo jasé uno pintura de la simprisionamiento que rinsibí ...

y Luca, sintusiamao sombrero de paja fino botá a lo saire, y lo cae ariba ño Sivirino
y lo tumba la tabaco que lo tiniba insendío diete se cuelá en la sena de su mujé ña Charito que salí beriendo, fuego y po la calle juindo como vendeó de lita de la Riale Lutirío ...

Caballo se impanta y gente se imborota en rimolino pensando que juracán inunsiado ya ha vinío ño Sivirino lo laiga uno patá en la fundillo de probe Luca, que juye como pero cun cachimbo cuezá de rabo, y trumpiesa cun mesa de bollo frito y punche leche de Mama sincanasién, y tuitico se imparramá po la calle quemándolo a tre nengrito ...

... berío de Mama Sincanasién se cunfundí cun la pito de la vapó y la imboroto de la gente y la rilincho de la caballo, y timbale vimboline y cuentino de la música ...

y la boroto lo crese y viní la Pulisío y lo invirigua la cosa cómo fue dende imprinsipio sin que ninguno lo puere dincrará lo susidío ...

mira que tú, Malarrabia tené cosa en ocasione que a la dimoño lo ingaña ...
ahuora yo bebe en casa ma guariente que endenante...

... ¿yo? ¿pa qué? Pa que dinero me ñampian la pícara sinvrigüensa si luturía yo saca?
Mama Rosa, la dinero no sive pa negro eclava ma que pa su perisión.
Mentra que yo tiene suama que me da lo nisisario y como ahuora me trata yo son filise. ¿□pa
qué va a bucá otro cosa?

Tú piensá bien.
Dende día que yo libetá, lo pasa trabajo, y si yo podé vuevería a haseme incrava.

Si mi su ama me da lisensia, te unfrese que yo lo viendrá sin fata ...
veremo nelle. La incravo son lo memo como máquina: no tené guluntá suyo ...

Como ese día son día San Batolomé, y se lo anda lan Diabro sueto, sei vese dende cayuca a la
pansa me presiná, pa que nelle cun su rabo no me lo haga como tené po cutumbre un chansaúra
pesada.

TEXT #64: Lydia Cabrera, *Reglas de congo* (1979)

siñore, hay que asé un junta pa comprá un vitío pa la Reina.
si se pué, si pué, ya verá ...
atención, conguería. Po qué eta reunión se ha reunío pa que díci yo, Francisco de la Cé, que etá
fomá pa lo negro progresá y bibí mejó, y que pa progresá hay que comprá garafón aguariente y ...
que se jaga, aquí ta, yo ponga tó.

yo va sé uté lo criollo cuento de mi tiela, pero que no son cuento. Eso son vedá po Dió Santo
Bindito y si no son vedá, Mamá Punga me condene. Cuando ley Mechó contendía con ley inglés,
né ta sentao en su trono y visá que baco inglés ta la bahía. Ley Mechó manda bucá generá en jefe.
Viene generá en jefe. Né mirá po tejo. Pura o manda bucá jefe artillero. Viene jefe artillero.
Jefe artillero trae alifante grandísimo como montaña. Pone cañón riba alifante.
Mete piera, mete yero, metralla, to, to que encuentra, to dentro metió cañón. Acabá y va cogé
puntería cuala inglés.
Coge bien puntería cuatro mese. Upa cañón, acueta cañón.
Coge bien puntería cuatro mese coge puntería. Cuanda é manda. Fuego. Cañón ta sei mese
sonando, y to baco inglés va timbó ... pa fando la má ...

Relambío, tripa quemá, criollito basura miéda no sabe ná.
Yo no jabla mentira, cará ... allá tiera nosotros, hombre no cabe po pueta, mujé no cabe po pueta.
Cabeza suya toca techo. Uté ve un gaína, y allá gaína son grandísimo como vaca ...

...poque cuando gara prisionero munde, mete dentro baco y encoje pie, encoje tó ... y llega

chiquito aquí ... mujé mi tiera tiene pelo lango que mujé viene caminando y uté sienta riba pelo y va arastro como en coche. Cuando negra pasa la má, ya no tiene pelo lango ...

batallón de mureni firimán derecho, asujete a su jefe nadie menia camina como yo ténseña trincha derecho, vira la culo pa lo campo tomate vira la culo pa la casa mi comae..

...tira pa ca, muchacho ... abue, abuei, a la doce cuando sueta uté va comé mi casa... ¿cómo no viní mi casa? pue mañana uté camina pa llá. Uté mozá mi casa ...

...vinió robá pa la bahía, en Puente Agua duce, Casa Consistoriá, hoy ñama Triconia, era tó de caña de Catilla, paré tejía, bohío de lo congo era mejó que un paré como eta. Ahí mimo nosotros desembarcá, tiempo Generá Somerué. Mi abuela conga morí de ciento dié con siete año. Bautizó en Pueto Príncipe. Cuando cordonazo malo San Francico, tenía tre sijo.

...tú son criollito sinvegüenza...

Santísima Trinidad é piña, mamey, zapote...

Mamita, ¿qué es eso que sube y que jía?

Cállate borrica, ese é la zúcamandinga pa jumarle sabroso el hocico a la Vingen ...

Mayorá son malo tira cuero dó mano

marayo parta lo Mayorá que to mi cuepo me etá temblá...

vamo Francico a trabajá que tú no quiere y refunfuñá ...

Po que lo malo malo de l'antigüidá eran lo moreno mayorá..

Ese mayorá de San Joaquín, diablo, diablo. Y malo tó San Joaquín, tenía cepo, calabozo. Ese mayorá con boca abajo mató a la difunta Agripina. Embarazao que estaba Agrpina, pobrecita.

Lo que yo he vito chiquita yó, Señor. Lo que yo pué contá. Mucha mujé tenía maca de buey en nanga, y cuando

dotación mató mayorá no se podía ma. A machetazo y guatacazo bien mueto etá, so cabrón, bien mueto ta. Dipué llegó Símbico, y asunto se acabá ...

Dió lo mayorá dice que yo tumba cañaverá

cope la una yo tumba cañaverá ...

que po que yo no pué tumbá cañaverá yo tumba é...

vamo a casa Mamboya tuñé vamo a tuñé

a casa Kanguera ...

no avisa no, poque hata dipué de mueta yo cuido mi mujé.

Yo siempre ha sío celoso. Hata que no entierra yo no sabe si son buena pa mí solo na má. Aquí no quiere má acompañamiento...

... vamo a llorá morilé ...

... mamá bi oba va comé uté yen yen, va comé uté ...

mamá bi oba no va a comé na, uté yen yen, no va comé na uté ...

aquí ta uno con cabeza po bajo convesando con cazuela. pero é tiene nalgatorio grandísimo ...

tambó la muli, y junto lo tre...
ande tú va pera yo allá l'equina baracó
¿quién son pícaro como tú?

Ma Rosario, congo ta acabando ...
Isaura lechuza cernícalo fremboyán
avisa mayorá que ya la fieta s'acabá ...

pero poco makerato si guarina pide ngoma
ngoma no pide día domingo pero poqué motivo alacrán para rabo abajo ngoma.
Cucaracha que ta bajo yagua si eteneme tiene diente cuenta jueso caliente ...

tata Perico ven acá cuando cometa te salí ...
...ilé le soldao pañol no mata yo Musiú Payet va maá yo Mariano Oviedo no, no mata yo...

Bibijagua mocha grano.
Y mancaperro lo bota pa fuera.
Y vueta riba nom hay ná.
Yo taba yá.
Por ese mimo motivo ya peje morí po su lengua.
Lagartija son siviante.
Otra vé yo taba allá. Vueta riba no hay ná.
Juruminga é caballero.
Cuando yo llega la Cabildo cotesí é lo primero. Bueno día tó lo tata. Bueno día to lo Mama.
Saludando a mi madrina. Saludo Nsambia poque mi madre son cotudera que ensarta un guja siete legua.

el ingenio la Gambolina ya la caña con volante ahora boyero la Polina echó vara arriba ngombe
yo brinca volante. Entra Pancho Patinanga jutía ta en el monte. Gato pidió zapato jutía le
contests que no tiene bodega mañana si Dios quiere me voy casa Carnero pa que me preste su
cayuca carnero me contesta que no pué prestar cayuca po que el día que cielo truna, ¿con qué va
tocá su casco?

Tata Kian Kembo yo lleva tre día conversando lo gallo abajo la loma Cabecera Kian Kembo si
no siete luyande

...Mañana día Domingo to la mayoca nía Manuela si no siete bangrima, día mundele ...
yo brinca lusansa yo encontrá nkala boca abierto ...
si yo habla mentira siete rayo uno huevo

... cabeza negro viejo bueno pa la kiyumba y cabeza de aura tiñosa bueno palo pa kindembo.
Cosa yo vito nunca vito mi padre son jatero enlaza toro con insengo mi madre lavandera ...
mi marina coturera cosa yo nunca vito ensata guja bajo nube ...

bueno biyaya, sube palo. Nunca angarra con la mano.

Ndile vamo la Bana a bucá tela real, porque aquí tienda Don Pancho no vende ma tela a real.

Gallito, abrí kuto, güiri mambi. cucha como yo kimbila cabildo la gallina no le entra cucaracha
porque Nsusu se lo ntamba bueno, cabellero, como no hay bulla no hay guerra ...

yo llega, caballero, río seco. Río seco ta corriendo.

Zacateca ta pescando. La mar quiere crecé. Gallo no hay lugar. Mosquito ta preso porque tiene malo genio.

Yo simbá, yo lemba, yo cautivo cosa mala ...

bueno caballero, bamba cubana matá gando mató un kimbi día domingo to día ta peleando sol con la luna, to día ta peleando ...

mi pecho ta roncando, parece toro galano

que etá nriba la loma ...

yo so congo luwanda mirán hueso mi cabeza, tú longán bisi bakutu virá, hueso mi cabeza longán bisi ...

yo llama yerba buena, nunca pone malo ...

y ello me convidaron pa di a comé kimbamba. Yo le conteté clarito, yo no come kimbamba, poque kimbamba vianda mala, fue é que mató mi padre. ... Yo saludo a Sambia que mi padre son ganadero, enlaza toro con guataca...

¿quiéne ma fue te son que lo caballo?

¿quiene ma peleadore que lo gallo?

¿quiene ma lindísimo animale?

Ni chivo, ni gato, ni majá, ni alifante.

Neye se ñama mujé y é que laguanta

merece que le den un bujío...

apátate de mi lado esperpento inconcebible

para ti no etoy visible para ti me vaporao ...

críbeme una potá niño Ventura.

¿sabe quien é y no jabló na?

juté que ta poniendo?

¿y neye lo comprende?

¿juté son sajori? ¿como divina?

¿mité tambien sabe?

lo diablo son uté.

jace la letra grande, ño Ventura, pa que sentienda bien.

no pone que me joba ...

Yo no no quiere ...

pónele que me rimo al bodeguero, que neye ya sabe...

la disparate son que yo me mata, como uté dicí, ño Ventura, si neye me quiere neye ya taba aquí.

Saca tiempo que yo te perá, perá, y ya yo ta cansá.

Pónele que yo sabe que en la Bana neye tiene mujé y que como no viene pa mañana yo me comprometé.

Pónele que esa negra simbegüenza si yo la tiene aquí yo le ranca la pasa que no piense que se ri de mi. Pónele que la mueble y que la argolla que neye me empenó pa ta bailando con la negra criolla yo se la va cobrá.

Pónele que yo cribí cata, cata y conteta no ve pónele que mal rayo que lo pata po sinbregüenza que é, cuanta cosa yo le dicí si yo sabe cribí...

tiene bilongo hacete una pottá.

Hoy me encontrá con soldá y me punta con ecopeta me pinchá con bayoneta dicie que me va matá que neye va acabá con pacífico insurrecto.
que nengane ese plato mucha yuca hay que rayá.
Su reto tiene un globito chiquito como ratón y neye lo ñama namita y si no jabre joyito y ají lo coloca bien cuando llega la tren dinamita reventá to máquina baratá y gente murí también.

ño José Tomás, mira que pañol son malo pa peleá.
Neye di que va cabá con Méjico y Novayol nelle tiene un vapó que foma cuadra la ma.
qué cuara ni qué compá si né no tiene serrucho y manque negro jabla mucho mucha yuca hay que rayá...

tata Luca trae agua yo va lavá pie Yo me voy a casa Mbemba hata marugá mi guataca ta la pueta que lo muela bien Tata Luca mi cochino ta lo chiquero que lo cuide bien Tango se va Monansó caballerito oye bien toy cantando mi Makawa pa to la vida ...

tu marío son tuyo son de mío también ...
mañana marugá yo alevanta temprano yo va calentá mi comía yo va pa casa chinito hata lamanecé ...

chiva mala va rabiá tú va rabiá chiva mala tuvía va llorá ...
mateo teo valiente me compró valiente zapatico valiente me compra manilla mantón de burato compra cochino pa comé é to lo día ...

año que viene yo también va parí ¿hijo de quien né?
del administraó.
Será mi sangre pero no mi coló...
cuando yo juntá contigo nadie lo sabé ahora que yo etá peleá contigo to mundo lo va sabé ...
si me llama bagasero pa llá yo va si me ñama cote caña pa llá yo va ...

amo acabá llegá que abuso no pué aguantá lamito caba viní...
julepe ya no pué guantá má.
Lo ingenio cuero no má gope no acabá comida poco, amo no caba llegá ...
mi amore mara la mareta y no me dice aió hata cuando yo no veo ma niña que pasea la luna llega acá ...

la lotería que yo sacá lo suamo mío me la quitá ...
casaca branca que yo comprá pa lo figurimo que la paseá viní mi suamo y me la quitá ...
lo cochinito godo que yo criá señó mi suamo se lo comé lo negro cravo no tiene na no son ni chicha ni limoná majá tintorero, sale la cueva ...

doló ya pasá ...
apurao, gente buca Palo Monte ...
Ese Nganga hace lo que su dueño le manda. Pa bueno, pa malo. Hace lo que é queré qui haga.

Ese Nganga no come lo mimo que Orisa. Fieta con Palo é sencilla tó.
E juega cuando jase fata, se da gallo cuando cumplió.
Si juega Palo atranca pueta. Santo abre pueta pa to lo mundo. Palo no. Palero no toca campanita pa Nganga, no toca güiro, no toca la matraca, no toca pito pa Cuatro Trillo. No tiene tanta ramienta, no tiene túnico ni banico. Nganga son bravo. ¿tambó? Ese pa bailá na ma. Makutere tambó abieto en chapeao pa divití. Mayombero ñama con mambo. Hince, toca suelo, coge canilla mueto. ñama, convesa, purrea malafo y é ta dici: tu buca la cosa bueno. E pinta suelo, quema fula. Tre pilita fula. Ceremonia Santo é ma planchao, y ahora en día entra mucho periquito.
E vistoso. Da má trabajo y cueta má. Lucumí no prende fula [pólvora], no riega malafo. En Mayombe to tapao...

tu cheche wanga pierde camino mi suamito, ya yo estudió ...
Yagundé quiere vé ...
palo ta arriba la loma Yangundé, mi suamo tu quiere vé ...

¿quién dio a uté? ...
...tronco no pué enredar bejuco cuando llueve, llueve pa to mundo ...
...tierra congo no hay palo, qué látima Mangame Dio Palo, Monte ta conversando no hay Palo ...

mi mare mío ta kumbí kumbá si mi dondo lo negro prieto son cosa mala...
mujé con saya que no me jura que no n'asusta...
la Campo Finda no tiene guardia ...
Primero Sambia que to la cosa ...
Mi Sambia arriba mi Sambia abajo...
e pare mío Sambiariri lo siete siete que son catorce padrino mío Barrentino Kalunga sube, Kalunga baja...
Nganga yo te ñama ...
ahora vamo a jugá ...

...Yo entro nfinda caramba Casa Grande viti luto ...
...Nganga tiene varón pa clavá filé yo ngo palo buca pa acé lo que yo quiere.
Caballero ya tiene envidia pavo real tiene envidia palomita su pruma mira caballero, donguín donguín la batalla yeto yeto Santo Bárbaro Bindito...
cuidado con saya Mamán gaotica cuyao con mamán gaotica.
Cuanto lengua va dingan claro do lengua, cuatro lengua dingan claro allá Valentino allá juto traba allá Mamá Tenge allá ...
cuanto lengua va ...
dinga claro allá ..
da recuerdo ... padre mío ... y que vaya ...
y é abri kuto ...

palo va pa la loma remolino da vueta remolino engaña mundo ... ti tu me ñama yo reponde mundo se va se acabó Mayimbe ngombo Mayimbe e diablo s'acabó ...

...ndundu da vuelta al ingenio si hay malo, avisa pa el tú avisa pa él.
Si hay sucio tu bota fuera yo va mundo kuenda Misa campo santo tiene fieta si hay sucio bota pa fuera ...
bueno día pa to lo mundo de Dio dipué de Dió, sambiapunga Santo Bárbara bendito todo lo mundo da licencia ...
bueno día pa to lo mundo chiquito y grande que etá llá dentro...
perro con gato pelea y vive bajo la mima mesa diente con lengua pelea y vive dentro la boca con licencia Jesu Crito con licencia Santo Sepulcro la crú de Caravaca lo Evangelio Juto Jué ...
Padre Okunjila, tiembla tierra ojo de agua, laguna de San José ...

...lechuza pone huevo en la ceiba...
lechuza mandadero en la sombra pasa por casa grande manda parte pa la nfinda tronco ceiba tiene lechuza de verdá tronco ceiba padre mío arbi kutu, cucha cosa Kabulanga ...

...yo aprendé divino cosa malo suamito da yo lucero ya yo lucero yo mira mundo la fin del mundo ...
ya yo lucero brinca la mar ya yo ve la cosa mundo mi suamito mío yo mira mundo mayordomo mío yo mira mundo madrina mía yo mira mundo yo voy lejo corré mundo yo coge lucero corre mundo yo avisa Mayombero conguito tú no m'engaña mira ve la cosa mala misuamito da yo lucero yo mira mundo divino cosa malo yo ve la cosa mundo ...

...ahora sí yo te va jodé ...
yo van ganá male kindembo ...
vamo fondo la ma bucá arena ...
si él entra la finda, yo entra la finda
l'amo me manda, yo buca ndiambo...
pata purí, diambo yo tengo nguerra
yo te ñama, vittingo ven acá ...

... ¿quién ñama yo?
Si tu me ñama mi amo yo sube la loma llorando yo taba la ceiba, mi amo ¿po qué tú ñama Tengue malo?
¿po qué tú ñama amito mío?
Yo taba la casa grande.
¿po qué tú ñama lo Palo Monte?
Yo taba la ceja monte ... ¿po qué ñama dorina?
Yo taba la loma llorando sobre la loma mi pena llorando yo sube llorando la loma yo pasa mi pena solito llorando mi pena en la finda ¿l'amo po qué tú ñama?...

Marinita mía, yo cuba mambo ...
e é mao mangó, e mañana corobata tu llega día luna, tu viti corobata hoy tu ta contento. Mañana va morí diablo Kuyere viti colorá ya yangó tu llega día luna hoy tu ta contento, mañana va morí...

...diablo lleva mi casamiento ngavilán lleva sombra la fin del mundo allá la ceiba to mundo va

chico grande to mundo va chiquito grande to mundo va pobre yimbi dió wa wa ...
secundina tiene való dale való ...

... yo no tá mirá cuando Cueva Mabona gonizando no, taba mueto difunto, y dicí mi maetro, ese yo resucita. Ahora hijo, hija, nieta, to mundo tá llorá Mabona, que viró. Yo digo mi maetro, ya no pué curá. Sí, conteta, con gran podé de Dió y Caridad del Cobre. Primo mío Pacuá se monta, saca canto:

yo va ve si yo pué con é la virgen del Cobre me acompaña Santa Bárbara me acompaña yo va vé,
yo va vé si yo pué con é ...

...bilanga son cristiano bilanga pañuelo de luto bilanga so ...
yo tengo nguerra nganga yo te ñama Mari Wanga viti colorá vititingo ven acá nganga vite colorá
...

vamo lo convite Sáuro vamo a lo voncite Saurero nvamo lo convite Súura Dió Mayombero, así
vamo Saurero Dió Saurero, Vamo Saurero ...

plátano morá yo no come
guacate morá yo no come
ciruela morá yo no come
mango lele, yo no come ...

agüé día tambó to mundo baila
lo chiquito y grande to mundo baile ...
¿po qué María Sukende no quié bailar?
Tu baila poquito María tú sabe bailá
tú meneas tu pie poquito tú meneas tu cuerpo
...

Miguelito, ¿uté no ahueita yo? ... uté agueita yo ...
dende que él nace, nace varón y va morí varón ...
Camina buca duce. No, pera, ven acá...Ahora tiene uté hijo. Yo preparé a é. Ange mío mimo
manda que yo prepare.

Yo llorá Abrahán que etá morí ya. Uté di que etá vivo y yo sé que etá mueto...
Vito, ya va tené yo aquí la juticia ...
Ahora mimo yo entrega Vito a lo guardia y é no va dejá preso. Manque tú son mala cabeza tu
son mi yijo, arrea, vamo ... pa sobá é yo se lo trae. Ete mimo son Vito Afonso.
Mía, jace lo que uté quié, soba pero no mata é. ¡Matalo no!
...Si yo vuelve a ve mi yijo delante juticia uté mata yo y mata é ...

...ta bueno, pero tú no va jugá conmigo, yo te va da una prueba ... cómo yo va acé crecé laguna si
yo no so Dió...

Siño jué, yo so africano. Yo no tiene mujé, no tiene yijo, no tiene na. Ahora viene una negra.
Dice yo bautiza su yijo, y yo bautiza su negrito, y yo no tiene na que dale.
Siembra calabaza, cocina con duce, nelle viene, yo le da, se va contento. Po cuento calabaza ese

yo domí anoche lo suelo. Mira ve si ese son brujería ...
...Nél cré va agarrá mí. Sito, saca de ahí ese palo. Sito, buca mi motero. Sito, tréeme calabaza que sea pintá. Sito, tráeme sapo ... no, deja que pase doló hata mañana ...

TEXT #65: Nicolás Duque de Estrada, *Doctrina para negros, explicación de la doctrina cristiana acomodada a la capacidad de los negros bozales* [1797] (Laviña 1989)

Que cosa son los Sacramentos de la Santa Madre Iglesia? ...
Tu no sabes agua? Tu no sabes Yagua? Pues dime Agua y Yagua es lo mismo, mismo? No una cosa es Agua para beber, otra cosa Yagua para caballete de Bujío ...

Todos los dias padrino. Mayoral se enfada, y yo tambien tengo vergüenza de ir todos los dias a besar mano de Mayoral ... ustedes son muchos, el Mayoral uno no mas; hoi falta uno, mañana falta otro. Otro dia hace uno una picardía, otro dia la hace otro. Todos los dias tiene Mayoral que aguantar, esto todos los dias, mas que no quiera, preciso, se pone bravo. Masa Buei es manzo, si siempre estan jinca, jinca, el tira patada preciso. Mismo son Mayoral, un dia puede aguantar mucho, otro día no puede aguantar ni poquito tampoco, por que ya barriga esta llena ...

... pa nuetro ta seno cielo ...

Dios no fabla mentiroso ninguno; cosa que Dios fabla son verdad verdad ... Dios quiere una cosa? El manda, y lo que el manda se face aprisa ... Todas Tres Personas son todo poderoso ... un huevo tiene hiema, tiene clara, y tiene cascara, y todas tres cosas son un huevo no mas. Naranja tambien, aguacate, melon tiene cascara, tiene pepita, tiene comida, y todas tres cosas son un melón, un aguacate, una naranja, no mas. Esto es cosa que ustedes miran con sus ojos. Si ustedes miran huevo, cascara es huevo, hiema es huevo, clara es huevo, y no son tres huevos sino un huevo no mas. Lo mismo aguacate lo mismo naranja. Cascara es Naranja, pepita es naranja, comida es naranja, y no son tres naranjas, sino una naranja no mas. ... narajna tambien son tres cosas distintas: pepita no es cascara, ni es comida, comida no es ni pepita ni es cascara; cascara una cosa, pepita otra cosa, comida otra cosa, eso es tres cosas distintas ...

Donde, en que parte cojió el Cuerpo, y alma de hombre? ... muchacho todavía no nació, no está en barriga de su Madre? Pues tambien Jesu Christo todabia no nacio estaba en barriga de la Virgen Maria su Madre

La que pare perro es madre perro, la que pare gato es madre gato, la que pare hombre es madre hombre, la que pare Dios es Madre de Dios, y eso se llama Madre verdadera, que lo pario...

Cien años son dies veces pasa dies años ... nueve viajes pasa dies años ... un dies, dos dies veinte, tres dies treinta ...

estos no se queman, solo trabajo que tienen es que no pueden mirar a Dios, por que para ir al cielo a ver a Dios es preciso estar baptizado ... allí estaban las almas de toda aquella gente buena, que habían muerto sin pecado mortal, y no tenían ya señal ni sucio ninguno ...

Alma mio no va a juntar, no, con cuerpo de otra gente, ni cuerpo de otra gente va a juntar con cuerpo mio, sino alma mio, con cuerpo mio, cada alma se junta con cuerpo suyo de ella misma ...

... las mugeres son hombres fembra, y los hombres, hombre Varon ... el que face cosa que le manda su amo, ese guarda el mandamiento de su amo ...

El rey tiene lastima y dice, yo le perdono la vida, no lo aforquen, no; pero ponganle grillos un año entero porque mató al otro ... un muchacho que levanta la mano y da bofetada a su padre, es menester, preciso que su padre le de muchos palos, y lo bote de su casa ... pues así tambien, el que face pecados mortales, eso es lo mismo como levantar la mano y dar bofetada a Dios en su misma cara, esa es muchísima desvergüenza, eso ha menester un castigo ...

Ustedes no miran casabe entero? eso se llama torta de casabe; parte la torta pedaso, pedaso, mas que son chiquito, eso es partícula de casabe. Mismo pan, mismo ñame ...
ustedesno se miran su cara entero en un espejo? Sí, y si quiebra espejo en dos pedazos, en cada un pedazo allí está mirando su cara entero, y mas que rompe en quatro, en cinco pedazos, en cada un pedazo allí está su cara entero, por que aunque se quiebra espejo, cara no se quiebra ...

... quantas veces se juró falso, quantos dias perdio la misa culpa suya ... quantos viajes tuvo mal corazón ... esto es lo que se llama pensar pecados ... cómo yo me voi a acordar de todos mis pecados un año entero que pasó? Eso se face con un poquito de cuidado ... un negro sale de su casa, y va a la casa de Madrina, o a mirar a su pariente, o a otro ingenio, o a una estancia, o a facer diligencia suya, o a mandado, y quando vuelve a su casa quiere chupar tabaco, mete mano a su faltriquera, y no faya su bejiga ... en pensando así poco a poco, si hay pecado, luego corazón avisa, y dice eso es malo, es es pecado. Luego pienza tiempo de sembrar caña, luego tiempo de cortar leña o manigua para moler ...

... diez dias perdi la misa culpa mio ... dos vezes maté animal ageno ... tres viajes bebí aguardiente o Sambundia, o vino, pasa mi cabeza culpa mio ...

... señor, yo he fecho cosa malo es verdad, perdoneme su merced ... Dios es nuestro padre, y nos quiere muchísimo como a hijos suyo ... pero quando él ve a un cristiano, que te duele en su corazón de haberlo ofendido con sus pecados, que él mismo los confiesa todos ... que me duele de mis pecados ...

Pero no es bastante decir todos los pecados, diciendo la verdad; es menester decirlos con dolor de corazón ... Dios face bueno para mi, y yo fago malo para Dios ... en volviendo a facer pecados, ya confesión se perdió ...

Esto no es cosa mui buena? Esto no les parece a ustedes cosa mui grande? No les da gana de ir al cielo? Pues todo esto que yo he dicho es poquito: cielo es cosa muy bueno que todo esto: ninguna gente, mas que sabe mucho, puede fablar cosa que hai en el cielo, mas que fabla cosa que nadie puede pensar. Cielo es mejor ...

Saber se llama entender palabra mismo que se fabla. Ustedes no miran negro bozal? Quando la

gente le dice como te llamas? él tambien dice palabra mismo: como de llamas? Pero él no entiende ninguno. Si le dicen Mula él también fabla Mula, pero él no sabe Mula. Si le dicen tú estás mui Caballo, él también fabla mismo ...

mas que un negro no sabe la doctrina él sirve a su amo, él trabaja, él muele, él chapea, él corta caña, con que más que sabe ... Su amo tiene obligación de dar de comer a su esclavo. Pero si su amo da comida bastante, carne, farina, vianda, y el esclavo no tiene gana de comer, el no quiere comer, el bota comida, mas que esclavo se muere, su amo tiene culpa? Ninguno, no tiene culpa, no ...

También es preciso mantener en el corazón cosa que se aprendió, porque si entra por una oreja, y sale por la otra, mismo, mismo como si no aprendiera. Eso es como gente enfermo, que todo que come no se mantiene en su barriga ... pues lo mismo la doctrina cristiana si entra por las orejas, y no se queda en el Corazón, si se pierde todo, se acabó, alma se muere, preciso. Ahora sabe Dios, dice un negro, ese no es culpa mío, yo tiene mala cabeza ... hoi aprendo poco, otro día aprende otro poco, y así va aprendiendo hasta que sabe todo ... si ustedes pasan sogá por forcón de quiebrafacha, pasa siempre, sogá corta forcón, así mismo, mas que cabeza está dura, si pone cuidado, siempre él aprende ...

cosa que el padre fabló mañana ese son cosa que Dios mismo fabla, conque son verdad, porque Dios no fabla mentira ... nosotros somos como muchacho chiquito que no puede facer diligencia para nada ... Y ay cristianos que pierden la misa por cosa de bobería? Por que va a buscar cabeza de ñame, porque va buscar basura de tabaco ...

por esas boberías de pierde cosa tan grande ... ustedes mismos no dicen ese hombre, esa muger está loco? Sí, porque solo una gente que tiene enfermo de loco puede facer así ... como hijo son mejor que perro, alma mejor que cuerpo ... quando la gente se muere, cuerpo son que se muere, alma no se muere, alma son que va a dar cuenta a Dios, cuerpo se queda acá, se queda bujío, conuco, ropa, dinero todo se queda acá, alma nada lleva de esa ... alma solo puede llevar cosa conque sirve a Dios ... Dios mio ya sabes tu cosa que yo quiero ...

... quando nos bautizamos no queda sucio ninguno en el alma, sino limpa como oro ... Cómo yo puedo decir nunca yo fago pecado? Diablo pone pensamiento malo. Trabajo pasa mi cabeza, pone mi corazón malo. Contra mayoral siempre está machucando yo valde; corazón mío está apurando yo todos los días y todas las noches, para que face pecado; gente mismo, muger, hombre, todos facen diligencia para que yo face cosa malo. Como yo puedo aguantar, pasa toda la vida sin que yo face pecado ninguno?

... pero cuerpo está flaco, ni tiene fuerza, ni puede caminar derecho, es preciso llevar palo en la mano para caminar ... el alma mismo, mismo como el cuerpo ... diablo, gente malo y nuestro cuerpo mismo, eseo tres no mas son nuestros enemigos ... todo lo que Dios nos manda no son mas que diez cosas, eso poquito no mas, y quien face esas diez cosas ese es el que va al cielo ...

Por qué no quieren ustedes que otro gente les heche bendición malo? que otro gente les pierda la cortecía? que les fablen boca sucia? ... ni le hecharan bendición malo ...

... no quiere que el otro que tiene dinero le preste?

El que face malo a otro, ese no face lo que Dios quiere ... es preciso no tener bravo con él, sino tenerle lástima, porque él face cosa para que Dios lo castigue. Que el otro guarda, que no guarda mandamiento, eso son cuenta del otro ... manda Dios a tu próximo como a ti mismo, esa son tarea que Dios señala. Que yo guarda ese mandamiento, eso son mi tarea, eso son mi cuenta. si el otro me face a mi malo, ese no guarda mandamiento de Dios, ese no acaba su tarea, pero eso no es cuenta mío, esa es cuenta suya, ...

... dice Congo furta, yo, yo también va a furta. Congo, mas que ese Congo no tiene culpa, mas que no son mismo que furtó sus ñames, ese face como Dios manda? ... facer malo a Carabalí porque Carabalí me fizo malo a mi, eso son cosas de Guinea, eso son cosa de la gente que no son cristiano. Gente cristiano es preciso quiere mucho con su corazón a toda la gente, a todos los próximos, es preciso que él que me face malo a mi yo facerle bueno a él, porque Dios lo manda así ...

Aora dirá un negro, yo soi pobre esclavo, yo tiene dos gallinas no mas, gente tiene suelto su cochino, cochino come mi gallina. Yo ya no tiene con que comprar tabaco, ni nada. El otro rompe mi bujío, lleva todo, ni dexa cañamazo tampoco, como yo va a facer? Yo va andando en cueros? ... Quando uno quita al otro lo que es suyo, se avisa al mayoral, o se avisa a su amo, que son su cabeza suyo de él, para que el mayoral o el amo lo mande con fuerza ...

TEXT #66: Luis Felipe Rodríguez, *Ciénaga* (Rodríguez 1969)

Yo va matá mi materiá
yo va matá ni materiá
epiritu son que tiene asesá a hermano Olegario.

Nengre probe, sola e viejo como la nengre cumpena reyendo lo guta branco e la dansa lucumí.
Nengre no sabe que cosa etá hoy nen su bariga, guardiente tomá, e no sabe
a sumo duse di caña.

Guardiente sabe di sangre, sana, sudó y pica-pica, e diente malo di perro y gope de mayorá.
To gente mejó que nengre cañaverá jase daño nengro ñangao é la suete etá trite y ajumá.
Baile pa pata di nengre guadiante pa su bariga pa lo male ta condio no tene na lo dotó.

□Po qué coje a Papa Luca y lleva a cañaverá?
Lo diablo jiso la mundo onde malo tene a Dió.
Cañaverá, cañaverá, yo te quiere catigá
tú e como lo fruto amago no da duse a lo cumpena.

TEXT #67: Lydia Cabrera, *Anaforuana* (1975):

Venga acá, hijo. Sienta aquí. Sienta, yo manda que sienta. Y ¿sabe por qué? Nosotros aquí
somo tre, y pa sé firme como ete banco, necesita una pata má.
Nosotros po mayoría de tre designamo a uté, cuatro, por que uté e bueno y entodavía tiene que se

mejó. Usté son muchacho hoy, pero usté son hombre mañana. ¿ta de acuerdo?

Pera un poco, muchacho. □no ta mirá palangana allí con vela prendía? ¿y esa palangana no tiene huevo? Pa nkamá coge huevo ese, pasa cara, pasa cuerpo, limpia bien y cuando te limpio, to uté pue cogé Mpegó. Entonces, Manué, por qué uté no avisa él como son cosa aquí. Bueno yijo, uté entra po aquí, limpia con ese huevo pa quitá malo la calle, pa que limpio tocá eso grande. Yo hace orden de la casa. Ete no son río que jagua entra y sale como le dan gana. Hable con pieza. Ese son Nkríkamo. Ahora uté pue pasá adelante. Sí, pero ante coge tambó y habla.

TEXT #68: Miguel Barnet, *Biografía de un cimarrón* (1966)

Mientras tú trabaja mayombe, tú son dueño e tierra.

Niño, tú no oye, tú no atiende ná, tú coge camino pa tu casa, anda.

Tú ve y haz este trabajo y cuando tú tiene problema resuelto, tú viene a mí y paga.

Tú son bueno y callao, yo va a contá a ti una cosa.

Usté, criollo, no sabe qué son lifiante, ese que usté ve aquí en circo no son lifiante, lifiante mi tierra son mayore, come corazón de palma.

APPENDIX TO CHAPTER SEVEN

Examples of spontaneous nasalization/denasalization in Afro-Hispanic language

A. *lan* < *la(s)/lo(s)*

1. *lan* gallina yo dará (Cruz 1974:37; C-34)
2. Sarapi, diablo *lan* gato (Cruz 1974:37; C-34)
3. nanllí *lan* día se curía (Alvarez Nazario 1974:396; PR-5)
4. yo no conocía *lan* guera, no conocí su furó (Alvarez Nazario 1974:396; PR-5)
5. yo bota *lan* garafó (Guirao 1938:17) [Cuba, 18th century]
6. yo ba sé mario tuyo por *lan* grasía (Guirao 1938: 17) [Cuba, 19th century]
7. *lan* tiempo si piere (Guirao 1938: 17) [Cuba, 19th century]
8. pa que su mercé lo pue disí caracaraca! como *lan* gallo cuando pelea (Cruz 1974: 118) [Cuba, early 19th century]
9. ya tú lo ve que pa andalo pallá riba como *lan* gallina (Cruz 1974: 134) [Cuba, early 19th century]
10. Señó Redató *lan* Faro Sindutriá la Bana (Cruz 1974: 157) [Cuba, early 19th century]
11. lo sucedí en lo monte a la nengrito de lo bují y a *lan* pero jusico-duro ... y *lan* gato no sabe ma que desí miau y comé picao (Cruz 1974: 157) [Cuba, early 19th century]
12. gente piñucáo como *lan* gallina en la gallinero (Cruz 1974: 174) [Cuba, early 19th century]
13. pa que *lan* diabro no me lo tienta (Cruz 1974: 179) [Cuba, early 19th century]
14. dende que *lan* diabro mema me lo meté a cumesiante ... cun *lan* gayina y cun güeve ... (Cruz 1974: 214) [Cuba, early 19th century]
15. negrito ma fotuná no lo salí *lan* Guinea (Morales 1976: 151) [Cuba, early 19th century].
16. lo que lo dan *lan* gana (Alzola 1965: 364) [Cuba, mid 19th century]
17. cuando *lan* galla canta (Ballagas 1946: 93) [Cuba, 19th century]
18. a *lan* Dioso que sa yoranda (Sor Juana Inés de la Cruz 1953: 257) [Puerto Rico/Mexico, 17th century]
19. qui vini *lan* fieta (Sor Juana Inés de la Cruz 1953: 277) [Puerto Rico/Mexico, 17th century]
20. la trena yama a *lan* carsel (Rosell 1874: 35; Quiñones de Benavente, 'El negrito hablador y sin color anda la niña') [Spain, 17th century]
21. Si no *lan* quiere creer (Lope de Vega 1893: 368; 'La madre de la mejor') [Spain, 17th century]
22. come lo ñame y deja *lan* gallo (Cabrera 1976: 14) [Cuba, early 20th century]
23. Boma va a comese *lan* gaína (Cabrera 1976: 16) [Cuba, early 20th century]
24. En *lan* tampa hemos caído (Claramonte 1951: 508) [Spain, 17th century]
25. fijo de la corazón y de *lan* trañas (Lope de Rueda 1908: 187; 'Los engañados') [Spain, 17th century]
26. Y que estando en *lan* tamberna (Rosell 1874: 36; Quiñones de Benavente, 'El negrito hablador y sin color anda la niña') [Spain, 17th century]
27. ¿Qué queremos que *lan* diga? ... quemamo lo colazón y encendemo *lan* bariga (Lope

- de Vega 1929: 71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
28. Que *langalan* den Mieldina ... A *langueltan* por mi mano (Lope de Vega 1894: 375; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 29. Muéranse *lan* beyaca (Lope de Vega 1894: 378; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 30. Non si aquí a malo *lan* casa, ... *lan* casa, yo habemo vito Al Santo Negro Benito que *lan* yama fora echaba (Lope de Vega 1894: 392; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

B. *an/en*

1. mi pecho esta girviendo como agua que pela *engallina* (Benítez del Cristo 1930: 142) [Cuba, mid 19th century]
2. *en* diablo esten sondado (Lope de Vega 1894: 364; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
3. por *an* mar y por *an* tierras (Lope de Rueda 1908: 184; 'Comedia de los engañados') [Spain, 17th century]
4. voto *an* dioso (Cotarelo y Morí 1911: 231, 234; Simón Aguado, 'Entremés de los negros') [Spain, 17th century]
5. Quiera *en* Diozo que pasemo a España (Claramonte 1951: 499) [Spain, 17th century]
6. ¿Por qué *en* Juan matar queremo a Antoniyo? (Claramonte 1951: 500) [Spain, 17th century]
7. Venganza de *en* branco infame (Claramonte 1951: 505) [Spain, 17th century]
8. Estornudar gente *en* blancas (Claramonte 1951: 505) [Spain, 17th century]
9. Juran Dioso, si espada *ensaco* (Claramonte 1951: 505) [Spain, 17th century]
10. *En* diablo yeve el amor (Lope de Vega 1894: 373; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

C. *len < le(s) < la(s)/lo(s)*

1. ¡Viva *len* constitusione! ¡Viva *len* leye patlisia! Que ne tiela den balanco se acabó *len* dipotima (Lanuza 1967: 118) [Argentina, mid 19th century]
2. ya *len* fielo nimigo si ve (Lanuza 1967: 132) [Argentina, mid 19th century]
3. *len* bandido sondado de Losa (Lanuza 1967: 132) [Argentina, mid 19th century]
4. plepalemo *len* sable e fusí (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
5. e a *len* vile calancho e latone *len* dipojo dalemo lempué (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
6. *len* dalemo den fuelta a chupa (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
7. *len* gutará (Romero 1987: 102) [Peru, 19th century]
8. Que esta nochen *len* mataron (Lope de Vega 1894: 375; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
9. Durmendo sa, ya *len* vi (Lope de Vega 1894: 376; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

D. *den < de(l)*

1. Que ne tiela *den* balanço se acabó len dipotima (Lanuza 1967: 118) [Argentina, mid 19th century]
2. len dalemo *den* fuelta a chupá (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
3. Ay, mi amito, un prato *den* güevo frito (Carrera Vergara 1943:95); [Peru, mid 19th century]
4. Hacendo burla *den* pretos (Claramonte 1951: 505) [Spain, 17th century]
5. *Den* temor y *den* respeto cagayera la espantoso (Claramonte 1951: 507) [Spain, 17th century]
6. Reniega *den* Belcebú (Lope de Vega 1894: 370; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
7. Teno *din* tomar un poca (Lope de Vega 1894: 376; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

E. *(l)on < lo(s)*

1. que cuando lo tlopellamo *lon* diablo que no sujeta (Lanuza 1967: 132) [Argentina, mid 19th century]
2. que *lon* pueblo indefenso clavisa (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
3. *lon* branco só saca-cuento (Biblioteca de Cultura Peruana 1938: 185) [Peru, mid 19th century]
4. me lo peraba uno fuetaso duro con pruma tuyo como *lon* da mayorá la monte (Cruz 1974: 161) [Cuba, early 19th century]
5. puruga, jerejene memoquiera m'eta comiendo y *lon* diablo m'etá llevando (Cabrera 1976: 15) [Cuba, early 20th century]
6. Gaína saca tó *lón* día (Cabrera 1976: 15) [Cuba, early 20th century]
7. *lon* regüelva (Romero 1987: 102) [Peru, 19th century]
8. ¡Por *on* Dioso ... □ Por *un* Dioso! (Lope de Vega 1929: 70-71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]

F. *na(n) < (en) la(s)/lo(s)*

1. Gallo ta *nan* so mi amo (Alvarez Nazario 1974: 385; PR-5)
2. nunca se quita *nan* so trabajando como diablo (Alvarez Nazario 1974:387; PR-5)
3. mi suamo siempre ta brabo y me garra po *nan* pasa (Alvarez Nazario 1974:387; PR-5)
4. ahí ta *nan* galería, *nan* conversació con uno músico (Alvarez Nazario 1974:387; PR-5)
5. vine aquí *nan* Poto Rico de una borega *nan* fondo (Alvarez Nazario 1974:396; PR-5)
6. fue te namba, ciera *nam* pico (Alvarez Nazario 1974:396) [Puerto Rico, late 19th century]
7. Bota *nam* pañó la araña (Alvarez Nazario 1974: 396) [Puerto Rico, late 19th century]
8. y *nan* cañón hacía ¡pum! (Alvarez Nazario 1974: 397) [Puerto Rico, late 19th century]
9. zape, ñangato, no me robes las fritangas (Alvarez Nazario 1974: 185) [Dominican Republic, 19th century (?)]
10. suña como *nan* gato (Pichardo 1976: 11) [Cuba, 19th century]
11. Cuando yo me pia de *na* caballo, poque miamo no toca con la batón (Estrada y Zenea

1980: 72-3) [Cuba, mid 19th century]

12. *nante* (< aquí te) presento mi queja (Alvarez Nazario 1974: 197) [Puerto Rico, 19th century]
13. *lamo ta nan* gallera (Alvarez Nazario 1974: 197) [Puerto Rico, 19th century]
14. *ahí ta ... nan* covesació (Alvarez Nazario 1974: 197) [Puerto Rico, 19th century]
15. *que como nan* sumo *nieve nan* derretimo al *calore* (Lope de Vega 1929: 71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]

G. *sen* < *si/se*

1. *ene sanja palele e cañone tulo seye sen* viene a molí (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
2. *e si* aqueye *sen* viene a la calga (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
3. la niña *sen* va, *probre cravo* llorá (Villaverde 1979: 185) [Cuba, 19th century]

H. *nen* < *ni*

1. *nem* pedimo *nem* damo cualté (Lanuza 1967: 132) [Argentina, mid 19th century]
2. *sin* que vindamo gamote *nin* garbanzo a la vizina (Sor Juana Inés de la Cruz 1952: 73) [Mexico/Puerto Rico 17th century]

I. *dempué/dimpué* < *después*

1. Otra güeta salí las ocho: *dempué* vení horita (Pardo 1869: 183) [Peru, early 19th century]
2. *e se yama lempué* felelá (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
3. *len dipojo dalemo lempué* (Lanuza 1967: 133) [Argentina, mid 19th century]
4. *pocque dieso de siera boca tuyo dimpué* que lo imprinsipiate cun tanto bulla (Cruz 1974: 162) [Cuba, early 19th century]
5. Y cayéme *dempué* (Lope de Vega 1894: 378; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

J. MISCELLANEOUS CASES OF NASAL REPLACEMENT/INSERTION

1. Mujé mi tiera tiene pelo *lango* (< *largo*) (Cabrera 1979: 18) [Cuba, early 20th century]
2. *brángaman* (< *válgame*) Dio (Alvarez Nazario 1974: 384) [Puerto Rico, mid 19th century]
3. Mucha mujé tenía maca de buey en *nanga* (< *nalga*) (Cabrera 1979: 42) [Cuba, early 20th century]
4. *dalen* diablo (< *dale al diablo*) con *aguesan* (< *aguesa*) mouadilla (Chasca 1946: 337) [Spain, 17th century]
5. offresco *ten* (< *ofrézcote*) diablo (Alvarez Nazario 1974: 125) [Spain, 17th century]
6. Téngolo, señora, en la India de San Juan de *Puntorico* (< *Puerto Rico*) (Alvarez Nazario 1974: 115) [Spain, 17th century (Lope de Rueda)]

7. *nanquí* (< *aquí*) toy ma Makinley (Alvarez Nazario 1974: 396) [Puerto Rico, late 19th century]
8. *tran* (< *tras*) de tíguiri y líon, *limbre* (< *libre*) como el mismo sol (Alvarez Nazario 1974: 396) [Puerto Rico, late 19th century]
9. te lo *sumprica* (< *suplica*) tu cravo (Cruz 1974: 71) [Cuba, early 19th century]
10. yo lo *sumpringa* (< *suplica*) mi suamo mío no me lo viene a catigá (Cruz 1974: 101) [Cuba, early 19th century]
11. dámelo dinero, dise la *simpañole* (< *españoles*) rifrane (Cruz 1974: 103) [Cuba, early 19th century]
12. ya cuchá yo batante diese lago ringuilera de boba y de *dimparate* (< *disparates*) (Cruz 1974: 103) [Cuba, early 19th century]
13. ¿ónde e que está *esem* (< *eso(s)*) branquillos? (Lanuza 1967: 131) [Argentina, mid 19th century]
14. Si no *tin* (< *te*) guta tasajo de brujo que suamo da (Cruz 1974: 37) [Cuba early 19th century]
15. en primé lugá, *rimpito* (< *repito*), yo icribe nese lenguaje poque Dio no lo permite que notro mijó lo jabre (Cruz 1974: 104) [Cuba, early 19th century]
16. me da to lo mese igüe con qué *ringalame* (< *regalarme*) (Cruz 1974: 104) [Cuba, early 19th century]
17. como corenta pañuelo de to colore a la jembra se lo cuega en la *pincueso* (< *pescuezo*) (Cruz 1974: 113) [Cuba, early 19th century]
18. no podé *dimpachá* (< *despachar*) a tanto gente junto (Cruz 1974: 117) [Cuba, early 19th century]
19. qué *dingrasiao* (< *desgraciados*) semo mosotro, que etando a la pie de coco no pudemo bebé lagua (Cruz 1974: 118) [Cuba, early 19th century]
20. son meneté que campana de la Cratea lo *rimpica* (< *repica*) sola sincu casión (Cruz 1974: 118) [Cuba, early 19th century]
21. lo *sincritore* (< *escritores*) y piriodita que sempre se lo anda roendo la pata uno a lotro (Cruz 1974: 128-9) [Cuba, early 19th century]
22. naitica lo tené de patricula que yo no lo se jabra luenga *sintaliano* (< *italiano*) o putugué o lo que seya (Cruz 1974: 130) [Cuba, early 19th century]
23. pocque tú siempre lo fuite mu nimale, y *dimpensa* (< *dispensa*) la cunfianza cun que te jabra (Cruz 1974: 131-2) [Cuba, early 19th century]
24. ya tú lo ve que pa andalo pallá riba como lan gallina y la *linchusa* (< *lechusa*) cun tanto sincomorira (Cruz 1974: 134) [Cuba, early 19th century]
25. adió trabajo y *sumpiro* (< *suspiro*) ... adió tieria de lo *prántano* (< *platános*) y la yuca (Cruz 1974: 147) [Cuba, early 19th century]
26. y la judío me lo vuevé la *simpalda* (< *espalda*) (Cruz 1974: 152) [Cuba, early 19th century]
27. la pare en la *ingresia* (< *iglesia*) (Cruz 1974: 160) [Cuba, early 19th century]
28. Vaya uno *rinsuello* (< *resuello*) que tú lo tené (Cruz 1974: 160) [Cuba, early 19th century]
29. una cosa me lo tiene mu *dingutao* (< *disgustado*) en la Bana (Cruz 1974: 170) [Cuba, early 19th century]
30. la so y la *sintrella* (< *estrellas*) de la sielo (Cruz 1974: 174) [Cuba, early 19th century]

century]

31. fuácata!!! *pintola* (< *pistola*) se *dincaga* (< *descarga*) (Cruz 1974: 174) [Cuba, early 19th century]
32. *dimbarató* (< *desbarató*) la pajarera y toví lo taría juindo (Cruz 1974: 185) [Cuba, early 19th century]
33. se lo jabra cun *dimpresio* (< *desprecio*) (Cruz 1974: 194) [Cuba, early 19th century]
34. viene a *suncribise* (< *subscribirse*) aprisa vieja ... pue ya que me *dincuatisa* (< *descuartiza*) la opinión como icritó (Cruz 1974: 195) [Cuba, early 19th century]
35. tú no vuevera a *rincogé* (< *recoger*) la meria onsa (Cruz 1974: 196) [Cuba, early 19th century]
36. lo *rinsabio* (< *resabios*) de lo crioao ... y la juega de lo sodao la que de *rincruta* (< *recluta*) subí hata generale (Cruz 1974: 199) [Cuba, early 19th century]
37. taría güeno que lo *flimbutera* (< *filibusteros*) diese viní a sacánolo a mosotro de donde tata Dio no lo ha pueto (Cruz 1974: 207) [Cuba, early 19th century]
38. mu *sintimao* (< *estimado*) siñó y de tuitico la *rimpeto* (< *respeto*) cun la cunsiderasione mía (Cruz 1974: 230) [Cuba, early 19th century]
39. me lo jincha de cuntentamiento y *satinfasione* (< *satisfacción*) (Cruz 1974: 230) [Cuba, early 19th century]
40. pue a lo branco se lo tené *prohimbido* (< *prohibido*) que lo baila en baile prúbico (Cruz 1974: 238) [Cuba, early 19th century]
41. y que su *incravo* (< *esclavo*) mu fromamiento lo dijo (Cruz 1974: 238) [Cuba, early 19th century]
42. de fro de la *arintocrasia* (< *aristocracia*) (Cruz 1974: 240) [Cuba, early 19th century]
43. te *unfrese* (< *ofrece*) que yo lo viendra sin fatá (Cruz 1974: 255) [Cuba, early 19th century]
44. qué cusitu *man* (< *mas*) güeno (Benítez del Cristo 1930: 132) [Cuba, mid 19th century]
45. camina como lo rayo pa la *engresia* (< *iglesia*) (Benítez del Cristo 1930: 133) [Cuba, mid 19th century]
46. salmo negra *pecandora* (< *pecadoras*) (Becco 1946: 35) [Spain, 17th century (Luís de Góngora)]
47. ¿qué comió *min* (< *mi*) gallito jabao? (Cabrera 1976: 65) [Cuba, early 20th century]
48. a dioso *daremon* (< *daremos*) conta (Cotarelo y Morí 1911: 231; Simón Aguado, 'Entremés de los negros') [Spain, 16th century]
49. desa manera le *habemon* (< *habemos*) de aplacar la colicas (Cotarelo y Morí 1911: 232; Simón Aguado, 'Entremés de los negros') [Spain, 16th century]
50. ¿no *nun* (< *nos*) casamo? (Cotarelo y Morí 1911: 234; Simón Aguado, 'Entremés de los negros') [Spain, 16th century]
51. Pavo Real ta *bucan* (< *busca*) palo (Cabrera 1971: 183) [Cuba, early 20th century]
52. tiene un lengua tan *laingo* (< *larga*) (Cabrera 1976: 65) [Cuba, early 20th century]
53. *non* gurbia dinele (Pichardo 1976: 12) [Cuba, 19th century]
54. ¡*Bángame* (< *válgame*) Dio! Poquitico fata pa que señora murí agüoi (Estrada y Zenea 1880: 47) [Cuba, mid 19th century]
55. *nontron* (< *nosotros*) se jicieron rico (Alvarez Nazario 1974: 192) [Puerto Rico, 19th century]

century]

56. ¿Dónde vamo *angora* (< *agora*)? (Claramonte 1951: 500) [Spain, 17th century]
57. Rey mago, y yo *sun* (< *su*) lacayo. (Claramonte 1951: 500) [Spain, 17th century]
58. ¡Ay, señor *Jesum* Cristo! (Lope de Rueda 1908: 179; 'Comedia de los engañados') [Spain, 17th century]
59. Ofrezco *tan* (< *ofrézcote*) diablo (Lope de Rueda 1908: 183; 'Comedia de los engañados') [Spain, 17th century]
60. ¿Pensar vosa mercé que *san* (< *sa/sar*) yo fija de alguno negra de par ay? (Lope de Rueda 1980: 185; 'Comedia de los engañados') [Spain, 17th century]
61. Y que estando en lan *tamberna* (< *taberna*) (Rosell 1874: 36; Quiñones de Benavente, 'El negrito hablador y sin color anda la niña') [Spain, 17th century]
62. *Yan* (< *ya*) viene (Lope de Vega 1929: 70; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
63. *Biban*-Dios (< *viva Dios*) que es como un prata (Lope de Vega 1929: 70; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
64. que el cuerpo *hermosan* cublimo, a cuya *hermosuran* plimo no hay comparación *enguale* (< *igual*) (Lope de Vega 1929: 71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
65. *Uñan* blanca e *neglon* dedo (Lope de Vega 1929: 71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
66. me dijo en *palablan* blebe (Lope de Vega 1929: 71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
67. *Biban*-diosa, *amigan* plimo, que por *eyan* derritimo (Lope de Vega 1929: 71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
68. Jente branca, vivandioso, que sa baya *can* (< *ca de*) vesino! (Lope de Vega 1929: 71; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
69. a mala cuchiyara en *san* bariga (Lope de Vega 1929: 76; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
70. ... y su madre *unan putan* cutureras (Lope de Vega 1929: 76; 'El negro del mejor amo') [Spain, 17th century]
71. Siendo neglo y *ellan* (< *ellas*) crara (Lope de Vega 1893: 368; 'La madre de la mejor') [Spain, 17th century]
72. Triste nubraró y *mencónico* (< *melancólico*) (Lope de Vega 1893: 368; 'La madre de la mejor') [Spain, 17th century]
73. Yerba buena mucha, *culantrillan* (< *culantro*) poco, y otras flores que podían un Mayo *volveyan* locos (Lope de Vega 1893: 368; 'La madre de la mejor') [Spain, 17th century]
74. Mas blanca que *niñan* de ojo (Lope de Vega 1893: 368; 'La madre de la mejor') [Spain, 17th century]
75. *Sensucliso* (< *Jesucristo*) cagayera (Lope de Vega 1894: 363; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
76. Con el *Vinley* (< *virrey*) ... Minsior fora *hanllarte* (< *hallarte*) sola (Lope de Vega 1894: 364; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
77. ¡*Sensú* (< *Jesús*)! En diablo *estén* (< *estos*) *sondado* (< *soldados*) nos *trunjo* (< *trujo*) (Lope de Vega 1894: 364; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

- century]
78. *Otron* diablo tenemo (Lope de Vega 1894: 366; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 79. ya *liandoro* (< *le adoro*) (Lope de Vega 1894: 370; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 80. ¡*Rimbera* (< *Rivera*) amado! (Lope de Vega 1894: 370; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 81. *Dentiliopala* (< *de Etiopía*) non yerra (Lope de Vega 1894: 370; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 82. *Zampato* (< *zapatos*) de culdoban ... ma querido y *rengalado* (< *regalado*) ... como por muser *men* (< *me*) quera ... *onjos* (< *ojos*) míos de *anzabache* (Lope de Vega 1894: 370; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 83. *Yon* (< *yo*) *ten* (< *te*) mataré a culadas (Lope de Vega 1894: 371; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 84. ¿Pue aun qué venimos *angora* (< *agora*)? (Lope de Vega 1894: 371; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 85. Yo *ten* (< *te*) quero y *ten* bendigo (Lope de Vega 1894: 373; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 86. Esta noche la *mantaron* (< *mataron*) a la cagayera (Lope de Vega 1894: 375; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 87. *Sen* dulmió, Benito escucha (Lope de Vega 1894: 375; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 88. Que esta *nochen* len mataron (Lope de Vega 1894: 375; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 89. *Nenglo* a quien el *alman* plecia ... *bensalle* (< *besarle*) in boca recelo ... *quen* (< *que*) lindo, *quin* galán (Lope de Vega 1894: 376; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 90. Tura ro neglo, hacemo *confadria* (< *cofradía*) (Lope de Vega 1894: 379; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 91. Si esamo santa *Luncrecia* (< *Lucrecia*) (Lope de Vega 1894: 381; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
 92. *Nin* falta *unan cosan* sola (Lope de Vega 1894: 392; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

K. EVIDENCE OF PRENASALIZATION IN AFRO-HISPANIC SPEECH

1. si cabeza *m'enduele* (< *duele*) bamo la casa Mundo (Cabrera 1971: 517) [Cuba, early 20th century]
2. viritelo que *nfemo* (< *enfermo*) ta reventao (Cabrera 1976: 35) [Cuba, early 20th century]
3. ¿Pa qué *ngoddá* mi cuerpo viejo ya ... (Cabrera 1976: 70) [Cuba, early 20th century]
4. *Nvento* (< *invento*) ma grande que tregrafia y ferrocarrí son buey (Cabrera 1976: 47) [Cuba, early 20th century]
5. Ay que tira, vuelve a *ncogé* (< *encoger*)... ncoge, ncoge la pata (Cabrera 1976: 57) [Cuba, early 20th century]

6. Bailar como un *andimoños* (Lope de Vega 1893: 368; 'La madre de la mejor') [Spain, 17th century]
7. No *ensa* (< *sa*) discreto (Lope de Vega 1894: 363; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
8. Pues como samo lindo hoy, *en* samo (< *samos/somos*) malo de ojo (Lope de Vega 1894: 363; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
9. ya liandoro (< le adoro), ya *linquero* (< *le quiero*) (Lope de Vega 1894: 370; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
10. Sensucliso *en* sa (< *sa*) dolmida (Lope de Vega 1894: 375; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]
11. Si *lintoco* (< *le toco*) (Lope de Vega 1894: 363; 'El santo negro Rosambuco') [Spain, 17th century]

L. MISCELLANEOUS CASES OF SPONTANEOUS DENASALIZATION

1. pa lo veneno *tambié* enrusa (Lanuza 1967: 219) [Argentina, mid 19th century]
2. ya sabemo *tamié* que somo hijo de Dió (Biblioteca de Cultura Peruana 1938: 289) [Peru, mid 19th century]
3. marimba te tocará *tambié* pa te divití (Cruz 1974: 36) [Cuba, early 19th century]
4. ma tú *tambié* uno peseta lo frojará (Cruz 1974: 53) [Cuba, early 19th century]
5. *tambié* tú va drivití (Cruz 1974: 70) [Cuba, early 19th century]
6. que *tambié* sabemo cantaye las Leina (Sor Juana Inés de la Cruz 1952: 26) [Mexico/Puerto Rico, 17th century]
7. pa tú *tambié* divretí (Alvarez Nazario 1974: 196) [Puerto Rico, 19th century]
8. lon branco *só* saca-cuento (Biblioteca de Cultura Peruana 1938: 185) [Peru, mid 19th century]
9. Esi que si robo é baco tiene otro *combinació* Rodríguez Molas 1957: 21) [Argentina, early 19th century]
10. por eso tan depresiando mi *corazó* sinfelí (Alvarez Nazario 1974: 386) [Puerto Rico, mid 19th century]
11. ¿Tu dicié que yo son tu *corazó* y no retuece pecuezo pollo? (Cabrera 1976: 64) [Cuba, early 20th century]
12. nan *conversació* con uno músico (Alvarez Nazario 1974: 387) [Puerto Rico, mid 19th century]
13. ahí ta ... nan *covesació* (Alvarez Nazario 1974: 197) [Puerto Rico, 19th century]
14. yo bota lan *garafó* (Guirao 1938: 17) [Cuba, 18th century]
15. na ma son mi *corasó* (Cruz 1974: 36) [Cuba, early 19th century]
16. Todo e' pedezo de mi *corazó* (Carvalho Neto 1971: 114) [Paraguay, 19th century]
17. tú *so* ma lindo que la lucero planetario (Benítez del Cristo 1930: 132) [Cuba, mid 19th century]
18. Tierra *co* (< *con*) l'asaó (< *azadón*) (Guirao 1938: 7) [Cuba, 18th century]
19. na dotó, né comé lo *chicharró* caliente (33) [Cuba, 19th century]
20. aquí vivamo con tu *bendició* (Sor Juana Inés de la Cruz 1952: 97) [Mexico/Puerto Rico, 17th century]
21. la fiesa le la *Asunció* ... mañana la *Prucisió* (< *procesión*) (Sor Juana Inés de la Cruz

- 1952: 248) [Mexico/Puerto Rico, 17th century]
22. hagamo fiesta en *Belé* (< *Belén*) (Sor Juana Inés de la Cruz 1952: 258)
[Mexico/Puerto Rico, 17th century]
 23. flasico, *atesió* (< *atención*) (Mansour 1973: 70) [Mexico, mid 17th century]
 24. *Atenció* la uficia (Pereda Valdés 1965: 136) [Uruguay, 19th century]
 25. ¡Aprenda *dicreció*! (Cabrera 1976: 66) [Cuba, early 20th century]
 26. paléseme *be* (< bien) (Mansour 1973: 70) [Mexico, 17th century]
 27. esi no tiene *opinió* (Rodríguez Molas 1957: 23) [Argentina, early 19th century]
 28. Yo juí *simaró* (< cimarrón), ñamito (Santa Cruz 1908: 132) [Cuba, 19th century]
 29. Ño *Fracisco* (< *Francisco*) Machao me jizo sombra (Smith Cordoba 1984: 53)
[Colombia, mid 19th century]
 30. lo que agora é *cotante* (< *constante*) e variable a ese otro ría (Smith Cordoba 1984: 59) [Colombia, mid 19th century]
 31. en ete *itante* (< *instante*) mía jacecte puero (Smith Cordoba 1984: 57) [Colombia, mid 19th century]
 32. No rigo, *Fracica* (< *Francisco*), ná (Smith Cordoba 1984: 77) [Colombia, mid 19th century]
 33. Tuvo való y *cotancia* (< *constancia*) y libectaró se hizo (Smith Cordoba 1984: 67) [Colombia, mid 19th century]

APPENDIX TO CHAPTER EIGHT

(1) Possible use of pleonastic *lo* as subject clitic in 19th century Afro-Hispanic language

- ¡brágame Dios la tragín que *lo* tiene la critiano! 'My goodness what outfits these Christians have' (Cabrera Paz 1973)
- crupa *lo* tiene señora, porque *lo* debe gritá, señó, quítame pa ya, 'The lady is to blame, since she should have cried sir, take it away' (Cabrera Paz 1973)
- Ese papé con pintura, se *lo* va llená barriga? 'Are you going to fill your stomach with that paper with pictures?' (Cabrera Paz 1973)
- Negrito má fotuná no *lo* salí lan Guinea bindita hora que branco me *lo* traé neta tierra. 'An unfortunate black I didn't leave Guinea, blessed be the moment when the white people brought me to this land' (Creto Gangá, "Canto de Bodas" [Cruz 1974])
- Yo no *lo* perdí doce mil y quinientos pesos para quedalo con uno cheche perdío. 'I didn't lose 2500 pesos to end up with a loser' (Fernández, *El negro cheche* [Montes Huidobro 1987])
- Ud. se quedá y *lo* podrá contalo con uno fiere servidore y matemático amigo. 'You can stay and tell it to this faithful servant' (Fernández, *El negro cheche* [Montes Huidobro 1987])
- aunque me *lo* da too dinero que ta ene banco pañó, yo no suelte ese casa. 'Even if you give me all the money in that Spanish bank, I won't give up this house' (Mellado 1975)
- ¿Y a oté, qué *lo* va ni *lo* viene, oté va viví enella? 'And you, who don't care one way or the other, are you going to live in it?' (Mellado 1975)
- luego yo va a piensa como *lo* quita de la cabeza pensamiento ese que *lo* tené ese negro parejero. 'Now I'm going to think about getting rid of those thoughts that this black has in his head' (Mellado 1975)
- no *lo* tiene cuidá, que cuando *lo* vuelve cribí aguno cosa pa pubricalo ... 'Don't worry, I'll write something to publish' (Creto Gangá, "Canuto Raspadura" [Cruz 1974])
- no *lo* guanta que moca *lo* para riba su yo, y como *lo* tené machete grande y puela la sapato ... 'I can't stand it for flies to land on me, and since I have a big machete and spurs on my shoes ...' (Creto Gangá, "Canuto Raspadura" [Cruz 1974])
- Lo* etá *lo* memo que congo cuando *lo* tené potrico. 'He's just like a congo with a pony' (Creto Gangá, "Canuto Raspadura" [Cruz 1974])
- no *lo* sale mentra viví lao suya. 'You won't leave while I live at your side' (Creto Gangá, "Canuto Raspadura" [Cruz 1974])
- uno poquiría que no *lo* sirive ni pa candela, ni pa sembrá muñado? 'A worthless thing that is no good for making fires or for planting *boniato* ...' (Creto Gangá, "Canuto Raspadura" [Cruz 1974])

(2) Possible use of pleonastic *lo* as subject clitic in Golden Age Afro-Hispanic language

- ... y como tampoco sa forana esa cayando, que no *lo* asamo decir óxete ni móxete ... {Lope de Rueda, *Comedia de Tymbria* [1908:t. II]}
- ... Turo me *lo* conozco, turo me *lo* entiendes ... 'I know everything, I understand everything' {Lope de Rueda, *Comedia de Tymbria* [1908:t. II]}

Dígame, señor Sacaro, ¿yo *la* tiene la cara como ximia? 'Tell me sir, do I have a face like a monkey?' {Lope de Rueda, *Comedia de Tymbria* [1908:t. II]}

... no quitando la plensensia, que estos arfileres vivoz que *lo* yevaron se queja ... {Quiñones de Benavente, *El negrito hablador y sin color anda la niña* [Rosell 1874]}

... jamaz vivaz arfileraz, sino que como el cabeyo *lo* prenden en la cabeza, ansí dise que plendieron estos que llaman colchetaz. {Quiñones de Benavente, *El negrito hablador y sin color anda la niña* [Rosell 1874]}

... le hallamo entre pajas, al ringoco del frío, aunque sin trigos, que *lo* segamo en agosto.
'We find it among the straw, in the cold, without wheat, we thrash it in August'
{Lope de Vega, *Mayor rey de los reyes* [1930:t. VII]}

¡Ay, señor Jesum Cristo! ¿Qué facendas me *lo* pides? 'Oh lord Jesus Christ, what do you ask of me?' {Lope de Rueda, *Comedia de los engañados* [1908:t. II]}

¡□ Ay, señora! No me *lo* mientas, que me face lágrima yorar 'Oh my lady, don't lie to me, since crying makes me shed tears' ... {Lope de Rueda, *Comedia de los engañados* [1908:t. II]}

... curazone me plinga. Como *lo* bulle, *lo* bulle. 'My heart is burning me. How it is boiling'
{Quiñones de Benavente, *El borracho* [Rosell 1874]}

... Como só li la Mesé, *lo* manda el señó Retó qui venga cun la tandarte mañana la Prucisió.
'Since the master will be there, the Rector orders him to come with the flag tomorrow to the procession' {Sor Juana Inés de la Cruz, Villancico [1952]}

Ya yo *lo* sabé Cantal lo Mastine mus toca també ... 'I know how to sing the matins' {Gabriel de Santillana, Villancico [Cruz 1952]}

No venimo como escrava sino como cabayera, que si en su tierra la blanca *lo* neglo *le* esá en su tierra. 'We don't come as slaves but rather as gentlemen, just like the white people in their land, so are the blacks in their land' {anonymous villancico, 1654 [Damasceno 1970:88-9]}

nandie estorurarse atreve donde *lo* neglo lo sienta ... 'No one dares to sneeze where the blacks are seated' {anonymous villancico, 1654 [Damasceno 1970:88-9]}

Riñigaxe dí mi guelo, dun tiñojo xaritraco, xi me *la* debex un pello! {Jaime de Guete, *Tesorina* [1913]}

¿□ Quién esa ahí? ¡Jesú!, o la voz me *la* miente o sa aqueya que yama mi señor Pollos.
'Who's there? Jesus, either the voice is deceiving me or it's the one they call Mr. Pollos'
{Lope de Rueda, *Comedia de Eufemia* [1908:t. II]}

lo salte lo pé 'My feet are jumping' {Anon., 'Teque leque,' Colombia, 17th c. [Perdomo Escobar 1976]}

(3) invariant verb stems in Golden Age Afro-Hispanic language

A mí llamar Comba de terra Guinea,
y en la mi tierra comer buen cangrejo,
y allá en Gelofe, do tu terra sea,
comer con gran hambre carabaju vejo...
{Reinosa, *Coplas* (Cossío 1950:111-117) }

Guiomá, aprender ben a colar la flores, que yo te prometes cuando san francas que te

casamo con un mequero de aquese que adoba laguante... {Lope de Rueda, *Comedia de los engaños* (Rueda 1908:t. I)}

Yo quiere con un cagañeroz, dice mi amo que no, que más quere con unoz potecarios;
yo dice que no ... {Lope de Rueda, *Comedia de Eufemia* (Rueda 1908:t. I)}

a mym nunca, nunca mym
entornar
mym andar augoá jardim,
a mym nunca ssar rroy, m,
porque bradar? {Henrique da Mota (Leite de Vasconcellos 1933; Guimaraes 1909-1917, t. V, 195-99)}

A min rrey de negro estar Serra Lyoa,
lonje muyto terra onde viver nos,
andar carabela, tubao de Lixboa,
falar muyto novas casar pera vos. {Fernam de Silveyra (Guimaraes 1909-1917, t. I, 204-5)}

(4) Examples of the bare infinitive in Afro-Cuban and Afro-Puerto Rican texts

La vieja Asunción nunca *jablá* (C-63)
yo también me *calentá* ... y cuando *cuchá* campana, yo me va pa la Tamisa (C-29)
No, señó, yo no *matá* ninguno, yo *sentá* atrá quitrín pa yegá prisa, prisa, na panadería (C-35)
yo tindora, ya yo *jablá* mimo hoy don Ciriaco ... (C-15)
Na dotó, né *comé* lo chicharró caliente, *bebé* de l'agua fría, y to la noche *pasá* de lo catre a lo
tibó ... (C-21)
ya yo no sé si lon gato *matá* la jutía o si la jutía *matá* lon gato ... (C-20)
Yo *llevá* ya mucho tiempo comiendo con mano, y *queré* dame guto comé con tenedó y
cuchillo lo mimo que gente rica, porque viejo no *queré* morí sin meté pinchacito
tenedó dentro carne sabroso (C-32).
Cañón pañó no *sebí* pa ná. Cañón pañó tira tiro paf y se *cayá* ... (C-72)
yo lo *disí* po bien suya (C-34)
En la guerra yo *pelié* ... (C-36)
Bueno, sumesé, siende como *disí* la niña ... (C-44)
Yo *sabé* que ño Rafé son guardiero tu bují ... (C-34)
Uno biyete que yo *cumprá* la loterí yo me *sacá* (C-34)
Yo *llevá* ventidó muelto, aquí va clito ... (C-38)
Torcuato *tené* que hablale ... Torcuato *cogé* guerrillero, Torcuato *cambiá* viejo po bueyes ...
(C-52)
si *murí*, mijó sería (PR-7)

(5) Examples of the bare infinitive in Golden Age Afro-Hispanic language

A mí llamar Comba de terra Guinea, y en la mi tierra comer buen cangrejo ... {Reinosa,
Coplas (Cossío 1950:111-117) }

Andar allá, por Xanta Mareya, por Xanta Mareya, a mí no extar tan buovo como tú penxar;
tú penxar que no entender, a mí ruindadex. {Silva, *Segunda Celestina* (Chamorro
Fernández 1968)}

Porque vos, mia Senora, estar tanto destemplada? {Gil Vicente, *Floresta de enganos*
(Vicente 1912:t. II)}

yo quedar guardar qui hasta que siñor salir y negro nunca fogir ... {Pastor, *Lucrecia* (Ochoa
1914)}

Ya yo lo sabé Cantal lo Mastine {Gabriel de Santillana, Villancico (Cruz 1952}
¿Lo tiple essá tura junta? {Anon. 'Flansiquiya' (Tejerizo Robles 1989:178-9)}

(6) invariant 3rd person singular verbs in Afro-Cuban and Afro-Puerto Rican texts

yo *empeña* mi ropa (C-56)

Yo *alebanta* sojo (C-29)

A mí no *bebe* aguariente, mi ama (C-51)

Yo *sabe* lavá, planchá, jasé dulce y cosiná (C-9)

Aquí *ta* yo. (C-53)

yo mi *ñama* Frasco Mandinga (C-57)

yo *bota* lan garafó (C-10)

ya yo *ta* contento (C-15)

yo no *quiere* mi compae con pata candelá (C-21)

yo *llama* Mayombe sacuré (C-24)

Yo *va* con uté, sí señó. (C-20)

yo no *tiene* la culpa. (C-67)

Aguaita que yo *mata*. (C-59)

Yo *va* a na San Savaó a comprá un poco de tasao (C-69)

Totí pájaro negro, el amo, yo *llama* Eugenio (C-49)

Sí, Taita, yo *entiende* (C-11)

yo *está* cortá un cañas (C-31)

yo *va* salí pa lamprasa (C-64)

Yo *va* preguntá a too la gente si conoce a mi yijo Eulogio (C-65)

Yo *tiene* la pecho premio pur nelle (C-41)

yo *va* donde está mi capatá pa entregalo ese botella (C-50)

Yo no me *ñama* José, me *ñama* Cirilo (C-68)

Yo *va* pa la gallería (C-36)

si yo *sabe*, yo *dise* a su mesé (C-44)

Yo *tiene* crupa na ma de to lo que ta pasando (C-34)

yo *va* sé uté lo criollo cuento de mi tiela (C-26)

yo *tiene* mala cabeza ... (C-55)

Yo *va* matá mi materiá (C-61)

yo le *da* yeba pa quitá anbenenao (C-63)

yo no *puere* aguantá má (PR-7)

(7) Null subjects in Afro-Cuban texts

FROM CABRERA (1976), *FRANCISCO Y FRANCISCA*:

chiva ese que uté me da tiene do tetas. ¿Quién ha vito eso? Tiene do. 'That goat that you gave me has two udders. Who ever saw such a thing?'

Na dotó, né comé lo chicharró caliente, [Ø] bebé de l'agua fría, y to la noche [Ø] pasá de lo catre a lo tibó 'The doctor ate the hot pork rinds, he drank cold water, and spent all night at the bedside'

Yo va vendé su cane. Yo lo mata, saca cuero, hueso. ¿Y con dinero qué [Ø] va sé? ... ¿Y qué [Ø] va sé con taro lo venao? Ese vamo a vé si [Ø] pué comé con quimbombó. 'I'm going to sell the meat. I butchered it, cut off the horns, the bones. And what will I do with the money? What will I do with all the deer? We'll see if I eat it with quimbombo'

Yo moja to lo día, ¿po qué [Ø] no va mojá hoy? 'I dip it [the bread] every day, why shouldn't I dip it today?'

Amo, saco vacío no pué para í. Que con barigo bací no pué faginá. 'Master, an empty sack can't stand up. I can't work with an empty belly'

Congo no sabe cribí. Fata pruma, y tampoco [Ø] sabe contar. 'The Congo doesn't know how to write. He doesn't have a pen, and he can't count either'

[Ø] Ta tentá doló en su cabeza. [Ø] Tié fiebre. 'He has a headache. He has a fever'

¿□ Tú dicí que yo son tu corazó y [Ø] no retuece pecuezo pollo? 'Are you saying that I'm your conscience and you didn't wring the chicken's neck?'

FROM *ANIMALES* CABRERA (1989A):

Yo no oye. Sube oreja. [Ø] No oye. 'I can't hear.' Prick up your ears. I can't hear'

From *El monte* (Cabrera 1983):

pavo real, ta bucan palo ... ya [Ø] pará rriba jagüey 'The peacock is looking for a tree ... he is up in the jagüey tree'

FROM *REGLA DE CONGO* (CABRERA 1979):

Viene generá en jefe. Né mirá po tejo. Purao [Ø] manda buca jefe artillero 'The chief general came. He looked through the telescope. In a hurry he went looking for the chief of artillery'

Jefe artillero trae alifante grandísimo como montaña. [Ø] Pone cañón riba alifante. Mete piera, mete yero, metralla, to, to que [Ø] encuentra ... [Ø] Acabá y va cogé punterío cuala inglés 'The chief of artillery brought an elephant as big as a mountain. He put the canon on the elephant. He put on rocks, iron, machine guns, everything he could find. When he was finished he took aim at the English'

a la doce cuando sueta uté va comé mi casa... ¿cómo [Ø] no viní mi casa? 'At twelve when you're free you'll eat at my house? What, you won't come to my house?'

Hata que no entierra yo no sabe si [Ø] son buena pa mí solo na má. Aquí [Ø] no quiere má acompañamiento... 'Until I'm buried I won't know if they are good for me. I don't need any company here'

carnero me contesta que [Ø] no pué prestar cayuca `The butcher answered me that he couldn't lend his canoe'

Mosquito ta preso porque [Ø] tiene malo genio. `The mosquito is trapped because of its bad temper'

Hoy me encontrá con soldá y [Ø] me punta con ecopeta, [Ø] me pinchá con bayoneta, [Ø] dicie que me va matá, que neye va acabá con pacífico insurrecto `Today I ran into some soldiers, they pointed their guns at me, they poked me with their bayonets, they said they were going to kill me, they were going to finish off the pacifist insurrectionists'

Palero no toca campanita pa Nganga, [Ø] no toca güiro, [Ø] no toca la matraca, [Ø] no toca pito pa Cuatro Trillo. [Ø] No tiene tanta ramienta, [Ø] no tiene túnico ni banico. `The *palero* doesn't ring the bell for Nganga, he doesn't play the *güiro*, he doesn't play the flute. He doesn't have any implements, he doesn't have a robe or a fan'

Mayombero ñama con mambo. [Ø] Hince, [Ø] toca suelo, [Ø] coge canilla mueto. [Ø] ñama, [Ø] convesa, [Ø] purrea malafo y é ta dicí: tu buca la cosa bueno. `The *mayombero* calls the *mambo*. He kneels, touches the ground, takes the dead reed, he calls out, talks, mumbles and says, you look for something good.'

Yo llorá Abrahán que etá morí ya. Uté di que [Ø] etá vivo y yo sé que [Ø] etá mueto... `I'm crying for Abraham who died' You say that he is alive but I know he's dead'

Ahora viene una negra. [Ø] Dice yo bautiza su yijo `Here comes a black women. She asks me to baptize her child'

FROM *ANAFORUANA* (CABRERA 1975)

Sienta, yo manda que sienta. Y ¿[Ø] sabe por qué? `Sit down, I order you to sit down. Do you know why?'

Usté son muchacho hoy, pero usté son hombre mañana. ¿[Ø] ta de acuerdo? `You're a boy today, but you will be a man tomorrow. Do you agree?'

(8) Use of disjunctive object pronouns instead of clitics in Afro-Iberian language

Elle comprai mi primeiro; quando ja paga a rinheiro, deita a mi fero na pé. {Gil Vicente, *O clérigo de Beira* (Vicente 1907:353f.)}

vos a mym quero pinguar, {Henrique da Mota (Leite de Vasconcellos 1933; Guimaraes 1909-1917, t. V, 195-99)}

Se logo vos quer, mandar a mym venha ... {Fernam de Silveira (Guimaraes 1909-1917, t. I, 204-5)}

... toro casa a mim catá ... nunca boso mim tendê ... {Chiado, *Auto das regateiras* (Chiado 1968)}

Nunca elle mim acha muito caro ... Nunca voso crupa elle ... {Chiado, *Práctica de oito figuras* (Chiado 1961; Pimentel 1889:8-13)}

eu chamar elle minho vira ... {Gil Vicente, *Nao d'amores*}

... gaiar a mi quebra dentes ... {Anon. `Auto de Vicente Anes Joeira' (Anonymous 1963)}

... Que arremeter a mí extroto día, a querer baxar como un perro ... Y xi tú querer a mí caxar contigo ... {Feliciano de Silva, *Segunda Celestina* (Chamorro Fernández 1968)}

... no digir mi tal rajon... { Jaime de Guete, *Comedia intitulada Tesorina* (Guete 1913)}
 Lamo ta regañá mí ... {Cabrera Paz (1973) }
 Ay, señora, nigua no deja caminá a mí { Estrada y Zenea, Ildefonso (1980) *El quitrín*}
 Ah, ñamito, perdona mí. { María de Santa Cruz *Historias campesinas* (1908)}
 sí, ñó, contramayorá manda mí ... Ta juí, ta pujá mí, siñó ... {Suárez y Romero (1969),
Francisco}
 El amo mata mí ... {Malpica la Barca (1890), *En el cafetal*}
 Tú dise mí, yo calla ... tú avisá mí ... Miamo pega mí yo yamo él ... Tú no trebe yama él,
 miamo Juan mu bruto y pega tú bofetá si tú dipierta él ... Do soldao, en nombre
 Santo Ofisio, viene buca mí. Eyo lleban mí una casa. Sierra mí un cuarto. Dise yo
 grita eyo mata mí ... {Emilio Bacardí Moreau (1916-17), *Doña Guiomar*}
 Ay, Flancico, tú perdona mí {Feijóo, *Cuentos de humor* (1979) "Tres sustos" }
 ... ¿quién ñama yo? ...Nél cré va agarrá mí {Cabrera *Regla de congo* (1979)}

(9) double negation in Cuban *bozal* texts

yo no so pobre, no (Benítez del Cristo 1930)
 Yo no so planeta, no (Benítez del Cristo 1930).
 No moja no (Cabrera 1976:25)
 No é míó, no (Cabrera 1976:44)
 no señó, yo no soy cuchara, no. (Cabrera 1983:443)
 El amo no quiere matar Eugenio, no. {(Malpica la Barca 1890), *En el cafetal*}
 Yo no bebe guariente, no. (Fernández 1987:96).
 ... yo pensá que mama suyo que lo parí nelle no lo va a cuñusé, no. (Cruz 1974:231)
 alma mio no va a juntar no, con cuerpo de otra gente ... (Laviña 1989:89 [1797])

(10) Double negation in Angolan *musseque* Portuguese

Não se vê, não! {Marcelo Veiga, "O batuque"}
 Tem home não volta mais não... Não volta não ... Branca tem olho azul não fica tempo sem
 home não ... no guerra tá morto, não levanta não ... [eu] não sabe não ... terra não come tudo
 não, fica podre mesmo ... Cheiro tá na terra, não sai mais não ... Não precisa falar mais não.
 Tu vai pôr igual a mim, eu sei. Só que Serafim não deixa não ... Serafim não vai ficar
 branco não ... Olhe aqui, branco, botar filho dentro não custa não ... Homem não sabe isso
 não ... Não tá lá não ... [eu] sabe não ... Sior administrador falou ninguém falta não ... tempo
 não chega não ... custa não. Só a gente não lembra ... manhã faz ... Zefa ta vomdp lá ...
 comer não, padrim ... Não passa nada não ... Matumbo não vê nada não ... Loja da
 Companhia não é brincadeira não ... não tá contente não ... Isso de almirante eu não sei qu'é
 não ... Boniteza como não vi não ... Tá sofrendo lá, não sai não, só morto ... Mais eu não vi
 não ... Não é isso não ... Seu Cardoso não fala nada não, só grita ... Não sai não ... não vi ela
 não ... família não zanga não ... Não saiu mais não ... Mentira não tem cubata na minha boca
 não ... Mulato não pode ficar branco não ... Branco não gosta mulato não ... Igual é qu'é ...
 sei não ... Severino, tu não tem vergonha na tua cara não ... Não quero não ... Não chama ele
 não ... Juro, juro não queria não ... não chora não ... não faz não ... não olha assim não ...
 {Castro Soromenho, *A chaga*}

Não vamos ainda, não ... {Luandino Vieira, *Velhas estórias*}
 num pode, não ... Num é mais negra de sanzala, não ... Num tá piruca, não! {Cochat Osório, "Aiué"}

Eu não é miúdo, não ... Não vai fazer mal, não ... {Eduardo Teófilo, "O contrato"}
 Não deve tanto, não ... Não agradece, não, porque cubata é casa que preto gosta ... Minha terra é pobe, não é Luanda, não ... Tem de dar oitocentos angolares pra papéis ão secretário que padrinhos não paga não ... {Mariza Ryder, Bixila Kiambote (contos angolanos) "As duas mulheres do servente Zau"}

Não compra, não {"A noiva de palmito!"}

Não é como os outros, não {José Luandino Vieira, *A vida verdadeira de Domingos Xavier*}

Não é magia, não! {Vieira, *Luuanda*}

(11) use of interrogative (*qué*) *cosa* in Afro-Cuban *bozal* texts:

pero cosa que mi panta son de gente broví loca, mitá sientá, mitá toca, {(C-28}

A be qué cosa tiene. {C-4}

Mayorá, su messé, qué cosa bamo jasé. {Culebra se murió}

Francica, ¿qué cosa mimo son ese? ... ¿Qué cosa de lo pollo habao? ... □ qué cosa hay en lo mundo que no nací de tiera? {Cabrera, *Francisco y Francisca* (1976)}

Yo quiere, quiere, ¿cosa va a hacer negro? {(Malpica la Barca 1890), *En el cafetal*}

¿Qué cosa? ... □ Y héseme uté el fabó de eplicame qué cosa a jasé en nesa casa? ... ¿Qué cosa son ése? ... ¿qué cosa son ése que me etá pasando? ... ¿una morena carabalí? ¿y qué cosa viene a bucá? {Mellado, Taita Andrés (C-50)}

Se me viraba disite, que cosa que tú lo lee ne luenga gente branca, son cribío por uno ñiño que lo sabe catillano como branca, son cribío por uno ñiño que lo sabe catillano como yo gangá {Creto Gangá (C-34)}

Cosa que yo ta pasá □ cómo con eso, señó {Feijóo, C-36}

ahuora disí la gente que cosa lo va a da vueta cun la nuevo cambiaúra ... Cosa yo vito nunca vito mi padre son jatero ... cuanta cosa yo le dicí {Creto Gangá (C-34)}

Que cosa son los Sacramentos de la Santa Madre Iglesia? ... Dios no fabla mentiroso ninguno; cosa que Dios fabla son verdad verdad ... el que face cosa que le manda su amo, ese guarda el mandamiento de su amo ... También es preciso mantener en el corazón cosa que se aprendió ... cosa que el padre fabló mañana ese son cosa que Dios mismo fabla ... {Duque de Estrada, *Doctrina para negros* (C-55)}

Cañaverá, yo te va catigá; negro viejo no sabe qué cosa tiene ... Nengre no sabe que cosa etá hoy nen su bariga ... {Danza lucumí}

¿qué cosa le da pa tomá ya? ... nadie sabé qué cosa va a jasé ... ¿qué cosa ta pasando aquí?

Yo no sé qué cosa ta pasá a utede do que siempre ta peleá ... □ ¿qué cosa ta pasá ñiño

Erique? ... ¿qué cosa son eso?... mire ñiña no sé que cosa me etá pasando eta noche ... {C-63}

(12) in situ interrogation in Angolan *musseque* Portuguese

Xé, miudos de merda, seus sacanas! Está a chatiar mais velho porquê? {Uanhenga Xitu: "Mestre" Tamoda e outros contos}

O quê você pensa a sua idade serve para quê? {José Luandino Vieira, *Vidas novas*}
 Onde foi na escola? Escola siô Bio duro quê? {Castro Soromenho, *A chaga*}
 Mas si entrar eu só do carnaval, faz quê? ... Quando você vorta em casa? ... Não tem dia.
 Amanha você vai onde ... você no Salakata vai com quem? {Uanhenga Xitu, *Maka na sanzala* (Mafuta)}
 Olha inda velho Bernardo camabuim, você mastigas como é? ... Tem ainda muito tempo que
 vais vivê, julgas quê? ... Patrício era quê? ... Socialismo é quê então? {Boaventura
 Cardoso, *Dizanga dia muenhu*}
 Mas então saiu pra donde? ... Lhe levaram porquê então? ... Mas teu homem foi preso por
 quem? {José Luandino Vieira, *A vida verdadeira de Domingos Xavier*}
 Comi o quê então? ... Vavó, vamos comer é o quê? ... Está onde, então? ... Tem é o quê? ...
 {Vieira, Luuanda}
 Ele mesmo fazia o quê? ... Vão ficar como? ... se a gente está ocupar a terra dela, ô memo
 passar no lugar onde ela está, então ela não cobra por quê? {Oscar Ribas,
Quilanduquilo}

(13) Non-inverted questions in early Afro-Portuguese texts:

Velha, que boso querê? {Gil Vicente, *Clérigo da Beira* (Vicente 1907:353f.)}
 que officio é voso que tem? {Chiado, *Prática de oito figuras* (Chiado 1961; Pimentel
 1889:8-13)}
 Que mi hazer? ... Andar vós, que my fazer. {Anon., *Auto de Dom Luis e dos turcos* [mid
 16th century]}
 Mas, siou, púlequê Maniputo tanto baranco do mato venha no costa? {from Cabinda;
 Mattos e Silva (1904:225)}

(14) Inverted questions in early Afro-Portuguese texts

que culpo tem a Rei jam João? {Gil Vicente, *Clérigo da Beira* (Vicente 1907:353f.)}
 Poro que preguntá bos esso? ... que tem bos de ber co'esso {Gil Vicente, *Fragoa d'amor*
 (Vicente 1943)}
 Que ser teu amigo. {Anon., *Auto de Dom Luis e dos turcos* [mid 16th century]}
 que quere vosesenhoria? ... Que tim vozo cu esse genta {Hatherly (1990) #2}
 Que dize vozo, Fio? {Hatherly (1990) #3}
 que sentar tu dizendo? ... que dizer boso a mi? ... { Anon. 'Auto de Vicente Anes Joeira'
 (Anonymous 1963)}

(15) Non-inverted questions in Afro-Cuban *bozal* texts

¿Con qué oté lo ba pagá? {Bachiller y Morales 1883}
 ¿Qué yo te va a dicí, ya yo no jablá toiquitico poéticamente? ... ¿Y qué yo dicí ahuora, eh?
 {Novios catedráticos; C-15}
 ¿Pa qué tu tomate tanta garapiña? {Cabrera, *Francisco y Francisca* (1976)}
 ¿Pa qué yo quiere do chiento? {Cabrera, *Ayapa* (C-18)}
 ¿Por qué tú coge owo Elégbara? {Cabrera, *El monte* (C-20)}

¿qué tú jasé? {Ramos, *Caniquí* (C-59)}

¿y po qué tú lo prime diese basura ... {Creto Gangá, *Canuto* (C-33)}

Flancica, ¿po qué niño no é prieto iguá que tú y que yo? ... {Feijóo, *Cuentos de humor* (C-37)}

¿□po qué así tú etá jasiendo sufrí tu probe nengrito? ... ¿po qué la ñiña caballero tiene tanto piche a la cocaracha, y da beso a lo cucuyo? ¿po qué la cribano cogé tantísimo ...¿□po qué tú ñama Tengue malo? ¿po qué tú ñama amito mío? ... ¿po qué tú ñama lo Palo Monte? ... {Creto Gangá (C-34)}

Entonces, Manué, ¿por qué uté no avisa él como son cosa aquí {Cabrera, *Anaforuana* (C-17)}

¿qué tú hace con gallina e Juan Pita? {Feijóo (C-38)}

¿pa qué tú bucá la yeba que eta vieja te va indicá ... ¿pero qué locura tú ta jasé niña? ... ¿po qué lo do siempre ta peleá que te peleá ... ¿qué uté ta diciendo? ... {*Más allá de la nada* (C-63)}

(16) Inverted questions in Afro-Cuban *bozal* texts

Cundo, ¿qué va sé uté con é? ... ¿pa qué va uté tropeá cuepo suyo? ... □¿Qué comió min gallito jabao? ... {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*}

Boyero, ¿qué dicí vosotro? {Cabrera, *Refranes* (C-25)}

¿Qué hase tú en Trinidad, Juan Limonta? {Ramos, *Caniquí* (C-59)}

Dolore, ¿qué disí tú? {Emilio Bacardí Moreau (1916-17), *Doña Guiomar*}

¿Qué va disí yo? {Negros catedráticos (C-41)}

¿qué disí noté? ... Dio mío, ¿qué disí ese bombero? ... y qué sabe yo de lo que me etá disiendo de así y de asá {Mellado, *Taita Andrés* (C-50)}

... ¿y qué hace el señol ahí tendió pansa arriba? ... {Cirilo Villaverde, *Cecilia Valdés*; C-68}

¿qué cuenta tiene yo? ... ¿Qué quie tú que yo lo jaga? ... ¿qué va tú jasé? {Creto Gangá, *Canuto* (C-33)}

¿qué fisio tené tú? ... □¿y qué ma quiere tú, guagüero de lo diablo, po cuatro riale? {Creto Gangá (C-33)}

(17) Yes-no questions in early Afro-Hispanic texts

Digame, señor Sacaro, ¿yo la tiene la cara como ximia? ... ¿No mira que samo refriados y pechigona? {Lope de Rueda, *Comedia de Tymbria* (Rueda 1908:t. II)}

¿Pus la gente branca teme? {Nadadores de Sevilla; Ripodás Ardanaz (1986)}

¿Tú venir voxá merxé de allá? ... Ora, pues,¿□a mí andar a caxa exta noche? {Feliciano de Silva, *Segunda Celestina*(Chamorro Fernández 1968)}

¿A mí señora atrever? {Luis de Miranda, *Comedia pródiga*}

lo negl¿□sa gente ruin que sufliera lo que vos no pudiélades suflir? {Calderón, *Linajes* (Lobato 1989)}

¿Lo bajo habemo veniro? {Flansiquiyya; Tejerizo Robles (1989:178-9) {S-26}}

(18) inverted yes-no questions in early Afro-Hispanic texts

¿De quentiela sasuncé? {Lope de Rueda, *El santo negro Rosambuco* (Vega Carpio 1893:t. IV)}

¿sin colol anda ra niña? {Quiñones de Benavente, *El negrito hablador* (Rosell 1874) }

¿no pasó esto así? {Indiano de la oliva}

¿yo con branco? Osten putas ... ¿□Yo sa vil negro? {*Valiente negro en Flandes* (Claramonte 1951) }

¿Si ora tambien acá sa soldada gente preta? ...¿□Hombre no samo? {*Valiente negro en Flandes* (Claramonte 1951)}

¿Essamo aquí la contralta? {Flansiquiya; Tejerizo Robles 1989:178-9) }

¿No mira tú cuánta nave, cuánto del barco y galera cubrimo Guadalquivir de mil luminarias yena? ...¿□No mira Antón lo castio donde lo siñolo quema a beyacos luteranos? {Lope de Vega, *Vitoria de la honra* (Vega Carpio 1930:t. X) }

¿no me manda señora Clavela que colamo la flor de la cucucena? ... ¿No mira vosa mercé que proguntar quin sa yo? ... ¿Pensar vosa mercé que san yo fija de alguno negra de par ay? {Gil Vicente, *Comedia de los enganados* (Rueda 1908:t. I) }

¿Queres bos corer apueta? {*Moysen* (Barrantes 1886)}

¿Tene bos rendado renta? {*Ventera* (Barrantes 1886)}

Gentel homber;¿□qué querer vox, vox merxa? ...¿□a collá venex con la mochacha mi xeñora? ... ¿qué te dexter aquel gentel hombre? { Feliciano de Silva , *Segunda Celestina*(Chamorro Fernández 1968)}; possibly Arabic syntax

¿Si viene la Obispa santa? {Góngora, Sacramento (Ciplijauskaité 1969)}

¿Ríe la pastora? {Adoración (Ciplijauskaité 1969)}

Sí, porque ¿no tengo yo cabeyo como la otro? {Lope de Rueda, *Comedia de Eufemia* (Rueda 1908:t. I) }

Non-inverted yes-no questions from the Cuban *bozal* corpus:

¿Conque tú no matá ninguno, simbregüenza? { Estrada y Zenea, Ildefonso (1980) *El quitrín*}

¿ ¿Su melcé dará pa tabaco a nego viejo, mi ama? {Merlín, *Viaje a la Habana* (C-51)}

¿y nélle lo muchachito va pendé su Paña de nuté? {*Familia Unzuazu*; C-53}

¿Tú quiere casa conmigo? {*Novios catedráticos*; C-15}

¿Tú no me lo dite mi compae? ... ¿bicho ese cómo ñama? ... Francico, ¿uté no va comé ... Francica, □uté no etá peleá con yo? ... ¿Tú dicí que yo son tu corazón y no retuece pecuezo pollo? {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*}

¿Tú deja pobre negro mojá su pan en aseite? ... ¿Tú son chimosa? ¿Tú cuenta lo que tú be? ... ¿Tú son adibina? {Guirao 1938}

¿Tú tié mico? {Cabrera, *Yemayá y Ochún* (C-27)}

¿Tú entiende? .. ¿Tú no dise tú son baliente? ... ¿Tú quiere eya? ... ¿Tú dipieta mi señora? { Emilio Bacardí Moreau (1916-17), *Doña Guiomar*}

¿Tú vas a mosá con nosotros? {Sánchez, *Canuto* (C-64)}

¿Tú no sabe caminá por la Habana? {*Thalía* (C-65)}

¿to no so negro? ... □¿toita la mundo está contenta? {Negros catedráticos (C-41)}

¿Tú no ve uno yegua paría que anda con la yijo suyo como quien la tiene orgullo porque

saca lotería? {Esquina de la viajaca (C-60)}

¿Uté viene a jugar conmigo? ...¿□oté so taita Andrés? ... ¿Y noté ta buena? {Mellado, Taita Andrés (C-50)}

¿ya sumercé vinió? ... ¿sumelcé mira? ... ¿uté é sija de Dolore Santacrú? {Cirilo Villaverde, *Cecilia Valdés*; C-68}

¿su mesé sabe poque yo te lo jase didicamienta diese qué sé yo? ...¿□Chivo lo rompe tambó? ...¿□Tú va cogé groria? ¿Tú va cojé labansa? ... ¿Ya tú lo sabe? ... ¿Y tú topate cun Pancha? ...¿□tú lo ve ese mata güira? ... ¿tú ta loco, amigo Luca? ¿Tú quie que te machuca gente branco si te ve? ... ¿ya uté sabé, cumpañera? ... ¿tú son chéchere? {Gangá, Canuto (C-33)}

¿tú ve barriga jinchá? ...¿□tú no ta jumao, Juá? ... Cande, ¿jombre blanco comé negra? ... ¿tú ta ñampeao? {Quiquiribú Mandinga (C-1)}

¿tú no taba pa lan pueblo? ... ¿jutía mató langato o langato mató jutía? {Feijóo, *Cuentos de humor* (C-37)}

¿□tú va cogé groria? No. ¿tú va cogé labansa? ...¿□ya tú lo sabe? ... ¿su miesé se rií, siñó cabayero? {Cruz (1974) Gangá}

¿juté son sajori? ... Miguelito, ¿uté no ahueita yo? {Cabrera (1979) *Regla de congo*}

¿□uté quié sabé aggo ma? {Mayorá no macca (Feijóo (1965))}

¿uté lo ve? {*Nadie sabe* (C-48)}

(19) inverted yes-no questions from the Cuban *bozal* corpus

¿□Y pué tené cupa yo de esa cuasión matemática? {Novios catedráticos; C-15}

¿Eso está tú creyendo? ... ¿Y é uté dueño de este sitio? {Mellado, *Taita Andrés* (C-50)}

¿va a salí lamo? {Cirilo Villaverde, *Cecilia Valdés*; C-68}

¿no traé su mesé quipaje? ¿□queré su mesé que bucá al carretero? ...¿□y cree uté niño que lo dejará volvé a verla? ... ¿pero lo sabé el señó Conde? ... ¿y no pensó niño la daño que uté le iba a causá? {*Más allá de la nada* (C-63)}

(20) inverted yes-no questions in Afro-Peruvian texts

¿Pero uté sabe, Flasco? ... ¿Uté só capitulero? {La libertad (P-7)}

¿uté grita? No compaire, poque hata ronca etoy ... ¿uté ve esa planta e pacay que ta allá abajo? {*Monólogo desde las tinieblas* (Gálvez Ronceros 1975)}

(21) elimination of definite articles in Angolan *musseque* Portuguese

Está a chatiar mais velho porquê? Pessoa pergunta-pergunta mais e não engula "cuspe", tundam [saíam] daqui! ... Está bem, perguntar também tem hora ... Kuzela, dá castanha que escondeu ai nas pernas! ... Final venha aqui com puto de roubar!? ... {Uanhenga Xitu: "Mestre" Tamoda e outros contos}

Qui vai fazê doutori branco ... Qui vai fazê sinhôra? ... {Maria Eugénia Lima "Madalena"}
Menina de vinte anos parece é uma acabada {José Luandino Vieira, *Vidas novas*}

Palmatória do branco das mina partiu cara ele ... Quimbanda branco arranjou. Só ficou torto. Falta dente ... Branco não come gente ... Mulato puxa prò branco ... Serafim

não vai ficar branco não ... Fez cousa grande? ... Homem não sabe isso não ... Escola siô Bio duro quê? ... Pai sabe, mulher não anda, fica só na cadeira, comendo, barriga cresce, rabo também, mama também ... Pai espera só cinza fecha buraco ... Noite mesmo preta. Sorte é só minha orelha de cachorro ouvindo ... Com mae a gente fala nossa língua que tu não sabe ... Qu'ê que branco fala olhando tua cara? ... {Castro Soromenho, *A chaga*}

Você já não respeitas mais-velho? ... Patrão sempre não tem inteligência, tem mando só, rapaz! ... Barriga cresce, você és corrida, vais ver só! ... Filho é nosso ... {Luandino Vieira, *Velhas estórias*}

copatre está co loente? ... Coração está pesado! ... coração fica triste cando tem carta e num pôdi rer! ... {Oscar Ribas, *Uanga: feitiço*}

Minino precisa ter mãe portante; minino precisa é ter orgúio ... {Cochar Osório, "Aiué"}

Não agradece, não, porque cubata é casa que preto gosta {Mariza Ryder, *Bixila Kiambote (contos angolanos)*}

Amigo não tem segredos ... {José Luandino Vieira, *A vida verdadeira de Domingos Xavier*}

Agora pessoa de família é cão, não é? ... Fome é muita, vavó! ... {José Luandino Vieira, *Luuanda*}

(22) elimination of definite articles in Afro-Cuban *bozal* texts

Por boroqueo calabasa son generá ... Río seco ta corre mamba ... Lucero madrugá cambia coló ... Cañaverá etá cogiendo candela ... gallo me conbesa día ... Branco son malo, Güeilé ... Cubano jabre sojo con Cuba ... {Ortiz, bailes (C-56)}

Yo mirá gente crabando ... pone ropa la ventana ... Niña ta lentrando too ... Cura ta jasiendo misa, niña ta sacando leye, moso ta mirando neye ... crupa lo tiene señora ... Cura que no son de acá, ta caramá como chiva ... Luego sacritá chiquito jecha sucra la candela, como ta meniá casuela salí jumo prito ... Hora muchacho sacá prato grande ... {Cabrera Paz (1973)}

Poquitico fatá pa que señora murí agüioí. Mula ese sabe mimitico como gente ... Ay, siñora, nigua no deja caminá a mí { Estrada y Zenea, Ildefonso (1980) *El quitrín*}

Niña Paulita ñamá yo, bisa negra pa ni, echa mi saco ñame cono plátano ... {Merlín, *Viaje a la Habana* (C-51)}

Mientras tú trabaja mayombe, tú son dueño e tierra ... tú coge camino pa tu casa ... Tú ve y haz este trabajo y cuando tú tiene problema resuelto, tú viene a mí y paga ... {Barnet, *Biografía de un cimarrón* (C-14)}

Gayina negro son mucho {Familia Unzúuazu; C-53}

Dondó jachero pa un palo. Palo ta duro. jacha no cotta. Palo ta brabbo. ... Tambó ta brabbo. {Canto de cabildo (Guirao 1938)}

Mayimbe prende lengua tambó manda suppende cautibo, cosa malo. {Canto congo (Guirao 1938)}

Culebra l'asuttá ... Yo coje guataca ... {Comparsa de tia Julia (Guirao 1938)}

Culebra me pica ... Culebra se muere {Matar culebras (Guirao 1938)}

Si no caya bamba y no limpia moco le ba'abré la puetta a Bisente e loco. {Ballagas, Negrito (Guirao 1938)}

Si nene drumi cuando mamá sale e trae regalito pa tí {Villa, Drumí Mobila (Guirao 1938)}

Niño branco ta guaitando como nengrito lo baila {Gangá, Canto funeral (C-34)}

Carabela, ¿cuá son nimalito má malo del monte? ... ne te mete rabo la culo ... Maninigalá va acabá con arró ... Yo compra vaquita y vaquita me pare otra vaquita ... Francico, tú que sabe má, ¿bicho ese cómo ñama? ... Sí, que progrosa son buey ... yo pisá con diente y é juí ... ¿Qué cate toro éte que viene a mi sitio? ... Pollo jabao se murió Coyunturo ta doliendo, no pué mové cintura, mano se nquillotra ... {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*}

En botica tién de to ... Se juntó palo con hacha ... candela alumbra y mamba apagá ... negrita juega con yeso ... Ratón ta dí, gato ta viní ... {Cabrera, *Refranes de negros viejos* (C-25)}

Mango ta maúro ... Congo mató debajo de la Ceiba ... Abajo laurel tengo mi confianza ... yo salí tierra engola ... yo siembre maní *la Habana que tola estrella tan junta* ... *Lengua tuya son manteca* ... {Cabrera, *Por qué* (C-24)}

¿Tú deja pobre negro mojá su pan en aseite? ... Papelito jabla lengua ... Mayorá no macca anduyo ... {Guirao (1938)}

Oreja no pué pasá cabeza, poné Changó cabeza muchacho {Cabrera, *Yemayá y Ochún* (C-27)}

Boyero ta llá jalá jala y tambó no deja jalá {Cabrera, *Animales* (C-23)}

Amo habló, amo pedí leche... {Cabrera, *Animales* (C-23)}

Jicotea ta econdé {Cabrera, *Ayapá* (C-18)}

Ya branco ta debaratá cosa {Cabrera, *Abakuá* (C-22)}

¿Por qué tú coge owo Elégbara? ... Ve gallinero, trae akukó ... Yo no cabe en cabeza de nadie. ... Ceiba da yo sombra ... pavo real, ta bucán palo ... ya pará rriba jagüey, dice jagüey ta chiquito ... denque yo abrí sojo la mundo, yo son manigüero ... Palo duro guayacán ... amo tumba su caballo abajo lauré ... Muñeco con píritu de muelto muchacho, que nelle metía dentro ... {Cabrera, *El monte* (C-20)}

No señó, vegüenza no e pa mí, e pa amo Tomás {Berenguer, *Tradiciones* (C-16)}

sí, iñó, contramayorá manda mí ... {Suárez y Romero (1969), *Francisco*}

Cuando mayorá manda, ¿yo que va hacé, pobre clavo? ...

La señorita asutá pocque niña Mariceli empezó da grito. Yo no tiene ná. Yo mimo saqué bridio y pone telaraña ... Negro no pué jasé do cosa mimo tiempo ... Blanco é miedda {Caniquí (C-59)}

nosotro ta mirando tabena San Savaó ariba loma {Villaverde, *Excursión* (C-69)}

Totí pájaro negro ... cosa va a hacer negro? yo pone sombrero encima montón? ... yo queda fuera, contramayoral tranca por dentro, mayorál echa llave ... {(Malpica la Barca 1890), *En el cafetal*}

amo tuyo vive contigo ... Tú tiene obligació mirá po tu hija, tú mira donde amo tuyo guarda plata suya ... Basín ta pesao ... Camina, Lola, caballero son caballero ... Do soldao, en nombre Santo Ofisio bien buca mí ... {Emilio Bacardí Moreau (1916-17), *Doña Guiomar*}

Yo llevá ya mucho tiempo comiendo con mano ... viejo no queré morí sin meté pinchacito tenedó dentro carne sabroso {Consuegra, Yo queré (Feijóo 1979:102-3)}

¿Anjá, con que negro criollo só má mijó que congo {Negros catedráticos (C-41)}

Yo vine pa llevá hijo mío {Negro cheche (C-40)}

Cómo tú ba desí cañón pañó son cosa buena. Cañón pañó no sebí pa ná {Zell, *Sombra C-*

72)}
}

Barriga mío son jancha como diablo ... Pue ya tú ve bariga mío ... Diablo son aguno jembra ... Como pero lo pacha, y lo reventá josico ... ni diablo memo lo sabe po donde nelle do lo andan ... Cuando branco lo dejá son poque ya no quie má ... {Gangá, Canuto (C-33)}

Miamo, amo devió animá ... Tú ta llena telaraña, noventa año sin macho ... ¿cómo jacé pa meté lata lo pecao? ... Tú inventá esclavitud ... ¿tú ve barriga jinchá? son jijo tuyo ... Libertá, son cosa no entendé ... Jombre blanco lamé y lamé too ... Niña Florinda decí que salú entra po boca ... {Quiquiribú, *Mandinga* (C-1)}

No se pué, niña, llave ta mojosa y no vira {Gelabert, *Cuadros* (C-44)}

Eso es verdad, cuando lamo tiró, venao taba racando oreja ... Guachinango quiere llevarse guanajo, guanajo ta picando guachinango ... No, chinango no pue entra, llave etá mimitico lugá ... Francisca, corre volando, tranca pueta ... {Feijóo, *Cuentos de humor* (C-37)}

cañaverá ta quemando e moyorá ta numendo {Pichardo, *Fatalista* (C-58)}

Si no tin guta tasajo de brujo que suamo da ... Domingo de Canavá yo vití de macarita ... Frasiquilla, que Groria lo jalla ... {Cruz, Gangá (C-34)}

Mayoral se enfada, y yo tambien tengo vergüenza de ir todos los días a besar mano de Mayoral ... Dios no fabla mentiroso ninguno; cosa que Dios fabla son verdad verdad ... Si ustedes miran huevo, cascara es huevo, hiema es huevo, clara es huevo ... pepita no es cascara ... Alma mio no va a juntar, no, con cuerpo de otra gente ... Ustedes no miran casabe entero? ... cosa que el padre fabló mañana ese son cosa que Dios mismo fabla ... quando la gente se muere, cuerpo son que se muere, alma no se muere ... pero cuerpo está flaco ... {Estrada, *Doctrina para negros* (C-55)}

¿Po qué coje a Papa Luca y lleva a cañaverá? {Ciénaga (C-61)}

Ya brazo cogió viento. {El mayoral crue (Feijóo 1981)}

¿no ta mirá palangana allí con vela prendía? {Cabrera, *Anaforuna* (C-17)}

(23) use of non-etymological definite article *la* in early Afro-Hispanic language

... tenemo un poquito la color morenicas; mas costarse la voz un ojo y tuerto la otro ... la pan morenicas llevas la terraz ... la utro día me miraba con la pejo de señora Tymbria ... {Lope de Rueda, *Comedia de Tymbria* (Rueda 1908:t. II) }

¡Va con la diabla! ... □ ¡Vata, vieja, con la diablo! ... Y esta noche le mantaron a la cagayera ... {Lope de Vega, *El santo negro Rosambuco* (Vega Carpio 1893:t. IV) }

... a coger la caracol ... {Reinosa, *Coplas* (Cossío 1950:111-117) }

tenemo en la memoria la mandamenta y la garticulos {Aguado, *Entremés del negro* (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1)}

¡Libramela Dios de la diablo! ... En apué, ¿no fregamo la cudeya y la pratoz? ... □ ¡nome la padre, la fiyo, la santo, amén! ... mi álima la corazón ... cuñados de la Marqués Cucurucú ... un carta a que la ringlonsito tan fresco como un flor de aquele campo ... ¡fijo de la corazón y de lantrañas! {Lope de Rueda, *Comedia de los engañados* (Rueda 1908:t. I) }

... e branca la Sacramenta ... La alma sa como la denta ... Mira la cabilda ... ¿Si viene la Obispa santa? ... La Reya mío ... {Góngora, Sacramento (Ciplijauskaité 1969)}

¿pinsiaba la trivimenta? ... por que yo la Oblaje vivo y las Parre no mi saca ... aunque
 padescas la cuepo ... Pues priviní la tambó ... Meneá la calabacillo ... qui venga cun la
 tandarte ... Turu la ninglito ... la Siñó Manué ... La ninglito Joja ... la Niño se panta ...
 turu la Negla ... milando la Sole ... {Sor Juana Inés de la Cruz (1956)}
 a la Santo Papa ... besallo la pe ... que la Santo es tan cultés ... La Gallo no ha le cantá ... si la
 Santu la oye ... {Santillana (Cruz 1956)}
 ofréscome la Dios turo poreroso ... a fija de la hombre honrados ... ¿no tengo yo cabeyo
 como la otro? ... quien tenga loficio tenga la maleficio ... La papagayos para quen
 seña a fablar en jaula, y lo mona ... la cuerpo tienes ... la Celetinas que guiaba la toro
 enamorados ... {Lope de Rueda, *Comedia de Eufemia* (Rueda 1908:t. I) }
 total la multelo ... sono la pandelo {Torices, Toca flauta (Perdomo Escobar 1976)}
 con la instlumentiya {Azi Flanziquiya (Tejerizo Robles 1989)}
 la sacerdote poremo ... {Comes, Tacico (López-Calo 1983)}
 en viniendo la Reya ... {Villancico, Reyes 1697}

(24) use of non-etymological definite article *la* in Afro-Cuban *bozal* texts

Yo mete la mano en la charco agua ... tira gente la poso ... la caña braba la suelo ... la branco
 ta componiendo su casa ... que lo tiene la critiano ... la jumasero bendito ... pa que
 son pero la pié ... la sojo suyo ... ¿quiene va pagá la pato? ... tanto piaso la papé ... yo
 va pa la cafetá ... Ya mi llegó la bují ... {Ortiz, Bailes (C-56)}
 dentro la quitrín ... no tocá con la batón ... { Estrada y Zenea, Ildefonso (1980) *El quitrín* }
 Pone jasé la café ... {Ballagas, Villancico (Guirao 1938)}
 e coje la cielo ... {Pichardo, *Diccionario* (C-57)}
 Su messé, la cabayero ... {Canto de congo (Guirao 1938)}
 Tu boca son la capuyo {Yo bota lan garafó (Guirao 1938)}
 que tu mamá ta la campo {Drumi, Mobila (Guirao 1938)}
 la mío son critiano ... {Gangá, Canto de bodas (C-34)}
 Tú so ma lindo que la lucero planetario ... dentro la pecho como la cuebro ... tú so ma
 sabroso que la jonjolí con la guarapo ... yo va a quitá la botine ... yo va ahora mimo a
 la cabildo ... toitico la mundo ... {Los novios catedráticos; C-15}
 ne te mete rabo la culo ... Coma la ñame uté ... en la coña tu señora madre difunta ... gente
 de la otro mundo ... Güiri la toro ... {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca* }
 Pa la fin del mundo ... Engancha aquí la colmillo ... {Cabrera, *Por qué* (C-24)}
 denque yo abrí sojo la mundo ... juego con la queleto frío ... {Cabrera, *El monte* (C-20)}
 ¿toita la mundo está contenta? ... cual lo farola la Morro ... no da la siño cura ... la cochino ta
 lleno ... de lo jocico a la cabo ... la cochino so suyo ... {Negros catedráticos (C-41)}
 la yijo suyo ... {Esquina viajaca} (C-60)
 la chiquero ... ¿□ A la bujío? ... con la machete ... perdé la sentío ... me va a patí la pinaso ...
 llevá la sitio ... trae oté la candao ... a la bañil. A la sacateque. A la bombero ...
 {Mellado, *Taita Andrés* (C-50)}
 quitan la reló y la dinere ... me tiembla la pecho ... La casa de lo loca ... la gobernaó ...
 {Cirilo Villaverde, *Cecilia Valdés*; C-68}
 ése no son la jijo francé ... no quiere la mayorá ... {Calcagno, *Romualdo* (C-30)}
 A la cabayera siñó don Santiago Gurea ... a la favó que me lo jase ... lo cumple la guto mío

... po la mundo ... la sapato ... buca la cuepo ... a la cabayo suya ... yo lo intiende la juega ... po la mimo motivo ... la tiatro Tacón ... pa la binifisio suya ... la diabro ... la niño ... la montonsita de igüe ... la mundo son uno cosa mu pícaro ... la sielo ... Cun la güeve dielle ... Gente ileño son güeno cun la ningrito ... te lo sombre la suelo ... Po la sol ... la picueso ... la baracón piquinino ... {Gangá, Canuto (C-33)}

□y la riló grandi ... en la fogon ... por la Diabro ... {Quiquiribú, Mandinga (C-1)}

la demonio la guajiro ... la generá ... la dinero ... la compromiso ... la jaulito ... la puño ... {Feijóo, Cuarteta 1 (C-36)}

ta leyendo la periódico ... la camino ... la imbento má grande ... Lo má grande e la ingenio ... la buey ... la mundo ... la conuco ... {Feijóo, *Cuentos de humor* (C-37)}

la guayabito ... la pusero ... la canto guajira ... la guarapo ... la casamienta ... Jinchá la buche ... la chino ... pa riba la fundiyo ... la sielo ... cun la busillo vací ... la cuepo suyo ... la cunsejo ... la Gómito prieto ... Catilla la Viejo ... la simpañole rifrane ... la puchero ... la pecho ... la corasón de tuitica macho ... la sofocamiento ... la dimpacho de lo Sico ... la peso ... la baile ... la Paseo la dumingo ... la patilito ... la buracho ... la cuepo tembrando ... la Pare-Eteno ... la treato ... la músico lo impesá tocalo la vinvolín ... la guto de cribí ... la ruisiñó ... la lumbrao y la sereno ... po la braso ... La presio ... la aliento ... la otro gente ricu ... la josico ... en todo pate de la mundo lo güey ara ... la dincrédito de su amo ... po la negro bosale ... la chite y la bunsili ... (Cruz, Gangá (C-34))

vira la culo ... la Cabildo ... la diparate ... la mueble ... la tren ... la campo ... la fin del mundo ... {Cabrera (1979) *Regla de Congo*}

como la nengre cumpena ... Lo diablo jiso la mundo ... {Ciénaga (C-61)}

Ni tú ni yo podemos reglá la mundo {El gallego y el congo (Feijóo 1981)}

la mundo se ta cabando {El congo y el avión (Feijóo 1981)}

son la causante ... pa yo da la cocimiento ... la suelo ... la niño Erique ... la doló ... la cuato ... la vetío ... en lo jardín ... la daño ... {*Más allá de la nada* (C-63)}

mi siñó, la mayolá ... que la Cula ta gualando aguola en la cafetá ... la cuepo cun lan tulette ... la blango, siñó, se fue ... ya neglo toca la tango ... la mondongo ... {*Nadie sabe* (C-48)}

usté ta cuchá la tango ... yo son la rey José ... {Proceso del oso (Feijóo 1981)}

(25) POSSESSED+POSSESSOR constructions in Afro-Cuban *bozal* texts

Yo bendo machete po cuenta yámbani ... Lucero madrugá cambia coló ... {Ortiz, Bailes (C-56)}

yo mi ñama Frasico Mandinga, nenglito reburujaoro, crabo musuamo ño Mingué ... {Pichardo, *Diccionario* (C-57)}

Bamo llorá muetto pobre. {Canto funeral (Guirao 1938)}

La tierra branco son gloria ... {Gangá, Canto de bodas (C-34)}

E la tracamandaca del tuculumbé pa profumá jocico lo Santo ... Su nombre de ese bicho que menia bigote é, prendan ... si tú sigue así pa trá, patrá, tú va pará pronto en la coña tu señora madre difunta que en Gloria ta ... Carajo Carabela, éte son pinga buey ... La putí tu mare ... Poque yo so pichón Píritu Santo ... ¿Tú dicí que yo son tu corazó y no retuece pecuezo pollo? ... {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*}

Yo tengo mi cazuela tronco Laurel ... yo salí tierra engola lo mismo que yo siembra maní
 Angola ... yo siembre maní la Habana ... {Cabrera, *Por qué* (C-24)}

¿Por qué tú coge owo Elégbara? ... Bariga Oggú no llena ... Yo no va casa lo Santo ...
 candela infierno no te quema ... pluma pavo yan vuela ... tú son tronco yabá, taconé
 ... bamo la casa mundo ... {Cabrera, *El monte* (C-20)}

nosotro ta mirando tabena San Savaó ariba loma {Villaverde, *Excursión* (C-69)}

Ayá ta eya, en casa Taita Congo ... Arrima cácara coco ... Do soldao, en nombre Santo
 Ofisio, viene buca mí ... {Emilio Bacardí Moreau (1916-17), *Doña Guiomar*}

Cañón pañó tira tiro paf y se cayá. Cañón Maceo, eso sí son cañón beldá {Zell, *Sombra* (C-72)}

letó mi corasón ... ¿tú lo ve ese mata güira? {Gangá, *Cañuto* (C-33)}

Yo sabé que ño Rafé son guardiero tu bují ... no lo sabé ma que chapíá, sembrá muñato, y
 metelo caña trapiche su amo mío ... ño Pijirigua Surícalo, maetro cuela la Güiro
 Milena ... Señó Redató lan Faro Sindutriá la Bana ... {Cruz, *Gangá* (C-34)}

vamo lo convite Sáuro ... Po cuento calabaza ese yo domí anoche lo suelo ... {Cabrera,
Regla de congo (1979)}

Bueno duce coco llevo {Martínez (1959) *Santa Clara*}

La que pare perro es madre perro, la que pare gato es madre gato ... {Estrada, *Doctrina para negros* (C-55) }

To gente mejó que nengre cañaverá jase daño ... {Ciénaga (C-61)}

(26) possible use of *ya* as aspectual particle in early Afro-Hispanic texts

durmiendo sa, caya tú, ya yego {Lope de Vega, *El Santo negro Rosambuco* (Vega Carpio 1893:t. IV) }

Xiñor, ya vene {Jaime de Guete, *Comedia de Tesorina* (Guete 1913)}

mas ya veo que sois Vos verrarera Dios sangrado ... {Lope de Vega, *La siega* (Vega Carpio 1955:t. III)}

que ya tenemo un prima mía contrita no religiona monja priora nabadesa ayá en mi terra de
 Manicongo muy honradas {Lope de Rueda, *Comedia de los engañados* (Rueda 1908:t. I) }

Ya no poré tener yo ra perna toro tembraba. {Simón de Aguado, *Farsa del moysen* (Barrantes 1886)}

ya no come sopa en vino ... {Simón de Aguado, *Farsa de la ventera* (Barrantes 1886)}

Ya tudo estar peneirada, que bradar comigo aora? {Gil Vicente, *Floresta de enganos* (Vicente 1912:t. II) }

Pascuala, ya sa enamirada, mano Fasico, de vosa mesé. {Anon., *Los negros de Santo Tomé* (Cotarelo y Morí 1911:vol. 1, 136-8) }

ya ser venido {Juan Pastor, *Comedia de Lucrecia*}

ya menvía a visitar la señora nabadesa la monja santa Pabla {Lope de Rueda, *Comedia de Eufemia* (Rueda 1908:t. I) }

Ya amanace y ya viene el día ... {A Belén han venido (Tejerizo Robles 1989:310-11)}

a bailá ya venimo ... toca plimo, ya tocá ... {Villancico 1654 (Tejerizo Robles 1989)}

Vamo ayá que ya yega el Rey neglo ... {Villancico, *Día de los Reyes*, 1697 (Tejerizo Robles 1989)}

From the Afro-Peruvian *bozal* corpus:

ya no cagá uté mas agua ... {La libertad (P-7)}
su hichito ya nace ... porque ya urta que le a la mula del plata ... Lo garganta ya causa
pechuguera yo tene y romariso en la pecho ... {Bolivia, Esa noche yo baila (Claro
1974: lxxv-lxxvii)}

From the Afro-Portuguese *bozal* corpus:

Ja a mi forro, nama sa cativo ... Elle comprai mi primeiro; quando ja paga a rinheiro, deita a
mi fero na pé. {Gil Vicente, *O clérigo de Beira* (Vicente 1907:353f.)}
ja vozo porí botaro nus blaza mais hum sradinha. {Hatherly (1990) #2}
ja mi não sabe que diga turo dia sa chorando ... {Auto da bella menina (Pires 1922)}

(27) possible use of *ya* as aspectual particle in Afro-Cuban *bozal* texts

ya ta purá ... Ya mi llegó la bují ... {Ortiz, Bailes (C-56)}
... Calota ya ta morí ... {Villa, Calota ta morí (Guirao 1938)}
ya yo cuchá a usté, ya yo sabe toiquitico ... Ya yo convidá too mi carabela, ello va vieni ...
{Novios catedráticos; C-15}
otro año ya voló ... {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*}
Tú dici viejo Olofi ya ta ñangando ... Olofi ya okuó, Olofi ta mirando, ya ikú ... cuando ya
pagó, Monte da licencia ... ya pará rriba jagüey ... {Cabrera, *El monte* (C-20)}
ya pedé □ cosa duce de mi mujé, se pedé ... {Cabrera, *Cuentos negros de Cuba* (C-19)}
ya ta cansá ... {Sánchez, *Thalia* (C-65)}
Aquí ta yo, que ya llegó ... {Negros catedráticos (C-41)}
¿□ Qué le va disí yo? Que ya cansá de todo ese cosa ... que ya ta burrí de toitico ... {Negro
cheche (C-40)}
ese melón faltaba ya llená la serón ... {Mellado, *Taita Andrés* (C-50)}
Ya llegó ya nese casión ... Tú ya son mujé tené siete año ... que ya cuchá yo batante ...
{Gangá, Canuto (C-33)}
cantaore ya viní ... ya viene güeyero ... ya viní diese tiera cagaro dioro ... {Gangá}
doló ya pasó ... {Cabrera (1979), *Regla de congo*}
ya llevá mi lengua jafuera ... {*Más allá de la nada* (C-63)}

(28) possible use of *va* as aspectual particle in Afro-Cuban *bozal* texts

¿□ quiene va pagá la pato? ... se lo va llená barriga? ... {Ortiz, Bailes (C-56)}
luego me va drumí ... {Estrada y Zenea, Ildefonso (1980) *El quitrín*}
¿y nèle lo muchachito va pendé su Paña de nuté? {*La familia Unzuazu*; C-53}
yo te va da guto ... yo va está de garrafón ... tú va mira negro congo ... yo te va comprá uno
coche ... yo va sienta un poquito ... yo va jabla cuando cuchá ese jerigonza ... Ya yo
convidá too mi carabela, ello va vieni ... {Los novios catedráticos; C-15}
Maninigalá va acabá con arró ... yo va mueré ... tú ta contenta no ta pensando que tú va murí

... Yo va vendé su cane ... qué va sé uté? ... Jesucrito, yo va mojá ... ¿Cómo va durá?
 ... é va llevá yo viejo ... ingré que va volá, otro año ya voló ... tú va pará pronto ...
 ¿Dónde va meté ... Como no va ta contenta ... Francico, □uté no va comé ... Cuando
 ese toro va viní yo va tirá tiro, yo va friími cuepo toro ... Mete casa mío y tú va ve ...
 Lo lío que tú va bucá cuando llega Francico ... ahora mimo yo va arreglá é ...
 {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*}

yo te va matá ... yo va dí ... Mayorá va levantá cuero pa pegá y é mimo pieza bailá ... yo va
 murí ... {Cabrera, *Cuentos de animales* (C-23)}

tu té va trastorná su Eledá ... esa mano va llové y va salí e sol. ... {Cabrera, *Yemayá y Ochún*
 (C-27)}

yo te va matá ... Engancha aquí la colmillo y yo va dí ... Mayorá va levantá cuero pa pegá y
 é mimo pieza bailá ... {Cabrera, *Cuentos de animales* (C-23)}

Así yo no va murí ... yo va conversá, José. Yo no va encendé tabaco ... {Cabrera, *Ayapá* (C-
 18)}

Ese otro yo me lo va yéun ... é te va agarrá pinando su papalote ... Yo va sabé si su boca no
 jabla mentira ... yo va entrá ... Cosita yo va hacé ... Yo va pasá ... yo va consultá la
 fuersa ... yo va caminá ... ¿yo que va hacé, pobre clavo? ... Yo va curá né cun su
 mecé ... {Cabrera, *El monte* (C-20)}

Yo va vé ... {Emilio Bacardí Moreau (1916-17), *Doña Guiomar*}

yo va salí pa lamprasa ... {Sánchez, *Canuto* (C-64)}

Yo va preguntá a too la gente ... lo voy a dar uno tunda que lo va poné como guacate mauro
 ... ¿Y usted cómo va sabé? ... {Sánchez, *Thalía* (C-65)}

yo va vé si nelle quié só mugé mía pur langresiia ... nelle va llorá toavía ... pues yo va a
 jacerte ver ... ¿Qué va disí yo? ... Yo va bucá lisencia ... {Negros catedráticos (C-
 41)}

Ese dimonio muchacho ma va vové loco ... ¿Qué le va disí yo? ... Tú va sé güeno ... {El
 negro cheche (C-40)}

Cuanto yo va vini de filósofo bautizamiento ... {El bautizo (C-39)}

yo va etá divrití nese casa ... yo va tomá mi aguardiente ... José, yo va arreglá too mi cosa ...
 {Mellado, *Taita Andrés* (C-50)}

... va botá la tiatro la Sico ... narie lo va jase caso dielle ... ¿Tú va cogé groria? ... purete que
 va murí de frisión ... A su amo va disí yo ... Intonse yo va bebé ... {Gangá (C-34)}

Yo va crebí una listansia ... tierra va temblar ... {Cabrera (1979) *Regla de congo*}

Que yo va subí ... {Celina, San Lázaro (Castellanos 1983)}

Ese torito es de compay Flancico que yo va pantá ... {Feijóo, *Cuentos de humor* (C-37)}

poque yo lo va disí ... {Creto Gangá (C-33)}

mamá bi oba va comé uté yen yen, va comé uté ... ande tú va pera yo ... ¿con qué va tocá su
 casco? ... yo se la va cobrá ... yo va calentá mi comía ... tú va rabiá ... to mundo lo va
 sabé ... ahora sí yo te va jodé ... Mañana va morí diablo Kuyere viti colorá ... yo va
 ve si yo pué con é ... ya va tené yo aquí la juticia ... tú no va jugá conmigo ... cómo
 yo va acé crecé laguna si yo no so Dió... Né cré va agarrá mí ... {Cabrera, *Regla de*
congo (1979)}

¿como yo va a facer? Yo va andando en cueros? {Estrada, *Doctrina para negros* (C-55) }

Cañaverá, yo te va catigá {Danza lucumí {Ortiz (1985)}

Yo va matá mi materiá {Ciénaga (C-61)}

Ese torito es de Compay Flancico que yo va pantá {Tres sustos (Feijóo 1981)}
 hora Torcuato va habló ... {El negro Torcuato (Feijóo 1981)}
 yo va í mañana ... {Valle (1967), *1/4 Fambá*}
 uté no va morí ... {*Más allá de la nada* (C-63)}
 Yo me va cuplá billete ... luego nelle va viní ... {*Nadie sabe para quién trabaja* (C-48)}
 lo negro dotasión va resá la oración ... {Valdés, Ogguere (Castellanos 1938)}
 changó va vení con el machete en la mano {Ascencio, Changó (Castellanos 1938)}

(29) use of *(ar)riba* as preposition in Afro-Cuban *bozal* texts

yo para arriba llega fondo {Ortiz, Bailes (C-56)}
 Ese trepa riba palo, brinca palo pa quí, brinca palo pa llá {Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*}
 arriba negro, culpa siempre ta guindá ... {Cabrera, *Refranes de negros viejos* (C-25)}
 Arriba entoto me juran ganga ... {Cabrera, *Por qué* (C-24)}
 yo ta pa riba, riba cielo, tú ta bajo ... ya pará rriba jagüey ... pavo real ta bucá palo, ya pará
 rriba tengue ... yo sube arriba palo ... Su comadre, parao arriba caparate ... arriba
 tengue Severina tiene valor ... {Cabrera, *El monte* (C-20)}
 Savaó ariba loma ... {Villaverde, *Excursión* (C-69)}
 no lo guanta que moca lo para riba su yo ... {Gangá (C-34)}
 mira como ta arriba la mesa ... {Feijóo, *Cuentos de humor* (C-37)}
 ma pa riba la fundiyo ... lo laigá uno patá ariba la pie de Chinguirito ... Y Rupeto, qué negro
 sientá riba la vagaso ... {Gangá (C-34)}
 Pone cañón riba alifante ... y uté sienta pelo ... ahora boyero la Polina echó vara arriba
 ngombe ... mi pecho ta roncando, parece toro galano que etá nriba la loma ...
 {Cabrera, *Regla de congo* (1979)}

(30) elimination of prepositions in Afro-Iberian language

A min rrey de negro estar Serra Lyoa lonje muyto terra onde viver nos, andar carabela ...
 Aqueste gente meu taybo terra nossa ... {Fernam de Silveira, in the *Cancioneiro Geral* (Guimaraes 1909-1917, t. I, 204-5)}
 Cal te; Deoso cima sa ... sempre abre oio assi, tamanha tu sapantai ... Vai misa, canseira ...
 não vamo paraíso ... Graça Deoso esse he capote ... {Gil Vicente, *O clérigo de Beira*
 (Vicente 1907:353f.)}
 Terra meu nunca saber ... {Chiado, *Auto das regateiras* (Chiado 1968)}
 Quando mim vae confessé, dize padre confessôro ... {Chiado, *Prática de oito figuras*
 (Chiado 1961; Pimentel 1889:8-13)}
 A mi leva boso roupa Alfama ... {Gil Vicente, *Fragoa d'amor* (Vicente 1943)}
 yo andaba juyendo gente ... Pone jasé la café ... {Ballagas, Villancico (Guirao 1938)}
 crabo musuamo ño Mingué ... {Pichardo, *Diccionario* (C-57)}
 Bamo be quie pue ma ... {Cuba, Canto de cabildo (Guirao 1938)}
 ba jablá poco cuetto ... {Canto congo (Guirao 1938)}
 Le mira lo sojo ... {Matar culebras (Guirao 1938)}
 yo yena carreta y yeba trapiche, ¿qué hora comé? {Culebra se murió (Guirao 1938)}

Bamo llorá muetto pobre. Mañana toca mí, pasao toca ti. {Canto funeral (Guirao 1938)}
 No yora, Mobila, que tu mamá ta la campo ... Tu mamá fue la campo ... {Villa, Drumi
 Mobila (Guirao 1938)}
 Negrito má fotuná no lo salí lan Guinea ... La tierra branco son groria ... {Gangá, Canto de
 bodas (C-34)}
 yo va a provisar con toítico similitud retórica poética, Guinea mimo yo so provisor ...
 Ya yo convidá too mi carabela, ello va vení ... {Novios catedráticos; C-15}
 Ese trepa riba palo, brinca palo pa quí, brinca palo pa llá ... ¿No sabe que lechuza entra
 craboya y bebe aceite Jesucrito? ... E la tracamandaca del tuculumbé pa profumá
 jocico lo Santo ... yo voví robá otra yegua ... éte son pinga buey ... tú me da un cacho
 pinga abuey. La puta tu mare Confidiabeto ... {Cabrera (1976), *Francisco y
 Francisca*}
 muerto no cabe la sepultura ... candela ta la tumba ... debajo laurel tengo mi confianza ... gallo
 caminando la luna ... {Cabrera, *Por qué* (C-24)}

APPENDIX TO CHAPTER NINE

(1) Invariant third person pronoun *elle/nelle* in Caribbean *bozal* texts:

Elle estaba en un mortorio. El borbanaó manda prendeslo. Dentra Tondá, *elle* solito con su espá, coge dos (Cirilo Villaverde, *Cecilia Valdés*; C-68)

¿Y *nelle* lo muchachito va pendé su Paña de nuté? (Martín Morúa Delgado, *La familia Unzuazu*; C-53)

Eso mimo quiere yo, *nelle* lo mimo, vamo pa la engresia (Ignacio Benítez del Cristo, *Los novios catedráticos*; C-15)

si yo lo tené uno niño como *nelle*, yo va murí de cuntentamienta (Creto Gangá, *Un ajiaco o la boda de Pancha Jutía y Canuto Raspadura* (C-34))

yo mirá que *nelle* tiene sangre, ese simbregüenza mimo se piá detrá la quitrín y arrancá corré. (Ildefonso Estrada y Zenea (1980), *El quitrín*)

Hora, dipué que *nelle* coge yebba la gloria, vamo saludá Ocha ... Muñeco con píritu de mueto muchacho, que *nelle* metía dentro (Lydia Cabrera, *El monte* (C-20))

Po que juntó con la mala compañía y *nelle* lo pervierte o lo sonsacá. (Benjamín Sánchez Maldonado, *Los hijos de Thalía* (C-65))

Yo tiene la pecho premio pur *nelle*. Yo ta namorá, yo va vé si *nelle* quié só mugé mía pur langresia ... yo pué casá cunelle ... vereme *nelle* ... *nelle* toca violín y pone casaca ... tú ta mirando que *nelle* va llorá tovía ... (Francisco Fernández, *Los negros catedráticos* (C-41))

nelle que lo só intriuo ... *nelle* mimo que lo só ... poque *nelle* ta en la tea ... porque *nelle* lo gatá ... y *nelle* mimo disiba que yo só como la miba ... y dimpué que diga *nelle* que yo só bruto ignorante ... (Francisco Fernández, *El negro cheche* (C-40))

noté quie jabla cun *nelle* ... y disí que va a tumbá mi bují, vereme *nelle* ... (Manuel Mellado y Montaña, *La casa de Taita Andrés* (C-50))

no lo tengo cunelle la mayó cuñusimienta ... *nelle* lo pue laigá uno linternaso ... disí *nelle* que la gente lo gutaría uno cumería ne luenga mío ... Cun la güeve dielle yo mecá sei lichonsito ... no son cosa que *nelle* tené, sino que jileño dé porelle diese funsión ... (Creto Gangá, *Un ajiaco o la boda de Pancha Jutía y Canuto Raspadura* (C-34))

nelle tiene un vapó ... *nelle* viene, yo le da ... Neye se ñama mujé ... neye va acabá con pacífico insurrecto ... (Lydia Cabrera (1979), *Regla de congo*)

toíto neye ta cargá ... cuando neye mira yo ... neye ta morí de risa ... {Cabrera Paz (1973)}

cuando nei ta vení, ya yo no tiene que da vueta ... singá caballo pa neye ve jodienda la Tajonera ... (Lydia Cabrera (1976), *Francisco y Francisca*)

varón quitá neye ... (Lydia Cabrera, *La sociedad secreta Abakuá* (C-22))

Neye lo que tiene só un bariga con su yijo lento (Martín Morúa Delgado, *Sofía* (C-54))

yo te ba da un medalló pa que tu luse con eye (Anon., "Yo bota lan garafo" (Guirao 1938))

luego *nelle* va viní a comé la buen caliente (José Florencia López [Jacan], *Nadie sabe para quién trabaja* (C-48))

mucha gracia, sumesé, pero *nella* son honrá (Ramón Méndez Quiñones, alternate fragments from *¡Pobre Sinda!* (Girón 1991))

Nelle son mala cabeza (Ramón Méndez Quiñones, alternate fragments from *¡Pobre Sinda!* (Girón 1991))

Nella memo ta casando (José Florencia López [Jacan], *Nadie sabe para quién trabaja* (C-48))

Yo no quisió di con *elle* (Eleuterio Derkes, *Tio Fele* (Alvarez Nazario 1974))

(2) Possible examples of Papiamento *yiú* 'son, daughter' in Afro-Cuban *bozal* texts:

Mi *yijo*, gayina negro son mucho, y toíto pone güebo blanco (Morúa Delgado 1975)
no ta sufrí mi *yijo* (Ruíz García 1957)
Yija de mi pecho son (Benítez del Cristo 1930)
Sí mañana *yijo* fñiri, ¿quién llora su madrina? (Cabrera 1972)
ay, *yijo*, yo no tiene carabela aquí. (Cabrera 1970a)
Yo ta compañá to *yijo*. (Cabrera 1970a)
si, *yijo*, es mío el quimbombó (Cabrera 1983)
mi *yijo* Eulogio, nació y criaio en el Guatao (Sánchez Maldonado 1961)
¿Tú no ve uno yegua paría que anda con la *yijo* suyo como quien la tiene orgullo porque saca lotería? (Rodríguez 1982)
Neye lo que tiene só un bariga con su *yijo* lento. (Morúa Delgado 1972)
tu son mi *yijo*, arrea, vamo ... Yo no tiene mujé, no tiene *yijo* ... (Cabrera 1979)

(3) Reflections of Papiamento *awe* 'today' in Afro-Cuban *bozal* texts:

Poquitico fatá pa que señora murí *agüoi* (Estrada y Zenea 1980)
Agüe memo, ñamito (Santa Cruz 1908)
ahuoy lo va a jase Pancha ... Ma *ahuoy*, letó mi corasón ... *ahuoy* bariga yo saca ... *Ahuoy* vamo ta mosotro como pecá dentro lagua ... (Creto Gangá, 'Un ajiaco o la boda de Pancha Jutía y Canuto Raspadura' (C-33))
ahuoy cun ese cumeria (Cruz 1974)
agüe día tambó to mundo baila (Cabrera 1979)
ahuoy mimo po la mañanito (Cruz 1974)

(4) Reflexes of Papiamento *awor* 'now' in Afro-Cuban *bozal* texts:

¿Y qué yo dicí *ahuora*, eh? ... *ahuora* sí mi pecho está girviendo como agua que pela engallina (Benítez del Cristo 1930)
y *ahuora* que no lo ve ... donde *ahuora* yo só otra vé congo y trabajaore la muelle ... dende *ahuora* yo só José mimo ... *Ahuora* a trabajá (Francisco Fernández, 'El negro cheche,' in Montes Huidobro 1987)
con toa esa bamba se larga *ahuora* mimo de aquí ... vamo a ve si *ahuora* oté me entiende ... *ahuora* sí verdá que no pue má ... hasta *ahuora* yo no tení guto pa conocé a noté (Manuel Mellado y Montaña, 'La casa de Taita Andrés,' in Leal 1982)
Prusumpueto que *ahuora* narie lo habra diotro cosa ma que de la Jópera (Cruz 1974)
... la Cula ta gualando, *aguola* en la cafetá (López 1879)
Camina, pícaro, que *aguora* tú lo va pagá (Estrada y Zenea 1980)
aguora yo jabla oté (*Guayabo, rumores del Mayabeque*, [Güines, 1881]; cited in Ortiz 1924:12).

(5) Possible reflexes of Papiamento *riba* in Afro-Cuban *bozal* texts:

ya pará *rriba* téngue ... ya pará *rriba* jagüey ... ya pará *rriba* nangüe ... yo sube arriba palo (C-20)
pone cañón *riba* alifante ... uté sienta *riba* pelo y va arastrao como en coche ... echó vara *arriba*
ngombe yo brinca volante ... mi pecho ta roncando, parece toro galano que etá *rriba* la loma ... (C-26)

Ese trepa *riba* palo (C-21)

Arriba entoto me juran ganga (C-24)

arriba negro, culpa siempre ta guindá (C-25)

Savaó *ariba* loma. (C-69)

no lo guanta que moca lo para *riba* su yo (C-33)

Yo sé, moca fueron, mira como ta *arriba* la mesa. (C-37)

lo tiniba lumbaniyo ma pa *riba* la fundiyo (C-34)

Y Rupeto, qué negro sientá *riba* la vagaso (C-34)

lo salí cribindo *ariba* Lan Faro Sindutriá en luenga mandinga? (C-34)

o había *ariba* de la papé muchu diabro pintao (C-34)

(6) Possible reflexes of Papiamento *bisa* 'say, tell' in Afro-Cuban *bozal* texts:

Niña Paulita ñamá yo, *bisa* negra pa ni ... *Bisa* André que ta güeno ... (C-66)

Robé, *visa* mi señora sení que yo ta nel río (C-21)

Don José, yo va ahora mimo a la cabildo pa *avisá* too carabela pa que viene tiempla juna tambor ... (C-15)

Gente desconfiá, peligro siempre ta *avisá* Ay Dió, cuando mi marío ta juyí ... (C-25)

Amo tuyo quiquiribú un día, tú *avisá* mí. ¿Tú entiende? (C-11)

Madre Oca *avisá* pa que jable con vo. (C-1)

Cuando ley Mechó contendía con ley inglés, né ta sentao en su trono y *visá* que baco inglés ta la bahía ... no *avisa* no, poque hata dipué de mueta yo cuido mi mujé... si hay malo, *avisa* pa el tú *avisa* pa él. (C-26)

(7) Non-etymological uses of *(a)mí* in Afro-Cuban *bozal* texts:

A mí no bebe aguariente, mi ama (C-51)

Ay, señora, nigua no deja caminá *a mí*. (C-35)

Ah, ñamito, perdona *mí* ... *Mí* no sabe, ñamito ... *mi* no sabe ná (C-66)

colazón *pa mí* ta brincando dentro la pecho como la cuebro (C-15)

No señó, vegüenza no e *pa mí*, e pa amo Tomás. (C-16)

sí, iñó, contramayorá manda *mí* ... Ta juí, ta pujá *mí*, señó (C-67)

El amo mata *mí* ... (C-49)

Tú dise *mí*, yo calla ... Eyo lleban *mí* una casa. (C-11)

Ay, Flancico, tú perdona *mí* ... (C-37)

Nél cré va agarrá *mí* ... (C-26)

la sojo suyo, que lumbrá como cocuyo, ta mirando yo namá. *A mí* no ... Lamo ta regañá *mí* ... (C-29)

Ecucha Encarna, *mí* no guta eso ... ella dise, *mí* ba casa ma Cecilia ... (C-12)

(8) Use of invariant pronoun *ne* in Afro-Cuban *bozal* texts:

¿Qué nimá son ese que *ne* parese majá? (C-4)

ne te mea, *ne* te caga, *ne* te tumba, *ne* te mete rabo la culo, y se va ... Na dotó, *né* comé lo chicharró caliente ... *Né* tiene un güequito aquí, un güequito allá (C-21)

Ne murí jayá tiempo ... *ne* contrá lo río la suete lo rey ekoi, y varón quitá neye ... (C-22)

Yo va curá *né* cun su mecé. (C-67)

Cuando ley Mechó contendía con ley inglés, *né* ta sentao en su trono ... *Né* mirá po tejojo ... si *né* no tiene serrucho, y manque negro jabla mucho mucha yuca hay que rayá ...¿□hijo de quien *né*? (C-26)

(9) Instances of possible vowel harmony gleaned from the Caribbean *bozal* corpus:

bángama < *válgame* (C-35); *beye* < *bella* (C-10); *botelle* < *botella* (C-50); *buene* < *buena* (C-21); *bunite* < *bonito* (C-68); *caserite* < *cas(er)ita* (C-68); *clava* < *esclavo* (C-68); *cosito* < *cosita* (C-34); *cuele* < *cuela* (C-50); *cusitu* < *cosita* (C-15); *diaquelle* < *de aquella* (C-34); *dielle* < *de ella* (C-34); *dinele* < *dinero* (C-57); *dinera* < *dinero* (C-68); *entierre* < *entierro* (C-68); *Francisque* < *Francisco* (C-68); *grese* < *iglesia* (C-29); *jierre* < *hierro* (C-68); *linde* < *linda* (C-68); *meme* < *mismo* (C-68); *tíguiri* < *tigre* (PR-2).

(10) Neologisms in *-mento* in Caribbean *bozal* texts:

alegramiento (C-40); *avisamienta* (C-34); *bautizamiento* (C-39); *butisamienta* (C-34); *cagamiento* (C-34); *calenturiamiento* (C-34); *chiflamienta* (C-26; C-33; C-34); *cumpañamiente* (C-34); *cuntentamiento/cuntentamienta* (C-34); *didicamienta* (C-34); *digutamiento* (C-34); *dormiento* (C-39); *gopiamiento* (C-34); *güisiamiento* (C-34); *imbrujulamiento* (C-34); *pidimienta* (C-34); *presiamienta/presiamiento/prisiamiento* (C-33; C-34); *pruvechamienta* (C-34); *relambimienta/rilambimienta* (C-33; C-50); *simprisionamiento* (C-34); *sincuntansiamiento* (C-34); *sofocamiento* (C-34); *soramienta/soramiento* (C-34; C-36); *titulamiento* (C-34); *trivimiento* (C-33)

(11) Examples of Spanish as spoken by elderly Haitians in Cuba:

From Ortiz López (1999):

Yo contrao [encuentro] un paisano mía nosotros habla su lengua e nosotros poco catellano él sbe yo sabe poco nosotros habla también

Yo trabaja, yo come. Yo trabaja lo cañaverale

Nosotros habla catellano, habla creol también

Yo cría mucho animal, siembra mucho animal, se roba to, toro, toro

Yo no sabe mucho catellano, pero sabe poquito

El valón son teniente [en] La Habana

Yo tene do hijo ... y varón yo tenía se murió

From Ortiz López (2001):

Yo prende hablá catellano con cubano ... yo me guta hablá catellano, pero poca cosa no sabe

Yo tiene aquí, tengo 16 año. Siempre una haciendo una trabajo yo comé, yo va bien.
Yo hacel mucho trabajal; coltal, coltal caña balato; recogel café a sei kilo
Depué uté decansal
Uté lo hablá, uté ta trabando con un dueño ma grande, quello decí uté hacé

(12) Imitations of creole English speakers in Spanish Caribbean literature:

Marrero Aristy (1939):

mi no vuelva
aquí yo pielda mi tiempo.
Mijol que allá in Barbados no trabaja, pero no mi mata. Yo me vuelva pa no vuelva.
Mosco Puello (1975):

mi no comprendi, Chencho!

Ferreras (1982):

tú no voy a salir del escuelo si no tengo tú necesidad de hacerlo (p. 18)
... estoy coge el caña yo tenga picá pa aumentá el suya, si soy así yo no voy seguí ser compañero
suyo, conio. Tu soy muy sabio ... (p. 29)

From the documentary film "Mis pasos en Baraguá" come the following phrases produced by elderly Jamaicans living in Cuba for many decades:

Desde que yo viene de Jamaica, yo me quedó ... en Oriente, ahí [yo] aprendió ...
yo me gutaba má epañol que inglés ... [mi mamá] me llevá pa Jamaica otra vé ...

(13) Speech of black Americans in 19th century Dominican Republic (Ferreras 1982):

Mañana se llega aquí el vapor Independencia que se viene buscar eso gente. Coge todo ese
vagamundo que se dice se están enfermos y mételos a bordo del vapor ... yo no se quiere en este
provincia hombres que no se sirve para ná ... (344-5)
Yo se sabe lo que tú se quiere decir, pero para que tú se consigue ese cosa que tú se dice, yo se
va a dar un buen consejo ... tú se saca de aquí a generalo Shepard o se saca a mí, porque dos
culebros machos no se puede vivir en un mismo cuevo ... (346)
Antonces, ¿por qué ustedes se viene decir con su grande boca que ustedes son náufragos?
¡Ustedes se salvó de chepa! (354)
Son muy hermoso este guayaba ... (357)
Con que tú son que se está toda la noche robando esos huevos ... (358)

(14) Imitations of Chinese pidgin Spanish in Cuban literature:

(a) *Mambí* soldier Juan Anelay (Jiménez Pastrana 1983:92; Quesada 1892:130-1)
Ciudadano cubano tó: tó la gente ta qui jabla bonito na má. Tú dise nosotlo va pa

la Camagüey, tú no da nosotlo life, tú no da pa nosotlo cásula, tú no da sino poquito póvolo, no da bala, no da papé, no da pomo, pobesito nosotlo gente la Villa. Nosotlo plincipia peleá ayá na Colón, nosotlo peleá Lemelio, Cienfuego, nosotlo pasa la Tlocha, nosotlo vinimo Camagüey, nosotlo peleá Camagüey, luego nosotlo viene Oliente: gente dise acá mucho life, mucha epedisión, nosotlo viene busca; chino busca, tó. Nosotlo tá Oliente, nosotlo peleá Oliente, generá de nosotlo muere aquí. Ahola tú quiele nosotlo va pa la Camagüey, pa matá soldao ayá; tó life, tó gente, to gobierno queda aquí Oliente comiendo boniato sentao lo monte, no peleá. Yo digo, junto tó nosotlo, tó gobierno, tó la gente camina pa la Camagüey, mata soldao la Camagüey, ayá mucho que comé, mucha baca, luego sigue pa la Villa, tó life, tó gobierno, tó Lepública, luego ¡Viva Cuba libe!

- (b) Chinese officer (Jiménez Pastrana 1983:110):

Pañol no pue con lo chino cubano insulecto

No señó Capitán, pa mi no sentí gente pasá ... Yo no mila gente suleto tiene arma por la mañana. No señó, pa mi no sabe, ta trabajá, quema carbón.

- (c) Chinese doctor (Cuba, 19th century) (Chuffat 1927:63; Jiménez Pastrana 1983:97)

Si tiene dinelo paga pala mí. Si no tiene, no paga. Yo le da medicina pa la gente poble

- (d) Chinese soldiers (Cuba, 1895) (Jiménez Pastrana 1983:122-3)

si tú pue cogé, coge; y si no, leja.

Tú quiele pollo? Mata capitán pañol

- (e) Chinese *mambí* in Cuba (Jiménez Pastrana 1983:128; Souza y Rodríguez 1939:95)

Yo so má cubano que tú. Yo tá peliá ¡tú tá la casa ...!

- (f) From the story 'El chino cambiachucho' (Feijóo 1981:150-1)

Cambio el chucho: un tlen coge por una línea, el otlo por la otla, y no pasá na ... Cojo bandela cololá, le hago seña a un tlen, tlen se pala; le hago seña a otlo tlen, tlen se pala; y no pasa na ... Cojo falol cololao, hago seña a un tlen, tlen se pala; hago seña al otlo tlen, tlen se pala y no pas na ... Hago fogata glande en la línea; lo tlen palan y no pasa na ... é de noche, faló no tiene lublillante, chucho tá tlabao, y fogata no se pue encendel polque talloviendo; pue yo llamo a Malía ... No, Malía son mi mujé, y yo la llamo pa que vea un choque de tlene de su male paliba ...

- (18) 'los habaneros botarates' (Feijóo 1981:152)

Mila que eto banero son botalata. Mujé tá buena todavía. Eta mujé tila todaví lié año má.

- (g) From 'El discurso del chino reaccionario' (Feijóo 1981:152)

Señolas y caballos, y to gente que viene a la sociedad Chan Kai Ché de Camajuani; chino so pesona lesente. Si chino no fue pesona lesente, alcalde no* tlaía señola, jefe Policía no tlaía hija. Y ese pasano bajito, lechoncho, que etá, que es plesidente Casino Chino Caibalién. Y ese pasano largo flaco que etá allí es plesilente Casino Chino Sagua ... Chino no lava lechuga donde mimo lava calzoncillo.

- (15) Examples of null subjects in Chinese Cuban Spanish:

¡Qué late, late, late; si pue, coje y si no, leja! (Feijóo 1981:145);

Vete, vete, no puele molí aquí (Feijóo 1981:153).

Tú, Malena, jabla mucho; no tlabaja, no jase na; to lo día sentá la sillón (Francisco de Paula Gelabert; in Bueno 1984:459-463);

yo pue cojé la cocina, tú come y halla sabloso, ¿poqué lize esa cosa ahola? (Francisco de Paula Gelabert; en Bueno 1984:459-463)

No quelé tlabajá ... No sabel, capitán ... Yo no sabel ... Chino buenas costumbres. Sel inolante, todo inolante, jué. No sabel nala ... (Bueno 1959:54-73)

(16) Use of disjunctive object pronouns in Chinese Cuban Spanish:

tú no da nosotlo life, tú no da pa nosotlo cásula ... (Jiménez Pastrana 1983:92; Quesada 1892:130-1)

No señó Capitán, pa mi no sentí gente pasá ... (Jiménez Pastrana 1983:114)

Si tiene dinelo paga pala mí ... (Chuffat 1927:63; Jiménez Pastrana 1983:97)

Comandante Lupelto, *pa mi* no mila ... (Feijóo 1981:145)

come caña hata sáballo y ven dipué, que yo lipachá comía pa ti ... (Feijóo 1981:153-4)

Mila, Ginilá, coje tlella pa ti, dásela otlo gente, que yo no quiele dejá máuse que to no lo lá pa mi ... (Consuegra y Guzmán 1930:163-4)

(17) Null copula in Chinese Cuban Spanish:

Ciudadano cubano tó ... Yo digo, junto tó nosotlo ... (Jiménez Pastrana 1983:92; Quesada 1892:130-1)

Celo ta bueno ... mucho caballelo con dinelo; mucho casa glande; tlabajo bueno pa chino ... (Francisco de Paula Gelabert; in Bueno 1984:459-463)

Chino olvilalo ... Chino buenas costumbres ... (Bueno 1959:54-73)

Yo mimito con lifle... (Consuegra y Guzmán 1930:163-4)

(18) Use of *ta* in Chinese Cuban Spanish:

Ya poble chino ta jolí ... (Piedra Martel 1968:91)

tó la gente ta qui jabla bonito na má (Jiménez Pastrana 1983:92; Quesada 1892:130-1)

pa mi no sabe, ta trabajá, quema carbón (Jiménez Pastrana 1983:110)

Glacia, señola. Aquí ta suciando (Feijóo 1981:149)

Celo ta bueno ... mucho caballelo con dinelo; mucho casa glande (Francisco de Paula Gelabert; en Bueno 1984:459-463)

Aló ta balato ahola; yo ba complá una aloba ... (Francisco de Paula Gelabert; en Bueno 1984:459-463)

Luce Pelanza ta muy macliá (Francisco de Paula Gelabert; en Bueno 1984:459-463)

¿Londi ta Ginilá Maceo (Consuegra y Guzmán 1930:163-4)

Campo ta mijó (Loveira 1974:165)

Nosotlo tá Oliente, nosotlo peleá Oliente ... (Jiménez Pastrana 1983:92; Quesada 1892:130-1)

Yo tá peliá ¡tú tá la casa ...! (Jiménez Pastrana 1983:128; Souza y Rodríguez 1939:95)

Aguenta poquito, guajilo, que chinito tá quivocá (Feijóo 1981:148-9)

Mujé tá buena todavía (Feijóo 1981:152)